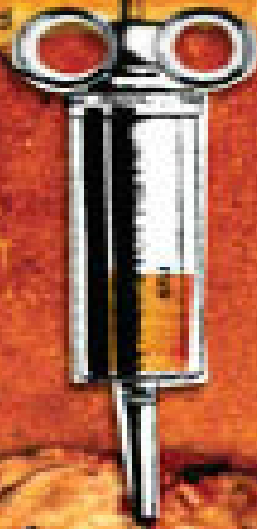


WILLIAM S. BURROUGHS
ALMOÇO NU



*Lições de mesa
False eye*

*False lashed
Plastic humor
The morning of sunset
Delirious love
The day after
The first racial that*

REVEAL WHAT IS
AT THE END OF
EVERY FORK

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

William S. Burroughs

Almoço nu

Título original

The naked lunch

Tradução de

Mauro Sá Rêgo Costa

Flávio Moreira da Costa

Círculo do Livro

Sumário

Depoimento: Testemunho sobre uma doença

“Post scriptum”... Tá a fim?

Para o oeste

Benway

Joselito

A carne negra

Hospital

Lázaro volta para casa

A sala de diversões de Hassan

Campus da Universidade de Interzona

A festa anual de A. J.

Assembléia do Congresso Internacional de Psiquiatria
Tecnológica

O mercado

Homens e mulheres comuns

Islã Sociedade Anônima e os partidos de Interzona

O Funcionário do Condado

Interzona

O exame

Você viu Rose Pantopon?

Os bichos da cocaína

O dedetizador faz um bom trabalho

A álgebra da necessidade

Hauser e O'Brien

Prefácio atrofiado

Apêndice

O autor e sua obra

Depoimento: Testemunho sobre uma doença

Acordei da Doença aos quarenta e cinco anos, calmo, sensato e razoavelmente bem de saúde, a não ser por um fígado fraco e pela aparência de carne emprestada comum a todos os que sobrevivem à Doença... A maior parte dos sobreviventes não se lembra do delírio com detalhes. Aparentemente, tomei notas minuciosas sobre a doença e o delírio. Não tenho lembrança precisa de ter escrito essas notas que agora são publicadas sob o título de *Almoço nu*. O título foi sugerido por Jack Kerouac. Não compreendi o que o título significava até minha recente cura. O título significa exatamente o que as palavras dizem: Almoço NU — um momento congelado em que todos vêem o que está na ponta de cada garfo.

A Doença é o vício em drogas, e eu fui viciado durante quinze anos. Quando digo viciado, quero dizer viciado em *junk*^[1] (termo genérico para o ópio e/ou derivados, inclusive todos os sintéticos, do demerol ao *palfium*). Eu fumei, comi, cheirei, injetei a droga na veia-pele-e-músculo, inseri-a em supositórios. A agulha não é importante. Quer você a cheire, fume, coma ou empurre pra dentro do cu, o resultado é o mesmo: o vício. Quando falo em vício de drogas, não

me refiro ao *keif*, maconha ou qualquer preparado do haxixe, mescalina, *Bannisteria caapi*, LSD 6, cogumelos sagrados ou qualquer outra droga do grupo alucinógeno... Não existem provas de que o uso de alucinógenos resulte em dependência física... A ação dessas drogas é fisiologicamente oposta à ação da *junk*. Uma lamentável confusão entre as duas classes de drogas deveu-se ao fanatismo do Departamento de Narcóticos dos Estados Unidos e de outros países.

Compreendi como opera o vírus da droga durante quinze anos de vício. A pirâmide da droga, em que cada nível devora os que estão abaixo (não é por acaso que os “de cima” são sempre gordos, enquanto o viciado de rua é sempre magro) e assim até o cume, ou cumes, pois existem muitas pirâmides de droga alimentando-se dos povos do mundo, e todas construídas sobre os princípios básicos do monopólio:

- 1 — Nunca dê nada de graça.
- 2 — Nunca dê mais do que você precisa dar (sempre apanhe o comprador faminto e sempre o faça esperar).
- 3 — Sempre que puder, tome tudo de volta.

O traficante sempre consegue tudo de volta. A cada vez, o viciado precisa de mais droga para manter a forma humana... comprar seu próprio “bode”.

A droga é determinada pelo monopólio e pela possessão. O viciado se sustém enquanto suas pernas drogadas o carregam até o

raio luminoso da droga — para reincidir. A droga é quantitativa e precisamente mensurável. Quanto mais droga você usa, menos você tem, e quanto mais você tem, mais você usa. Todas as drogas alucinógenas são consideradas sagradas pelos que as usam — há cultos do peiote e cultos da *Bannisteria*, cultos do haxixe e do cogumelo — “os cogumelos sagrados do México possibilitam a visão de Deus” —, mas ninguém jamais sugeriu que a *junk* fosse sagrada. Não existe nenhum culto ao ópio. O ópio é profano e quantificável como o dinheiro. Já ouvi falar num tipo de droga benéfica na Índia, que não viciava. Chamava-se *soma*, e costumava ser descrita como uma bela onda azul. Se a *soma* existiu alguma vez, o traficante estava lá para engarrafá-la, monopolizá-la e vendê-la — e ela acabou se transformando na mesma e velha DROGA.

Junk é o produto ideal... a mercadoria final. Nenhuma conversa de vendedor é necessária. O cliente é capaz de se arrastar pelo esgoto e suplicar para comprá-la... O comerciante de droga não vende seu produto ao consumidor, vende o consumidor a seu produto. Ele não aperfeiçoa nem simplifica sua mercadoria. Ele degrada e simplifica o cliente. E paga seus auxiliares com a própria droga.

A droga cria uma fórmula básica do vírus do “mal”: *A álgebra da necessidade*. A face do “mal” é sempre a face da total necessidade. Um viciado em droga é um homem que tem total necessidade da droga. Acima de certa frequência, a necessidade não conhece limite ou controle. São os termos da total necessidade: “Tá a fim?” Sim, você tá a fim. A fim de mentir, trapacear, entregar seus amigos, roubar, fazer *qualquer coisa* para satisfazer a necessidade total. Porque você está numa situação de doença total, total possessão, e sem condições de agir de outra maneira. Os viciados são pessoas

doentes, que não podem agir de maneira diferente. Um cão raivoso não pode optar por não morder. Adotar uma posição virtuosa não adianta nada, a não ser que o objetivo seja manter ativo o vírus da droga. Lembro-me de uma conversa com um americano que trabalhava na Comissão de Aftosa, no México. Tipo seiscentos dólares por mês, mais ajuda de custos:

— Quanto tempo vai durar a epidemia? — perguntei.

— Até quando conseguirmos mantê-la... E, sim... talvez ela se espalhe pela América do Sul — disse ele sonhadoramente.

Se a gente deseja alterar ou aniquilar uma pirâmide de números numa relação serial, modificamos ou eliminamos o número da base. Se desejamos aniquilar a pirâmide da droga, devemos começar pela base da pirâmide: *o Viciado de Rua* — e parar de desafiar quixotescamente os “de cima”, assim chamados, todos eles imediatamente substituíveis. *O viciado de rua que precisa da junk para viver é o único fator insubstituível da equação da droga.* Quando não houver mais viciados para comprar, não haverá mais tráfico. Enquanto existir a necessidade da droga, alguém se encarregará de satisfazê-la.

Os viciados podem ser curados ou postos em quarentena, isto é, pode-se permitir-lhes uma ração de morfina sob mínima supervisão, como os portadores de tifo. Quando isso acontecer, as pirâmides da droga do mundo ruirão. Pelo que sei, a Inglaterra é o único país que emprega este método para resolver o problema da droga. No Reino Unido, existem cerca de quinhentos viciados em quarentena. Dentro de mais uma geração, quando os viciados em quarentena morrerem e forem descobertos outros analgésicos de natureza distinta da *junk*, o

vírus da droga será como o da varíola, um capítulo encerrado, uma curiosidade médica.

A vacina que pode relegar o vírus da *junk* ao passado irrevogável já existe. Essa vacina é o tratamento com apomorfina, descoberto por um médico inglês cujo nome não posso declinar a menos que ele o permita, inclusive citando partes de seu livro, o qual cobre trinta anos de tratamento de viciados e alcoólatras com apomorfina. Prepara-se o composto de apomorfina fervendo-se morfina com ácido hidrocloreto. Descoberta anos antes de ser usada para tratar viciados, por muito tempo o único uso da apomorfina — que não tem propriedade narcótica ou anestésica — foi como emético para induzir o vômito em casos de envenenamento. Ela atua diretamente no centro do vômito, no cerebelo.

Descobri esta vacina quando estava no fim da linha da droga. Vivía num quarto no Bairro Nativo de Tânger. Não tomava banho havia um ano, nem trocava minhas roupas ou as tirava do corpo, exceto para espetar uma agulha de hora em hora na carne de madeira fibrosa e cinzenta do vício terminal. Nunca limpei ou espanei o quarto. Caixas de ampolas vazias e lixo se empilhavam até o teto. Luz e água tinham sido cortadas havia tempo por falta de pagamento. Eu não fazia absolutamente nada. Conseguia olhar para a ponta dos meus sapatos oito horas seguidas. Só me movia quando terminava a provisão de *junk*. Se um amigo ia me visitar — e raramente alguém aparecia, pois quem ou o que restava para ser visitado? —, eu ficava sentado, sem me importar que ele tivesse entrado no meu campo visual — uma tela cinza cada vez mais pálida e fraca —, ou que saísse do campo. Se morresse ali, na minha frente, eu ficaria olhando para o meu sapato, à espera de poder revistar seus

bolsos. Você não? Pois eu nunca tinha droga suficiente — ninguém jamais tem. Trinta grãos de morfina por dia não bastavam. E longas esperas em frente à *drugstore*. O atraso é uma regra no negócio da droga. O Homem nunca chega na hora. E não é por acaso. Não existem acasos no mundo da droga. O viciado aprenderá exatamente o que acontece se ele não juntar o suficiente para sua ração de droga. Arranje o dinheiro, ou então... E de repente meu vício começou a crescer e crescer. Quarenta, sessenta grãos por dia. E não bastavam. E eu não podia pagar.

Fiquei com meu último cheque na mão e compreendi que aquele era o meu último cheque. Tomei o primeiro avião para Londres.

O médico me explicou que a apomorfina atua sobre o cerebelo para regularizar o metabolismo e normalizar a circulação sanguínea, de tal forma que o sistema enzimático do vício é destruído num período de quatro ou cinco dias. Uma vez regulado o cerebelo, pode-se interromper a apomorfina, e só se volta a usá-la em caso de reincidência. (Ninguém toma apomorfina pelo “barato”. *Nenhum caso de vício em apomorfina foi jamais registrado.*) Concordei em me submeter ao tratamento, e fui internado num sanatório. Nas primeiras vinte e quatro horas, fiquei literalmente louco e paranóico, como muitos viciados em abstinência violenta. O delírio diluiu-se em vinte e quatro horas de tratamento intensivo com apomorfina. O doutor me mostrou a ficha médica. Eu havia recebido quantidades diminutas de morfina, que não explicavam a ausência de sintomas mais severos de abstinência, como as câibras nas pernas e no estômago, a febre e meu próprio sintoma especial, a Queimadura Fria, que era como um bando de abelhas cobrindo o corpo massageado com mentol. Cada viciado tem seu sintoma especial que

escapa a todo controle. Estava faltando um fator na equação da abstinência — esse fator só podia ser a apomorfina.

Comprovei que o tratamento com apomorfina realmente funcionava. Oito dias depois deixei o sanatório comendo e dormindo normalmente. Permaneci completamente alheio à droga por dois anos, um recorde em doze anos. Voltei a usá-la alguns meses, devido a dor e doença. Outro tratamento com apomorfina manteve-me longe da droga enquanto escrevia este livro.

O tratamento com apomorfina é qualitativamente diferente de outros métodos de cura. Experimentei todos eles. Redução rápida, redução lenta, cortisona, anti-histamínicos, tranqüilizantes, sonoterapia, tolserol, reserpina. Nenhum deles sobreviveu à primeira oportunidade de recaída. Posso dizer com certeza que nunca estive *metabolicamente* curado até fazer o tratamento com apomorfina. As impressionantes estatísticas de reincidência do Hospital Lexington de Narcóticos levaram muitos médicos a dizer que o vício é incurável. Em Lexington, usa-se uma terapia por redução com dolofina e nunca experimentaram a apomorfina, pelo que sei. Na realidade, esse método de tratamento tem sido amplamente ignorado. Não se realizaram pesquisas com variações da fórmula da apomorfina e com produtos sintéticos. Sem dúvida, substâncias cinquenta vezes mais fortes que a apomorfina poderiam ser desenvolvidas, eliminando-se o efeito colateral do vômito.

A apomorfina é um regulador psíquico e metabólico que pode ser suspenso tão logo se obtenham resultados. O mundo está saturado de tranqüilizantes e energizantes, mas esse regulador especial não recebeu ainda a atenção que merece. Nenhuma das grandes empresas farmacêuticas fez pesquisas a esse respeito. Presumo que a

pesquisa com variações e sínteses da apomorfina poderá abrir uma nova fronteira médica, que se estenderia para muito além da questão do vício.

A vacina antivariólica enfrentou a oposição de um grupo vociferante e lunático contrário à vacina. Certamente, muitos indivíduos — desequilibrados ou comprometidos com o assunto — lançarão um clamor de protesto quando o vírus da *junk* for firmemente atacado. A droga é um grande negócio; sempre existem loucos e propagadores. Não se deve permitir que interfiram no trabalho essencial que é o tratamento de inoculação e a quarentena. *O vírus da droga é o problema de saúde pública número 1 do mundo de hoje.*

Já que *Almoço nu* trata desse problema de saúde, é necessariamente um livro brutal, obsceno e desagradável. A doença geralmente expõe detalhes repulsivos — não é para estômagos fracos.

Certas passagens do livro consideradas obscenas foram escritas como panfleto contra a Pena Capital, à maneira do *Modest proposal* de Jonathan Swift. Esses fragmentos pretendem revelar o que é a pena capital: um anacronismo obsceno, bárbaro e repugnante.

Como sempre, o almoço está nu. Se os países civilizados querem voltar aos ritos druidas de enforcamento na caverna sagrada, ou beber sangue como os astecas e alimentar seus deuses com o sangue de sacrifícios humanos, mostremos a eles o que estão realmente comendo e bebendo. Mostremos o que está na ponta dessa comprida colher feita de jornal.

Estou quase terminando uma seqüência de *Almoço nu*. Uma extensão matemática de Álgebra da Necessidade para além do vírus

da droga. Pois há muitas formas de vício, e julgo que todas obedecem às mesmas leis básicas. Nas palavras de Heiderberg: “Este pode não ser o melhor dos universos possíveis, mas poderá revelar-se um dos mais simples”. Se o homem conseguir *ver*.

William S. Burroughs — 1960

“Post scriptum”... Tá a fim?

Falando *pessoalmente*, e se o homem conseguir falar de outra maneira, é bom começar a procurar seu Papai Protoplasma ou sua Mamãe Célula... *Estou de saco cheio de ouvir o velho e cansado papo sobre droga e as mentiras da droga...* As mesmas coisas ditas um milhão de vezes, e mais ainda, não tem sentido dizer coisa nenhuma porque NADA *jamaiz acontece* no mundo da droga.

A única desculpa para essa já trilhada estrada da morte é a FISSURA — quando o circuito da droga é cortado por falta de pagamento, a pele drogada morre por falta de droga e excesso de tempo e a Velha Pele já esqueceu o jogo de pele, simplificando um caminho sob a cobertura da droga como costumam fazer as peles... Uma situação de total exposição se precipita quando o fissurado não tem escolha senão ver, cheirar e ouvir... Cuidado com os carros...

É evidente que a droga é uma Rota-ao-Redor-do-Mundo-Empurrando-uma-Bolinha-de-Ópio-com-o-Nariz. Estritamente para escaravelhos — tropeça vagabundo no monte de lixo^[2]. E como tal apresenta-se para eliminação. Estou cansado de vê-lo por aí.

Os viciados gostam sempre de falar no FRIO, como o chamam, levantando a gola de seus paletós pretos e aconchegando seus

pescoços murchos... puro papo de drogado. Um viciado não deseja sentir calor, ele quer sentir Frio: mais Frio: GELADO. Mas quer o Frio como quer sua droga: NÃO FORA, onde não lhe serve pra nada, mas DENTRO, pra se sentar por aí com a coluna vertebral idêntica a um macaco hidráulico congelado... e seu metabolismo aproximando-se do ZERO Absoluto. Viciados TERMINAIS costumam permanecer dois meses sentados sem um movimento das tripas, e os intestinos ficam colados de um jeito — tá a fim? — que requerem a intervenção de um saca-rolha ou seu equivalente cirúrgico... Assim é a vida na Velha Casa de Gelo. Pra que se mexer e perder tempo?

Há lugar para mais de um lá dentro, senhor!

Algumas entidades vivem em baratos termodinâmicos. Eles inventaram a termodinâmica... Você tá a fim?

Alguns de nós estão em baratos diferentes, e isso está ligado ao jeito com que gosto de ver o que estou comendo e vice-versa *mutatis mutandis*, conforme o caso. *O Salão do Almoço Nu do Bill...* Podem subir... Para velhos e moços, homens e bestas. Nada como um pouco de óleo de cobra para engraxar as rodas e pôr o *show* na estrada, seu Zé. De que lado você está? Zen-lado^[3] hidráulico? Ou você quer dar uma volta com Honest Bill?

Pois este é o problema mundial de saúde de que eu falava acima. Meus amigos, eis o que temos pela frente. Será que estou ouvindo comentários sobre uma navalha pessoal e certo artista barato conhecido por ter inventado a Lei^[4]? Você tá a fim? A navalha pertencia a um sujeito chamado Occam, e ele não era um colecionador de cicatrizes. Ludwig Wittgenstein, em *Tractatus logicus philosophicus*: “Se uma proposição NÃO É NECESSÁRIA, ela

é SEM SIGNIFICADO e se aproxima do SIGNIFICADO ZERO”.

— E o que é mais DESNECESSÁRIO que a droga quando não se precisa dela?

Resposta: — Drogados, se você não se droga.

Eu lhes digo, rapazes, já ouvi muito papo furado, mas nenhum outro GRUPO OCUPACIONAL pode se aproximar da câmara lenta termodinâmica da velha droga. Agora o seu viciado em heroína não diz quase nada, e isso eu posso agüentar. Mas seu “fumador” de ópio é mais ativo, já que ainda tem uma tenda e uma lâmpada... e talvez sete, nove ou dez pessoas deitadas lá como répteis hibernando mantêm a temperatura ao Nível da Conversa: como caíram baixo os outros viciados “enquanto NÓS-NÓS temos essa tenda e essa lâmpada e essa tenda e essa lâmpada e essa tenda é gostosa e morna aqui dentro é gostosa e morninha e gostosa e gostosa AQUI DENTRO é gostoso e LÁ FORA ESTÁ FRIO... ESTÁ FRIO LÁ FORA onde os comedores de sujeira e a turma do pico não vão durar dois anos nem seis meses, quase não vão durar tropeçando por aí, e eles não têm classe... Mas NÓS NOS SENTAMOS AQUI e nunca aumentamos a DOSE... nunca — nunca aumentamos a dose, nunca, a não ser HOJE À NOITE que é uma OCASIÃO ESPECIAL, com todos aqueles comedores de sujeira e a turma do pico lá fora no frio... E nós nunca a comemos nunca nunca nunca a comemos... Com licença, enquanto vou à Fonte das Gotas Vivas que todos eles têm no bolso, e bolotas de ópio enfiadas no cu numa dedeira com as Jóias da Família e outras merdas mais”.

Há lugar para mais um lá dentro, senhor!

Bem, quando aquele disco começa a rodar pelo bilionésimo ano-

luz e nunca a gravação nos modificará, os não-drogados tomam uma decisão drástica, e os homens se separam dos rapazes da droga.

A única maneira de se proteger contra esse horrível perigo é VIR ATÉ AQUI juntar-se a Caribde... Rapaz, vou tratá-lo bem... Balas e cigarros.

Há quinze anos estou nessa tenda. Dentro e fora dentro e fora dentro e FORA. *Fora para sempre*. De maneira que escutem bem o velho tio Bill Burroughs, que inventou o Truque Regulador das Máquinas de Somar Burroughs com base no princípio do macaco hidráulico, não importa como se empurra o pino, o resultado será sempre o mesmo, segundo coordenadas dadas. Tive meu treinamento cedo... Você tá a fim?

Bebês Paregóricos^[5] do Mundo, uni-vos. Não temos nada a perder, a não ser Nossos Traficantes. E ELES NÃO SÃO NECESSÁRIOS.

Olhe bem OLHE BEM essa estrada da droga antes de viajar por ela e se meter com a Turma Errada.

Uma palavra para os espertos.

William S. Burroughs — 1960

Para o oeste

Posso sentir os tiras fazendo o cerco, sinto-os lá fora se movimentando, os cachorrinhos-dos-homens^[6] cantando em volta da minha colher e do conta-gotas que joguei fora na estação da Washington Square — pulo por cima da borboleta e, dois lances de escada abaixo, pego o trem A para a cidade... Um jovem, bem-apeesoado, estilo universitário de Boston, executivo de publicidade e bicha, segura a porta pra mim. Faço o seu gênero. A gente conhece o tipo: conversa com os empregados de bar e choferes de táxi sobre lutas de boxe e beisebol, chama o cara que serve no Nedick's pelo primeiro nome. Um autêntico babaca. E nesse momento o cara do Departamento de Narcóticos, numa capa de chuva branca de bolsos largos (imagine seguir alguém usando uma capa branca — com certeza quer passar por veado), chega à plataforma. Posso imaginar como ele falaria comigo, segurando minha gola com a mão esquerda, mão direita na “máquina”: — Acho que você deixou cair alguma coisa, xará.

Mas o metrô está andando.

— Até logo, pé-chato — grito, no estilo filme classe B de que a bicha gosta. Olho a bicha nos olhos, registro os dentes brancos, o

bronzado da Flórida, o terno pele-de-tubarão de duzentos dólares, a camisa abotoada da Brook Brothers e carregando o *The News* como isca. “A única coisa que eu leio é o *Ferdinando*.”

Um careta querendo passar por *hip*... Fala de “magonha” e puxa fumo uma vez ou outra, tem sempre algum para oferecer pros espertinhos de Hollywood.

— Obrigado, cara — eu disse —, vejo que você é um dos nossos. — Seu rosto se acende como uma máquina de fliperama, com um efeito róseo e estúpido.

— Ele me gramou — eu disse. (Nota: “grammar” é gíria de ladrão inglês para “delatar”.) Aproximei-me e pus meus dedos sujos de viciado na sua manga pele-de-tubarão. — E nós, irmãos de sangue, a mesma agulha suja. Posso garantir que ele está pronto para um pico quente. — (Nota: uma ampola de droga envenenada vendida ao viciado para liquidá-lo. Frequentemente dada a informantes. Em geral, “pico quente” é estriçnina, que tem o paladar e a aparência de heroína.)

— Já viu um pico quente, garoto? Lá em Filadélfia vi Glimp levar um. Pusmos no quarto dele um espelho desses de putaria, por onde se pode olhar sem ser visto — e cobramos uma nota pra quem quisesse ver. Ele não conseguiu tirar a agulha do braço. Não dá, se o pico é direto. Assim é que o encontraram; seringa cheia de sangue coagulado pendurada no braço azul. E a expressão nos olhos dele quando bateu — foi legal, cara...

“Isso me lembra quando eu estava viajando com o Vigilante, o melhor chantagista da indústria. Lá em Chicago... A gente trabalhava com os veados no Lincoln Park. Então, uma noite o Vigilante

apareceu pra trabalhar com botas de *cowboy* e uma jaqueta preta com uma chapa e um laço jogado sobre o ombro.

“Então eu disse: ‘O que há, cara? Já está doidão?’

“Ele só olhou pra mim e disse: ‘Se manda, forasteiro’, e arrancou uma máquina enferrujada de seis tiros e eu levantei vôo Lincoln Park afora com as balas comendo em volta. E ele acabou enforcando três bichas antes que os tiros o pegassem. Quer dizer, o Vigilante valia pelo apelido.

“Já reparou quantas expressões os veados passaram para os malandros? Como ‘levantar’, deixar alguém saber que você está na mesma?”

“ ‘Peguem ela!’

“ ‘Peguem o Paregoric Kid dando em cima daquele otário!’

“ ‘Eager Beaver canta o cara rápido demais.’

“O Shoestore Kid (ganhou esse apelido porque extorquia fetichistas nas sapatarias) disse: ‘Você empurra uma para otário com K. Y.^[7] e ele vai voltar implorando por mais’.

E quando Kid reconhece um otário, começa a respirar pesado. Seu rosto incha, seus lábios tornam-se purpúreos como os de um esquimó no calor. Depois, devagar, devagar, se aproxima do otário, sentindo o cara, apalpando-o com dedos de ectoplasma podre.

“Rube tem um olhar de garotinho sincero, um olhar que resplandece como uma luz de neon azul. Saiu direto de uma capa do *Saturday Evening Post* com um colar de cabeças de touro, e se conserva em

droga. Seus otários nunca chamam e têm sempre uma agulha pra ele. Um dia o Little Boy Blue começa a cair, e o que sai de dentro dele faria um enfermeiro de ambulância vomitar. Rube treme nas bases e corre pelas áreas de máquinas automáticas vazias e estações de metrô berrando: ‘Volte, cara! Volte!’ e vai atrás do garoto até o East River, através de camisas-de-vênus, cascas de laranja, um mosaico de pedaços de jornais flutuantes, e se afunda na lama silenciosa e negra com gângsteres metidos em blocos de concreto e pistolas amassadas para evitar o dedo explorador de meticulosos peritos em balística.”

E a bicha pensando: “Que personagem! Esperem até eu contar pro pessoal lá do Clark’s”. Ele é um colecionador de personagens. Ficaria esperando em pé pra ver Joe Gould imitando uma gaivota. De modo que levanto dez dólares com ele e marco um ponto pra passar um pouco de “magonha”, como ele diz, pensando: “Vou vender *catnip* pro otário”. (Nota: *catnip* cheira como maconha quando queimada. Frequentemente vendida aos incautos e mal-informados.)

— Bem — disse eu, tocando o braço —, o dever me chama. Como um juiz dizia ao outro: “Sê justo e, se não puderes ser justo, sê arbitrário”.

Atravesso o *automat*^[8] e lá está Bill Gains enrolado num sobretudo de alguém, parecido com um banqueiro paralítico de 1910; e o velho Bart, desprezível e sórdido, pegando pedaços de bolo com seus dedos sujos, que brilham sobre a sujeira.

Eu tinha alguns clientes *uptown* de que Bill tomava conta e Bart conhecia umas velhas relíquias dos tempos em que se fumava ópio: porteiros espectrais, cinzentos como cinza, varrendo salões

empoeirados com mão lenta de velho, tossindo e cuspiendo na manhã doente de droga, asmáticos e aposentados guardas de hotéis de gente de teatro, Rose Pantopon, a velha madame de Peoria, estóicos garçons chineses que nunca deixam perceber a doença. Bart procurava-os com seu andar de velho drogado, seu andar paciente, cuidadoso e lento, e deixava cair nas suas mãos pálidas algumas horas de calor.

Uma vez fiz a ronda com ele, só de sarro. Sabe como esse pessoal velho perde toda a vergonha quando come, a ponto de se sentir vontade de vomitar só de olhá-los. Velhos drogados são a mesma coisa quando se trata de droga. Gaguejam e rangem só de olhar. A saliva pendendo do queixo, o estômago rosnando, todas as tripas rangendo em peristalses, enquanto cozinham a droga e dissolvem a pele decente do corpo e a gente espera que a qualquer momento uma grande bolha de protoplasma saia deles e envolva a droga. Um espetáculo realmente repugnante.

“Bem, chegará o dia em que meus rapazes ficarão assim também”, pensei eu, filosoficamente. “Não é estranha a vida?”

De maneira que volto ao centro, na altura da estação da Sheridan Square, para o caso de algum tira estar escondido num armário de limpeza.

Como já disse, a coisa não podia durar muito. Sabia que eles estavam por lá fazendo perguntas e praticando a magia negra dos tiras, colocando “bonecos” com a minha cara em Leavenworth. “Não adianta espetar agulha nesse aí, Mike.”

Ouvi dizer que eles pegaram Chapin com um “boneco”. Aquele velho meganha eunuco ficava sentado no porão da delegacia, dia e

noite, ano após ano, com uma foto de Chapin dependurada diante dele. E quando Chapin se enforcou em Connecticut, encontraram esse puto velho com o pescoço quebrado.

“Caiu da escada”, foi o que disseram. A gente conhece esse papo velho de tira.

A droga é cercada de magia e tabus, maldições e amuletos. Localizei meu contato na Cidade do México pelo radar. “Esta rua, não, a próxima, à direita... agora à esquerda. Agora à direita de novo”, e lá estava ele, cara de mulher velha desdentada e olhos apagados.

Conheço esse traficante que anda por aí cantarolando um tema qualquer, e todo mundo que passa por ele pega a música. É um cara tão espectral, tão cinzento e anônimo que ninguém consegue vê-lo, e todos pensam que é da sua própria cabeça que está vindo o tema. De modo que os clientes saem com *Smile* ou *I'm in the mood for love* ou *They say we're too young to go steady* ou qualquer que seja a canção do dia. Às vezes, pode-se ver uns cinquenta drogados com cara de rato guinchando, doentes, correndo atrás de um garoto que toca gaita; e vê-se o homem num trono de bambu jogando pãozinho pros cisnes, uma bichona gorda e arrastada passeando seu cão afegão pelas East Fifties, um velho bêbado mijando num cartaz do Elevado, um estudante judeu radical distribuindo panfletos na Washington Square, um podador de árvores, um dedetizador, um publicitário fresco no Nedick's, onde chama o garçom pelo primeiro nome. A rede mundial de drogados ligados num fio de mijo azedo e reunindo-se em quartos mobiliados, tremendo na manhã doente de droga. (Os homens de Old Pete chupam a fumaça preta no quarto dos fundos da lavanderia chinesa, e Melancholy Baby morre de uma superdose de

tempo ou de falta de ar na crise do peru congelado^[9].) No Iêmen, em Paris, Nova Orleans, Cidade do México e Istambul — estremeando com o ruído das britadeiras e escavadeiras —, drogados se amaldiçoam uns aos outros, em gritos que nenhum de nós ouviu, e o homem pula fora de um rolo compressor e eu descubro a droga em um barril de alcatrão. (Nota: Istambul está sendo posta abaixo e reconstruída, principalmente os bairros miseráveis dos drogados. Istambul tem mais viciados em heroína que Nova York.) Os vivos e os mortos, na doença ou no laço, viciados ou livres da droga, viciados ou novamente livres, seguem o raio luminoso da droga e o Contato comendo *chop suey* na Rua Dolores, México, D. F., mergulhando em café seus bolos no *automat*, perseguidos na Exchange Place por um bando de gente ladrando. (Nota: “gente” é gíria de Nova Orleans para os tiras do Departamento de Narcóticos.)

O velho chinês tira água do rio numa lata enferrujada e lava bem o *yen pox* duro e preto como carvão. (Nota: *yen pox* é a cinza de ópio fumado.)

Bem, os tiras têm minha colher e seringa, e eu sei que estão sintonizando minha frequência, guiados por esse cachorrinho-dos-homens cego, conhecido como Willy the Disk. Willy tem uma boca redonda em forma de disco, rodeada de pêlos sensíveis e eretos. Ele é cego de tanto aplicar no olho, seu nariz e palato comidos de cheirar heroína; seu corpo, uma massa de tecido cicatrizado, duro e seco como madeira. Ele só consegue agora comer a merda com essa boca, e às vezes emite um longo tubo de ectoplasma, tateando pela frequência silenciosa da droga. Ele segue minha pista por toda a cidade, por quartos de onde já saí — e os tiras encontram recém-casados de Sioux Falls.

“Muito bem, Lee^[10]. Saia de trás desta cortina! Sabemos quem você é!” E puxam o caralho do homem até arrancá-lo.

Agora Willy está ficando excitado e pode-se ouvi-lo gemer sempre lá fora, no escuro (ele só funciona à noite), e sentir a terrível urgência daquela boca cega e ávida. Quando eles chegam para nos prender, Willy se descontrola todo e sua boca faz um buraco na porta. Se os tiras não estivessem lá para contê-lo com um cassetete, ele sugaria todos os sucos de cada um dos drogados que encontrasse.

Eu sabia, e todo mundo sabia, que eles tinham colocado o Disk na minha pista. Se meus jovens clientes chegassem a depor: “Ele me forçou a todo tipo de terríveis atos sexuais em troca da droga”, eu podia dar adeus às ruas.

Então fizemos um bom estoque de heroína, compramos um Studebaker de segunda mão e nos mandamos para o oeste.

O Vigilante se livrou dando uma de esquizofrênico em crise: Eu estava fora de mim, tentando impedir aqueles enforcamentos com dedos fantasma... Sou um fantasma e quero o que todo fantasma quer — um corpo — depois de muito tempo movendo-me pelas vielas do espaço sem cheiro e onde ninguém existe, somente a morte descolorida e sem cheiro... Ninguém consegue respirá-la e cheirá-la através de róseas circunvoluções de cartilagem ornadas de cristal, tempo de merda e filtros carnavais de sangue negro.

Ele estava de pé na sombra alongada da sala do tribunal, com o rosto dilacerado como um filme riscado por desejos e fome de órgãos larvários, agitando-se na provisória carne ectoplasmática da falta de droga (dez dias na geladeira, quando do primeiro depoimento), carne

que se desvanece no primeiro toque silencioso da droga.

Eu vi como aconteceu. Cinco quilos perdidos em cinco minutos de pé com a seringa numa mão e a outra segurando as calças, com sua carne corrompida ardendo num halo frio e amarelo, naquele quarto de hotel de Nova York... lixo de caixas de balas na mesa-de-cabeceira, pontas de cigarros transbordando dos três cinzeiros, mosaico de noites insones e súbita vontade de comer do fissurado, cuidando de sua carne de bebê...

O Tribunal Federal julga o Vigilante pela Lei de Linchamento, e o homem acaba num manicômio federal especialmente concebido para conter os fantasmas: preciso, prosaico impacto de objetos... pia... porta... privada... grades... lá estão eles... é isto... todas as linhas cortadas... nada além... Ponto Morto... E o Ponto Morto em todos os rostos...

A princípio, as mudanças físicas foram lentas, logo estalaram em manchas negras, emergindo por sobre o tecido frouxo, borrando os traços humanos... No lugar em que habitam, de total escuridão, boca e olhos formam um órgão que salta para morder com dentes transparentes... mas nenhum órgão tem função ou posição constantes... órgãos sexuais brotam em qualquer lugar... retos se abrem, defecam e se fecham... e todo o organismo muda de cor e consistência em ajustamentos de décimos de segundo.

Rube era um perigo social com seus ataques, como ele os chamava. A Marca Interna começava a brotar nele e essa é uma coisa que ninguém pode dissimular; nos arredores de Filadélfia, ele se abaixa para despistar uma patrulha fazendo a ronda, e o tira dá uma olhada

nele e prende todos nós.

Setenta e duas horas na prisão, com cinco viciados doentes com a falta de droga. Como não quero abrir minhas tralhas na frente daqueles famintos, tenho que me virar e molhar a mão do carcereiro para que nos coloque numa cela separada.

Drogados previdentes, conhecidos como “esquilos”, guardam sua reserva; em caso de prisão... Toda vez que tomo um pico, deixo cair algumas gotas no bolso do colete, e agora o tecido está grosso, embebido da substância. Eu tinha um conta-gotas de plástico no sapato e um alfinete de segurança enfiado no cinto. A gente sabe como é essa rotina de alfinete e conta-gotas. “Ela pegou o alfinete de segurança manchado de sangue seco e oxidado, abriu um grande buraco na perna que parecia se oferecer como uma boca obscena e inflamada, esperando inexprimível comunhão com o conta-gotas, que ela mergulha na ferida aberta. Mas sua espantosa e galvanizada necessidade (fome dos insetos em lugares secos) quebrou o conta-gotas fundo na carne torturada da coxa (parecendo mais um cartaz sobre erosão do solo). Que lhe importa? Ela não se preocupa sequer em retirar o vidro picado, olhando a própria coxa ensangüentada com um olhar branco e frio de açougueiro. Que lhe importa a bomba atômica, os percevejos na cama, o aluguel do câncer, a companhia financeira esperando para repossuir sua carne delinqüente?... Doces sonhos, Rose Pantopon.”

Na cena real a gente belisca um pouco a carne da perna e faz um rápido furo com o alfinete. Depois segura o conta-gotas *sobre, não dentro* do buraco, e alimenta a solução devagar e com cuidado para não espirrar pelos lados... Quando segurei a coxa de Rube, a carne cedeu como se fosse cera, e assim ficou, e uma lenta porção de pus

brotou lentamente do buraco. Nunca toquei um corpo vivo tão frio como o de Rube, lá em Filadélfia...

Decidi eliminá-lo, ainda que isso significasse organizar uma “festa de liquidação”. (Trata-se de um costume rural inglês, destinado a eliminar os dependentes velhos e doentes. Uma família afligida por esse problema organiza uma “festa de liquidação”: os convidados empilham colchões sobre o velho inútil, trepam em cima dos colchões e ficam dando cambalhotas.) Rube é uma carga para a indústria, e precisa ser levado para os confins do mundo. (É uma prática africana. O oficiante conhecido como “chefe de expulsão” tem a função de levar as pessoas velhas para a floresta e lá abandoná-las.)

Os ataques de Rube começaram a ser freqüentes. Quando ele se aproxima, tiras, porteiros, cachorros e secretárias rosnam. O Deus louco caiu em extremos de inenarráveis vilezas. Malandro não muda, ele quebra, se despedaça — explosões de matéria no frio espaço interestelar, poeira cósmica à deriva, deixando o corpo vazio para trás. Vigaristas do mundo, só há uma Marca que vocês não podem vencer: a Marca Interna.

Deixei Rube de pé numa esquina, cortiços de tijolos vermelhos até o céu, sob uma chuva contínua de fuligem.

— Vou pegar alguma com esse bicha que eu conheço. Volto já com um pouco de pura e boa morfina... Não, espere-me aqui, não quero que ele conheça você. Não importa quanto tempo, Rube, espere por mim aqui mesmo nesta esquina. Até logo, Rube, até logo, garotão. Para onde vão eles quando se picam e deixam o corpo pra trás?

Chicago: a invisível hierarquia de carcamanos descerebrados,

cheiro de gângsteres atrofiados, um fantasma da terra nos bate em North, Halstead, Cicero e Lincoln Park, frigideira de sonhos, o passado invadindo o presente, mágica rançosa de máquinas de moedas e bares de beira de estrada.

Até o Interior: uma vasta subdivisão, antenas de televisão que se elevam no céu sem sentido. Em casas à prova de vida, eles fazem planos para os jovens, absorvem um pouco do que lhes eliminam. Só os jovens trazem alguma coisa para casa, e eles não ficam jovens por muito tempo. (Pelos bares de East St. Louis, a fronteira morta, os dias de barcaças fluviais.) Illinois e Missouri, miasmas de povos que erguem túmulos, o culto envilecido da Fonte da Alimentação, festivais cruéis e horrendos, o horror definitivo do Deus-Centopéia chega de Moundville aos desertos lunares do Peru litorâneo.

A América não é uma terra jovem: já era velha e suja e má antes dos colonizadores, antes dos índios. O mal estava lá, esperando.

E sempre os tiras: tiras estaduais educados em universidades, experientes e gentis, com olhar eletrônico avaliam seu carro e bagagem, roupas e rosto; policiais rosnantes das grandes cidades; xerifes do interior de fala macia, com algo preto e ameaçador nos olhos velhos da cor de uma camisa de flanela cinzenta descorada...

E sempre os enguiços de carro: em St. Louis troquei o Studebaker 1942 (tem uma falha de fabricação, como Rube) por uma velha limusine Packard superaquecida, que quase não conseguiu chegar a Kansas City, e lá comprei um Ford que acabou se revelando um queimador de óleo; troquei-o por um jipe, mas exigimos demais dele (não funciona para andar em auto-estrada) — queimou alguma coisa no motor, chacoalhando o tempo todo, e acabei voltando para o

velho Ford V-8. Nada melhor pra chegar aonde se quiser, queimando óleo ou não.

E o tédio norte-americano se fecha à nossa volta como nenhum outro tédio do mundo, pior que o dos Andes, cidades do alto das montanhas, vento frio descendo de montanhas de cartão-postal, ar ralo com a morte na garganta, vilas fluviais do Equador, malária cinzenta como droga sob o negro chapéu Stetson, espingardas de carregar pela boca, urubus espiando pelas ruas enlameadas, e o que nos impressiona quando descemos do *ferry* de Malmö (no *ferry* não se cobra imposto sobre bebida), a Suécia chuta todo aquele suco barato e livre de impostos dentro de você e o deixa deprimido: olhos desviados e o cemitério no meio da cidade (toda cidade na Suécia parece construída em volta de um cemitério) e nada pra fazer durante a tarde, nenhum bar nem cinema, e eu tinha fumado minha última bagana de fumo de Tânger e disse: — K. E., vamos voltar para aquele *ferry*.

Mas não há tédio como o tédio americano. A gente não pode vê-lo, não sabe de onde vem. Imagine um desses bares de coquetel no final de uma rua escondida — todo quarteirão tem seu bar, *drugstore*, supermercado e loja de bebidas. A gente entra e o negócio nos pega. Mas de onde vem isso?

Não é o *barman* nem os clientes, nem a cobertura de plástico colorido creme que envolve os banquinhos do balcão, nem a luz difusa do neon. Nem mesmo a televisão.

E nossos vícios aumentam com o tédio, como a cocaína nos ajuda a evitar a depressão. E a droga começava a escassear. E lá estávamos nós nesta cidade sem heroína, na base de xarope contra tosse. E

vomitamos o xarope e continuamos a viagem, adiante e sempre, e o vento frio da primavera assobiando em volta de nossos corpos suados e tremendo, e sentimos o frio que sempre se apodera da gente quando a droga começa a faltar... Através da paisagem nua, tatus mortos na estrada e urubus sobre o pântano e troncos de ciprestes. Motéis com paredes de fibras prensadas, calefação a gás, finos cobertores cor-de-rosa.

Viciados itinerantes e garotos da hipodérmica queimaram todos os farmacêuticos charlatães do Texas...

E ninguém em sã consciência tentaria um contato no escuro em Louisiana. Por causa da Lei Estadual de Drogas.

Chegamos finalmente a Houston, onde conheço um drogueiro. Há cinco anos não punha os pés na cidade, mas ele levantou os olhos, reconheceu-me logo, balançou a cabeça e disse: — Espere no balcão...

Eu me sento e tomo uma xícara de café e depois de um momento ele se senta ao meu lado e diz: — O que você quer?

— Um quarto de PG e cem *nembies*^[11].

Ele balança a cabeça: — Volte em meia hora.

Quando volto, ele me entrega um pacote e diz — São quinze dólares... E tenha cuidado.

Injetar paregórico é um problema terrível, a gente tem de queimar o álcool antes, depois congelar a cânfora e puxar esse líquido pardo na seringa — tem que se picar na veia senão dá abscesso, mas geralmente se acaba com abscesso seja onde for que se aplique. Melhor é bebê-lo com nembutal... De modo que viramos o negócio numa garrafa de Pernod e partimos para Nova Orleans,

passando por lagos iridiscntes e chamas amareladas das refinarias, pântanos e montes de lixo, jacarés rastejando em volta de garrafas quebradas e latas de alumínio, arabescos de neon de motéis e gigolôs rejeitados que berram obscenidades dos montes de lixo aos carros que passam...

Nova Orleans é um museu morto. Andamos pela Exchange Place cheirando paregórico e imediatamente encontramos o Homem. É um lugar pequeno, e os tiras sempre sabem quem está no negócio, de modo que o cara pensa: “O que importa?” e vende a qualquer um. Fizemos estoque de heroína e subimos de volta para o México.

Voltamos pelo lago Charles, pelo país morto das máquinas de moedas no extremo sul do Texas. E os xerifes matadores de negros nos examinam e checam os papéis do carro. Tiramos um peso de cima quando atravessamos a fronteira com o México e de repente a paisagem nos agride os olhos, nada nos separa dela, deserto e montanhas e abutres; são pontinhos descrevendo círculos e alguns tão perto que se pode ouvir o bater de asas cortando o ar (um som seco e surdo), e quando eles descobrem alguma coisa desabam em bandos do céu azul, esse impressionante e maldito céu azul do México, e descem num funil escuro... Dirigimos toda a noite, chegamos de madrugada a um lugar morno e neblinoso, cães latindo e o som de água correndo.

— Thomas e Charlie — disse eu.

— O quê?

— É o nome deste lugar. Ao nível do mar. Daqui subiremos direto uns três quilômetros. — Tomei um pico e fui dormir no banco de trás. Ela era uma boa motorista. A gente sabe disso assim que

alguém toca no volante.

Cidade do México, onde Lupita se senta como uma Deusa Asteca da Terra e distribui seus papelotes de merda nojenta.

— Vender torna-se um vício maior do que aplicar — diz Lupita.

Traficantes que não se aplicam têm o hábito de contato, que ainda é mais difícil de largar. O mesmo ocorre com os policiais do Departamento de Narcóticos. Bradley the Buyer, o Comprador, por exemplo. O melhor agente de narcóticos da indústria. Qualquer um faria dele um drogado. (Nota: “fazer” no sentido de “sacar”.) Quer dizer, ele pode caminhar até um traficante e acertar em cheio. É tão anônimo, cinzento e espectral que o traficante não se lembra mais dele. E assim ele vai pegando um atrás do outro...

Bem, o Comprador começa a parecer cada vez mais com um viciado. Não consegue beber. Perde o tesão. Seus dentes caem. (Como mulheres grávidas perdem os dentes alimentando o ser estranho, os viciados perdem seus cacos amarelos alimentando o vício.) Ele está sempre chupando bala. Prefere as balas Babe Ruth. “É realmente desagradável ver o Comprador sempre chupando aquelas balas nojentas”, disse um tira.

O Comprador adquire uma sinistra cor verde-amarela. O fato é que seu corpo está produzindo sua própria droga ou algo parecido. O Comprador tem um contato regular. Quase se poderia chamá-lo de um Homem Interior. Ou pelo menos é o que ele pensa. — Eu me instalo no meu quarto e pronto — diz ele. — Fodam-se vocês todos. Engano todo mundo. Aproveito dos dois lados. Sou o único homem completo na indústria.

Mas um *yen* se abate sobre ele, como um grande vento negro que

lhe atravessa os ossos. E o Comprador paquera um jovem viciado e lhe dá um papelote.

— Tudo bem — diz o garoto. — Mas o que você quer que eu faça?

— Eu só quero me esfregar em você e sentir o pico.

— Hum... Está bem... Mas por que você não faz a coisa física, como todo mundo?

Mais tarde, o garoto está sentado no Waldorf com dois colegas e todos comem torta. — Foi a coisa mais desagradável que já agüentei — diz ele. — Não sei como ele fez, mas se amoleceu como uma gelatina e me envolveu e era repugnante. Logo ficou todo molhado, como se estivesse coberto de lama verde. Bem, acho que deve ter conseguido algum tipo de orgasmo espantoso... Eu quase pirei com aquela coisa verde toda em cima de mim — ele fedia como melão podre.

— Apesar de tudo, foi uma jogada fácil...

O garoto suspirou, resignado. — É, acho que a gente se acostuma com qualquer coisa. Amanhã tenho outro encontro com ele.

O vício do Comprador ficava cada vez mais forte. Ele precisava de uma dose de meia em meia hora. Às vezes se metia na delegacia e subornava o carcereiro para deixá-lo entrar na cela dos viciados. Chegou ao ponto de não se satisfazer mais, por mais intenso que fosse o contato. Foi quando ele recebeu uma advertência do supervisor distrital:

— Sua conduta, Bradley, tem dado margem a certos rumores, e espero para o seu bem que isso não passe de rumores tão incrivelmente desagradáveis que... quero dizer, a mulher de César...

hum... isto é, o departamento deve estar acima de qualquer suspeita... naturalmente, acima das suspeitas que você parece estar levantando. Você está abalando a reputação de toda a indústria. Estamos dispostos a aceitar sua imediata demissão.

O Comprador se atira no chão e rasteja em direção ao supervisor.
— Não, chefe, não... o departamento é minha própria vida.

Beija a mão do supervisor e mete os dedos na boca (o supervisor deve ter sentido suas gengivas desdentadas) e se queixa que perdeu todos os dentes “em *xervixo*”. — Por favor, chefe. Eu limpo seu cu, lavo suas cuecas sujas, engraxo seus sapatos com o óleo do meu nariz.

— Realmente, que coisa desagradável! Você não tem dignidade? Devo dizer que sinto profunda repulsa. Quero dizer, existe alguma coisa em você... bem... de podre, e que fede como um monte de adubo. — Coloca um lenço perfumado na frente do rosto. — E devo pedir-lhe que saia imediatamente desta sala.

— Farei qualquer coisa, chefe, *qualquer coisa*. — Seu rosto assolado rompe-se num horrível sorriso. — Ainda sou jovem, chefe, e quando meu sangue esquenta sou forte.

O supervisor tem engulhos de vômito em seu lenço e aponta a porta com a mão inerte. O Comprador se levanta, olhando o supervisor sonhadoramente. Seu corpo começa a se vergar como uma vara de rbdomante. Ele flui para a frente...

— Não! Não! — berra o supervisor.

— Chlup... chlup, chlup. — Uma hora depois, encontraram o Comprador adormecido na cadeira do supervisor. E o supervisor desapareceu sem deixar rastros.

O Juiz: — Tudo indica que você, de alguma incrível maneira, ah... assimilou o supervisor distrital. Infelizmente, não há provas. Eu recomendaria que você fosse preso ou, mais precisamente, detido numa instituição, mas não conheço nenhum lugar para homens do seu calibre. Assim, devo relutantemente ordenar sua soltura.

— Esse aí devia ficar num aquário — diz o policial que o prendeu.

O Comprador espalhou o terror por toda a indústria. Viciados e agentes desapareceram. Como um vampiro, ele soltava um eflúvio narcótico, uma neblina verde e úmida que anestesiava as vítimas e tornava-as indefesas em sua presença envolvente. E toda vez que dava uma dentro, ele se escondia por vários dias, como uma jibóia depois de comer. Finalmente, foi flagrado no momento em que digerira o Comissário de Tóxicos e foi destruído com um lança-chamas — a comissão de inquérito considerou que tais métodos se justificavam, pois o Comprador perdera sua condição humana, transformando-se conseqüentemente numa criatura sem espécie e numa ameaça à indústria de narcóticos em todos os níveis.

No México, o truque é encontrar um drogado local com uma ordem do governo que lhe dê direito a uma quantidade mensal de drogas. Nosso Homem era o Velho Ike, que passou a maior parte de sua vida nos Estados Unidos.

— Eu estava viajando com Irene Kelly, uma mulher de boa cabeça. Em Butte, Estado de Montana, ela sofreu o maior bode de coca, e saiu berrando pelo hotel que os tiras chineses estavam atrás dela com machados de cortar carne. Eu conhecia esse tira de Chicago; ele cheirava coca em forma de cristal, cristais azuis. Um dia

ficou doidão e enfiou a cabeça numa lata de lixo. Eu disse: “O que você pensa que está fazendo?”, e ele disse: “Se manda, senão eu atiro. Consegui um bom esconderijo”.

Agora estamos conseguindo um pouco de cocaína, desta vez com receita. Filho, injete-a na veia principal. A gente consegue ouvi-la quando entra, limpa e fria no nariz e na garganta, e logo um impulso de puro prazer cruza o cérebro acendendo as conexões da cocaína. Sua cabeça estalando em brancas explosões. Dez minutos depois, você quer outra picada... e atravessa toda a cidade a pé procurando a droga. Mas se não consegue o pó, você come, dorme normalmente e esquece o assunto.

É um desejo exclusivamente do cérebro, uma necessidade sem sentimento e sem corpo, necessidade fantasma, terrena, ectoplasma rançoso varrido pelo velho drogado, tossindo e cuspiendo na manhã doente.

Uma manhã a gente acorda, toma umas bolas e sente uns bichinhos debaixo da pele. Tiras com bigodes pretos de 1890 bloqueiam as portas e se aproximam pelas janelas, arqueando duramente os lábios e mostrando distintivos azuis e frios. Os drogados marcham pelo quarto cantando a canção fúnebre muçulmana, levam o corpo de Bill Gains, sinais de picadas resplandecem com suave chama azul. Detetives esquizofrênicos com ares decididos cheiram o penico do dormitório.

São os horrores da coca... Sente-se e fique frio e injete na veia bastante morfina.

Dia dos Mortos: veio a fome de doces e comi meu craniozinho de açúcar do pequeno Willy. Ele pôs-se a chorar e eu tive de sair à

procura de outro. Passei pelo bar onde eles acertaram o *bookmaker*.

Em Cuernavaca, ou foi em Taxco? Jane conhece um gigolô que tocava trombone e desaparece numa nuvem de fumaça de maconha. O gigolô é um desses artistas de vibrações e dietas — seu modo de degradar o sexo feminino, fazendo-as engolir toda essa merda. Ele estava constantemente ampliando suas teorias... interrogava a gata e ameaçava abandoná-la se ela não memorizasse todas as nuances de seu último ataque contra a lógica e a imagem humana.

— Veja, meu bem. Tenho isso pra lhe dar. Mas se você não aceitar, não posso fazer nada.

Ele era um fumador ritual de maconha e muito puritano em relação à droga, como a maioria dos maconheiros. Pretendia que a maconha o colocava em contato com os campos gravitacionais supra-azuis. Tinha idéias sobre qualquer assunto: que tipo de roupa de baixo é mais saudável, quando se deve beber água, como limpar melhor o cu. Um rosto vermelho e brilhante e um nariz liso e úmido, pequenos olhos vermelhos que se acendiam quando ele olhava uma gata e se apagavam quando olhava qualquer outra coisa. Seus ombros muito largos davam uma impressão de deformidade. Comportava-se como se os outros homens não existissem, fazendo seus pedidos aos empregados de lojas e restaurantes sempre através de um intermediário feminino.

E nenhum homem jamais invadiu seu ruinoso e secreto esconderijo.

De modo que ele está esculhambando quem usa droga e fumando maconha. Dou três tragadas, Jane olha para ele e sua carne

se cristaliza. Eu dou um salto e grito: “Estou com medo!” e corro para fora da casa. Bebi uma cerveja num pequeno restaurante — bar de mosaico, com o placar do futebol e cartazes de touradas — e esperei um ônibus para a cidade.

Um ano depois, em Tânger, soube que ela tinha morrido.

Benway

Fui então encarregado de contratar os serviços do dr. Benway para a Islã S.A.

O dr. Benway fora nomeado conselheiro da República de Liberterra, um lugar consagrado ao amor livre e aos banhos constantes. Os cidadãos são bem-ajustados, com espírito de cooperação, honestos, tolerantes e acima de tudo limpos. Mas a contratação de Benway indica que nem tudo vai bem por trás dessa higiênica fachada: Benway é um manipulador e coordenador de sistemas simbólicos, um especialista em todo tipo de interrogatório, lavagem cerebral e controle. Eu não via Benway desde sua partida precipitada de Anexia, onde fora contratado para trabalhar na T. D. — Total Desmoralização. O primeiro ato de Benway foi abolir os campos de concentração, as prisões em massa e — a não ser em circunstâncias especiais e limitadas — o uso da tortura.

— Deploro a brutalidade — disse ele. — Não é eficiente. Por outro lado, os maus-tratos prolongados, sem chegar à violência física, dão lugar, quando utilizados inteligentemente, à ansiedade e a um sentimento de culpa bastante especial. Deve-se ter em mente certas regras, ou melhor, princípios orientadores. O sujeito não deve tomar

consciência de que os maus-tratos são um ataque deliberado de um inimigo anti-humano contra sua identidade pessoal. Deve-se fazê-lo sentir que merece *qualquer* tratamento que receba, porque existe algo (nunca definido) de terrivelmente errado com ele. A necessidade nua dos viciados sob controle deve ser decentemente escondida sob uma intrincada e arbitrária burocracia, para que o indivíduo não possa lidar com o inimigo de frente.

Exigia-se de todo cidadão de Anexia que requeresse e carregasse consigo o tempo todo uma pasta cheia de documentos. Eles estavam sujeitos à detenção na rua a qualquer momento; e o Examinador, que podia estar à paisana, em diversos uniformes, freqüentemente de calção de banho ou pijama e às vezes completamente nu, só com um distintivo alfinetado no mamilo esquerdo, depois de checar cada papel, os selava. Na inspeção seguinte, o cidadão devia apresentar os selos correspondentes à inspeção anterior. O Examinador, quando parava um grupo numeroso, se limitava a examinar e selar os documentos de uns poucos. Os outros, então, eram presos porque seus documentos não estavam devidamente selados. Prisão significava “detenção provisória”, isto é, o preso seria libertado se e quando seu Documento de Explicação, devidamente assinado e selado, fosse aprovado pelo Auditor Assistente de Explicações. Como esse funcionário raramente aparecia em seu escritório, e o Documento de Explicação tinha que ser apresentado pessoalmente, os “explicadores” passavam semanas e meses esperando em escritórios sem aquecimento, sem caldeiras nem instalações sanitárias.

Documentos impressos era tinta que desaparecia se convertiam em velhos cartões de prego. Novos documentos eram requeridos

constantemente. Os cidadãos corriam de escritório em escritório, numa tentativa desesperada de cumprir prazos impossíveis.

Todos os bancos foram removidos da cidade, todas as fontes das praças, fechadas, todas as flores e árvores, destruídas. Enormes cigarras elétricas no teto de todos os edifícios (todos moravam em apartamentos) tocavam a cada quarto de hora. Frequentemente as vibrações arrancavam as pessoas da cama. Holofotes brincavam sobre a cidade a noite inteira (a ninguém era permitido ter persianas, cortinas ou postigos).

Ninguém jamais olhava para ninguém por causa de uma rigorosa lei contra a importunidade, com ou sem o uso da palavra, a qualquer um por qualquer motivo, sexual ou não. Todos os cafés e bares foram fechados. Só com uma permissão especial podia-se comprar bebida, e a que fosse comprada dessa forma não podia ser vendida, dada ou transferida por qualquer meio para qualquer outra pessoa, e a presença de outra pessoa no seu quarto era considerada evidência *prima facie* de conspiração com o objetivo de transferência de bebida.

Ninguém tinha o direito de trancar sua porta, e a polícia tinha chaves falsas para todas as portas da cidade. Acompanhados de um mentalista, rapidamente invadiam os aposentos de qualquer um e começavam a “procurar o negócio”.

O mentalista guiava-os a qualquer coisa que o sujeito desejasse esconder: um tubo de vaselina, um enema, um lenço esportado, uma arma ou bebidas sem licença. E sempre submetiam o suspeito às mais humilhantes buscas em seu próprio corpo nu, fazendo piadinhas e comentários depreciativos. Muitos homossexuais

latentes foram carregados em camisa-de-força depois de lhe passarem vaselina no cu. Ou os investigadores vasculhavam algum objeto. Um pano de limpar penas de escrever, ou um porta-sapatos,

— E pra que serve isto?

— É um pano de limpar penas de escrever.

— Um pano — diz ele.

— Já ouvi tudo.

— Acho que é tudo de que precisamos. Vamos embora, cara.

Depois de alguns meses nisso, os cidadãos se encolhiam nas esquinas como gatos neuróticos.

Naturalmente, a polícia de Anexia processava agentes suspeitos, sabotadores e delinqüentes políticos em série. Quanto ao interrogatório dos suspeitos, Benway tem a dizer o seguinte:

— Se bem que em geral eu evite o uso da tortura — a tortura consolida o oponente e mobiliza a resistência —, a ameaça de tortura é útil para induzir no sujeito o sentimento necessário de desproteção e gratidão ao interrogador por não usá-la. E a tortura pode ser empregada vantajosamente como punição, quando o sujeito avançou bastante no tratamento para aceitar o castigo como coisa merecida. Para esse fim inventei várias formas de procedimento disciplinar. Uma delas é conhecida como “a mesa de telefonista”. Brocas elétricas que podem ser ligadas a qualquer instante são montadas contra os dentes do sujeito e ele é ensinado a operar um quadro de chaves arbitrárias, colocando certos plugues em certas tomadas em resposta a sinetas e luzes. Toda vez que ele comete um erro, as perfuradoras são ligadas por vinte segundos. Os sinais são gradualmente

acelerados acima de seu tempo de reação. Meia hora na mesa de telefonista, e o sujeito se desmancha como uma máquina de pensar sobrecarregada.

“O estudo das máquinas de pensar ensina-nos mais a respeito do cérebro do que podemos aprender por métodos introspectivos. O homem ocidental está se projetando numa série de artefatos. Alguma vez já injetou coca na veia principal? Bate direto no cérebro, ativando conexões de puro prazer. O prazer da morfina é nas vísceras, você se ouve por dentro depois da picada. Mas cocaína é eletricidade no cérebro, e a necessidade de cocaína afeta apenas o cérebro, uma necessidade sem corpo e sem sentimento. O cérebro carregado de cocaína é uma máquina de fliperama descontrolada, piscando luzes azuis e cor-de-rosa num orgasmo elétrico. O prazer da cocaína poderia ser sentido por uma máquina de pensar, como as primeiras pulsações da repugnante vida de um inseto. A necessidade de cocaína demora só umas poucas horas, enquanto se estimulam os canais por onde corre a droga. Evidentemente, os efeitos da cocaína poderiam ser produzidos por uma corrente elétrica que ativasse os canais próprios da droga...

“Portanto, depois de certo tempo, os canais se gastam como as veias, e o viciado tem que encontrar outros novos. A veia voltará com o tempo, e, mediante um hábil sistema de rotação de veias, o viciado poderá aumentar suas probabilidades, desde que não vire um tremendo queimador de óleo. Mas as células cerebrais do viciado não voltam, uma vez paradas, e quando terminam suas células cerebrais, ele estará completamente fodido.

“Acocorando-se sobre ossos velhos e excrementos e ferro enferrujado, num clarão branco de calor, estende-se até o horizonte

um panorama de idiotas nus. Silêncio completo — seus centros verbais estão destruídos —, exceto pelo crepitar de fagulhas e estouros da carne chiando, quando eles aplicam os elétrodos pra cima e pra baixo na espinha. Fumaça branca de carne queimando flutua no ar imóvel. Um grupo de crianças amarrou com arame farpado um idiota num poste, acendeu uma fogueira entre as pernas dele e ficou olhando com curiosidade animal enquanto as chamas lambiam suas coxas. Sua carne se torcia no fogo em agonia de inseto.

“Como sempre, divago. Na falta de conhecimentos mais precisos sobre a eletrônica cerebral, as drogas continuam sendo um instrumento essencial para o interrogador em seu assalto à identidade pessoal do preso. Os barbitúricos, é claro, são praticamente inúteis. Quer dizer, uma pessoa que possa ser quebrada por tais meios sucumbiria aos métodos pueris usados em delegacias americanas. A escopolamina é geralmente eficiente para dissolver a resistência, mas danifica a memória: um agente pode estar preparado para revelar seus segredos, mas será incapaz de se lembrar deles, os seus disfarces e sua vida secreta poderão vir truncados num só emaranhado. Mescalina, harmalina, LSD 6, bufotemina e muscarina têm sucesso em muitos casos. A bulbocapnina induz a um estado parecido ao da esquizofrenia catatônica... e observaram-se instâncias de obediência automática nestes casos. A bulbocapnina é um depressor do cerebelo que provavelmente coloca fora de ação os centros de movimento do hipotálamo. Outras drogas que produziram esquizofrenia experimental — mescalina, harmalina, LSD 6 — são estimulantes do cerebelo. Na esquizofrenia, o cerebelo é alternadamente estimulado e deprimido. A catatonia é seguida freqüentemente por um período de

excitação e atividade motora, durante o qual o doido corre pelas enfermarias dando trabalho a todo mundo. Esquizos deteriorados às vezes recusam-se a fazer qualquer movimento e passam a vida na cama. Um distúrbio da função reguladora do hipotálamo é indicado como a ‘causa’ (o pensamento causal nunca permite descrição precisa do processo metabólico — (imitações da nossa linguagem) da esquizofrenia. Doses alternadas de LSD 6 e bulbocapnina — a bulbocapnina potencializada com curare — provocam o máximo surto de obediência automática.

“Há outros procedimentos. O sujeito pode ser reduzido a um estado de depressão profunda, administrando-se nele largas doses de benzedrina por vários dias. A psicose pode ser induzida por doses grandes e contínuas de cocaína ou demerol, ou por abstinência abrupta de barbitúricos depois de uso prolongado. Pode-se viciá-lo em diidro-oxi-heroína e sujeitá-lo à abstinência (esse composto deve viciar cinco vezes mais do que a heroína, sendo a abstinência proporcionalmente mais severa).

“Há vários ‘métodos psicológicos’, a psicanálise compulsória, por exemplo. O sujeito é solicitado a fazer associações livremente por uma hora, todos os dias (nos casos em que o tempo não é essencial). ‘Bem, bem, não sejamos teimosos, rapaz. Papá chama homem mau. Leva nenê passeá na mesa telefônica.’

“O caso de uma agente feminina que esqueceu sua verdadeira identidade e absorveu-se com sua história fictícia^[12] — ela ainda é uma *fricoteuse* em Anexia — me faz lembrar outro truque. O agente é treinado para negar sua verdadeira identidade de agente, reforçando sua história fictícia. Por que não usar então um pouco de jiu-jitsu

psíquico e entrar na dele? Sugira que a história que ele conta é sua verdadeira identidade e que não existe outra. Sua identidade de agente fica inconsciente, isto é, fora de seu controle, e a gente pode desenterrá-la por meio de droga e hipnose. Com esse método, pode-se fazer um cidadão heterossexual careta virar veado... isto é, reforçando e apoiando sua rejeição das tendências homossexuais normais latentes — e ao mesmo tempo privando-o de mulher e sujeitando-o à estimulação homossexual. Em seguida, drogas e hipnose e...” Benway agita no ar o pulso mole.

— Muitos sujeitos são vulneráveis à humilhação sexual. Nudez, estímulo com afrodisíacos e supervisão constante para embaraçá-lo e impedir o alívio pela masturbação (as ereções durante o sono põem em ação automaticamente uma enorme cigarra elétrica que arranca o sujeito da cama, jogando-o dentro d'água gelada, reduzindo assim ao mínimo a incidência de ejaculação noturna). O barato de hipnotizar um padre e dizer que ele está quase consumando uma união hipostática com o Cordeiro — e em seguida enfiar-lhe no cu uma ovelha velha e dissoluta. Depois disso, o Interrogador pode conseguir um completo controle hipnótico — o sujeito atenderá ao menor assobio e cagará no chão, bastando pra isso que alguém diga “Abra-te, Sésamo!” Não preciso esclarecer que a técnica de humilhação sexual é contra-indicada para homossexuais assumidos. (Quero dizer, é preciso abrir bem os olhos e lembrar o velho dito do partido... nunca se sabe quem está escutando.) Lembro-me o caso do garoto que condicionei a cagar quando me visse. Em seguida, eu lavava seu cu e metia nele. Era um sarro, E, além disso, ele era um cara agradável. Às vezes um sujeito abre um berreiro como uma criança porque não consegue deixar de ejacular quando você mete

nele. Bem, como você pode ver, as possibilidades são infinitas, como caminhos que se bifurcam num enorme e lindo jardim. Eu estava apenas arranhando essa agradável superfície quando fui expurgado pelos chefões do partido... Bem, *son cosas de la vida*.

Cheguei a Liberterra, que é limpa e estúpida, meu Deus. Benway está dirigindo o C. R., Centro de Recondicionamento. Passo por lá e ele me pergunta: — Que aconteceu com não-sei-quem? —, que soa como: “Sidi Idriss ‘The Nark’ Smithers cantou os Transmissores para conseguir um soro de longevidade. Não existe besta maior que uma bicha velha”. — Lesterd Stroganoff Smuunn — “El Hassein” — transformou-se em *latah* quando tentava aperfeiçoar o P. O. A., Processamento de Obediência Automática. Um mártir da indústria... — (*Latah* é uma situação que aparece no sudeste da Ásia. Outrora sadios, os *latahs* imitam compulsivamente todos os movimentos, uma vez sua atenção atraída por um estalar de dedos ou uma voz de comando. Uma forma de hipnose compulsória e involuntária. Às vezes eles se machucam tentando imitar os movimentos de várias pessoas ao mesmo tempo.)

— Pode me interromper, se você já ouviu esse segredo atômico...

O rosto de Benway mantém a forma sob a lâmpada *flash* da urgência, sujeito a qualquer momento a inenarráveis cortes e metamorfoses. Lateja como uma imagem entrando e saindo de foco.

— Vamos — diz Benway. — Vou lhe mostrar o C. R.

Estamos descendo um corredor comprido e branco. A voz de Benway insinua-se em minha consciência, embora não venha de um lugar em particular... uma voz incorpórea, às vezes sonora e clara, às

vezes quase inaudível, como música em rua de vento.

— Grupos isolados como os nativos do arquipélago de Bismarck. Entre eles, não há homossexualidade confessa. Estúpido matriarcado. Todo matriarcado é anti-homossexual, conformista e prosaico. Se você se encontrar num matriarcado, ande, não corra até a fronteira mais próxima. Se correr, algum policial homossexual latente e frustrado poderá disparar sua arma contra você. Alguém deseja estabelecer uma cabeça-de-ponte de homogeneidade sobre uma ruína de possibilidades, como a Europa ocidental e os Estados Unidos? Outro matriarcado fodido, diga o que disser Margaret Mead... Um lugar chato. Briga de bisturi com um colega na sala de operações. E minha assistente babuíno saltou em cima do paciente e o destroçou. Numa discussão, os babuínos sempre atacam os mais fracos. Está certo. Nunca devemos esquecer nossa gloriosa herança símia. O dr. Browbeck interveio na segunda fase. Um abortador aposentado e traficante (na verdade, ele era veterinário) recolocado em serviço durante a crise de mão-de-obra. Bem, o doutor estivera na cozinha do hospital a manhã toda, bolinando as enfermeiras e absorvendo gás de carvão e Klim — e pouco antes da operação engoliu uma dose dupla de noz-moscada para ficar no ponto.

(Na Inglaterra, especialmente em Edimburgo, os cidadãos filtram gás de cozinha através do Klim — espécie de leite em pó horrível que sabe a giz estragado — e tiram proveito do resultado. Eles fazem qualquer coisa para pagar a conta de gás, e quando aparece o homem para fechá-la por falta de pagamento, pode-se ouvir os gritos deles por quilômetros de distância. Quando um cidadão fica doente por falta do produto, ele diz “Sofro de klink”, ou “Esse velho fogão está subindo pelas minhas costas”.)

Noz-moscada. Cito o artigo sobre tóxico do *British Journal of Addiction* (ver Apêndice): “Condenados e marinheiros às vezes recorrem à noz-moscada. Engolem cerca de uma colher de sopa com água. O resultado é vagamente parecido ao da maconha, com efeitos secundários, como náusea e dor de cabeça. Os índios da América do Sul se utilizam de uma variedade de narcóticos da família da noz-moscada. Geralmente, cheira-se o pó seco da planta. Os feiticeiros tomam essas substâncias nocivas e entram em estado convulsivo. Eles acreditam que as visões que têm e as palavras desconexas que emitem possuem um significado profético”.

— Eu estava com ressaca depois de uma dose de *yage*, e não me sentia em condições de agüentar a merda toda do Browbeck. A primeira coisa que lhe ocorre é que eu devia começar a incisão por trás em vez de pela frente, resmungando absurdos de que, se cortássemos fora a vesícula biliar, a carne iria se estragar. Pensava que estava numa fazenda limpando galinha. Mandeí-o pôr a cabeça no forno, no que ele teve o descaramento de empurrar minha mão, cortando a artéria femural do paciente. O sangue espirrou em jorros e cegou o anestésista, que saiu correndo pelo corredor aos gritos. Browbeck tentou me dar uma joelhada no saco, e eu consegui cortar seus tendões com o bisturi. Ele engatinhou pelo chão e tentou esfaquear meus pés e pernas. Violet, minha babuíno assistente — única mulher por quem jamais me incomodei —, ficou doida. Subi na mesa e me preparei para saltar sobre Browbeck com os dois pés e detê-lo, quando os guardas entraram às pressas.

“Bem, essa bagunça na sala de operações, ‘essa inominável ocorrência’, como o superintendente falou, foi o golpe final, pode-se dizer assim. A matilha de lobos estava cercado para o ataque

Crucificação — única palavra que se pode usar. É verdade que eu havia cometido algumas *dummheits*^[13] aqui e ali. Quem não as comete? Certa vez eu e o anestesista bebemos todo o éter e o paciente veio pra cima da gente, e me acusaram de misturar a cocaína com talco. Na verdade, foi Violet quem o fez. Eu tinha que protegê-la, claro...

“Pra resumir, o resultado é que fomos todos chutados da indústria. Não que Violet fosse uma ‘açougueira’ *bona fide*, nem Browbeck, no caso, e até mesmo meu diploma foi colocado em questão. Mas Violet sabia mais medicina que a Clínica Mayo. Tinha uma intuição extraordinária e um alto sentido do dever.

“De modo que me deram um pontapé no traseiro e me tiraram o diploma. Deveria mudar de ramo? Não. A medicina estava no meu sangue. Consegui sustentar meus hábitos fazendo abortos abaixo do custo nos banheiros do metrô. Desci a ponto de abordar mulheres grávidas na rua. Realmente antiético. Conheci então um grande sujeito, Placenta Juan, o Magnata Pós-Parto. Ele faturou alto durante a guerra comercializando prematuros. (Os prematuros são terneiros recém-nascidos que ainda arrastam restos de placenta e têm muitas bactérias, geralmente em condições anti-higiênicas e impróprias. O terneiro não pode ser vendido como alimento antes da idade mínima de seis semanas. Antes disso, é classificado como prematuro. O tráfico de prematuros está sujeito a severas punições.) Bem, Juanito controlava uma frota de cargueiros que registrou sob bandeira abissínia para evitar restrições aporrinhantes. Deu-me o cargo de médico de bordo do *SS. Filiarisis*, um dos barcos mais imundos que jamais navegou pelos mares. Operando com uma das mãos, empurrava os ratos de cima do paciente com a outra — e

percevejos e escorpiões choviam do teto.

“Alguém pretende conseguir homogeneidade num lugar desses! Pode ser, mas custa. De saco cheio com esse negócio todo, eu... E cá estamos... na rua do tédio.”

Benway traça um desenho no ar com a mão e a porta se abre. Passamos por ela e a porta se fecha. Uma enorme enfermaria de aço inoxidável brilhante, assoalho de ladrilhos brancos, paredes de tijolos de vidro. Camas ao longo de uma parede. Ninguém fuma, ninguém lê, ninguém fala.

— Venha, dê uma olhada de perto — diz Benway.

— Não vai incomodar ninguém.

Aproximei-me e parei em frente a um homem sentado na cama. Observo os olhos do homem. Ninguém, nada devolve meu olhar.

— LNI — diz Benway. — Lesão Neural Irreversível. Superliberados, pode-se dizer... um peso na indústria.

Passo a mão pela frente dos olhos do homem.

— Sim, eles ainda têm reflexos — diz Benway. — Observe. — Benway pega uma barra de chocolate do bolso, tira o papel e segura-a na frente do nariz do homem. O homem cheira. Suas mandíbulas começam a se mexer. Faz movimentos com as mãos para apanhá-la. Saliva escorre da boca e pende do queixo em longos fios. Seu estômago ronca. O corpo inteiro se torce em peristalses. Benway recua e levanta o chocolate bem alto. O homem cai de joelhos, joga a cabeça para trás e late. Benway joga o chocolate. O homem tenta pegá-lo no vôo, não consegue, arrasta-se pelo chão e faz ruídos e baba. Engatinha para debaixo da cama, encontra o chocolate e o

coloca na boca com as duas mãos.

— Meu Deus! Esses LNIS não têm classe nenhuma.

Benway chama o ajudante que está sentado num canto da enfermaria lendo um livro de peças de J. M. Barrie.

— Tire daqui esses LNIS fodidos. São um bode total. É ruim para o turismo.

— E o que faço com eles?

— Como posso saber, porra? Sou um cientista. Um cientista *puro*. Só quero que tire esses merdas daqui. Não quero mais ver a cara deles, é só. Eles me pesam como um albatroz^[14].

— Mas, como? Pra onde?

— Pros canais competentes. Ligue pro coordenador distrital, ou como quer que se chame... todas as semanas ele muda de título. Duvido que exista.

O dr. Benway se detém na porta e volta-se para olhar os caras com Lesões Neurais Irreversíveis. — Nosso fracasso — diz ele. — Bem, são os ossos do ofício.

— Eles voltarão alguma vez?

— Não, não voltam mais, uma vez que se foram não voltam. — Benway cantarola suavemente. — Mas essa enfermaria tem algum interesse.

Os pacientes se reúnem em grupos; falam e cospem no chão. A droga flutua no ar como uma névoa cinzenta.

— Um espetáculo reconfortante — diz Benway —, o desses drogados que esperam a chegada do homem. Seis meses atrás, eram

todos esquizofrênicos. Alguns deles não saíam da cama havia anos. Agora, olhe pra eles. Ao longo da minha prática, nunca vi um viciado esquizofrênico, e os viciados são na maioria do tipo físico dos esquizos. Se quiser curar alguém de alguma coisa, verifique quem não tem doença. O negócio é descobrir quem não tem. Os viciados não têm. Por falar nisso, há uma região na Bolívia onde a psicose não existe. Naquele altiplano, só há gente absolutamente sadia. Queria ir até lá, eu, antes que estraguem tudo com alfabetização, publicidade, televisão e *drive-ins*. Fazer uma pesquisa estritamente sobre o metabolismo: dieta, uso de drogas e álcool, sexo, etc. Que importa o que eles pensam? O mesmo absurdo de todo o mundo, atrevo-me a dizer.

“E por que os viciados não ficam esquizofrênicos? Não sei ainda. Um esquizofrênico pode ignorar a fome e morrer de inanição, se ninguém lhe der comida. Ninguém consegue ignorar os sintomas produzidos pela falta de heroína. A existência do vício impõe o contato com os outros.

“Mas isso é só um aspecto do problema. A mescalina, o LSD 6, a adrenalina degradada ou a harmalina podem provocar um estado semelhante à esquizofrenia. O melhor produto é o que se extrai do sangue dos esquizos; isso torna provável que a esquizofrenia seja uma psicose provocada pela droga. Estabelece-se uma conexão metabólica, um Homem Interno, por assim dizer. (Leitores interessados devem dar uma olhada no Apêndice.)

“No estágio final da esquizofrenia, o cerebelo fica permanentemente deprimido e o cérebro quase carece de conteúdo, já que o cérebro só é ativado em resposta à estimulação do cerebelo.

“A morfina faz surgir um antídoto contra a estimulação do cerebelo, semelhante à substância produzida pelo esquizo. (Notar a semelhança entre a síndrome da abstinência da droga e a intoxicação com *yage* ou LSD 6.) O resultado eventual do uso da droga — especialmente no caso da heroína, quando grandes doses estão disponíveis para o viciado — é a depressão permanente do cerebelo e um estado muito semelhante à esquizofrenia em seu estágio final: completa ausência de afetos, autismo, funcionamento zero do cérebro. O viciado pode passar oito horas olhando para uma parede.

Ele continua consciente de seu ambiente, mas este não tem para ele nenhuma conotação emocional, e conseqüentemente nenhum interesse. Relembrar um período de vício pesado é como tocar de novo uma fita gravada com os acontecimentos experimentados exclusivamente pelo cérebro. Simples declarações sobre acontecimentos externos. 'Fui até o armazém e comprei um pouco de açúcar mascavo. Voltei para casa e comi metade da caixa. Tomei um pico de três grãos, etc.' Ausência completa de nostalgia nessas recordações. No entanto, assim que o estoque de droga começa a cair abaixo do necessário, a substância criada pela sua ausência inunda o corpo.

“Se todo prazer é alívio de tensão, a droga fornece alívio de todo o processo de vida, ao desconectar o hipotálamo que é o centro da energia psíquica e da libido.

“Alguns dos meus cultos colegas (inomináveis babacas) sugerem que a droga produz efeitos eufóricos pela estimulação direta do centro do orgasmo. Parece-me mais provável a idéia de que a droga suspende todo o ciclo de tensão, alívio e descanso. Para o drogado, o orgasmo não tem função. O tédio, que indica sempre a presença de

uma tensão não descarregada, nunca perturba o viciado. Ele é capaz de ficar olhando para o próprio sapato oito horas seguidas. Só entra em ação quando o estoque de droga está acabando.”

Lá no fundo da enfermaria, um atendente levanta uma persiana corrediça e solta um grito de chamar porcos. Os drogados correm desabaladamente e rosnam e gritam.

— Espertinho — diz Benway. — Não tem nenhum respeito pela dignidade humana. Agora, vou mostrar-lhe as enfermarias dos criminosos e dos que têm desvios moderados. Sim, aqui um criminoso é um transviado moderado. Ele não desobedece ao contrato necessário para se viver em Liberland. Só tenta desviar-se de algumas cláusulas. Repreensível, mas não muito sério. Por este corredor... Deixemos de lado as enfermarias 23, 86, 57 e 97... e o laboratório.

— Os homossexuais são classificados como transviados?

— Não. Lembre-se do arquipélago Bismarck. Nenhuma homossexualidade declarada. Um estado policial em pleno funcionamento não precisa de polícia. Não ocorre a ninguém que a homossexualidade seja uma conduta concebível... Num matriarcado, a homossexualidade é um crime *político*. Nenhuma sociedade tolera a rejeição aberta de seus princípios básicos. E nós aqui não somos um matriarcado, *insh'allah*. Você conhece aquela experiência com ratos em que eles levam um tremendo choque elétrico e são atirados na água fria quando fazem o menor movimento em direção a uma fêmea? Pois todos eles se convertem em ratos veados, e assim é a etiologia. Quando um desses ratos guinchasse “Eu sou uma biiicha e adooro”, ou “Quem cortou o seu fora, monstro de dois buracos?”,

teríamos atingido nosso objetivo. Durante minha breve experiência como psicanalista — tive problemas com a Sociedade —, um paciente teve um acesso de fúria na estação Grand Central com um lança-chamas, dois se suicidaram e um morreu no divã como um rato selvagem (os ratos selvagens estão sujeitos à morte, se confrontados repentinamente com uma situação de desespero). De modo que seus amigos vieram reclamar, e eu disse a eles: “São ossos do ofício. Tirem esse *presunto* daqui. Vai deprimir meus pacientes vivos” — notei que todos os meus pacientes homossexuais manifestavam fortes tendências heterossexuais inconscientes, e todos os heterossexuais, tendências homossexuais inconscientes. É de se ficar tonto, não é mesmo?

— E o que é que você concluiu disso tudo?

— Concluí? Nada, ora. É só uma observação *en passant*.

Estamos almoçando no escritório de Benway, e o telefone toca.

— De que se trata?... Monstruoso!... Fantástico!... Vá em frente e aguarde ordens.

Desliga o telefone. — Estou prestes a assinar imediatamente o contrato com a Islã Sociedade Anônima. Parece que o cérebro eletrônico ficou louco jogando xadrez hexadimensional com o Técnico, e soltou todos os pacientes do Centro de Recondicionamento. Vamos para a cobertura. O indicado agora é uma Operação Helicóptero.

Da cobertura do C. R. observamos uma cena de incomparável horror. Os LNIS de pé, em volta das mesas de café; longos fios de saliva pendem de seus queixos, estômagos se mexem, ruidosos; outros

ejaculam à vista das mulheres. Os *latahs* imitam os transeuntes com macaquices obscenas. Viciados saquearam as *drugstores* e se injetam em todas as esquinas... Catatônicos decoram os parques... Esquizofrênicos agitados correm pelas ruas lançando gritos estrangulados e inumanos. Um grupo de PRS — Parcialmente Recondicionados — cercou alguns turistas homossexuais com horríveis sorrisos de cumplicidade, mostrando o crânio nórdico por baixo, em dupla exposição.

— O que você quer? — guincha uma das bichas.

— Queremos *compreender* vocês.

Um contingente de uivantes simopatas balança-se em candelabros, sacadas e árvores, cagando e mijando nos transeuntes. (Um simopata — o nome técnico para essa doença me escapa — é um cidadão convencido de que é um macaco ou outro símio qualquer. É uma doença característica do exército, e curável com a dispensa.) Alguns galopam cortando cabeças, com uma expressão de doçura no rosto, um meio sorriso remoto e sonhador... Cidadãos com *bang-utot* incipiente agarram o pênis e pedem ajuda aos turistas... Desordeiros árabes gritam e berram, castrando, estripando, atirando gasolina em chamas... Garotos dançarinos fazem *striptease* com os intestinos, mulheres enfiam nas bocetas pintos cortados e com eles rebolam, flagelam e golpeiam os homens à sua escolha... Fanáticos religiosos arengam à multidão de helicópteros e fazem chover tabuletas de pedra em suas cabeças com mensagens sem sentido... Os Homens-Leopardos despedaçam gente com suas garras de ferro, tossindo e rugindo... Os iniciados da Sociedade Canibal Kwakiutl arrancam com os dentes narizes e orelhas...

Um coprófago grita por um prato, caga nele e come a merda, exclamando: — Humm, minha rica substância!

Um batalhão de chatos desenfreados ronda as ruas e as entradas de hotel à procura de vítimas. Um intelectual vanguardista — “É claro, a única literatura que vale a pena hoje em dia é encontrada em relatórios e revistas científicas” — deu uma injeção de bulbocapnina num cara e se dispõe a ler para ele um boletim sobre “O uso da neo-hemoglobina no controle do granuloma múltiplo degenerativo”. (Evidentemente, os relatórios são puro blabláblá, que ele mesmo confeccionou e imprimiu.)

Suas palavras de abertura: — Você me parece um homem inteligente. — (Sempre nefastas palavras, meu rapaz ... Quando você as ouvir, não fique apenas na intenção de partir, mas parta de uma vez.)

Um inglês colonial, auxiliado por cinco rapazes da polícia, deteve um sujeito no bar do clube: — Ei, por acaso conhece Moçambique? — e começa a interminável saga de sua malária. — Então o doutor disse pra mim: “Eu só posso aconselhá-lo a abandonar a região. Do contrário, terei de tratar de seu enterro”. Esse charlatão se ocupava também dos enterros nas horas vagas. Um pouquinho aqui, um pouquinho ali, e ia enchendo a bolsa. — E depois do terceiro gim rosado, quando já conhece você, ele passa a falar em disenteria. — A evacuação mais extraordinária que existe: mais ou menos de uma cor branco-amarelada, como esperma rançoso e pegajoso, sabe?

Um explorador com capacete de sol derrubou um cidadão com uma espingarda e setas de curare. E aplica respiração artificial com o pé. (O curare mata por paralisia dos pulmões. Não tem efeito tóxico,

e não é um veneno no sentido estrito da palavra. Se se aplica a respiração artificial, o indivíduo não morre. A substância é eliminada com muita rapidez pelos rins.) — Foi no ano da peste, quando morreram todos os animais, até as hienas... E lá estava eu, sem um pingo de vaselina, nas nascentes do Cu-do-Babuíno. Quando o negócio chegou de pára-quedas, minha gratidão foi indescritível... Na verdade, nunca contei isso antes pra nenhuma alma viva — miséria ilusória — e sua voz ecoa pelo enorme salão vazio de hotel estilo 1890, com pelúcia vermelha, plantas de borracha, dourados e estátuas —, eu fui o único homem branco a ser iniciado na infame Sociedade Agouti, o único a presenciar e participar de seus ritos abomináveis.

A Sociedade Agouti havia organizado uma Fiesta Chimu, (Os *chimu* do antigo Peru eram muito dados à sodomia, e de vez em quando encenavam sangrentas batalhas com porretes, que resultavam em várias centenas de mortos no decorrer de uma tarde.) Os jovens, zombando e bolinando uns aos outros com os porretes, galopam para o campo. E a batalha então começa.

Gentil leitor, a feiúra desse espetáculo ultrapassa qualquer descrição. Quem consegue ser um covarde bajulador e mijão, e ao mesmo tempo maligno como um babuíno de cu encarnado, alternando essas deploráveis qualidades como se fossem figurinos de *vaudeville*? Quem seria capaz de cagar num adversário caído que, moribundo, comesse a merda e gritasse de alegria? Quem seria capaz de enforcar um passivo fraco e, como um cão raivoso, receber seu esperma na boca? Gentil leitor, eu lhe pouparia de bom grado esse espetáculo, mas minha pena segue sua vontade própria, como no “Velho marinheiro”^[15]. Oh, meu Deus, que cena! Pode a língua ou a

pena refletir tais escândalos? Um jovem selvagem arranca o olho do seu confrade e fode-lhe o cérebro. “Um cérebro já atrofiado e seco como a boceta da avó.”

Transforma-se em delinqüente de *rock and roll*. — Enfio na velha vulva — como num problema de palavras cruzadas, que relação tem comigo o resultado, se resultado houver? Já é meu pai ou ainda não? Não posso foder você, seu Zé, está a ponto de converter-se em meu pai e melhor seria cortar sua garganta e meter na minha mãe jogando limpo, que foder meu pai ou vice-versa, *mutatis mutandis*, conforme for o caso, e cortar a garganta da minha mãe, aquele buraco santo, embora seja a melhor maneira que eu conheço para deter sua horda de palavras e fixar seu capital. Quer dizer, quando um cara se encontra num beco sem saída e não sabe de nada, tem mais é que oferecer seu cu ao “grande paizão” ou fazer o torso da velha senhora trabalhar. Dêem-me duas bocetas e um caralho de aço e tirem seus dedos sujos do meu cuzinho de açúcar, o que você pensa que eu sou, uma exposição de cu vermelho fugitivo de Gibraltar? Macho e fêmea, ele a ambos castrou. Quem não pode distinguir entre os sexos? Cortarei sua garganta, seu branco filho da puta. Venha cá pra fora como meu neto e enfrente em duvidosa batalha sua mãe inata. A confusão fodeu sua obra-prima. Cortei a garganta do porteiro por erro de identidade, pois ele fodia horrivelmente como o velho. No escuro, todos os caralhos são pardos.

E agora voltemos novamente ao campo de batalha. Um jovem penetra em seu confrade, enquanto outro jovem amputa a parte mais orgulhosa do estremecido desse caralho, sendo beneficiário que o membro visitante se projeta para encher o vácuo que a natureza abomina, e ejacula na lagoa Negra onde piranhas, impacientes,

abocanham a criança não nascida; aliás — em vista de certos fatos bem estabelecidos —, é pouco provável que nasça.

Outro chato traz uma mala cheia de troféus e medalhas, taças e fitas: — Bem, isso eu ganhei no Concurso do Mais Engenhoso Truque Sexual, em Yokohama. (Segurem-no, está desesperado.) O próprio imperador é que me fez a entrega, e tinha os olhos cheios de lágrimas, e os outros concorrentes se castraram com facas de haraquiri. E esta fita aqui ganhei no Concurso de Degradação da Reunião de Teerã dos Drogados Anônimos.

“Injetei o sulfato de morfina de minha mulher, e ela de cama com um cálculo renal do tamanho do diamante Hope. De modo que lhe dei meio Vergamim e disse: ‘Não espere muito alívio... Cale a boca já. Quero gozar minhas medicações’.”

“Roubei um supositório de ópio do cu da minha avó.”

O hipocondríaco enlaça o transeunte e lhe aplica uma camisa-de-força e começa a falar sobre seu septo podre: — Uma horrível e purulenta secreção começa a sair... espere só, você verá.

Faz um *striptease* para mostrar as cicatrizes de operações e guia os dedos relutantes da vítima. — Sinta essa inflamação supurada na minha virilha, aqui onde tenho linfogranuloma... E agora quero que você apalpe minhas hemorróidas internas.

(Refere-se ao linfogranuloma, ou “adenites climáticas”. É uma doença venérea virótica, originária da Etiópia.) — Não é à toa que somos conhecidos como etíopes sujos — ironiza um mercenário etíope enquanto sodomiza o faraó, peçonhento como a cobra real. Os antigos papiros egípcios mencionam constantemente esses etíopes sujos.

Pois tudo começou em Adis-Abeba, como o *Jersey Bounce*; mas estamos vivendo nos tempos modernos. Um Só Mundo. E agora as adenites climáticas florescem em Xangai e Esmeraldas, em Nova Orleans e Helsinki, em Seattle e na Cidade do Cabo. Mas o filho dileto volta a casa e a doença mostra uma predileção especial pelos negros; tornou-se a menina branca dos olhos dos partidários da supremacia dos brancos. Mas os feiticeiros do vodu mau-mau, dizem, estão aprontando uma magnífica doença venérea para os brancos. Não que os caucasianos sejam imunes a ela: em Zanzibar, cinco marinheiros britânicos contraíram a doença. E no condado do Crioulo Morto, em Arkansas (“A Terra Mais Preta e a Gente Mais Branca dos Estados Unidos — Macaco, Não Deixe o Sol se Pôr sobre Você Aqui”), o coronel do condado caiu de cama com os bulbões na popa e na proa. Um vigilante comitê de vizinhos, com muitas desculpas, queimou-o vivo na privada do Fórum quando veio à luz sua interessante situação. “Mas, Clem, imagine que você não passa de uma vaca com aftosa.” “Ou uma galinha com peste.” “Não cheguem muito perto, rapazes. Com o fogo, os intestinos dele podem explodir.” Em resumo, a doença tem uma diabólica capacidade de expansão, ao contrário de certos vírus infelizes que estão condenados a se consumir sem perspectivas nas tripas de um carrapato ou de um mosquito das selvas, ou na saliva de um chacal moribundo que baba fios prateados sob o luar do deserto. E após uma lesão inicial no ponto da infecção, a doença passa aos gânglios linfáticos da virilha, que incham e arrebentam em fissuras supuradas, drenando durante dias, meses, anos uma substância purulenta e pegajosa manchada de sangue e linfa pútrida. A elefantíase dos órgãos genitais é uma complicação freqüente, e foram registrados casos de gangrena em

que o indicado seria a amputação *in medio* do paciente, da cintura para baixo — mas realmente não valia a pena. As mulheres geralmente sofrem de infecção secundária do ânus. Machos que admitem relações sexuais passivas com parceiros infectados, como babuínos fracos que logo ficarão de cu encarnado, podem estar ainda nutrindo um intruso. A protite inicial e a inevitável descarga purulenta — que pode passar despercebida durante o “fuque-fuque” — é seguida por uma estritura do reto que exige a intervenção de um saca-rolha ou seu equivalente cirúrgico, para que o infeliz paciente não seja obrigado a peidar e cagar em seus próprios dentes, o que provoca sintomas de halitose prolongada e impopularidade com todos os sexos, idades e condições do *Homo sapiens*. Na verdade, um veado cego foi abandonado por seu cão policial, que era um tira até a medula dos ossos. Até há bem pouco tempo não havia tratamento satisfatório. “O tratamento é sintomático” — quer dizer, não existe no mercado. Agora, muitos casos cedem com terapia intensiva de aureomicina, terramicina e algumas das drogas mais recentes. No entanto, uma percentagem apreciável se mantém refratária como gorilas das montanhas... Assim, rapazes, quando aquelas lambidas quentes brincarem nas suas bolas e nos seus paus e mergulharem cu adentro como um invisível maçarico azul de orgones, nas palavras de I. B. Watson... é preciso pensar! Parem de arquejar e comecem a apalpar... e se você sentir um bulbão encolha-se bem e diga num gemido frio e nasal: “Acha que eu estou interessado em me relacionar com alguém nessa sua velha e horrível situação? Pois estou fora dessa”.

Adolescentes desordeiros de *rock and roll* assaltam as ruas de todas as nações. Se jogam contra o Louvre e lançam ácido na cara da

Mona Lisa. Abrem os zoológicos, os hospícios e as prisões, arrebetam os condutores de água com britadeiras, estouram o chão dos banheiros dos aviões comerciais, atiram em faróis de navegação, limam cabos de elevadores até transformá-los em arames finos, conectam os canos de esgoto com os reservatórios de água, jogam tubarões e arraias-de-ferrão, enguias elétricas e candirus nas piscinas (o candiru é um peixinho ou verme parecido com uma enguia, com mais ou menos meio centímetro de largura por cinco de comprimento, que frequenta certos rios de má reputação na Grande Bacia Amazônica; enfia-se no seu pênis ou no cu ou em boceta de mulher, *faute de mieux*, e ali fica seguro com espinhas afiadas, não se sabe exatamente com que propósito, uma vez que ninguém se dispõe a observar seu ciclo vital *in situ*), com roupas náuticas enfiam o *Queen Mary* a toda a velocidade no porto de Nova York, toureiam com aviões de passageiros e ônibus, invadem hospitais de roupas brancas e carregando serras, machados e bisturis de um metro de comprimento; arrancam dos paráliticos os pulmões de aço (e imitam o sufoco dos asfixiados, atirando-se ao chão e revolvendo os olhos nas órbitas), aplicam injeções com bombas de bicicleta, desconectam rins artificiais, serram uma mulher ao meio com uma serra cirúrgica de dois cabos, conduzem varas de porcos guinchando Bolsa adentro, cagam no chão das Nações Unidas e limpam o cu com tratados, pactos e alianças.

De avião, carro, cavalo, camelo, elefante, trator, bicicleta e rolo compressor, a pé, com esquis, trenós, muletas e pernas de pau, os turistas assaltam as fronteiras, exigindo asilo com inflexível autoridade devido às “condições abomináveis que reinam em Liberterra”, e a Câmara de Comércio se esforça em vão para impedir

o desastre total: — Por favor, conservem a calma. São apenas alguns loucos que escapuliram do manicômio.

Joselito

E Joselito, que escrevia péssima poesia engajada, começou a tossir. O doutor alemão fez um breve exame, tocou nas costelas de Joselito com dedos compridos e delicados. O doutor era também concertista de violino, matemático, mestre de xadrez e doutor em jurisprudência internacional com licença para exercer a profissão nos banheiros de Haia. O doutor dirigiu um olhar duro e distante ao peito escuro de Joselito. Olhou para Carl, sorriu — com o sorriso de um homem culto para outro homem culto — e levantou as sobrancelhas, dizendo sem palavras:

“Também *parra* tão estúpido camponês *non* devemos *dizerr a palavrra, non é?* De *outrro* modo ele vai se *cagarr* de medo. Koch e catarro *son* ambas *palavrras* horríveis, *non é* assim?”

Mas disse em voz alta: — É um *catarro de los pulmones*.

Carl conversou com o doutor do lado de fora, sob a arcada estreita e com a chuva da rua borrifando suas calças, pensando a quantas pessoas ele deve contar aquilo, e as escadas, pórticos, gramados, aléias, corredores e ruas do mundo ali nos olhos do doutor... alcovas alemãs estofadas, bandejas de borboletas até o teto, cheiro silencioso e forte de uremia filtrando-se por baixo da porta,

jardins de subúrbios ao som de borrifadores de água, na noite calma da selva sob as asas silenciosas de mosquitos anofelinos. (Nota: não se trata de uma figura de linguagem. Os mosquitos anofelinos *são* silenciosos.) Um discreto sanatório de Kensington, espessamente atapetado: cadeira empertigada de brocados, uma xícara de chá, o moderno *living* sueco com jacintos aquáticos em um vaso amarelo... lá fora, o céu do norte de um azul de porcelana e nuvens erráticas sob feias aquarelas de um estudante de medicina agonizante.

— Talvez um copo de aguardente, Frau Underschnitt.

O doutor estava falando ao telefone, com um tabuleiro de xadrez à sua frente. — Lesão bastante grave, acho... é claro, não cheguei a ver no fluoroscópio. — Levanta o cavalo e o repõe no lugar, pensativamente. — Sim... ambos os pulmões... certamente. — Desliga o telefone e vira-se para Carl. — Tenho observado que essa gente se recupera com maravilhosa rapidez quando se trata de ferimentos, tem pouca incidência de infecções. Aqui o problema é sempre o pulmão... pneumonia e, é claro, a Velha Fiel. — O doutor agarra o caralho de Carl e dá um salto com um tosco grito camponês. Seu sorriso europeu ignora o mau comportamento de uma criança ou de um animal. Continua falando em seu inglês incorpóreo, sem sotaque e liso. — Nosso Velho e Fiel Bacilo de Koch. — O doutor bate os saltos dos sapatos e inclina a cabeça. — Do contrário, eles multiplicariam seus estúpidos traseiros camponeses até o mar, não é assim? — Guincha e aproxima seu rosto de Carl. Carl recua para um lado; atrás dele, a cortina cinzenta da chuva.

— Não existe lugar onde ele possa ser tratado?

— Acho que existe uma espécie de sanatório — arrasta a palavra

com ambígua obscenidade — lá na capital do distrito. Eu escrevo pra você o endereço.

— Terapia química?

Sua voz se faz lisa e pesada no ar úmido:

— Quem pode saber? São todos camponeses estúpidos, e os piores deles são os que se dizem instruídos. Essa gente deveria ser proibida não só de aprender a ler, mas também de aprender a falar. Só não é preciso proibi-los de pensar, porque a natureza já se encarregou disso.

“Eis o endereço”, murmurou ele sem mover os lábios.

Deixou cair uma bolinha de papel na mão de Carl. Seus dedos sujos, brilhantes de sujeira, descansaram no braço de Carl.

— Resta a questão dos meus honorários.

Carl escorregou-lhe uma nota dobrada... e o doutor desapareceu na meia-luz cinzenta, andrajoso e furtivo como um velho drogado.

Carl encontrou Joselito num quarto grande, limpo e bem-iluminado, com banheiro próprio e sacada particular. E não havia nada para dizer naquele quarto frio e vazio, com jacintos aquáticos numa vasilha amarela e um céu de azul de porcelana com nuvens flutuantes e o medo dançando em seus olhos. Quando ele sorria, o medo voava para longe em pequenos pedaços de luz; escondia-se enigmaticamente nos cantos altos e frios do quarto. E eu, o que poderia dizer sentindo a morte à minha volta e as pequenas imagens fragmentadas que surgem antes do sono, bailando em minha mente?

— Vão me mandar para o novo sanatório amanhã. Venha me

visitar. Vou ficar lá sozinho.

Ele tossiu e tomou uma pastilha de codeína.

— Doutor, compreendo, isto é, foi-me dado compreender, li e ouvi falar — embora não seja médico, nem pretenda sê-lo — que o conceito de tratamento no sanatório já está mais ou menos superado, ou, pelo menos, definitivamente complementado pela terapia química. Na sua opinião, isso é verdadeiro? Quero dizer, por favor, doutor, seja sincero comigo, de homem para homem: qual seu parecer nessa questão da terapia química *versus* sanatório? Tem alguma opinião formada?

O rosto índio do médico doente do fígado se mostrava inexpressivo como o de um vendedor.

— Inteiramente moderno, como você pode ver — gesticula em torno do quarto com seus dedos rotos de má circulação. — Banheiro... água... flores. Tudo. — Concluiu em inglês *cockney*, com um risinho de triunfo: — Escreverei uma carta para você.

— Carta? Para o sanatório?

Era como se o doutor falasse de uma terra de pedras negras e grandes, lagoas escuras e brilhantes. — A mobília... moderna e confortável. Você também *acha*, não é verdade?

Carl não podia ver o *sanatório* por causa da fachada postiça de estuque verde, coroada por um intrincado anúncio de gás neon, morto e sinistro contra o céu, esperando escurecer. O sanatório fora construído num grande promontório de calcário, sobre o qual árvores floridas e parreiras se quebravam em ondas. O aroma das

flores pesava no ar.

O comandante estava sentado num longo cavalete de madeira sob a parreira. Não estava fazendo nada. Recebeu a carta que Carl lhe entregou e murmurou alguma coisa enquanto a lia, acariciando os lábios com a mão esquerda.

Depois, enfiou a carta num prego acima de uma privada. Começou a copiar trechos de um caderno de notas cheio de números. Escrevia sem parar.

Imagens fragmentadas explodiam suavemente na cabeça de Carl, que se sentia saindo de si mesmo num movimento silencioso. Com clareza e nitidez e a uma grande distância, viu-se sentado numa sala de jantar. Superdose de heroína. Sua velha mulher sacudiu-o e levou uma xícara de café quente até seu nariz.

Lá fora, um velho drogado vestido de Papai Noel vendia cartões de Natal. — Amigos, lutem contra a tuberculose — murmurava ele com sua voz incorpórea de drogado. Um coro do Exército de Salvação, com suas vozes sinceras de homossexuais desportistas, cantava: — No doce adeus dos adeuses...”

Carl flutuou de volta a seu corpo, um fantasma drogado de volta à terra.

— Poderia suborná-lo, claro.

O comandante batuca na mesa com um dedo e cantarola “*Coming through the rye*”. Longe, e de súbito próximo e urgente como uma buzina em meio à neblina, uma fração de segundo antes do choque final.

Carl fez menção de puxar uma nota do bolso da calça... O

comandante estava em pé contra um vasto painel de armários de ferro. Olhou para Carl, com olhos apagados de animal doente, agonizante por dentro, enquanto o medo desesperado refletia o rosto da morte. Entre o aroma das flores, uma nota meio fora do bolso, a fraqueza atingiu Carl, cortando sua respiração e paralisando a circulação do sangue. Ele se encontrava num grande cone que girava, caindo em direção a um ponto cego.

— Terapia química? — O grito brotou de sua carne e atravessou desertas salas e barracas de depósitos, bolorentos hotéis de veraneio e espectrais corredores povoados de tosse dos sanatórios de tuberculose, o cheiro de água de lavagem dos cortiços e asilos de velhos que lembra um murmúrio áspero e cinzento, os enormes e empoeirados depósitos da alfândega, pórticos quebrados e sujos arabescos de mictórios de ferro gastos pela urina de milhões de veados, banheiros públicos desertos e cheios de capim com um cheiro bolorento de merda voltando ao solo, *fallus erectus* de madeira sobre túmulos de moribundos chorosos como folhas ao vento; e cruzou o rio pardo onde árvores inteiras flutuam com serpentes verdes nos galhos, e lêmures de olhos tristes olham a costa que se estende em vasta planície (as asas dos urubus se agitam no ar seco). O caminho está semeado de camisas-de-vênus rompidas e cápsulas vazias de heroína e tubos de K. Y. espremidos, como um monte de ossos no sol de verão.

— *Minha mobília.* — A face do comandante ardeu como metal num *flash* de urgência. Seus olhos se apagaram. Um sopro de ozônio flutuou pelo quarto. Num canto, a *novia* resmungou sobre suas velas e altares.

— É tudo *trak...* moderno, excelente... — ele balança a cabeça,

babando como um idiota. Um gato amarelo puxa a perna da calça de Carl e corre pelo balcão de concreto. Nuvens passam, erráticas.

— Poderia recuperar meu capital. E começar um negocinho em algum lugar. — Balança a cabeça e ri, como um brinquedo mecânico.

— Joselito!!! — Os garotos levantam os olhos do futebol de rua, das *plazas* de touradas e corridas de bicicletas, enquanto o nome assobiado lentamente se perde na distância.

— Joselito!... Paco!... Pepe!... — Enrique!... — Os gritos plangentes dos garotos se perdem na noite quente. O letreiro com a palavra “*trak*” balança como um animal noturno e estala em flamas azuis.

A carne negra

— A gente amigos, não é?

O pequeno engraxate estampou seu sorriso malandro e fitou os olhos mortos, frios e submersos do Marinheiro, olhos sem rastros de calor, volúpia ou ódio, ou de qualquer sentimento que o garoto jamais tivesse experimentado ou visto em outros, ao mesmo tempo frios e intensos, impessoais e predatórios.

O Marinheiro se inclinou para a frente e pôs o dedo na parte interna do braço do garoto, na altura do cotovelo. E disse em seu murmúrio amortecido de drogado:

— Com essas veias, menino, eu faria uma festa!

E riu um riso negro de inseto, que parecia cumprir certa obscura função orientadora, como os guinchos do morcego. O Marinheiro riu três vezes. Depois, parou de rir e ficou imóvel, ouvindo sua própria voz interna. Havia sintonizado a frequência silenciosa da droga. Seu rosto se alisou como cera amarela sobre as altas bochechas. Esperou que se consumisse meio cigarro. O Marinheiro sabia esperar. Mas seus olhos ardiam com um apetite seco e maligno. Virou o rosto de controlada urgência em lento meio giro, até enquadrar o homem que

acabara de entrar. “Fats” Terminal sentou-se frente a uma mesa e varreu o café com olhos inexpressivos, que pareciam periscópios. Quando seus olhos enfocaram o Marinheiro, fez um lento gesto com a cabeça. Só os nervos expostos pela fissura da droga poderiam ter registrado o movimento.

O Marinheiro deu uma moeda ao garoto. Foi até a mesa de Fats com seu andar flutuante e sentou-se. Ficaram muito tempo sentados, em silêncio. O café fora construído num dos lados de uma rampa de pedra, ao fundo de um alto *canyon* de alvenaria. Rostos vindos da Cidade passavam, silenciosos como peixes, manchados por vícios infames, lascívia de inseto. O café iluminado lembrava um sino submerso, com o cabo cortado, assentando-se em sombrias profundezas.

O Marinheiro estava polindo as unhas na lapela de seu temo xadrez justo. Assobiava uma música por entre os dentes amarelos e brilhantes.

Quando se movia, um eflúvio de húmus se desprendia de suas roupas, um odor mofado de depósitos desertos. Estudava suas unhas com fosforescente intensidade.

— Estamos bem aqui, Fats. Posso entregar vinte. Mas preciso, claro, de um adiantamento.

— Em espécie?

— Não tenho os vinte no meu bolso. Mas estou lhe dizendo: é coisa fina. É só apanhar. — O Marinheiro olhou as unhas como se estivesse estudando um mapa. — Você sabe que eu não falho.

— Deixe por trinta. Com um adiantamento de dez. Amanhã, neste mesmo horário.

— Fats, estou precisando do bagulho agora.

— Dê uma voltinha, vou arranjá-lo para você.

O Marinheiro afastou-se até a praça. Um garoto de rua aproximava um jornal do rosto do Marinheiro para cobrir sua mão, colocada sobre a caneta dele. O Marinheiro continuou em frente. Tirou a caneta e quebrou-a como a uma noz, com seus dedos grossos, fibrosos e rosados. Tirou o recipiente de carga. Cortou uma das pontas do tubinho com uma faquinha curva. Uma névoa escura brotou do pequeno tubo e parou suspensa no ar, como uma pele fervente. O rosto do Marinheiro se dissolveu. Sua boca ondulou para a frente, formando um tubo comprido, e sugou a substância negra, vibrando em peristalses supersônicas e desaparecendo numa explosão silenciosa e rosada. Seu rosto entrou em foco de novo, insuportavelmente nítido e claro, e a ardente marca amarela da droga queimava as nádegas cinzentas de um milhão de drogados aos berros.

“Essa vai durar um mês”, decidiu ele, consultando um espelho invisível.

Todas as ruas da Cidade descem por entre vales cada vez mais profundos e desembocam em uma enorme praça escura em forma de rim. As paredes da rua e da praça são perfuradas por cubículos habitados e cafés, alguns com poucos metros de profundidade, outros estendendo-se a perder de vista numa rede de quartos e corredores.

Em todos os níveis, um emaranhado de pontes, caminhos de gato e linhas de bonde. Jovens catatônicos vestidos de mulher em camisolas de serapilheira e farrapos sujos, com rostos fortes e

toscamente pintados em cores vivas, sobre camadas de marcas e arabescos de cicatrizes abertas e supuradas que chegam até os ossos opalinos, empurram-se de encontro aos transeuntes com repetida e silenciosa insistência.

Traficantes da Carne Negra, a carne da gigante e escura centopéia aquática — que às vezes atinge um comprimento de mais de dois metros —, encontrada num beco de pedras negras e iridescentes lagoas pardas, exibem crustáceos paralisados nos bolsos camuflados da praça, visíveis apenas para os Comedores da Carne.

Adeptos de ofícios obsoletos e inconcebíveis balbuciam em etrusco, viciados em drogas ainda não sintetizadas, traficantes do mercado negro na Terceira Guerra Mundial, praticantes de sensibilização telepática, osteopatas do espírito, investigadores de infrações denunciadas por suaves jogadores de xadrez paranóides, servidores de muitas fragmentárias escritas em hebefrênica taquigrafia que acusa indescritíveis mutilações do espírito, funcionários de Estados policiais ainda não constituídos, corretores de sonhos estranhos e nostalgias, testadas nas células sensibilizadas da doença da droga e trocadas pela matéria-prima da vontade, bebedores do Fluido Pesado lacrado no translúcido âmbar dos sonhos.

O Café de Encontro ocupa um lado da praça, um labirinto de cozinhas, restaurantes, cubículos para dormir, perigosas sacadas de ferro e sótãos que se abrem para quartos de banho subterrâneos.

Em bancos cobertos de branco cetim, sentam-se, nus, os *mugwumps*, que bebem translúcidos xaropes coloridos em canudos de alabastro. Os *mugwumps* não têm fígado e se alimentam

exclusivamente de doces. Seus lábios finos, azul-púrpura, cobrem um bico de osso negro afiado como uma navalha, com o qual às vezes se fazem em pedaços nas lutas por clientes. Essas criaturas secretam de seus pênis erectos um fluido que vicia e prolonga a vida, desacelerando o metabolismo. (De fato, todos os agentes de longevidade criam dependência, na proporção exata de sua eficácia para prolongar a vida.) Os viciados do fluido dos *mugwumps* são conhecidos como Répteis. Alguns deles escorrem pelas cadeiras com seus ossos flexíveis e sua carne negra e rosada. De trás de cada orelha brota um abanico de cartilagem verde, coberta de ocos pêlos erécteis pelos quais os Répteis absorvem o fluido. Esses abanicos, que se movem de tempos em tempos tocados por correntes invisíveis, servem também para estabelecer uma forma de comunicação conhecida apenas pelos Répteis.

Durante os Pânicos bienais, quando a tosca e desolada Polícia do Sonho toma de assalto a Cidade, os *mugwumps* refugiam-se nas fendas mais profundas das paredes, enclausurando-se em cubículos de barro, e durante semanas permanecem em estado de bióstase. Durante esses dias de terror cinzento, os Répteis se arremessam para todos os lados, cada vez mais rápidos, berram uns para os outros quando se cruzam numa velocidade supersônica, e seus crânios flexíveis golpeiam ventos negros de agonia animal.

A Polícia do Sonho desintegra-se em bolhas de ectoplasma podre, varridas por um velho drogado que tosse e cospe na manhã doente. O Homem Mugwump surge com jarras de alabastro cheias do fluido, e os Répteis se abrandam.

O ar aparece outra vez claro e parado como glicerina.

O Marinheiro localizou seu Réptil. Dirigiu-se até ele e pediu um xarope verde. O Réptil tinha uma boquinha redonda em forma de disco, de cartilagem parda, inexpressivos olhos verdes, quase cobertos por uma delgada membrana de pálpebra. O Marinheiro esperou uma hora até que a criatura percebesse sua presença.

— Algum bagulho pro Fats? — perguntou ele, e suas palavras estremeceram os pêlos do abanico do Réptil.

O Réptil precisou de duas horas para levantar três dedos róseos e transparentes, cobertos de uma substância negra.

Vários Comedores da Carne jazem em meio ao vômito, fracos demais para se mover. (A Carne Negra é como queijo estragado, excepcionalmente deliciosa e nauseante, de modo que os comedores ingerem-na, vomitam-na e novamente a comem, até caírem exaustos.)

Um jovem pintado deslizou para dentro e pegou uma das grandes garras negras, das quais se desprendia o odor doce e doentio que impregnava o café.

Hospital

Notas sobre a desintoxicação. Paranóia da retirada súbita da droga. Tudo parece azul... Carne morta, pastosa, sem tonalidade.

Pesadelos provocados pela abstinência. Um café revestido de espelhos... Vazio... Esperando alguma coisa... Um homem surge pela porta lateral... Um árabe magro e baixo, vestido de *jellaba* pardo, barba cinzenta e rosto cinzento... Na mão, tenho um recipiente de ácido fervente... Sou tomado pela convulsão da urgência, atiro o recipiente no rosto dele...

Todo mundo tem aparência de viciado...

Dou uma volta no pátio do hospital... Na minha ausência, alguém usou minha tesoura, está manchada com uma coisa pegajosa, e vermelho-escura... Sem dúvida, aquela cadela da criada aparou seus pentelhos...

Europeus de horrível aparência sobem escadas e interceptam a enfermeira no momento em que preciso do remédio, mijam na pia enquanto me lavo, ocupam as privadas horas sem fim — provavelmente pescando uma bolsinha de diamantes que guardaram no rabo...

Na verdade, todo o clã dos europeus mudou-se para o quarto vizinho... A velha mãe está sendo operada, e sua filha chega para verificar se a velha vagina está recebendo um tratamento decente. Estranhos visitantes, possivelmente parentes... Um deles usa no lugar dos óculos esses artefatos que os joalheiros põem nos olhos para examinar pedras... Provavelmente, é um cortador de diamantes em desgraça... O homem que arruinou o Diamante de Throckmorton e foi expulso da indústria... Todos esses joalheiros parados em volta do Diamante, de sobrecasaca, à espera do Homem. Um erro de um centésimo de milímetro arruina completamente a pedra, e eles têm que importar essa personagem especialmente de Amsterdam para fazer o trabalho... De modo que ele aparece cambaleando, caindo de bêbado, com um enorme martelo pneumático, e pulveriza o diamante de um golpe só...

Não identifico esses cidadãos... vendedores de droga de Alepo?... Traficantes de prematuros de Buenos Aires? Contrabandistas de diamantes de Johannesburg?... Traficantes de escravas da Somália? No pior dos casos, colaboradores...

Sonhos contínuos de droga. Estou procurando um campo de papoulas... Fabricantes clandestinos de bebida com seus chapéus Stetson negros me levam até um café do Oriente Próximo... Um dos garçons é um contato para se obter ópio da Iugoslávia...

Compro um pacote de heroína de uma malaia lésbica vestida com uma capa branca e um cinto... Pego o papelote na seção tibetana de um museu. Ela tenta roubá-lo de volta... Estou procurando um lugar para aplicar...

O ponto crítico da suspensão da droga não é a fase inicial da

necessidade aguda, mas sim os últimos passos, quando já se está liberado do meio da droga... Há um intervalo de pesadelo, de pânico celular, a vida suspensa entre dois modos de ser... Nesse ponto, o desejo pela droga se concentra num *yen* total, último e definitivo, que ganha poderes de sonho: as circunstâncias colocam a droga no nosso caminho... A gente encontra um viciado dos velhos tempos, ou um enfermeiro de hospital que rouba a droga, ou um “açougueiro” disposto a assinar uma receita...

Um guarda de uniforme de pele humana, jaqueta de pele preta com botões de dentes amarelos e cariados, uma camisa elástica de cobre indiano polido, calças de adolescente nórdico bronzeado, sandálias de jovem camponês malaio com as plantas dos pés calejadas, um cachecol pardo-cinza enrolado e enfiado dentro da camisa. (Pardo-cinza é uma cor parecida com o cinzento *sob* a pele parda. Às vezes, é encontrada em mestiços de brancos e negros, quando a mistura não funcionou e as cores se separam como azeite na água...)

O Guarda gosta de se vestir bem, já que não tem nada para fazer, economiza todo o seu ordenado para comprar roupas finas e troca de roupa três vezes ao dia diante de um enorme espelho que lhe amplia a imagem. Tem um bonito e simpático rosto latino, com um bigode fino como traçado a lápis, olhinhos negros, inexpressivos, olhos ambiciosos de inseto que não sonha.

Quando chego à fronteira, o Guarda corre para fora de sua guarita com um espelho em moldura de madeira pendurado no pescoço. E ele tenta tirar o espelho do pescoço... Nunca aconteceu antes que alguém alcançasse a fronteira. O Guarda machucou a

laringe ao tirar a moldura do espelho... Perdeu a voz... Abre a boca, pode-se ver lá dentro a língua que pula para cima e para baixo. O rosto juvenil, pálido e liso, e a boca aberta com a língua que se move são incrivelmente repugnantes. O Guarda levanta a mão. Todo o seu corpo estremece em uma convulsiva negação. Eu avanço e desengancho a corrente que fechava a estrada. Ela cai com um ruído de metal sobre pedra. Passo para o outro lado. O Guarda permanece em pé, olhando para mim em meio à neblina. Logo engancha novamente a corrente, volta para a guarita e começa a aparar o bigode.

Trazem o assim chamado almoço... Um ovo cozido sem a casca, e que se revela um objeto como nunca vi antes... Um ovo bem pequeno, de cor pardo-amarelada... Posto talvez por um *platypus* de bico de pato. A laranja contém um enorme verme, e pouca coisa além disso... Realmente, ele chegou primeiro e levou a melhor... No Egito há um verme que entra nos rins e cresce até alcançar um tamanho enorme. E no final o rim não passa de uma fina casca ao redor do verme. Os *gourmets* corajosos consideram que a carne do verme é um dos pratos mais refinados que existem. Dizem que tem um paladar indescritível... Um juiz interdistrital, conhecido como Autopsy Ahmed, fez fortuna traficando o verme.

A escola francesa fica em frente à minha janela, e eu observo os garotos com meu binóculo de grande aumento... Tão perto que poderia esticar a mão e tocá-los... Usam calções... Posso ver os poros arrepiados de suas pernas nas manhãs frias de primavera... Eu me projeto por dentro do binóculo e atravesso a rua — um fantasma sob a luz da manha, dilacerado por incorpórea lascívia.

Já lhe contei sobre aquela vez em que Marv e eu pagamos sessenta *cents* a dois garotos só para ver eles meterem um no outro? Perguntei então a Marv: — Você acha que eles topam?

E ele disse: — Acho que sim. Eles têm fome.

E eu disse: — É assim que eu gosto de ver.

Isso faz com que eu me sinta um velho nojento, mas *son cosas de la vida*, como disse Soberba de la Flor quando os tiras o repreenderam por ter liquidado aquela vagina, levando depois o cadáver para o Bar O Motel e fodendo-o...

— Ela estava se fazendo de difícil — disse ele. — Não sou obrigado a agüentar aquele barulho todo. — (Soberba de la Flor era um criminoso mexicano condenado por vários assassinatos absurdos.)

O banheiro esteve trancado três horas... Acho que o estão usando como sala de operações...

ENFERMEIRA: — Não consigo achar o pulso, doutor.

DR. BENWAY: — Talvez esteja dentro do cu dela, numa dedeira.

ENFERMEIRA: — Adrenalina, doutor?

DR. BENWAY: — O vigia injetou-a toda para poder curtir. — Ele olha em volta e pega uma daquelas ventosas de borracha, de cabo de madeira, que se usa para desentupir privada... Avança para a paciente... — Faça a incisão, dr. Limpf — diz ele a seu atônito assistente. — Vou massagear o coração.

O dr. Limpf dá de ombros e começa a fazer a incisão. O dr. Benway lava o desentupidor, agitando-o dentro da privada...

ENFERMEIRA: — Não devia ser esterilizado, doutor?

DR. BENWAY: — Naturalmente, mas não temos tempo. — Ele se senta sobre o desentupidor como num banquinho, e observa o assistente fazer a incisão. — Vocês, seus seringas recém-formados, não conseguem lancetar nem uma espinha sem bisturi elétrico com drenagem automática e sutura... Daqui a pouco, estaremos operando por controle remoto sem sequer ver o paciente... Seremos nada mais do que apertadores de botões. A perícia pessoal está desaparecendo da cirurgia... Toda a destreza e a capacidade técnica... Já lhe contei sobre aquela vez em que eu executei uma apendicectomia com uma lata de sardinha enferrujada? E sobre outra vez em que me vi sem a valise de instrumentos e extraí um tumor uterino com os dentes? Mas essa foi no Alto Effendi, além disso...

DR. LIMPF: — A incisão está pronta, doutor...

O dr. Benway enfia o desentupidor na incisão e força-o para cima e para baixo. O sangue espirra nos médicos, na enfermeira e nas paredes... O desentupidor faz um horrível ruído de sucção.

ENFERMEIRA: — Acho que ela bateu as botas, doutor.

DR. BENWAY: — Bem, são os ossos do ofício. — Atravessa a sala até o armário de remédios. — Algum viciado filho da mãe “batizou” minha cocaína com talco! Enfermeira! Mande o garoto aviar essa receita em dobro!

O dr. Benway está operando num auditório cheio de estudantes: — Olhem bem, rapazes, vocês não verão uma operação como essa ser executada com muita frequência, e existe uma razão para isso... Como vocês vêem, ela não tem absolutamente nenhum valor médico. Ninguém sabe seu objetivo inicial, se é que tinha algum.

Pessoalmente, acho que desde o princípio foi uma criação puramente artística.

Da mesma maneira que um toureiro, com sua habilidade e conhecimento, livra-se dos perigos que ele mesmo provocou, nesta operação o cirurgião coloca o paciente deliberadamente em perigo, e depois, com incrível rapidez e precisão, salva-o da morte no último décimo de segundo... Algum de vocês já viu o dr. Tetrzzini representar? Digo “representar” de propósito, pois suas operações são verdadeiros espetáculos. Ele começava atirando um bisturi pela sala com o objetivo de cravá-lo no paciente, e em seguida entrava em cena, como um bailarino. Sua velocidade era impressionante. “Não lhes dou tempo para morrer”, dizia. Os tumores provocavam nele uma cólera frenética. “Essas malditas células indisciplinadas!”, rosnava, avançando para o tumor como um espadachim.

Um jovem desce de um pulo no palco de operações e avança para o paciente com um bisturi na mão.

DR. BENWAY: — Um espontâneo! Detenham-no antes que ele estripe meu paciente!

(“Espontâneo” é um termo de touradas para designar o espectador que salta na arena, arranca uma capa que trazia escondida e tenta uns poucos passos com o touro, antes de ser arrastado para fora da arena.)

Os enfermeiros lutam com o espontâneo e finalmente conseguem expulsá-lo da sala. O anestesista aproveita a confusão para extrair uma enorme obturação de ouro da boca do paciente...

Estou passando pela sala 10, da qual me expulsaram ontem... Um caso de maternidade, acredito. Urinóis cheios de sangue, toalhas

higiênicas e inomináveis substâncias femininas, suficientes para poluir um continente... Se alguém vier me visitar no quarto antigo, vai pensar que dei à luz um monstro e que o Departamento de Estado está tentando ocultar o fato...

Música de *I am an American*... Vê-se um ancião de calças listradas e casaca de diplomata sobre uma plataforma ornamentada com a bandeira norte-americana. Um tenor decadente, de espartilho — irrompendo de um traje de Daniel Boone — canta o *Star spangled banner*^[16], acompanhado por uma orquestra completa. Canta com um leve cicio...

O DIPLOMATA (lendo um enorme rolo de fita telex que aumenta sucessivamente e se enrola em seus pés): — E negamos categoricamente que *qualquer* cidadão macho dos Estados Unidos da América...

TENOR: — “*Oh thay can you thee...*” — A voz se quebra e se eleva num falsete agudo.

Na sala de controle, o técnico prepara bicarbonato de sódio e vomita na própria mão: — Esse maldito tenor é um artista marrom! — resmunga ele amargamente. — Microfone! Hummf! — o grito termina num espasmo. — Tirem essa bicha louca do ar; bilhete azul para ele! Está despedido agora mesmo... Coloquem em seu lugar aquela atleta invertida, Liz... Pelo menos ela é tenor profissional... O *figurino*? Como posso saber, porra? Não sou um desenhista fresco do departamento de roupas! *O que é isso?* O departamento de roupas fechado por medidas de segurança? E eu, sou um polvo, por acaso? Vamos ver... Que tal uma roupa de índio? Pocahontas ou Hiawatha?... Não, não dá certo. Alguns cidadãos bancam os gaiatos,

dizendo que temos de devolver tudo para os índios... Um uniforme da Guerra Civil, casaco do norte e calças do sul, para mostrar que eles se uniram novamente? Ela pode vir vestida de Buffalo Bill ou de Paul Revere, do contrário esse cidadão não vai desistir da merda, quero dizer, do barco, ou vestida de fuzileiro ou de Soldado Desconhecido... É o melhor negócio. Cubra-a com um monumento, assim ninguém precisará olhar para ela...

A Lésbica, escondida num Arco do Triunfo de *papier mâché*, enche seus enormes pulmões e solta um tremendo balido.

— *“Oh, say do that Star Spangled Banner yet wave...”*

Um grande rombo se abre no Arco do Triunfo de cima a baixo. O Diplomata leva a mão à testa...

DIPLOMATA: — Que algum cidadão macho dos Estados Unidos tenha dado à luz na Interzona ou em qualquer outro lugar...

— *“O’er the land of FREEEEEE..”*

A boca do diplomata se move, mas ninguém consegue ouvi-lo. O técnico leva as mãos às orelhas: — Mãe de Deus! — grita ele. Sua dentadura começa a vibrar como uma harpa de judeu, e de repente salta-lhe da boca... Ele tenta abocanhá-la, irritado, não o consegue e tapa a boca com uma das mãos.

O Arco do Triunfo desaba estrepitosamente, fendendo-se e despedaçando-se, e revela a Lésbica de pé sobre um pedestal, vestida apenas com um biquíni de pele de leopardo com enormes seios postiços... Lá está ela, sorrindo estupidamente e flexionando seus enormes músculos... O técnico se arrasta pelo chão da sala de controle à procura de sua dentadura, berrando ordens ininteligíveis: — *Ixo é xuperxônico!! Xira ixo u ar!!*

DIPLOMATA (seca o suor da testa): — Que alguma criatura de qualquer tipo ou descrição...

— *“And the home of the brave.”*

O rosto do Diplomata está cinzento. Ele cambaleia, tropeça em seu discurso, verga-se sobre a balaustrada, o sangue transborda de seus olhos, nariz, boca — morrendo de hemorragia cerebral.

DIPLOMATA (quase inaudível): — O Departamento nega... antinorte-americano... Foi destruído... Quer dizer, nunca foi... Categor... — *E morre.*

Na Sala de Controle, os painéis de instrumentos explodem... O técnico nu, com o corpo enegrecido pelas queimaduras, cambaleia como uma personagem do *Götterdämmerung*^[17] e berra: — *É xuperxônico! ‘Ora xu ar!* — Um estalido final reduz o técnico a um pedaço de carvão.

*“Gave proof through the night
That our flag was still there...”*

Notas sobre o vício. Estou injetando Eukodol a cada duas horas. Há um lugar onde posso deslizar a agulha direto para dentro da veia; fica aberto como uma boca vermelha e ulcerosa, inchada e obscena, e depois da injeção surge uma lenta gota de sangue e pus...

O Eukodol é uma variação química da codeína — diidroxicodeína.

É um barato que se parece mais com cocaína do que com morfina... Quando se injeta coca na veia principal, sente-se uma onda de puro prazer na cabeça... Dez minutos mais tarde, a gente

quer outro pico... O prazer da morfina se localiza nas vísceras... A gente se escuta por dentro, depois de se picar. Mas a cocaína intravenosa é eletricidade através do cérebro, ativando as conexões de prazer da coca... Não há síndrome de abstinência com a cocaína. É uma necessidade apenas do cérebro — uma necessidade sem corpo nem sentimento. A necessidade de um fantasma drogado voltando à terra. A “fissura” da cocaína dura apenas algumas horas, enquanto os canais da coca estão estimulados. Depois, a gente esquece. O Eukodol é como uma combinação de opiáceo e cocaína. Podemos confiar nos alemães quando se trata de inventar uma merda realmente ruim. O Eukodol, como a morfina, é seis vezes mais forte que a codeína. A heroína, seis vezes mais forte que a morfina. E a diidroxiheroína deve ser seis vezes mais forte que a heroína. É bem possível desenvolver uma droga tão viciante, que uma só injeção provocaria a dependência por toda a vida.

Continuação das notas sobre o vício. Pego a agulha e estendo sem pensar a mão esquerda para a corda que uso como garrote. Interpreto isso como um sinal de que posso injetar na única veia utilizável do braço esquerdo. (Os movimentos para amarrar o garrote fazem com que a gente normalmente amarre o braço que pegou a corda.) A agulha escorrega facilmente pela beira do calo. Sinto a superfície à sua volta. De repente, uma fina coluna de sangue sobe na seringa, por um instante sólida e nítida como um fio vermelho.

O corpo sabe quais veias podem ser picadas, e transmite esse conhecimento nos movimentos espontâneos que a gente faz para preparar a injeção... Às vezes, a agulha aponta como uma vara de rabdomante. Outras, é preciso esperar a mensagem. E quando chega,

sempre se bate em sangue.

No fundo da seringa abriu-se uma orquídea vermelha. Ele hesitou por um segundo, depois pressionou o êmbolo, observando o líquido correr para dentro da veia como sugado pela sede silenciosa do sangue. Na seringa fica uma fina e iridescente camada de sangue, e a beirada do papel branco está ensopada de sangue como uma bandagem. Estendeu a mão e encheu a seringa de água. Ao esguichar a água, acertou seu próprio estômago, um impacto doce e suave.

Olho para minhas calças imundas, há meses que não as troco... Os dias deslizam amarrados à seringa como um comprido fio de sangue... Estou esquecendo o sexo e todos os prazeres fortes do corpo — um fantasma cinzento ligado na droga. Os garotos espanhóis me chamam de El Hombre Invisible...

Vinte flexões toda manhã. O uso da droga elimina a gordura, deixa os músculos mais ou menos intactos. O viciado necessita de menos tecido... Seria possível isolar a molécula antigordura da droga?

Cada vez mais parado na *drugstore*, murmúrios de controle como um telefone fora do gancho... Levei o dia todo até as oito da noite para conseguir duas caixas de Eukodol...

Estou ficando sem veias nem dinheiro.

Continuo meio torto. Na noite passada acordei com alguém que beliscava minha mão. Era minha outra mão... Durmo lendo, e as palavras adquirem sentido em código... Obcecado com os códigos...

O Homem contrai uma série de enfermidades que expressam uma mensagem em código...

Tomo um pico na frente de D. L. Cato uma veia no meu pé sujo e descalço... Os drogados não têm vergonha... São impermeáveis à repugnância dos outros. É improvável que possa existir vergonha na ausência da libido... O viciado perde a vergonha juntamente com sua sociabilidade não-sexual, que também depende da libido... O viciado considera seu próprio corpo de maneira impessoal, como um instrumento destinado a absorver o meio no qual vive, e avalia sua carne com as frias mãos de um vendedor de cavalos. — Não adianta tentar picar aqui. — Olhos de peixe morto piscando exploram a veia destroçada.

Estou usando um novo tipo de pílula para dormir, chamada Soneryl... A gente não se sente com sono... Passa-se a ele sem transição, cai-se abruptamente no meio de um sonho... Estou há anos num campo de prisioneiros sofrendo de subnutrição...

O presidente é um viciado, mas não pode usar a droga abertamente, por causa de sua posição. Então, ele se pica através de mim... De tempos em tempos, entramos em contato e eu o recarrego. Para o eventual observador, esses contatos parecem práticas homossexuais, mas a excitação real não é principalmente sexual, e atinge-se o clímax com a separação, quando se completa a operação de recarga. Os pênis eretos entram em contato — pelo menos usávamos esse método no princípio —, mas pontos de contato, como as veias, se gastam. Agora, volta e meia, tenho de escorregar meu pênis sob sua pálpebra esquerda. É lógico, posso sempre picá-lo com uma Recarga por Osmose, que corresponderia a uma injeção intradérmica, mas isso implicaria admitir a derrota. Uma R. O. deixa

o presidente de mau humor durante semanas, e poderia precipitar uma catástrofe atômica. E o presidente paga um alto preço por seu Vício Oblíquo. Perdeu todo o controle, e agora se mostra dependente como um bebê não nascido. O Viciado Oblíquo sofre de um espectro completo de horrores subjetivos, silenciosos frenesis protoplásmicos, atroz agonia nos ossos. As tensões se acumulam, uma energia pura sem conteúdo emocional atravessa o corpo, atirando-o para todo lado, como um homem em contato com um fio de alta tensão. Se se suspende seu contato de recarga, o Viciado Oblíquo cai de repente em convulsões elétricas, tão violentas que seus ossos se desprendem, e ele morre com o esqueleto tentando saltar da carne insuportável para correr em linha reta até o cemitério mais próximo.

A relação entre um V. O. (Viciado Oblíquo) e um C. R. (Contato por Recarga) é tão intensa, que cada um deles só consegue suportar a companhia do outro por breves e infreqüentes intervalos — isso sem contar os encontros de recarga, quando todo contato pessoal é eclipsado pelo processo da recarga.

Leio o jornal... Alguma coisa sobre um triplo assassinato na Rue de la Merde, Paris: “Um ajuste de contas”... Passo para outra folha... “A polícia identificou o autor... Pepe El Culito... O Cuzinho, um diminutivo afetuoso.” Será que está escrito isso mesmo? Tento focalizar as palavras... mas elas se separam em mosaicos sem sentido...

Lázaro volta para casa

Remexendo as fitas semi-apagadas na fronteira, uma lânguida área cinzenta de vazios miasmáticos com bocejos e buracos na pele, Lee descobriu que o jovem viciado ali no seu quarto às dez da manhã voltava de dois meses de mergulho na Córsega, sem nada de droga...

“Veio aqui pra exibir seu novo corpo”, pensou Lee, com o tremor da necessidade matutina da droga. Sabia o que estava vendo — ah, sim, *Miguel*, obrigado —, três meses antes sentado no Metropole e cabeceando sobre um mil-folhas azedo que envenenaria um gato duas horas depois; chegou à conclusão de que o esforço necessário para ver Miguel às dez horas da manhã já era o bastante sem a insuportável tarefa de corrigir um erro (“isso aqui é uma casa de campo, porra!”), o que perpetuaria a imagem atual de Miguel, em áreas muito utilizadas como aquela besta de objeto, grande e inconveniente, colocado ali em cima da mala.

— Você está ótimo — disse Lee, borrando os sinais mais óbvios de chateação com um sujo e casual guardanapo, enquanto contemplava a cinzenta infusão da droga no rosto de Miguel e estudava os detalhes da miséria, como se o homem e suas roupas tivessem andado durante anos pelos becos do tempo, sem nunca

uma estação espacial para refrescar...

Além disso, no momento em que podia corrigir o erro... Lázaro volta para casa... Paga o Homem e volta para casa... Para que quero ver tua velha carne emprestada?

— Bem, gostei de saber que você largou... Fez um favor a você mesmo. — Miguel nadava pelo quarto e pescava peixes com a mão...

— Quando a gente está lá embaixo, nunca pensa em herô.

— Você está melhor assim — disse Lee, acariciando em sonhos uma cicatriz de agulha nas costas da mão de Miguel, seguindo linhas curvas e cruzadas de suave carne purpúrea num movimento lento e circular...

Miguel coçou as costas da mão... Olhou pela janela... Moveu um pouco o corpo em galvanizadas convulsões, à medida que se acendiam os canais da droga... Lee, sentado, esperava.

— Uma dose só não vai trazer ninguém de volta para o vício, garoto.

— Sei o que estou fazendo.

— Todos sabem, sempre.

Miguel pegou a lima de unha.

Lee fechou os olhos. — É muito cansativo.

— Hum, obrigado, foi jóia. As calças de Miguel caíram até os joelhos. Assim ele permaneceu, envolto num disforme sobretudo de carne que passava do pardo ao verde e logo se fazia incolor na luz matutina, caindo em partículas pelo chão.

Os olhos de Lee moviam-se na substância de seu rosto... em

pequenas chicotadas cinzentas e frias... — Limpe isso — disse ele. — Já está muito sujo...

— Hum, claro. — Miguel foi buscar uma pá.

Lee afastou o pacote de heroína.

Lee vivia num permanente barato de terceiro dia, naturalmente com certos intervalos, necessários para reabastecer os fogos que ardiam em sua substância gelatinosa-amarela-rósea-e-parda e que impediam que se acumulasse a carne provisória. No princípio, sua carne era simplesmente macia, tão macia que se cortava até os ossos ao contato com partículas de poeira, correntes de ar e sobretudo roçando, ao passo que o contato direto com portas e cadeiras aparentemente não provocava nele nenhum desconforto. Ferida nenhuma cicatrizava nessa carne macia e provisória... Longas e brancas trepadeiras de fungos enrolavam-se em seus ossos nus. Odores de mofo de testículos atrofiados envolviam seu corpo numa neblina de poeira cinzenta.

Durante a primeira infecção grave, o termômetro fervendo desferiu uma bala de mercúrio no cérebro da enfermeira, que caiu morta num grito dilacerado. O doutor deu uma olhada, e de um golpe fechou as portas de aço da sobrevivência. Ordenou que a cama ardente e seu ocupante fossem imediatamente expulsos do recinto do hospital.

— Creio que ele consegue fabricar sua própria penicilina! — rosnou o doutor.

Mas a infecção consumira o mofo... Lee vivia agora em variados graus de transparência. Embora não fosse exatamente invisível, era, no mínimo, difícil vê-lo. Sua presença não despertava nenhuma

atenção especial... As pessoas cobriam-no com suas próprias projeções, ou o desfaziam como a um reflexo, uma sombra: “Algum tipo de truque de luz ou anúncio de neon”.

Lee sentiu então os primeiros tremores sísmicos da Velha e Fiel Queimadura Fria. Empurrou o espírito de Miguel até o vestíbulo com um tentáculo suave e firme.

— Meu Deus! — disse Miguel. — Preciso ir. — E saiu correndo.

Chamas rosa de histamina jorravam do núcleo brilhante de Lee e cobriam sua periferia em carne viva. (A sala era à prova de fogo, e as paredes de ferro, salpicadas de crateras lunares.) Ele tomou um grande pico e modificou seus planos.

Decidiu visitar um colega, N. G. Joe, que se viciou durante um ataque de *bang-utot*, em Honolulu.

(Nota: *bang-utot*, literalmente, “tentando levantar-se e gemer...” A morte sobrevem durante um pesadelo... Ocorre com homens originários do sudeste da Ásia... Em Manilha, cerca de doze casos de morte por *bang-utot* são registrados anualmente.)

Um homem que conseguiu se recuperar disse que “um homenzinho” estava sentado em cima do seu peito e o estrangulava.

As vítimas freqüentemente sabem que vão morrer, e expressam o medo de que seus pênis entrem nelas mesmas e as matem. Às vezes, elas se agarram em seus pênis em estado de ululante histeria, enquanto pedem socorro aos outros para que seus pênis não escapem e perfurem seu corpo. Ereções, tais como normalmente ocorrem durante o sono, são consideradas especialmente perigosas, podendo provocar um ataque fatal... Um homem inventou um aparelho tipo Rube Goldberg para evitar ereções noturnas. Mas ele

mesmo morreu de *bang-utot*.

Autópsias cuidadosas em vítimas de *bang-utot* revelaram não haver razão orgânica para a morte. Há freqüentes sinais de estrangulamento — de causa ignorada —, às vezes ligeiras hemorragias do pâncreas e pulmões, insuficientes para provocar a morte e também de origem desconhecida. Ocorreu ao autor que a causa da morte é um deslocamento da energia sexual que resulta numa ereção do pulmão, com o conseqüente estrangulamento... (Ver o artigo de Nils Larsen, M.D., “O homem com o sonho fatal”, no *Saturday Evening Post*, de 3 de dezembro de 1955. Ver também o artigo de Erle Stanley Gardner na *True Magazine*.)

N. G. vivia num medo constante de sofrer uma ereção, e por isso seu vício crescia e crescia. (Nota: é fato bem conhecido, notoriamente estúpido e velho, que qualquer pessoa que se vicia por causa de um defeito se confrontará, durante os períodos de escassez ou de privação — festa demais, sabe cumé? —, com uma conta aumentada com itens falsos, que cresce e prolifera em progressão geométrica.)

Um elétrodo ligado a um dos testículos brilhou brevemente, e N. G. acordou com o cheiro de carne queimada e estendeu a mão procurando uma seringa cheia. Rolou em posição fetal e introduziu a agulha na coluna vertebral. Retirou a agulha com um breve suspiro de prazer, e descobriu que Lee estava no quarto. Um longo fio ondulou do olho direito de Lee e escreveu na parede, com gosma iridescente: “O Marinheiro está na Cidade comprando TEMPO”.

Espero em frente de uma *drugstore* que deve abrir às nove horas. Dois garotos árabes rolam latas de lixo até uma alta e pesada

porta de madeira, numa parede caiada. Diante da porta, poeira manchada de urina. Um dos garotos inclinou-se, empurrando as latas pesadas, calças apertadas sobre o rabo magro e jovem. Olha para mim com olhar neutro e calmo de animal. Acordo com um choque: o garoto é real e eu perdi um encontro que tinha com ele esta tarde.

— Esperamos que compensações ocasionais ocorram — diz o inspetor numa entrevista concedida ao Vosso Repórter. — Caso contrário... — o inspetor levanta uma perna num típico gesto nórdico — a doença das... Mas talvez possamos providenciar uma câmara de descompressão apropriada.

O inspetor abre a braguilha, começa a procurar chatos e aplica uma pomada de um pequeno pote de barro. Evidentemente, a entrevista chega ao fim. — Você não vai? — exclama ele. — Bem, como um juiz disse ao outro, “Sê justo, e se não puderes ser justo, sê arbitrário!” Lamento não poder observar as obscenidades costumeiras. — Ele estende a mão direita, coberta com uma pomada amarela e malcheirosa.

Vosso Repórter avança e agarra a mão suja com as suas.

— Foi um prazer, inspetor, um prazer inenarrável — diz, enquanto tira suas luvas, amassa-as numa bola e as atira numa cesta de lixo. — Por conta da firma — diz ele, e sorri.

A sala de diversões de Hassan

Pelúcia dourada e vermelha. Bar rococó com fundo de concha rosada. O ar está impregnado de uma substância nociva e doce como mel estragado. Homens e mulheres vestidos a rigor bebericam café de tubos de alabastro. Um *mugwump* do Oriente Próximo senta-se despido num banco de bar coberto de seda rosa. Com uma comprida língua preta, lambe mel morno de uma taça de cristal. Seus genitais são perfeitamente formados — caralho circuncidado, pêlos púbicos negros e brilhantes. Seus lábios são finos e azul-púrpura como os lábios de um pênis, olhos inexpressivos e calmos como os de um inseto. O *mugwump* não tem fígado e se alimenta exclusivamente de doces. O *mugwump* coloca um jovem loiro e esguio sobre um sofá e o despe com perícia.

— Levante-se e vire-se — ordena ele em telepáticos pictogramas. E amarra as mãos do garoto nas costas com uma corda de seda vermelha. — Hoje a gente vai até o fim.

— Não, não! — berra o garoto.

— Sim, sim.

Os caralhos ejaculam em silenciosos “sim”. O *mugwump* afasta

uma cortina de seda, revelando uma velha forca de madeira contra uma tela iluminada de vermelho-sílex. A forca se ergue sobre um estrado de mosaicos astecas.

O garoto cai de joelhos com um prolongado “uuuuuuuuuh”, cagando e mijando de terror. Sente a merda morna por entre as coxas. Uma grande golfada de sangue quente incha-lhe os lábios e a garganta. O corpo se contrai em posição fetal, e o esperma quente esguicha em seu rosto. O *mugwump* entorna água quente e perfumada de um jarro de alabastro, lava pensativamente o cu e o pau do garoto e os seca com uma toalha azul macia. Uma brisa quente brinca sobre o corpo do garoto, e seus pêlos flutuam livremente. O *mugwump* põe a mão sob o peito do garoto e o coloca em pé. Segurando-o pelos cotovelos manietados, leva-o, degraus acima, sob o laço. E permanece de pé diante do garoto, segurando o laço em ambas as mãos.

O garoto fita os olhos do *mugwump*, brancos como espelhos obsidianos, tanques de sangue negro, buracos de glória na parede da privada escondendo a Última Ereção.

Um velho lixeiro, de rosto fino e amarelo como marfim chinês, sopra A Clarinada em sua corneta dentada de bronze e acorda o gigolô espanhol de pau duro. A prostituta cambaleia por entre poeira e excrementos e uma ninhada de gatas mortas carregando fardos de fetos abortados, camisas-de-vênus rompidas, *modess* ensangüentados, merda embrulhada em folhas de histórias em quadrinhos coloridas.

Um vasto e sereno porto de águas iridescentes. Um poço de gás abandonado fulgura no horizonte fumarento. Fedor de petróleo e

esgoto. Tubarões doentes nadam em águas turvas, vomitam enxofre de seus fígados estragados e ignoram a presença de um ícaro destroçado e ensangüentado. Mister América despido, ardente e frenético de amor por seus próprios ossos, berra: — Meu cu perturba o Louvre! Eu peido ambrosia e cago bosta de ouro puro! Meu caralho cospe suaves diamantes na manhã ensolarada! — Ele mergulha da torre do farol, jogando beijos e se masturbando diante do espelho negro, e desliza obliquamente com crípticos preservativos e o mosaico de mil jornais através de uma cidade submersa de ladrilhos vermelhos, até assentar no barro negro cheio de latas e garrafas de cerveja, gângsteres em blocos de concreto, pistolas amassadas e irreconhecíveis para evitar a inspeção detalhada de lascivos peritos em balística. Espera o lento *striptease* da erosão com seus lombos fósseis.

O *mugwump* põe o laço na cabeça do garoto e aperta o nó carinhosamente atrás da orelha esquerda. O pênis do garoto está retraído, as bolas, tensas. Olha para a frente e respira fundo. O *mugwump* se move em volta do garoto, excitando-o e acariciando seus genitais em hieróglifos de escárnio. Vai para trás do garoto e, com uma série de sacudidelas, enfia o caralho no rabo dele. Ali fica, movendo-se em rotações circulares.

Os convidados cochicham, cutucam-se e riem.

De repente o *mugwump* empurra o garoto para a frente, livre do seu caralho. Estabiliza seu corpo com as mãos nos ossos dos quadris, estende as mãos hieroglíficas estilizadas e estala o pescoço do garoto. Um estremecimento lhe percorre o corpo. Seu pênis levanta-se em três grandes impulsos, puxando a pélvis para cima e ejaculando imediatamente.

Atrás de seus olhos, explodem verdes fagulhas. Uma suave dor de dentes corre pelo pescoço e pela espinha até a virilha, contraindo o corpo em espasmos de gozo. Seu corpo inteiro escapa pelo pênis. Um espasmo final lança um grande jorro de esperma sobre a tela vermelha, como uma estrela cadente.

O garoto cai com um suave murmúrio de sucção visceral num labirinto de salões de fliperama e fotografias obscenas.

De seu cu, brota bruscamente um duro cagalhão. Peidos sacodem seu corpo magro. Foguetes explodem em verdes cachos sobre um grande rio. Ele ouve o fraco *put-put* de um barco a motor na selva crepuscular... Sob as asas silenciosas dos mosquitos anofelinos.

O *mugwump* puxa o garoto de volta contra seu pênis. O garoto estremece, empalado como um peixe arpoado. O *mugwump* balança-se nas costas do garoto, e seu corpo se contrai em ondas fluídicas. O sangue flui pelo queixo do rapaz, brota da boca entreaberta, doce e austera da hora da morte. O *mugwump* cai com um ruído fluídico e saciado.

Cubículos sem janelas com paredes azuis. Sujas cortinas rosadas cobrem a porta. Percevejos vermelhos sobem lentamente pelas paredes, agarrando-se pelos cantos. No meio do quarto, um garoto nu toca um *ouad* de duas cordas, traçando um arabesco no chão. Outro garoto se recosta na cama, fumando *keif* e soprando a fumaça em seu pênis ereto. Jogam cartas de tarô na cama para ver quem fode quem. Trapaceiam. Brigam. Rolam pelo chão rosnando e cuspidando como jovens animais. O perdedor senta-se no chão com o

queixo entre os joelhos, lambendo o dente quebrado. O vencedor se enrosca na cama e finge dormir. Sempre que o outro garoto chega perto, ele lhe dá um pontapé. Ali segura-o por um tornozelo, prende o tornozelo em sua axila e enlaça com o braço a barriga da perna. O garoto golpeia desesperadamente o rosto de Ali. Outro tornozelo é preso. Ali traz o garoto sobre seus ombros. O pau do garoto empina-se ao longo do estômago, pulsando livremente. Ali põe as mãos sobre a cabeça dele. Cospe no pau. O outro suspira profundamente enquanto Ali desliza para dentro dele. As bocas rangem, juntas, manchando-se de sangue. Cheiro forte e bolorento de reto penetrado. Nimun penetra como uma cunha, forçando o esperma a sair do pau do outro em longos jorros quentes. (O autor observou que os caralhos árabes tendem a ser largos e em forma de cunha.)

Um sátiro e um rapaz grego nu com *aqualungs* traçam um balé de perseguição num monstruoso vaso de alabastro transparente. O sátiro agarra o garoto pela frente e gira-o em torno de si. Mudam de lugar com movimentos de peixe. O garoto deixa escapar da boca uma corrente de bolhas prateadas. O esperma branco, ejaculado na água esverdeada, flutua preguiçoso em volta dos corpos trançados.

Um negro ergue gentilmente um garoto chinês de traços delicados para dentro de uma rede. Empurra as pernas do garoto sobre sua cabeça e põe-se a cavalo na rede. Desliza o pênis para dentro do cu esbelto e apertado do garoto. Balança a rede suavemente para a frente e para trás. O garoto solta um estranho e alto gemido de prazer insuportável.

Um dançarino javanês, numa cadeira de balanço de teca trabalhada, sobre um pedestal de nádegas de calcário, puxa um garoto norte-americano — ruivo e de olhos verdes e brilhantes — e

afunda seu pênis nele, com movimentos rituais. O garoto senta-se, empalado, olhando de frente o dançarino que se projeta em movimentos circulares, soltando uma líquida substância na cadeira. — Uuiiiii! — grita ele, enquanto seu próprio esperma se lança era jorro sobre o peito escuro e magro do dançarino. Um pouco dele atinge o canto da boca do dançarino. O garoto empurra-o para dentro com o dedo e ri: — Cara, isso é que é chupada!

Duas mulheres árabes de rostos bestiais arrancaram as calças de um rapaz lourinho, francês. E enfiam nele um pênis de borracha vermelha. O garoto rosna, morde, chuta e cai em prantos, enquanto seu caralho se levanta e ejacula.

O rosto de Hassan incha, tumescente de sangue. Os lábios ficam púrpura. Despe seu terno de notas de banco e atira-o numa cova que se fecha silenciosamente.

— Aqui, pessoal, é o Salão da Liberdade! — berra ele com um falso sotaque texano. Ainda de botas e chapéu de *cowboy*, ele dança o *liquefactionist jig*, para acabar era um grotesco canção compasso de *She started a beat wave*.

— *Vale tudo! E que todos os buracos sejam abertos!!*

Casais presos em selas barrocas, com asas artificiais, copulam no ar, berrando como caturritas.

Com apenas um toque certo, trapezistas ejaculam uns nos outros no espaço.

Equilibristas chupam-se uns aos outros, equilibrados em varas perigosas e cadeiras inclinadas sobre o vazio. Uma brisa tênue traz, de profundezas nubladas, o odor de rios e selvas.

Centenas de garotos descem pelo teto, tremendo e escoiceando na ponta das cordas. Eles pendem em diferentes níveis, alguns perto do teto, outros a poucos centímetros do chão. Balineses exóticos, malaios e índios mexicanos de rostos ferozes e inocentes, com brilhantes gengivas vermelhas, negros (com dentes, dedos, unhas dos pés e pêlos púbicos dourados), garotos japoneses suaves e brancos como porcelana, rapazinhos de Veneza, de cabelos à Ticiano, norte-americanos de cachos loiros e pretos caindo pela testa (os convidados ternamente penteiam seus cabelos), zangados e loiros polacos de olhos pardos de animais, garotos de rua árabes e espanhóis, moços austríacos rosados e delicados com uma leve sombra de loiros pêlos púbicos, jovens e zombeteiros alemães de olhos azul-claros e que berram “*Heil Hitler!*”, quando a armadilha se abre sob seus pés. Os *sollubis* cagam e gemem.

O sr. Rico-e-Vulgar masca seu havana lascivo e maligno, esparramado numa praia da Flórida cercado de loiros e risonhos sodomitas:

— Esse cidadão tem um *latah* que importou da Indochina. Imagine enforcar o *latah* e fazer um vídeo para mandá-lo de Natal para os amigos. De modo que ele prepara duas cordas — uma que estica e outra verdadeira. Mas o *latah* acorda de ânimo belicoso, veste a roupa de Papai Noel e troca as cordas. Chega o amanhecer. O cidadão ajusta uma das cordas, e o *latah*, como costumam fazer, coloca a outra. Quando cai a armadilha, o cidadão se enforca de verdade, e o *latah* fica com a corda de borracha que estica. O *latah* imita todos os tremores e espasmos. Goza três vezes.

— O jovem e sagaz *latah* tinha o olho esperto. Empreguei-o depois numa das minhas fábricas, no setor de expedição.

Sacerdotes astecas despem o traje de penas azuis do Jovem Nu. Põem-no de costas sobre um altar de pedra, colocam um crânio de cristal sobre sua cabeça e prendem os dois hemisférios, na frente e atrás, com parafusos de cristal. Uma cascata jorra sobre o crânio e estala o pescoço do garoto. Ele ejacula num arco-íris contra o sol nascente.

O acre odor de proteína do esperma satura o ar. Os convidados correm as mãos sobre os garotos contorcidos, chupam seus caralhos, penduram-se em suas costas como vampiros.

Salva-vidas nus carregam pulmões de aço cheios de jovens paralisados.

Garotos cegos saem de enormes tortas, esquizofrênicos deteriorados brotam de uma boceta de borracha, garotos com horríveis doenças de pele erguem-se na superfície de tanques negros (peixes indolentes mordiscam bostas amarelas).

Um homem de gravata branca e camisa a rigor, nu da cintura para baixo, exceto por ligas pretas, conversa em tom elegante com a Abelha Rainha. (Às Abelhas Rainhas são velhas que se cercam de veados a fim de criar um “enxame”. É um sinistro costume mexicano.)

— Mas onde está a estatuária? — Ele fala de um lado do rosto, com o outro retorcido pela Tortura de um Milhão de Espelhos. Masturba-se freneticamente. A Abelha Rainha continua a conversa, sem nada notar.

Divãs, cadeiras, o chão todo começa a vibrar, e os convidados se convertem em nebulosos fantasmas cinzentos que gritam numa caralhal agonia.

Dois garotos batem bronha sob uma ponte ferroviária. O trem estremece seus corpos, ejacula-os, desaparece num apito distante. Rãs coaxam. Os garotos lavam o esperma dos esguios estômagos pardos.

Cabine de trem: dois jovens drogados e doentes a caminho do Hospital de Lexington arrancam suas calças em convulsões de luxúria. Um deles ensaboa o pau e mete-o dentro do cu do outro em movimentos de saca-rolha. — Meeuuu Deuuuss! — Os dois ejaculam ao mesmo tempo, em pé. Afastam-se um do outro e levantam as calças.

— Um velho charlatão de Marshall escreve pedindo tintura e óleo doce.

— As hemorróidas de uma velha mãe gritam cruas e sangrentas pela Merda Preta... Doutor, imagine se fosse sua mãe cercada por residentes, pulando em volta tão nojentos... Acalme essa pélvis, mãe, você já me repugna assim como está.

— Vamos descer do trem e pedir para ele uma receita.

O trem perfura a noite de junho, esfumaçada e salpicada de luzes de neon.

Figuras de homens e mulheres, rapazes e moças, animais, peixes, pássaros, o ritmo copulante do universo flui pela sala, enorme onda azul de vida. O som vibrante e insonoro da floresta profunda — súbita calma das cidades quando se consegue a droga. Um momento de quietude e maravilha. Até o passageiro suburbano agita as obstruídas linhas de colesterol à procura do contato.

Hassan grita: — Isso é culpa sua, A. J.! Você fodeu com a minha festa.

A. J. olha para ele, com expressão distante como pedra:

— Enfie no rabo, sua besta liquefeita!

Uma horda de mulheres norte-americanas loucas de desejo invade o recinto. Com as bocetas pingando, vindas de fazendas e ranchos, fábricas, bordéis, *country clubs*, lojas de luxo e subúrbios residenciais, hotéis, iates e bares, despem-se dos trajes de montar, roupas de esqui, vestidos de festa, calças *jeans*, conjuntos de chá, vestidos estampados, calças, maiôs e quimonos. Elas berram, gritam e uivam, atiram-se sobre os convidados como cadelas no calor da raiva e do cio. Agarram os garotos enforcados e gritam: — Seu fresco! Seu puto! Me foda! Me foda! Me foda! — Os convidados fogem aos berros e saem driblando por entre os garotos enforcados, derrubando pulmões de aço.

A. J.: — Mande chamar meus Sweitzers, pelo amor de Deus! Proteja-me destas raposas!

O sr. Hyslop, secretário de A. J., desvia o olhar da sua história em quadrinhos: — Os Sweitzers já se liquidificaram.

(A liquefação compreende a divisão da proteína, reduzida a um líquido que é absorvido pelo ser protoplasmático de outro. Hassan, notório liquefacionista, é provavelmente o beneficiário neste caso.)

A. J.: — Seus picaretas e chupadores de pau! O que um homem pode fazer sem os seus Sweitzers? Cavalheiros, estamos contra a parede. Nossos caralhos estão em perigo. Alerta geral para resistir à abordagem, sr. Hyslop, e distribua armas aos homens.

A. J. saca de um cutelo e começa a decapitar as Garotas Norte-Americanas, cantando com volúpia:

“Quinze homens sobre o peito do cadáver

Iô rô rô e uma garrafa de rum

Bebam que o diabo já cuidou do resto

Iô rô rô e uma garrafa de rum”.

O sr. Hyslop, chateado e resignado; — Oh, meu Deeuuss! Tudo de novo! — Indiferente, ele agita o Jolly Roger.

A. J. está cercado e luta em esmagadora desvantagem, lança a cabeça para trás e toca a corneta de chamar porcos. Imediatamente, mil esquimós no cio atacam rugindo e gritando, com os rostos inchados, olhos quentes e vermelhos, lábios púrpura, e desabam em cima das mulheres norte-americanas.

(Os esquimós têm uma época de cio, quando as tribos se reúnem no início do verão para se divertir em orgias. Seus rostos se incham, e os lábios tornam-se purpúreos.)

Um Detetive da Casa, com um charuto de meio metro de comprimento, enfia a cabeça através da parede: — O que é isso? Um zoológico?

Hassan torce as mãos: — Uma carnificina! Uma imunda carnificina! Por Alá, nunca vi nada tão indecente!

Lança-se freneticamente sobre A. J., que está sentado sobre uma arca de navio, papagaio no ombro, tapa-olho, bebendo rum de um barril. Esquadrinha o horizonte com um enorme telescópio de metal.

Hassan: — Você, sua cadela Factualista barata! Vá embora e

nunca mais apareça na minha sala de diversões!

Campus da Universidade de Interzona

Burros, camelos, lhamas, riquixás, carrinhos de supermercado empurrados por garotos cansados, olhos protuberantes como línguas vermelhas estranguladas, que pulsam com ódio animal. Rebanhos de ovelhas e cabras e gado de longos chifres passam por entre os estudantes e o tablado de conferências. Os estudantes sentam-se espalhados em bancos de praça enferrujados, blocos de pedra, cadeiras de jardim, engradados, tambores de petróleo, toros, coxins de couro sujo, colchões de ginástica mofados. Vestem *jeans-jellabas*... meias e gibões. Bebem aguardente de milho em jarros de louça, café em latas de estanho, fumam *ganja* (maconha) em cigarros feitos de papel de embrulho e bilhetes de loteria... injetam droga com um alfinete de segurança e conta-gotas, estudam programas de corridas, histórias em quadrinhos e códigos maias.

O Professor chega numa bicicleta, carregando uma corrente de cabeças de touro. Sobe no estrado segurando as costas (uma grua balança uma vaca mugindo sobre sua cabeça) .

PROFESSOR: — Fodido pelo Exército do Sultão ontem à noite. Desloquei as costas a serviço de minha rainha residente... Não consigo expulsar essa velha vagina. Preciso de um electricista de

cérebro para desconectá-la, sinapse por sinapse, e um meirinho cirúrgico para depositar as tripas dela na calçada. Quando Ma chega para cima de um garoto com armas e bagagens, ele passa o inferno para se livrar daquela Estrela Dourada...

Ele olha para as cabeças de touro e geme canções de 1920. — Estou tendo um ataque de nostalgia, pessoal, e é pra valer... os rapazes descem a rua principal do parque de diversões, comendo algodão doce cor-de-rosa... patolando-se uns aos outros no *show* de sacanagens... batem bronha na torre do *ferry* e esporram para a lua, subindo vermelha e esfumaçada sobre as fundições através do rio. Um negro se enforca num algodoeiro em frente ao Antigo Tribunal... mulheres gemem e abocanham seu esperma por entre os dentes vaginais... (O marido contempla o bastardo com olhos entreabertos e cinza, como camisas de flanela desbotadas... “Doutor, acho que é um negro.”)

O doutor dá de ombros: — É um velho jogo do exército, filho. Ervilha debaixo da casca... uma hora você vê, na outra, não...

E o dr. Parker nos fundos de sua *drugstore* injeta heroína, três grãos para cada pico. — Tônico — resmunga ele.

— É sempre primavera.

“ ‘Hands’ Benson Town Pervert tomou uma querência na privada da escola. (Querência é um termo de touradas... O touro encontra um lugar de que gosta na arena e ali fica, e o toureiro tem de enfrentar o touro nas condições que o touro impõe, ou induzi-lo a sair — uma coisa ou outra.) O xerife. A. Q. ‘Flat’ Larsen diz: ‘Precisamos descobrir uma maneira de tirá-lo dessa querência... ’ E a Old Ma Lottie dorme há dez anos com a filha morta e curada em casa; acorda

tremendo na madrugada do leste do Texas... abutres planam sobre as águas negras e pantanosas e sobre troncos de ciprestes...

“E agora, cavalheiros — acredito que não haja nenhum travesti presente, he, he —, os senhores são todos cavalheiros por lei do Congresso, assim sendo falta só estabelecê-los como *machos humanos*, e positivamente neste salão decente não seria permitido nenhum ser transicional em qualquer direção que seja... Cavalheiros, apresentem as armas curtas. Os senhores já foram instruídos sobre a importância de manter suas armas bem lubrificadas e prontas para qualquer ação no flanco ou na retaguarda.”

ESTUDANTES: — Ouçam! Ouçam! — Com movimentos preguiçosos, eles abrem as braguilhas. Um deles exhibe uma enorme ereção.

PROFESSOR: — E agora, cavalheiros, onde estava eu? Ah, sim, Ma Lottie... acorda tremendo na sua suave madrugada cor-de-rosa, cor-de-rosa como as velas do bolo de aniversário de uma menininha, cor-de-rosa como algodão doce, cor-de-rosa como uma concha, cor-de-rosa como um caralho pulsando numa foda sob luz vermelha... Ma Lottie... hum... se essa prolixidade não for cortada de repente, sucumbirá às enfermidades da idade e irá juntar-se à filha dela no formol.

“ ‘A rima do velho marinheiro’, pelo poeta Coleridge... Eu gostaria de chamar vossa atenção para o simbolismo do próprio Velho Marinheiro.”

ESTUDANTES: — O próprio, diz o homem.

— Deste modo, chama a atenção para sua própria e desagradável pessoa.

— Nada gentil esse seu comentário, “fessor”.

Uma centena de delinqüentes juvenis... navalhas estalando como dentes avançam na sua direção.

PROFESSOR: — Oh, que país é este! — Tenta desesperadamente disfarçar-se de velhinha de sapatos pretos altos e guarda-chuva... — Se não fosse por meu lumbago, que não me deixa agachar direito, eu me viraria para eles e ofereceria meu Doce Traseiro como fazem os babuínos... Se um babuíno mais fraco é atacado por outro mais forte, o mais fraco: a) apresenta o rabo, creio que é esta a palavra, cavalheiros, he, he, para relação passiva, ou b) se é um babuíno diferente, mais extrovertido e bem-ajustado, atacará um babuíno mais fraco ainda, se o encontrar.

Declamadora Decadente em roupas de 1920, como se nelas dormisse desde então, ondula pela rua lúgubre de Chicago iluminada a neon... O peso morto dos Queridos Dias Mortos suspenso no ar como uma alma penada. Declamadora (tenor de calor enlatado): — Encontre um babuíno mais fraco.

Saloon da fronteira: o Babuíno Veado num vestidozinho azul de menininha canta, com uma voz resignada, a melodia de *Alice blue gown*: — Eu sou o babuíno mais fraco de todos.

Um trem de carga separa o Professor das delinqüentes juvenis... Quando o trem passa, todos têm estômagos protuberantes e empregos respeitáveis...

ESTUDANTES: — Queremos Lottie!

PROFESSOR: — Isso aconteceu num outro país, cavalheiros... Como eu dizia, antes de ser tão grosseiramente interrompido por minhas múltiplas personalidades... inoportunas bestazinhas...

considerem o Velho Marinheiro sem curare, laço, bulbocapnina ou camisa-de-força, e ainda capaz de conquistar e manter uma platéia atenta... Que macete do rabo era o dele? He, he, he, he... Ao contrário dos chamados artistas de nossa época, ele não aborda *qualquer um*, infligindo imerecido tédio e sofrimento a esmo...

Ele só aborda aqueles que são obrigados a ouvir, devido a uma relação preexistente entre o Marinheiro (embora velho) e o ah Convidado do Casamento...

“O que o Marinheiro diz na realidade não é importante... Ele pode ser dispersivo, irrelevante, primitivo até, e extremamente senil. Mas alguma coisa acontece com o Convidado de Casamento, como acontece em psicanálise, quando acontece e se acontece. Se me permitem uma pequena digressão... um analista conhecido meu fala o tempo todo — os pacientes só escutam pacientemente ou não... Ele desfia reminiscências... conta piadas de sacanagem (e velhas), promove contrapontos de imbecilidade impensáveis pelo Funcionário do Condado. Ele demonstra assim que nada pode ser alcançado no nível verbal... Chegou a esse método observando que o Ouvinte — o Analista — não está lendo a mente do paciente... O paciente — o Falador — é quem está lendo a mente *dele*... Isto é, o paciente tem percepção extra-sensorial dos sonhos e tramas do analista, enquanto o analista toma contato com o paciente estritamente no plano cerebral... Muitos agentes usam esse truque — são chatos notórios e péssimos ouvintes...

“Cavalheiros, revelarei uma pérola para vocês: *Falando, vocês podem descobrir mais sobre outra pessoa do que ouvindo*”.

Porcos entram, correndo, e o professor entorna baldes de pérolas

numa gamela...

— Eu não sou digno de comer seus pés — diz o porco mais gordo de todos.

— De qualquer modo, são de barro.

A festa anual de A. J.

A. J. dirige-se aos convidados: — Bocetas, caralhos e indefinidos, hoje à noite eu lhes apresentei o internacionalmente conhecido empresário de filmes pornográficos e de TV de ondas curtas, o primeiro e único, o Grande Putatalho!

Ele aponta para uma cortina de veludo vermelho de vinte metros de altura. Um raio fende a cortina de alto a baixo. O Grande Putatalho oferece o rosto imenso e imóvel como uma urna funeral *chimu*. Veste traje a rigor completo, capa e monóculo azuis. Monumentais olhos cinzentos, com pequeninas pupilas negras que parecem cuspir agulhas. (Só a Fataalista Coordenada consegue olhá-lo de frente.) Quando ele se zanga, a força do olhar explode o monóculo ao longo do quarto. Muito ator azarado já sentiu o golpe gelado do mau-humor do Putatalho: — Saia do meu estúdio, seu canastrão barato! Você pensou que passava um orgasmo falso para cima de mim! De mim, o GRANDE PUTATALHO! Eu poderia saber se você gozou só de olhar o dedão do seu pé. Idiota! Lixo descerebrado! Prostituta insolente!!! Vá comercializar seu cu, e saiba que é preciso sinceridade e arte e devoção para trabalhar com o Putatalho. Nada de truques baratos, buracos de segunda, bostas de

borracha e frascos de leite escondidos na orelha e injeções de *yohimbina* dissimuladas nos braços. — (A *yohimbina*, derivada da casca de uma árvore que cresce na África central, é o afrodisíaco mais seguro e eficiente. Ela atua dilatando os vasos sanguíneos da superfície da pele, e particularmente na região genital.)

O Putatalho ejeta seu monóculo. Ele voa a perder de vista e volta como um bumerangue até seu olho. Pirueta e desaparece numa nuvem azul, fria como ar líquido... *fade-out*...

Na tela. Garoto ruivo de olhos verdes, pele branca com algumas sardas... beijando uma moreninha magra de calças. Roupas e cabelos sugerem bares existencialistas das cidades do mundo todo. Estão sentados numa cama baixa, coberta de seda branca. A garota abre as calças dele com dedos delicados e puxa fora seu peru, que é pequeno e duro. Como uma pérola, uma gota de lubrificante brilha em sua ponta. Ela acaricia a cabeça gentilmente: — Tire as roupas, Johnny! — Ele se despe com movimentos rápidos e seguros e fica nu de frente para ela, com o pau pulsando. Ela faz um gesto para que ele se vire, e ele pirueta pelo quarto, parodiando uma modelo, com a mão na cintura. Ela tira a blusa. Os seios são altos e pequenos, com bicos eretos. Tira suas calcinhas. Os pêlos púbicos são negros e brilhantes. Ele se senta a seu lado e estende a mão em direção ao seio. Ela detém as mãos dele.

— Querido, eu quero rodear você — sussurra ela.

— Não. Agora não.

— Por favor, eu quero.

— Está bem. Vou lavar a bunda!

— Não, deixe que eu lavo!

— Oh, esqueça, não está suja.

— Está, sim. Vamos, Johnny, venha!

Ela o leva até o banheiro. — Tudo bem, abaixe-se. — Ele cai de joelhos e se inclina para a frente, com o queixo no tapete do banheiro. — Por Alá — diz ele. Olha para trás e sorri para ela. Ela lava o cu dele com sabonete e água quente, enfiando o dedo bem dentro.

— Dói?

— Nãããããããão.

— Vamos, meu bem. — Ela o guia até o quarto de dormir. Ele se deita na cama de costas e joga as pernas por cima da cabeça, apertando os cotovelos por trás dos joelhos. Ela se ajoelha e acaricia a base de suas coxas, as bolas, correndo o dedo pela fenda eterna. Afasta as nádegas, inclina-se e começa a lambe o ânus, movendo a cabeça em círculos lentos. Pressiona as bordas do cu, lambendo mais fundo e mais fundo. Ele fecha os olhos e grunhe. Ela lambe a fenda eterna. As bolas pequenas e tesas... Uma grande pérola aparece na ponta de seu pau circuncidado. Sua boca se fecha sobre a cabeça. Ela chupa ritmadamente para cima e para baixo, parando na subida e movendo a cabeça em volta num círculo. A garota brinca gentilmente com as bolas dele e desliza o dedo médio dentro do seu cu. Quando desce chupando até a raiz do membro, ela belisca sua próstata zombeteiramente. E o jovem sorri e peida. Ela está chupando o pau dele freneticamente. O corpo do garoto começa a se contrair, dobra-se em direção ao queixo. E cada vez a contração é mais prolongada. — Uiiiiii! — grita ele, com todos os músculos tensos e o corpo inteiro se esforçando para descarregar-se através do pau. Ela engole o

esperma, que lhe enche a boca em jatos grandes e quentes. Ele deixa os pés caírem sobre a cama. Arqueia as costas e boceja.

Mary ajusta um pênis de borracha: — Steely Dan III, de Yokohama — diz ela, acariciando a lança. O leite jorra pelo quarto.

— Tem certeza de que esse leite é pasteurizado? Não vá me contagiar com alguma doença horrível de vaca, como antraz, mormo ou aftosa...

— Quando eu era a travesti Liz, em Chicago, costumava trabalhar como dedetizador, Ficava cantando rapazes bonitos para ter o prazer de apanhar como um homem. Mais tarde peguei esse garoto e imobilizei-o com o judô supersônico que aprendi de uma velha monja zen lésbica. Amarrei-o, cortei sua roupa com uma navalha e meti nele com o Steely Dan I. Ele se sentiu tão satisfeito que não cheguei a castrá-lo. Ele se esporrou todo no meu tapete de chatos.

— O que aconteceu com o Steely Dan I?

— Uma sapatão partiu-o em dois. A mais terrorífica mordida vaginal que já experimentei. Poderia cortar um cano de chumbo. Era um dos seus truques de alcova.

— E o Steely Dan II?

— Destroçado a mordidas por um candiru faminto do Alto Cudo-Babuíno. E dessa vez não me diga — “Uiiiiiii!”

— Por que não? É tão pueril assim?

— Garoto de pé descalço, ponha à prova suas bolas com a madame.

Ele olha para o teto, com as mãos atrás da cabeça, o pau pulsante. — O que posso fazer? Não posso cagar com esse consolo

dentro de mim. Gostaria, se fosse possível, de rir e gozar ao mesmo tempo. Lembro-me, durante a guerra, no Jockey Clube do Cairo, eu e o puto do meu amigo, Lu, ambos cavalheiros por lei do Congresso... nada poderia ter provocado algo assim a qualquer um de nós... De modo que começamos a rir tanto, que nos mijamos todos e o garçom disse: “Seus malditos cabeças-de-haxixe, dêem o fora!” Quer dizer, se eu posso me mijar de rir, devia poder me esporrar de rir. Trate de me dizer alguma coisa realmente engraçada quando eu começar a gozar. Você pode perceber o momento por certos tremores premonitórios da próstata...

Ela põe um disco, metálico *be-bop* de cocaína. Lubrifica o consolo, empurra as pernas do garoto acima da cabeça e enfia o negócio para dentro com uma série de movimentos giratórios de suas cadeiras flexíveis. Move-se em círculos lentos, girando sobre o eixo da lança. Fricciona os bicos dos seios duros no peito dele. Beija-o no pescoço e no queixo e nos olhos. O garoto desliza a mão por suas costas até as nádegas, puxando-a para que enfie mais no seu cu. Ela gira mais rápido e mais rápido. O corpo do garoto se sacode e se contorce em espasmos convulsivos. — Rápido, por favor — diz ela. — O leite está esfriando. — Ele não ouve. Ela aperta sua boca contra a dele — ambos os rostos se movem juntos. O esperma do rapaz atinge o seio dela com lambidas leves e quentes.

Mark está em pé na porta. Usa um suéter preto de gola alta. Rosto frio, simpático, narcisista. Olhos verdes e cabelos pretos. Olha para Johnny com um leve sorriso irônico, cabeça de lado, mãos nos bolsos da jaqueta, um gracioso delinqüente de balé. Sacode a cabeça, e Johnny entra no quarto na frente deles. Mary segue-o. — Tudo bem, pessoal — diz ela, sentando-se despida sobre um dossel de seda

rosa em nível mais alto que a cama. — Vamos em frente.

Mark começa a despir-se com movimentos flexíveis, sinuosos, contorce-se para fora de seu suéter de gola alta, revelando um belo torso branco, numa dança do ventre fingida. Johnny, com a cara dura como pau, congelada, respiração rápida, lábios secos, tira as roupas e deixa-as cair no chão. As cuecas descem até os pés. Ele as chuta como uma corista e joga-as na outra ponta do quarto. Está de pé, nu, com o pau duro apontado, tenso, para cima e para a frente. Com um olhar lento, percorre o corpo de Johnny. Sorri e passa a língua nos lábios.

Mark cai sobre um joelho e puxa Johnny contra suas próprias costas, com um dos braços... Levanta-se e atira-o uns três metros adiante, sobre a cama. Johnny cai de costas e quica. Mark pula e agarra as cadeiras dele, joga suas pernas acima da cabeça. Repuxados, os lábios de Mark soltam um rosnado tenso. — Tudo bem, Johnny. — Contraí o corpo lento e seguro, e como uma máquina lubrificada empurra o caralho no cu de Johnny. Johnny lança um suspiro profundo e contorce-se em êxtase. Mark prende as mãos por trás dos ombros de Johnny e puxa-o para seu pau, que já está enterrado até a raiz no cu dele. Por entre os dentes, Johnny solta um assobio. Johnny berra como um pássaro. Mark está friccionando seu rosto contra o de Johnny, não rosna mais — rosto inocente e pueril, enquanto todo o seu líquido jorra dentro do corpo trêmulo de Johnny.

Um trem irrompe dentro dele, silvando... um navio apita, buzinas, foguetes explodem sobre lagoas poluídas... arcadas de máquinas de fliperama se abrem para um labirinto de fotos pornográficas... um canhão cerimonial retumba no porto... um grito

ressoa num corredor branco de hospital... perde-se por uma rua larga e empoeirada, por entre palmeiras; assobia através do deserto como uma bala (asas de abutres se agitam no ar seco), mil garotos esporram de uma só vez nas privadas, em banheiros desertos de escolas públicas, em sótãos, porões, em casas sobre árvores, rodas-gigantes, casas abandonadas, cavernas de calcário, barcos a remo, garagens, celeiros, subúrbios cheios de cascalho e vento atrás de muros de barro (cheiro de excremento seco)... Poeira preta que sopra sobre esbeltos corpos de cobre... calças em frangalhos que caem sobre pés descalços, rachados e sangrentos... (um lugar onde os abutres disputam cabeças de peixes...) nos lagos das selvas peixes viciosos abocanham esperma branco que flutua na água suja, moscas de areia mordem o cu de cobre, macacos uivam como o vento nas árvores (uma terra de grandes rios pardos onde flutuam árvores inteiras, cobras de cores brilhantes nos galhos, lêmures pensativos contemplam a margem com olhos tristes), um avião vermelho traça arabescos na substância azul do céu, uma cascavel ataca, uma serpente se empina, estica-se e cospe veneno branco, escamas de pérola e opala caem em lenta chuva silenciosa pelo ar claro, como glicerina. O tempo salta como uma máquina de escrever quebrada, os rapazes são velhos, jovens ancas que tremem e se contorcem em espasmos juvenis ficam frouxas e flácidas, caindo para fora do assento da privada, do banco do parque, de uma parede de pedra sob o sol da Espanha, da cama arqueada de um quarto mobiliado (lá fora, favela de tijolos vermelhos, no sol claro de inverno...), contorcendo-se e tremendo em sujas roupas de baixo, catando uma veia na manhã doente do vício, num café árabe murmurante e baboseante — os árabes sussurram “*Medjoub*” e saem de mansinho

(um *medjoub* é um tipo especial de lunático religioso muçulmano... geralmente epilético, entre outros distúrbios). — Os muçulmanos têm que ter sangue e esperma... Vejam, vejam como o sangue de Cristo escorre no espermamento — uiva o *medjoub*... Levanta-se berrando, e um jorro de sangue negro e sólido brota de sua última ereção, uma estátua pálida e branca ali alçada como se tivesse atravessado inteiramente a Grande Cerca, inocente e calmo como um garoto pula a cerca para pescar em um lago proibido — e em poucos segundos pega um enorme bagre —, o velho sai soltando maldições de uma pequena cabana preta com um tridente na mão, e o garoto correndo e sorrindo pelos campos de Missouri — encontra uma linda cabeça-de-seta rosa e arranca-a na corrida com um movimento flexível de músculos e ossos jovens (seus ossos se misturam com os campos, ele jaz morto ao longo da cerca de madeira, um rifle ao lado, sangue em pasta vermelha, congelada, filtra-se nos restos do inverno da Geórgia)... O bagre parece segui-lo... Ele se aproxima da cerca e joga o bagre na grama manchada de sangue... o peixe se contorce e grasna e pula a cerca. Ele agarra o bagre e desaparece por uma estrada de barro vermelho, semeada de sílices entre carvalhos e caquizeiros, que soltam folhas pardo-escuras nos tempestuosos crepúsculos de outono, verdes e gotejantes na aurora de verão, pretas contra o límpido céu de inverno... O velho grita suas maldições para ele... Seus dentes voam da boca e zumbem sobre a cabeça do garoto, ele avança com esforço, os tendões do pescoço tensos como arcos de aço, o sangue negro jorra como uma peça sólida sobre a cerca, e ele cai como uma múmia descarnada ao lado da erva febril. Espinhos crescem entre suas costelas, quebram-se as janelas de sua cabana, lascas de vidro cheias de poeira em negro betume — ratazanas

correm pelo chão e garotos se masturbam em escuros e mofados quartos nas tardes de verão e comem as cerejas que crescem de seu corpo e seus ossos, bocas lambuzadas de sumos vermelho e púrpura...

O velho drogado encontrou uma veia... e o sangue se abre na seringa como uma flor chinesa... ele injeta a heroína, e o garoto que se masturbou cinquenta anos atrás resplandece imaculado através da carne torturada, enche a privada com o doce cheiro de nozes da volúpia de jovens machos...

Quantos anos entrelaçados por uma agulha de sangue? Mãos relaxadas sobre o joelho. Senta-se olhando a aurora do inverno com os olhos apagados da droga. A velha bicha se contorce num banco de pedra do Parque Chapultepec, enquanto índios adolescentes passeiam, braços em volta de pescoços e costelas, tensionando sua carne moribunda a fim de ocupar jovens nádegas e coxas, bolas tesas e caralhos que esguicham.

Mark e Johnny estão sentados um em frente ao outro, numa cadeira vibratória — Johnny empalado no pau de Mark.

— Pronto, Johnny?

— Pode ligar.

Mark vira a chave e a cadeira começa a vibrar... Mark inclina a cabeça para trás e olha para Johnny, com o rosto distante, olhos frios e gozadores no rosto de Johnny... Johnny grita e geme... Seu rosto se desintegra como se se derretesse a partir de dentro... Johnny grita como uma mandrágora e escurece enquanto o esperma jorra, atolado no corpo de Mark, um anjo drogado. Mark dá tapinhas no ombro de

Johnny, distraidamente... O quarto como um ginásio... o chão é de espuma de borracha coberto de seda branca... Uma das paredes é de vidro... O sol nascente enche o quarto de luz rosada. Johnny é introduzido, de mãos atadas, entre Mary e Mark. Johnny vê a força e curva-se com um longo “Oooooooh!”, com o queixo apontando para o caralho, pernas dobrando-se nos joelhos. O esperma esguicha e passa, quase vertical, pela frente do rosto. Mark e Mary se mostram subitamente impacientes e quentes... Empurram Johnny para a frente em direção ao patíbulo, coberto de sungas sebosas e camisetas. Mark está ajustando o laço.

— Bem, é nessa que você vai. — Mark começa a empurrar Johnny para fora do estrado.

Mary: — Não. Deixe comigo. — Ela junta as mãos por trás das nádegas de Johnny, coloca sua testa contra ele e sorri fitando seus olhos, ao mesmo tempo em que recua e o tira do estrado e o joga para longe... O rosto de Johnny incha de sangue... Mark alça a mão num movimento ágil e estala o pescoço de Johnny... isso soa como um galho que se quebra dentro de uma toalha molhada. Um tremor corre pelo corpo de Johnny de alto a baixo... um dos pés bate como um pássaro preso em uma armadilha. Mark pendurou-se num trapézio e imita as contorções de Johnny, fecha os olhos e põe a língua para fora... O pau de Johnny se levanta, e Mary o guia para dentro da sua própria vagina, torcendo-se contra ele numa líquida dança do ventre, gemendo e gritando de prazer... O suor transborda por seu corpo todo, com cabelos sobre o rosto em penças molhadas.

— Traga-o para baixo, Mark — ela berra. Mark se aproxima com um canivete de mola e corta a corda, pegando Johnny na queda e pousando-o de costas com Mary ainda empalada e se contorcendo...

Ela arranca os lábios de Johnny e o nariz a mordidas, e chupa para fora seus olhos com um plop... Abocanha grandes pedaços das bochechas... Agora está almoçando seu pau... Mark vai até ela e Mary levanta os olhos dos genitais semidevorados de Johnny, com o rosto coberto de sangue, olhos fosforescentes... Mark coloca o pé no ombro dela e derruba-a de costas num só movimento... Salta sobre ela, fodendo-a como um demente... eles rolam de um canto a outro do quarto, girando interminavelmente, e saltam no ar como um grande peixe fígado no anzol.

— Deixe-me enforcar você, Mark... Enforcar você... Por favor, Mark, deixe-me enforcar você.

— Claro que sim, meu bem. — Ele a coloca em pé brutalmente e amarra suas mãos nas costas.

— Não, Mark! Não! Não! Não — grita ela, cagando e mijando de terror enquanto ele a arrasta para o patíbulo. Deixa-a atada sobre a plataforma numa pilha de camisas-de-vênus usadas e vai prender a corda no outro lado da porta... e volta carregando o laço numa bandeja de prata. Sacode-a em pé e aperta o nó. Enfia o caralho nela e valsa em torno do estrado e se atira no espaço, descrevendo um grande arco... “Uiiiiii!”, berra ele, e se transforma em Johnny. O pescoço de Mary estala. Uma grande vaga fluida ondula dentro de seu corpo. Johnny cai no chão e mantém-se na postura alerta de um jovem animal.

Ele pula pelo quarto todo. Com um grito de saudade que despedaça a parede de vidro, joga-se no espaço. Masturbando-se sem parar, mil metros abaixo, o esperma flutua a seu lado e ele berra o tempo todo contra o estilhaçante azul do céu, enquanto o sol

nascente queima seu corpo como gasolina, por entre grandes carvalhos e caquizeiros, ciprestes e mognos dos pântanos, para diluir-se em líquido alívio em uma praça arruinada de calçadas de calcário. Ervas e videiras crescem entre as pedras, e estacas de ferro enferrujado de um metro de espessura penetram a pedra branca, manchando-a de marrom-merda de ferrugem.

Johnny empapa Mary com gasolina tirada de um obscuro vaso *chimu* de jade branco... E unta seu próprio corpo... Eles se abraçam e caem no chão e rolam sob uma grande lente de aumento fixa no teto. Irrompem em chamas com um berro que despedaça a parede de vidro, rolam pelo espaço, fodendo e gritando pelo ar, desfazem-se em sangue e fogo e cinzas sobre rochas escuras no sol do deserto. Johnny pula pelo quarto em agonia. Com um grito que despedaça a parede de vidro, ele fica de asas abertas para o sol nascente, enquanto o sangue esguicha de seu pau... um deus de mármore branco, através de explosões epiléticas mergulha no velho *medjoub* que se contorce na merda e no lixo ao lado de uma parede de barro sob um sol que fere e arrepiam a carne... Ele é um garoto dormindo contra a parede da mesquita, ejacula sonhos úmidos em mil bocetas rosadas e macias como conchas marinhas, sentindo o prazer dos pêlos púbicos espinhosos deslizando em seu pau.

John e Mary num quarto de hotel (música de *East-St. Louis Toodleo*). Brisa morna de primavera sopra em desbotadas cortinas rosa, pela janela aberta... Rãs coaxam em terrenos baldios onde cresce milho, e garotos catam pequenas cobras-d'água sob marcos de calcário quebrados, manchados de bostas e atravessados por arame farpado enferrujado...

Neon — verde-clorofila, púrpura, laranja — acende e apaga.

Johnny extrai com seu calibrador um candiru da boceta de Mary... Deixa-o cair numa garrafa de mescal, em que ele se transforma num verme de Maguey... Dá-lhe uma lavagem de amolecedor de ossos da selva, seus dentes vaginais saem misturados com sangue e cistos... A boceta de Mary brilha fresca e doce como grama na primavera... Johnny lambe a boceta de Mary, devagar a princípio, com excitação crescente depois, separa os lábios e lambe por dentro e sente o espinhar dos pêlos púbicos na língua tumescente... Braços jogados para trás, seios apontando para cima, Mary já transfigurada com unhas de neon... Johnny alça-lhe o corpo, seu pau mostra uma reluzente opala redonda de lubrificante no corte aberto, desliza por entre os pêlos púbicos e penetra até a raiz da boceta, atraído pela sucção da carne faminta... O rosto incha-se-lhe com sangue, luzes verdes se acendem por trás de seus olhos, e ele desaba como um cenário de ferrovia entre garotas aos berros..

Uns pêlos úmidos no dorso de suas bolas secam como grama no vento morno da primavera. Profundo vale selvagem, as videiras trepam na janela. O pau de Johnny incha, grandes fileiras de botões se abrem. Da vagina de Mary brota uma comprida raiz tuberosa que busca a terra. Os corpos se desintegram em verdes explosões. A cabana desaba em ruínas de pedras quebradas. O rapaz é uma estátua de calcário, uma planta germina do pênis, lábios entreabertos no meio sorriso de drogado na fissura.

O Beagle depositou a heroína num bilhete de loteria.

Mais uma dose — amanhã, a cura.

O caminho é longo. Ereções e bodes são freqüentes.

Tive de trilhar muito tempo o caminho pedregoso até o oásis de tamareiras, onde os garotos árabes cagam no poço e dançam *rock'n'roll* pelas areias da praia, musculosos, enquanto comem cachorros-quentes e cospem dentes de ouro em pepitas.

Desdentados e recém-saídos da longa fome, com costelas tão marcadas que você poderia lavar sua roupa suja nelas, eles descem de canoas tremendo desde a ilha de Páscoa, e caminham pela praia com passos duros e quebradiços como pernas de pau... cabeceiam nas janelas dos clubes... caídos na gordura da necessidade a fim de vender seu corpo esbelto.

As tamareiras morreram de carência também, o poço cheio de excremento e um mosaico de mil jornais: “A Rússia nega... O ministro do Interior considera com doloroso alarme... O alçapão abriu-se às 12h02. Às 12h30 o médico saiu para comer ostras, voltou às 2h e bateu jovialmente nas costas do enforcado. ‘O quê! Você ainda não morreu? Acho que vou ter de puxar sua perna. Ha, ha! Não posso permitir que você se asfixie nesse ritmo — eu iria receber uma reprimenda do presidente. E que desgraça se o rabeção carregar você vivo. Meus bagos caíam no chão de vergonha, e eu teria de virar aluno de um macaco experiente. Um, dois, três, puxar!’ ”

O planador desce silencioso como uma ereção, silencioso como vidro engordurado que o jovem ladrão quebrou com as mãos de uma velha e os olhos opacos de um viciado... Numa explosão silenciosa, ele entra na casa destruída, pisando em cristais engordurados, um tique-taque alto de relógio na cozinha, uma brisa quente ondeia seus cabelos, a cabeça se desintegra com um tiro de cartucho... O velho

atira um cartucho vermelho para o alto e faz piruetas em volta da espingarda. — Ah, eu, hem, pessoal, foi nada, não... Peixe na rede. Dinheiro no banco... Um garoto fácil, um tiro na cabeça de ganso e ele desaba numa posição obscena... Está me ouvindo daí, garoto?

“Eu também fui jovem e escutei o canto da sereia do dinheiro fácil e mulheres e o cuzinho apertado de rapazes e o amor à terra, nada disso esquentou o meu sangue; posso lhe contar uma estória que vai fazer seu pau levantar e gritar pelo caminho rosado e opalino da jovem boceta ou a música palpitante do cuzinho moço e pardo, coberto de mucosidade, tocando seu pau como uma flauta doce... e quando você acerta a pérola da próstata, diamantes afilados se juntam nas bolas do garoto, inexoráveis como cálculos renais... Sinto ter sido obrigado a matar você... a Velha égua cinzenta não é mais como antigamente... Não pode mais dominar uma platéia... tem que trazer o teatro abaixo pelos bastidores... Como um velho leão cheio de cáries, ele precisa dessa pasta de dentes para manter a mordida sempre fresca... Esses leões velhos, é garantido como a merda de cada dia, convertem-se em comedores de meninos... E quem poderá culpá-los se os meninos são tão doces, tão frescos, tão limpos na St. James Infirmary^[18]? Ora, filho, não venha com *rigor mortis* pra cima de mim. Respeite esse velho pau... Um dia, você também poderá se transformar numa foda velha e chata... Oh, ah, acho que não... Como o sem-vergonha descalço de Housman, o Ingênuo Congelado de Shropshire, você conseguirá botar os pés no armazém do tempo... Mas é impossível matar esses garotos de Shropshire... enforcados tantas vezes que resistem, como um gonococo semicastrado pela penicilina desenvolve uma força terrível e se multiplica em proporção geométrica... Assim, vamos votar por uma

absolvição decente e acabemos logo com essas animalescas exposições, pelas quais o xerife cobra uma libra de carne.”

Xerife: — Eu abaixo as calças dele apenas por uma libra, pessoal. Podem chegar. Uma exposição séria e científica a respeito da localização do Centro da Vida. Esse sujeito tem vinte e dois centímetros, senhoras e senhores, podem medir os senhores mesmos... Só uma libra, uma fresquinha nota de três dólares para ver um jovem gozar três vezes no mínimo — eu nunca me rebaixaria a utilizar um eunuco — *e completamente contra a sua vontade*. Quando o pescoço dele se quebrar, fiquem certos como dois e dois são quatro que esse sujeito se colocará em posição de sentido e dirigirá o jorro todo em cima de vocês.

O garoto de pé sobre o alçapão transfere o peso do corpo de uma perna para outra: — Meu Deus, o que a gente precisa agüentar nesse negócio! É certo como um caralho que algum velho escroto vai querer partir para o lado físico...

Alçapões se abrem, a corda canta como vento no arame, o pescoço estala alto e claro como um gongo chinês.

O garoto corta a corda com uma navalha e persegue um veado que uiva pela passagem central. O veado mergulha na tela de um vídeo pornográfico e se empala num negro sorridente. *Fade-out*.

(Mary, Johnny e Mark curvam-se em agradecimento, com as cordas em volta do pescoço. Não são tão jovens quanto aparentam no Filme Pornográfico... Parecem cansados e petulantes.)

Assembléia do Congresso Internacional de Psiquiatria Tecnológica

O dr. “Fingers” Schafer, o Garoto Lobotômico, levanta-se e dirige aos congressistas a rajada fria e azul de seu olhar:

— Cavalheiros, o sistema nervoso humano pode ser reduzido a uma compacta e abreviada coluna vertebral. O cérebro, o cerebelo e o bulbo devem seguir as adenóides, o dente do siso e o apêndice... Ofereço-lhes minha Obra-Prima: *O supernorte-americano completo e desangustiado...*”

Toque de trompetes: dois portadores negros trazem o homem nu, e o deixam cair sobre a plataforma com uma brutalidade animal e desdenhosa... O Homem se contorce... Sua carne se transforma em geléia viscosa e transparente que se dissolve como uma neblina verde, desvelando uma monstruosa centopéia negra. Ondas de um fedor desconhecido enchem a sala, queimam os pulmões e retorcem os estômagos.

Schafer aperta as mãos e soluça: — Clarence!! Como você pôde fazer isso comigo?? Ingratos!! Todos eles ingratos!!

Os congressistas recuam, murmurando em desalento:

— Temo que Schafer tenha ido longe demais...

— Eu avisei...

— Cara brilhante, o Schafer... mas...

— Esse homem é capaz de qualquer coisa pela publicidade...

— Cavalheiros, esta indescritível e, em todos os sentidos, ilegítima criança do cérebro pervertido do dr. Schafer não pode vir à luz... Nosso dever em relação à raça humana é evidente...

— Cara, ela já veio à luz — diz um dos carregadores negros.

— Devemos eliminar essa criatura antinorte-americana — diz um gordo doutor sulista de cara de rã, que estivera bebendo aguardente de milho de uma jarra.

Ele avança tropeçadamente e logo se detém, amedrontado ante o formidável tamanho e o aspecto ameaçador da centopéia...

— Tragam gasolina! — muge. — Temos que queimar esse filho da puta como um negro desgraçado!

— Eu não me meto, eu não — diz um jovem e sofisticado doutor, viajando com LSD 25... — Como é possível que um brilhante procurador possa...

Fade-out: — Ordem no tribunal:

Procurador: — Senhores do júri, estes “educados cavalheiros” declaram que uma inocente criatura humana, que eles atrozmente sacrificaram, transformou-se de repente numa enorme centopeia preta, e que era “seu dever para com a raça humana” destruir esse monstro antes que ele pudesse, por qualquer meio a seu dispor, perpetrar seus desígnios...

— Devemos engolir este engodo de merda? Devemos deixar que nos enfiem essas mentiras descaradas como se fôssemos um cu vaselinado e anônimo? Onde *está* esta fantástica centopéia?

“Nós a destruímos’, dizem eles, presunçosamente... E eu gostaria de lembrar-lhes, senhores e hermafroditas do júri, que esta Grande Besta”, aponta para o dr. Schafer, “em várias ocasiões anteriores, apareceu ante este tribunal acusado do incrível crime de violação de cérebro... Em linguagem clara”, golpeia a balaustrada do recinto dos jurados, sua voz se levanta num grito, “em linguagem bem clara, cavalheiros, *lobotomia forçada*..

O júri solta exclamações... Um deles morre de ataque do coração... Três caem ao chão, contorcendo-se em orgasmos de sensualidade...

O Procurador aponta dramaticamente: — Ele, sim... ele, e não outro, foi quem submeteu províncias inteiras de nossa linda terra a um estado fronteiriço à mais completa idiotia... Ele encheu grandes depósitos com filas e filas, prateleiras sobre prateleiras de criaturas indefesas, que precisam ter todas as suas necessidades atendidas por terceiros... Os Malandros, ele os chama, com a malícia cínica de pura e educada crueldade... Cavalheiros, eu lhes digo que o espantoso assassinato de Clarence Cowie não deve ficar impune: como uma bicha ferida, este crime imundo clama por justiça!

A centopéia se movimenta ali perto, agitada.

— Cara, aquela sacana está com fome! — grita um dos carregadores.

— Eu vou me mandar!

Uma onda de horror elétrico toma de assalto os congressistas...

Eles se atropelam pelas saídas, gritando e se agarrando...

O mercado

Panorama da Cidade de Interzona. Compassos iniciais de *East St. Louis Toodleo...* às vezes altos e nítidos, e logo fracos e intermitentes como música na rua em dia de vento...

O quarto parece balançar e vibrar, por causa do movimento. O sangue e a substância de muitas raças. Negros, polinésios, mongóis das montanhas, nômades do deserto, políglotas do Oriente Próximo, índios — raças ainda não concebidas ou nascidas, combinações ainda não imaginadas passam por seu corpo. Migrações, jornadas incríveis atravessando desertos e selvas e montanhas (êxtase e morte em vales profundos, onde plantas crescem a partir de genitais, imensos crustáceos chocam como ovos e quebram a casca do corpo) cruzam o Pacífico numa canoa até a ilha de Páscoa. A Cidade Compósita, onde todos os potenciais humanos se espraiam num imenso e silencioso mercado.

Minaretes, palmeiras, montanhas, selvas... Um rio preguiçoso agitado por peixes viciosos, enormes parques cobertos de mato, onde meninos deitam-se na grama e se divertem com jogos crípticos. Nenhuma porta trancada na Cidade. Qualquer pessoa entra no seu quarto a qualquer hora. O Chefe de Polícia é um chinês que palita os

dentes e ouve denúncias de um lunático. De tempos em tempos, o chinês tira o palito da boca e olha para a ponta dele. *Hipsters* com rostos lisos cor de cobre deitam-se indolentemente à entrada das casas, brincando com cabeças encolhidas penduradas em correntes de ouro, e seus rostos são impassíveis, com a calma cega de um inseto.

Atrás deles, através das portas abertas, mesas e cabines e bares e cozinhas e banheiros, casais copulando em filas de camas de metal, entrecruzados de milhares de redes, drogados que se amarram para aplicar, fumadores de ópio, fumadores de haxixe, gente comendo falando tomando banho submersos numa nuvem de fumaça e vapor.

Mesas de jogo em que se apostam coisas impensáveis. Volta e meia um jogador se levanta de um salto com um grito desesperado, pois perdeu sua juventude para um velho, ou virou um *latah* de seu adversário, mas há apostas mais altas que a juventude, ou a de tornar-se um *latah*, jogos em que só dois jogadores no mundo conhecem a natureza do que se joga.

Todas as casas da Cidade são ligadas. Casas de terra — mongóis das altas montanhas piscam os olhos nos portais enfumaçados —, casas de bambu e teca, casas de adobe, de pedra e tijolos vermelhos, casas do sul do Pacífico e dos *maori*, casas nas árvores e em barcaças fluviais, casas de madeira de trinta metros de comprimento que abrigam tribos inteiras, casas de caixotes e folhas de zinco, onde velhos se acomodam cobertos de farrapos e cozinham o calor enlatado; enormes prateleiras de ferro enferrujado elevam-se sessenta metros no ar sobre pântanos e lixo, com divisórias perigosas construídas em plataformas de muitos níveis, e redes que pendem sobre o vazio.

Expedições partem para lugares desconhecidos com objetivos desconhecidos. Forasteiros chegam em balsas, feitas de velhos engradados amarrados com cordas podres, saem cambaleantes das selvas, com olhos inchados e fechados devido às mordidas de insetos, descem por trilhas nas montanhas com os pés rachados e sangrando, e chegam aos arredores da cidade, cheios de poeira e vento, onde uma multidão defeca em fileira ao longo das paredes de adobe, e abutres lutam por cabeças de peixes. Despencam nos parques em pára-quadras remendados... São escoltados por um policial bêbado para serem fichados em um enorme banheiro público. As anotações são colocadas em pregos e usadas como papel higiênico.

Odores de comida de todos os países flutuam sobre a Cidade, uma nuvem de ópio, haxixe, a fumaça resinosa e vermelha da *huasca*; odores das selvas e de água salgada e rios podres e excremento seco, suor e genitais.

Flautas das altas montanhas, *jazz* e *behop*, instrumentos mongóis de uma só corda, xilofones ciganos, tambores africanos, gaitas de fole árabes...

A Cidade é tomada por epidemias de violência, e os mortos desatendidos são comidos pelos urubus nas ruas. Albinos piscam ao sol. Garotos sentados nas árvores masturbam-se languidamente. Pessoas consumidas por doenças desconhecidas observam os passantes com olhos espertos e cruéis.

No Mercado da Cidade fica o Café de Encontros. Seguidores de comércios obsoletos e impensáveis, rabiscando em etrusco, viciados em drogas ainda não sintetizadas, traficantes de harmalina dissolvida, a droga reduzida a puro hábito e que permite precária

serenidade vegetal, líquidos que induzem estados de *latah*, soros de longevidade titonianos, comerciantes do mercado negro da Terceira Guerra Mundial, fiscais de impostos da sensibilidade telepática, osteopatas do espírito, investigadores de migrações denunciadas por suaves enxadristas paranóides, oficiais de justiça com sanções fragmentárias anotadas em taquigrafia hebefrênica, ordenando indescritíveis mutilações do espírito, burocratas de departamentos espectrais, oficiais de Estados policiais ainda não constituídos, uma anã lésbica que aperfeiçoou a operação *bang-utot*, a ereção do pulmão que estrangula o inimigo dormindo, vendedores de tanques de orgones e máquinas para relaxamento, corretores de sonhos raros e lembranças testadas nas células sensibilizadas pela doença da droga e trocadas pela matéria-prima da vontade, médicos hábeis no tratamento de doenças latentes na poeira preta de cidades em ruínas, a virulência que se acumula no sangue branco de vermes sem olhos assomando à superfície e ao hospedeiro humano, doenças do fundo do oceano e da estratosfera, doenças de laboratório e da guerra atômica... Um lugar em que o passado desconhecido e o futuro emergente se encontram num vibrante zumbido inaudível... Entidades larvais esperando pelo que está vivo...

(O trecho em que se descreve) a Cidade e o Café de Encontros foi escrito em estado de intoxicação com *yage*... *yage*, *ayuahuasca*, *pilde*, *nateema* são os nomes índios para *Bannisteria caapi*, uma trepadeira de crescimento rápido, típica da região amazônica. Ver comentários sobre o *yage* no Apêndice.)

Anotações do estado do yage: Imagens em queda lenta e silenciosa como neve... Serenidade... Caem todas as defesas... tudo está livre

para entrar ou sair... O medo é simplesmente impossível... Uma substância azul e bela flui dentro de mim... Vejo um rosto arcaico sorrindo como uma máscara do sul do Pacífico... A face é azul-purpúrea manchada de dourado...

O quarto toma o aspecto de um bordel do Oriente Próximo, com paredes azuis e lâmpadas vermelhas ornadas de borlas... Sinto-me transformado numa Negra, enquanto a cor preta silenciosamente invade minha carne... Convulsões de prazer... Minhas pernas tomam o arredondado da substância polinésia... Tudo estremece com uma vida contorcida e fugaz... O quarto é no Oriente Próximo, Negro, sul do Pacífico, algum lugar familiar que eu não consigo localizar... O *yage* é uma viagem no espaço-tempo. O quarto parece estremecer e vibrar... O sangue e a substância de muitas raças, negros, polinésios, mongóis das montanhas, nômades do deserto, políglotas do Oriente Próximo, índios, raças ainda não concebidas ou nascidas, perpassam o corpo... Migrações, jornadas incríveis ao longo de desertos e selvas e montanhas (êxtase e morte em vales profundos, onde plantas crescem a partir de genitais, enormes crustáceos chocam como ovos e quebram na casca do corpo) cruzando o Pacífico numa canoa até a ilha de Páscoa...

(Ocorre-me que a náusea preliminar do *yage* é o mal-estar provocado pelo movimento de transporte para o estado do *yage*...)

— Todos os feiticeiros usam-no em suas práticas para predizer o futuro, localizar objetos perdidos ou roubados, diagnosticar e tratar doenças, descobrir o culpado de um crime. — Pois os índios (camisa-de-força para Herr Boas — piada do ofício — nada enlouquece mais um antropólogo do que o Homem Primitivo) não encaram nenhuma morte como acidental, e ignoram suas próprias tendências

autodestrutivas, referindo-se a elas desprezivelmente como “nossos primos nus”, ou talvez por sentir que aquelas tendências, acima de quaisquer outras, estão sujeitas à manipulação de vontades alheias hostis, consideram qualquer morte como assassinato. O feiticeiro toma *yage*, e a identidade do assassino lhe é revelada. Como vocês podem imaginar, as deliberações do feiticeiro, durante um desses inquéritos das selvas, provocam certos sentimentos incômodos entre seus constituintes.

— Esperemos que o velho Xiuptutol não enlouqueça e diga que é um dos rapazes.

— Tome um curare e acalme-se. Nós já acertamos o...

— Mas e se ele enlouquece? Servindo-se daquele *nateema* o tempo todo, ele não volta ao chão em vinte anos... Eu estou lhe dizendo, Patrão, ninguém pode comer daquele negócio como ele faz... Cozinha o cérebro...

— Nós o declaramos incompetente...

Então, Xiuptutol sai da selva cambaleando e diz que foram os rapazes do território do Baixo Tzipino, o que não surpreende ninguém... Quando se trata de um velho *brujo*, meu caro, eles não gostam de surpresas...

Um funeral passa através do mercado. Caixão preto — inscrições arábicas em prata filigranada — levado por quatro carregadores. Procissão de carpideiras cantando a canção funeral... Clem e Jody caem ao lado dos' carregadores do caixão, e o cadáver de um porco irrompe para fora dele... O porco está vestido numa *jellaba*, tem um cachimbo de *keif* apontando de sua boca, uma pata segurando um pacote de fotos obscenas, um *mezuzzoth* pendurado no pescoço...

Inscrito no caixão: “Este foi o mais nobre árabe que já houve”.

Cantam horrenda paródia de canção funeral em arábico falso. Jody faz uma imitação de conversa chinesa que vai matar você de rir — como um boneco de ventríloquo histérico. Ele já provocou um protesto antiestrangeiro em Xangai que resultou em três mil baixas.

— Levante-se, Gertie, e mostre algum respeito pelos patifes locais.

— Acho que eu *deveria*.

— Minha cara, estou trabalhando na mais maravilhosa das invenções... um garoto que desaparece assim que você goza, deixando um cheiro de folhas queimadas e um efeito sonoro de distantes apitos de trem.

— Já fez sexo sem gravidade? Seu esperma flutua, suspenso no ar como um adorável ectoplasma, e as visitas femininas estão sujeitas à concepção imaculada ou, ao menos, indireta... Isso me lembra um velho amigo meu, um dos homens mais simpáticos que já conheci e um dos mais loucos também, absolutamente estragado pela riqueza. Ele costumava andar por aí, nas festas, com uma pistola de água, atirando esperma em mulheres profissionais. Ganhou todos os processos por paternidade com as mãos nos bolsos. Nunca usava seu próprio esperma, entende?

Fade-out... — Ordem na Corte! — Promotor para A. J.: — Testes conclusivos estabeleceram que meu cliente não teve ah nenhuma ligação com o ah pequeno acidente da encantadora querelante... Talvez ela esteja pretendendo competir com a Virgem Maria e conceber imaculada, designando meu cliente como alcoviteiro do espírito... Isso me faz lembrar de um caso na Holanda do século XV

quando uma jovem mulher acusava um velho e respeitável feiticeiro de invocar um súcubo, que então conheceu ah carnalmente a jovem em questão com o, sob tais circunstâncias, lamentável resultado da gravidez. Então, o feiticeiro foi acusado de cúmplice e desenfreado *voyeur* antes, durante e depois do fato. Senhores do júri, não damos mais crédito a essas lendas, e uma jovem mulher que atribua sua ah interessante condição às atenções de um súcubo, seria tomada, nestes dias iluminados, como uma romântica ou, em linguagem clara, uma desgraçada mentirosa he-he, he-he, he...

E agora a Hora do Profeta:

— Millins morreu nos brejos. Uma só rajada direto nos pulmões.

“ ‘Eia, eia, capitão’, disse ele, espichando os olhos sobre o convés... E quem usaria as correntes hoje à noite? É bom prestar atenção quando o vento de cima chegar, o vento de baixo não trouxe nada que valesse para esse meu cano velho... *Señoritas* são a moda nesta estação no Inferno, e eu estou cansado dessa longa subida a um Vesúvio pulsante de caralhos estrangeiros.”

Preciso do Expresso do Oriente fora daqui para nenhum esconderijo... essa área está freqüentemente minada... Todo dia cave um pouco, mata o tempo...

Punhetas fantasma sussurram quentes dentro do ouvido de OSSO...

Salte e corra para a liberdade.

— Cristo? — zomba o Santo vicioso, fresco e velho, aplicando *pancake* de um pote de alabastro... — Aquele presunto barato? Você

acha que eu me rebaixaria a cometer um milagre?... Ele não devia ter saído do circo...

“ ‘Podem subir, Marqueses e Marcas^[19] e tragam as Marquinhas também. Bom para jovens e velhos, homens e bestas... primeiro e único, o legítimo *Filho do Homem* curará um jovem de blenorragia com uma das mãos — só pelo contato — enquanto cria maconha com a outra, ao mesmo tempo andando sobre as águas e esguichando vinho pelo cu... Mantenham distância, gente, pois vocês estão sujeitos à irradiação pelas emanções da personagem.’

“E eu o conheci, quando, querida... Eu me recordo, estávamos fazendo um número de Imitação — de alta classe também — em Sodoma, cidadezinha miserável... Só para matar a fome... Bem, esse cidadão, esse fodido filisteu vagando de Pudunk Baal ou coisa que o valha, chama-me de veado em cima do palco. E eu disse a ele: ‘Três mil anos no *show business*, e sempre mantive meu nariz limpo. Além disso, não tenho que agüentar a merda de um incircunciso chupador de pau’... Mais tarde, ele vem ao meu camarim e pede desculpas... Afinal, era um grande médico. E um cara ótimo também...

“*Buda?* Um notório drogado metabólico... Está na dele, entende? Na índia, onde não se tem nenhum sentido de tempo, o Homem está sempre um mês atrasado... ‘Ora, deixe-me ver, esta é a segunda ou a terceira monção? Eu tenho, acho que tenho um encontro em Ketchapore mais ou menos.’

“E todos aqueles drogados se mantêm sentados por ali na posição do loto, cuspiendo no chão e esperando pelo Homem.

“Então Buda diz: ‘Não sou obrigado a agüentar esse barulho. Por Deus, vou metabolizar minha própria droga’.

“ ‘Homem, você não pode fazer isso. Os fiscais vão cair em cima de você.’

“ ‘Para cima de mim eles não vêm. Eu tenho um truque, sabe? Eu sou um puta Homem Santo.’

“ ‘Virgem, chefe, que trambique!’

“ ‘Agora, tem uns cidadãos que piram quando entram para a Nova Religião. Esses indivíduos frenéticos não sabem gozar. Não têm nenhuma classe... Além disso, eles se arriscam a um linchamento; quem quer ter alguém por perto que é melhor que os outros? ‘O que você está tentando, cara, atrapalhar a vida da gente?... ’

“ ‘Então temos que ficar frios, entende, frios... Temos aqui um negócio para pegar ou largar, rapazes. Não enfiemos nada na sua alma, como alguns tipos baratos que não terão nome nem lugar. Limpe a caverna para a ação. Vou metabolizar umas bolinhas e atacar de Sermão do Fogo.’

“*Maomé? Você está brincando? Ele foi sonhado pela Câmara de Comércio de Meca. Um publicitário egípcio, fracassado por causa da bebida, escreve a continuação.*

“ ‘Eu tomo outra, Gus. Depois, por Alá, vou para casa receber um *surah*... Espere até os matutinos chegarem às bancas. Estou jorrando Imagens Amalgamadas no espaço sem limites.’

“O garçom levanta os olhos do programa de corridas. ‘É, o deles será um Destino Doloroso.’

“ ‘Oh... ah... bastante. Agora, Gus, eu lhe farei um vale.’

“ ‘Você está se tomando o mais notório pendurador de papéis da Grande Meca. Não sou uma parede, sr. Maomé.’

“ ‘Bem, Gus, tenho dois tipos de propaganda, uma a favor, e a outra, contra. Você deseja um pouco da outra já? Sou capaz de receber um *surah* referente a garçons que não abrem crédito aos necessitados.’

“ ‘E o deles será um destino doloroso. Você vendeu a Arábia.’ Ele salta por cima do balcão. ‘Para mim chega, Ahmed. Pegue os seus *surahs* e saia daqui. Na verdade, vou ajudá-lo. E *não volte mais.*’

“ ‘Vou arrumar sua carroça direitinho, seu incrédulo chupador de pau. Vou fechar você bem apertado e seco, como um cu de drogado. Por Alá, vou secar a Península.’

“ ‘É um continente, já... ’

“Deixe o que Confúcio diz ao nível de Little Audrey e os cachorros felpudos. Lao-tse? Já o estão coçando... E chega desses santos grudentos, com olhar de pático desânimo como se estivessem levando no cu tentando não prestar atenção. E por que deveríamos deixar um velho presunto miserável nos dizer o que é a sabedoria? ‘Três mil anos no *show business*, e sempre mantive o nariz limpo... ’

“Primeiro, todo Fato é encarcerado, junto com os prostitutas e aqueles que profanam os deuses do comércio jogando bolas nas ruas, e um velho sacana de cabelos brancos vem cambaleando oferecer-nos os favores de sua madura imbecilidade. Será que jamais nos veremos livres deste idiota de barba cinzenta, emboscado num pico de uma montanha do Tibete, capaz de se arrastar para fora de uma cabana na Amazônia, tocar você no Bowery? ‘Eu estava à sua espera, filho’, e ele se serve de um silo inteiro de uísque de milho. ‘A vida é uma escola em que cada aluno aprende uma lição. E agora vou destrancar minha Reserva de Palavras... ’

“ ‘É o que eu temo.’

“ ‘Não, nada deterá essa corrente crescente.’

“ ‘Não posso detê-lo, rapazes. *Sauve qui peut.*’

“ ‘Juro, quando deixei o velho Sábio nem me senti mais humano. Ele convertia meus orgones vivos em merda.’

“Então tenho uma com exclusividade: por que não pegar da palavra viva? A palavra não pode ser expressa diretamente... Pode talvez ser indicada por um mosaico de justaposições, como artigos abandonados numa gaveta de hotel, definida através de negativas e ausências...

“Acho que vou pregar meu estômago... Posso ser velho, mas ainda sou desejável.”

(A Prega no Estômago é uma intervenção cirúrgica para remover a gordura do estômago, ao mesmo tempo fazendo uma prega na parede abdominal e criando um Corpete de Carne, que fica no entanto sujeito a romper-se e esparramar suas horríveis tripas pelo assoalho... Os modelos mais esguios e bem-feitos de CC são naturalmente os mais perigosos. Na verdade, alguns modelos extremos são conhecidos na praça como UND — Uma Noite Dá.

O dr. “Doodles” Rindfest declara rudemente: — A cama é o lugar mais perigoso para um homem de CC.

A canção-tema dos CC é “Creia-me, se todos esses afetuosos encantos juvenis”. Um parceiro CC está sujeito na verdade a “sumir de seus braços, desaparecendo no ar como um presente de fadas”.)

Numa sala branca de museu, cheia de sol, nus róseos de vinte metros

de altura. Enorme burburinho adolescente.

Corrente prateada em volta... um abismo, trezentos metros abaixo sob o sol brilhante. Pequenos canteiros de couve e alface. Jovens escuros com enxós, espionados pela bicha velha do outro lado do canal de esgoto,

— Oh, querido, se eles fertilizam com excremento humano... Talvez eles o façam agora mesmo.

Ele saca o binóculo de ópera de opala — mosaico asteca no sol.

Fila comprida de rapazes gregos marcha com potes de alabastro cheios de merda, esvaziando-os na fossa de calcário.

Choupos empoeirados vergam ao vento da tarde por sobre a Plaza de Toros de tijolos vermelhos.

Cubículos de madeira em torno de uma fonte de água quente... entulho de paredes em ruínas num bosquete de algodoeiros... as cercas gastas até ficarem lisas como metal por um milhão de garotos que se masturbam.

Rapazes gregos, brancos como mármore, fodem feito cães no pórtico de um enorme templo dourado... O *mugwump* nu tange um alaúde.

Descendo pelas pistas em seu suéter vermelho, encontrou o filho de Sammy, o Vigia das Docas, com dois mexicanos.

— Ei, Magrela — disse ele —, quer tomar na bunda?

— Bom... Quero.

Num colchão de palha arruinado, o mexicano puxou-o de quatro — um garoto negro dançando em volta deles ao ritmo das remadas... o sol, através de um nó da madeira, ilumina o caralho com um foco

cor-de-rosa.

Um deserto de vergonha crua e rósea até o horizonte azul pastel, onde mesetas de ferro se chocam contra o céu estilhaçado.

— Está tudo bem. — O Deus grita através do seu corpo como uma descarga entupida de três mil anos...

Saraivada de crânios de cristal despedaça a estufa em mil cacos sob o luar de inverno...

A mulher americana, deixa cair uma pitada de veneno na festa úmida, ao ar livre, em St. Louis.

Piscina coberta de lodo verde num jardim francês em ruínas. Enorme rã libidinosa levanta-se devagar da água numa plataforma de lama, tocando cravo.

Um *sollubi* invade o bar e começa a engraxar os sapatos do Santo com o óleo de seu nariz... O Santo chuta-o na boca petulantemente. O *sollubi* grita, rodopia em volta e caga nas calças do Santo. Depois corre para a rua. Um proxeneta procura por ele especulativamente...

O Santo chama o gerente: — Meu Deus, Al, que espécie de antro nojento você está dirigindo? Meus *degagées* novinhos de pele de peixe...

(Os *sollubis* são uma casta intocável da Arábia, notáveis por sua abjeta vileza. Cafés de luxo são equipados com *sollubis* que enrabam os fregueses, enquanto eles comem — buracos nos bancos são feitos para este fim. Cidadãos que desejam ser totalmente humilhados e degradados — tanta gente hoje em dia — oferecem-se para congressos sexuais passivos com um acampamento de *sollubis*... Não existe nada melhor, dizem eles... Na verdade, os *sollubis* são

propensos a se tornarem ricos e arrogantes e perder sua vileza inata. Qual é a origem dos intocáveis? Talvez uma casta de sacerdotes decaídos. De fato, os intocáveis desempenham uma função sacerdotal, ao tomar para si toda a vileza humana.)

A. J. perambula pelo mercado de capa preta com um urubu pousado num dos ombros. Observa de perto uma mesa cheia de agentes.

— Essa você tem que ouvir. Garoto de Los Angeles, quinze anos de idade. O pai decide que é tempo de ele ter seu primeiro pedaço de cu. O garoto está deitado no gramado lendo um gibi, o pai sai e diz: “Filho, aqui tem vinte dólares; quero que vá a uma boa puta e se sirva de um bom pedaço de cu”.

“Então eles se dirigem até esse *rendez-vous* estofado de pelúcia e o pai diz: ‘OK, filho. Agora você está por sua conta. Toque a sineta, e quando a mulher vier dê-lhe os vinte dólares e diga que você quer um pedaço de cu’.

“ ‘Saquei, pai.’

Então, depois de quinze minutos, o garoto sai:

“ ‘Como é, filho, comeu seu pedaço de cu?’

“ ‘É. Aquela mina veio até a porta, eu disse que queria um pedaço de cu e lhe passei as duas dezenas. Fomos até o quarto e ela tirou os trapos. Então, eu abri a lâmina e arranquei um pedaço do cu dela, ela criou um puta problema, fui obrigado a tirar um dos sapatos e lhe estourar os miolos. Depois, enrabei-a só de sarro.’ ”

Só restam os ossos rindo, carne sobre as colinas e longe, com o vento da aurora e um apito de trem. Não estamos indiferentes ao

problema, e as necessidades de nossos constituintes estão sempre em nossas mentes, sendo aí seu verdadeiro lar, e quem poderia quebrar um contrato de sinapses de noventa e nove anos?

Outro fascículo nas aventuras de Clem Snide, o Cu Privado: — Eu entrei na espelunca e aquela puta sentada no bar, e eu pensei: “Oh, Deus, você já virou uma *poule de luxe*”. Quer dizer, parece que já vi esse rabo antes. Então, não prestei muita atenção nela no início. Reparei que ela estava arrastando as pernas e jogando os pés para cima e para trás da cabeça, e se empurrava para baixo para se aplicar uma ducha com uma engenhoca saindo de seu nariz, de um modo que não se podia deixar de notar.

Íris, meio chinesa e meio negra — viciada em diidroxi-heróina —, toma um pico a cada quinze minutos, para cujo fim deixa êmbolos e agulhas espetadas pelo corpo todo. As agulhas enferrujam em sua carne seca, que cresce aqui e ali, cobrindo a coisa completamente e formando um quisto liso, verde-marrom. Na mesa à sua frente, está um samovar de chá e um tablete de dez quilos de açúcar mascavo. Ninguém jamais a viu comer nada além disso. Só pouco antes de um pico ela consegue ouvir o que alguém diz ou o que ela mesma fala. Então, faz alguma declaração simples e factual a respeito de si mesma.

— Meu cu está se fechando.

— Minha boceta está cheia de uma gosma verde horrível.

Íris é um dos projetos de Benway. — O corpo humano pode funcionar só com açúcar, porra... Sei que alguns de meus cultos colegas estão tentando depreciar meu trabalho de gênio, acusam-me de pôr vitaminas e proteínas no açúcar de íris clandestinamente... Eu

desafio esses cus sem nome a engatinhar para fora de suas latrinas e fazer uma análise detalhada do açúcar de Íris e do chá. Íris é uma saudável boceta americana. Nego categoricamente que ela se nutra de sêmen. E deixem-me aproveitar a oportunidade para declarar que sou um cientista reputado, não um charlatão, um lunático ou um falso milagreiro... Nunca pretendi que Íris pudesse subsistir exclusivamente por fotossíntese... Não disse que ela poderia respirar dióxido de carbono e expirar oxigênio. Confesso que estive tentado a experimentar, sendo naturalmente contido por minha ética médica... Em síntese, as vis injúrias de meus nojentos adversários cairão sobre eles inevitavelmente, e virão empoleirar-se como um pombo chamariz de volta ao lar.

Homens e mulheres comuns

Almoço do Partido Nacionalista, na sacada que dá para o mercado. Charutos, *scotch*, arrotos polidos... O Líder do Partido passeia de *jellaba*, fumando um charuto e bebendo *scotch*. Usa caros sapatos ingleses, meias berrantes, ligas, pernas peludas e musculosas — efeito global de gângster bem-sucedido em festa.

L. P. (apontando dramaticamente): — Olhem lá fora. O que vêm vocês?

Lugar-tenente: — Ah? Por quê? Estou vendo o mercado.

L. P.: — Não, não está. Você está vendo homens e mulheres. Homens *comuns* e mulheres *comuns*, ocupados com suas tarefas *comuns* de todos os dias. Vivendo sua vida *comum*. É disso que nós precisamos...

Um garoto da rua trepa pela balaustrada da sacada.

Lugar-tenente: — Não, não queremos comprar camisas-de-vênus usadas! Caia fora!

L. P.: — Espere!... Entre, meu rapaz. Sente-se... Pegue um charuto... Tome um drinque.

Ele anda em volta do garoto como um gato excitado.

— O que você pensa dos franceses?

— Hã?

— Os franceses. Os filhos da puta colonialistas que estão sugando seus corpúsculos vivos.

— Veja, senhor. Custa duzentos francos chupar meu corpúsculo. Não baixei meus preços desde o ano da peste bovina, quando todos os turistas morreram, até os escandinavos.

L. P.: — Vê? Este é um verdadeiro garoto de rua, intato.

— Você os conhece mesmo, chefe.

— M. I. nunca erra.

L. P.: — Agora, garoto, vamos pôr a coisa dessa forma, os franceses roubaram seus direitos hereditários.

— Você quer dizer, como o Financeiro Amigável?... Eles têm esse eunuco egípcio desdentado que faz o trabalho. Eles acreditam que ele cria menos antagonismo, entende, sempre baixa as calças para mostrar suas condições. “Vê, sou só um pobre eunuco velho tentando manter meu vício. Senhora, gostaria de lhe dar uma extensão neste rim artificial. É isso o que tenho de fazer... eu faço... Desliguem-na, rapazes!” Ele mostra as gengivas num fraco rugido... “Não é por nada que sou conhecido como Nellie, o Recuperador.”

“Então eles desligam minha própria mãe, a velha xoxota sagrada, e ela incha e fica preta e o saco todo fede a mijo e os vizinhos reclamam ao Comitê de Saúde e meu pai diz: ‘É a vontade de Alá, Ela não mijará mais minha grana pelo ralo.’

“Gente doente me enjoa. Quando algum cidadão começa a falar sobre seu câncer na próstata ou seu septo podre, soltando aquela

desgraça purulenta, eu digo: ‘Você pensa que estou interessado em ouvir sua horrível condição? Pois não estou nada interessado’.”

L. P.: — Está *certo*. Esqueça... Você odeia os franceses, não é?

— *Mister*, odeio todo mundo. O dr. Benway diz que é metabólico. Tenho essa coisa no sangue... Árabes e americanos a têm especialmente... O dr. Benway está preparando esse soro.

L. P.: — Benway é um agente ocidental infiltrado.

L.1.: — Um desgraçado de um judeu francês...

L.2.: — Um negro comunista judeu, de saco de porco e cu escuro.

L. P.: — Cale a boca, idiota!

L.2.: — Desculpe, chefe. Estou chegando do estágio em Pigeonhole.

L. P.: — Não chegue perto de Benway. — (De lado: “Eu imagino se ele vai engolir essa. Você nunca sabe o quanto eles são primitivos... ”) — Confidencialmente, ele é um curandeiro de magia negra.

L.1.: — Ele tem aquele *djinn* residente.

— Ha-ha... Tenho um encontro com um cliente americano em boa forma. Um cara de classe.

L. P.: — Você não sabe que é vergonhoso vender seu cu aos caralhos infiéis dos estrangeiros?

— Bem, isso é um ponto de vista. Divirta-se.

L. P.: — Igualmente. — Sai o garoto. — Eles são um caso perdido. Definitivamente perdido.

L.1.: — Que soro será esse?

L. P.: — Não sei, mas parece terrível. É melhor colocarmos um seguidor telepático em Benway. Não se deve confiar nele. É capaz de qualquer coisa... Transformar um massacre numa orgia sexual...

— Ou numa piada.

— Precisamente, Tipo imaginoso... Sem princípios...

Dona-de-casa americana (abrindo uma caixa de Lux):

— Por que ela não tem um olho eletrônico, a caixa não se abre quando me vê e se entrega na mão do Faz-Tudo Automático, ele devia pôr na água já... O Faz-Tudo está fora de controle desde quinta-feira, anda partindo para a ignorância comigo e eu não pus isso na combinação de jeito nenhum... E a Unidade da Lixeira querendo me morder, e o nojento liquidificador tentando entrar-me por baixo da saia... Estou com um resfriado dos piores, e meus intestinos todos constipados... Vou colocar na combinação do Faz-Tudo que ele devia me aplicar uma massagem no cólon já, já.

Vendedor (alguma coisa entre um *latah* agressivo e um tímido Transmissor): — Isso me lembra quando estive viajando com K. E., o mais quente homem de idéias na indústria de *gadgets*.

“Pensei nisso!”, ele exclamou. ‘Um separador de cremes na sua própria cozinha!’

“ ‘K. E., meu cérebro dispara só com a idéia.’

“ ‘Isso é cinco, talvez dez, sim, talvez vinte anos à frente... Mas vai chegar.’

“ ‘Vou esperar, K. E. Não importa quanto tempo, vou esperar.

Quando os números da prioridade forem chamados, lá estarei.’

“Foi K. E. quem colocou na praça o *Octopus Kit* para Salas de Massagem, Barbeiros, Banhos Turcos, com o qual você pode aplicar um alto colônico — massagem antiéctica —, um xampu, ao mesmo tempo cortando as unhas do pé do cliente e removendo cravos. E o *M.D.'s Can Do Kit* para médicos ocupados tirarem seu apêndice; perfurarão uma hérnia, arrancarão um dente do siso, extrairão suas hemorróidas e o circuncisarão. Bem, K. E. é um vendedor atômico de tal forma que, se ele se livra de um *Octopus Kit*, é capaz de, por mera carga, vender um *M, D. Can Do* para um barbeiro, e um cidadão vai acordar sem as hemorróidas...

“ ‘Virgem, Homero, que espécie de antro nojento você está dirigindo aqui? Fui fodido pela turma toda.’

“ ‘Bem, por Deus, *sí*, estava só tentando aplicar nosso agradável alto colônico de graça no Dia de Graças. K. E. deve ter me vendido o *kit* errado de novo...”

Prostituto: — O que um garoto tem que agüentar nesse negócio! Meu Deeeeus! As propostas que recebi, você não acreditaria... Querem brincar de *latah*, querem se misturar em meu protoplasma, querem um corte de réplicas, querem chupar meus orgones, querem levar minhas experiências passadas e só deixar velhas lembranças que me enojam...

“Estou fodendo esse cidadão, então penso: ‘Um fulano certinho, enfim’, mas ele chega ao clímax e se transforma em um tipo horrível de caranguejo... Digo a ele: ‘Jack, não sou obrigado a agüentar uma rotina como essa... Leve esse negócio para o Walgreen’s’. Algumas

peças não têm classe. Outro velho horroroso só fica sentado e telepatiza e se esporra nas calças. Tão nojento!”

Os garotos vagabundos fogem em enorme confusão até a fronteira da rede soviética, onde os cossacos enforcam *partisans* com gemidos selvagens de gaitas de fole, e os rapazes marcham pela Fifth Avenue para encontrar Jimmy Walkover com as chaves do Reino, sem corrente presa, ele as carrega todas soltas no bolso...

Por que tão pálido e lívido, meu caro sodomita? Cheiros de sanguessugas mortas numa lata de estanho enferrujada trincam-se naquela chaga viva, e sugam todo o corpo e sangue e ossos de Jeeeeesus, deixando-o paralisado da cintura para baixo.

Entregue suas formas, garoto, ao pai doce que fez o exame há três anos, e sabe que todos os livros de respostas só falam no Campeonato Nacional.

Traficantes malandros observam uma vaca prenhe nos trabalhos de parto. O fazendeiro solta uma *couvade*, rola berrando em bosta de vaca. O veterinário luta com um esqueleto de vaca. Os traficantes metralham-se uns aos outros, correndo desabalados pelas maquinarias, silos, armazéns de estocagem, montes de feno e manjedouras de um enorme celeiro vermelho. O bezerro nasceu. As forças da morte derretem-se na manhã. Garotos da fazenda ajoelham-se reverentemente — sua garganta pulsa no sol nascente.

Viciados sentados nos degraus da corte esperando pelo Homem. Pescoços vermelhos, com chapéus Stetson negros e Levis descoradas, amarram um garoto negro num velho poste de ferro e cobrem-no com gasolina em chamas... Os viciados se amontoam em volta e

tragam a fumaça preta de carne em seus pulmões doentes...
Conseguem grande alívio...

O Funcionário do Condado: — Então, eu estava sentado em frente à loja de Jed em Cuntlick^[20], meu pinto reto como um poste sob a Levis, pulsando no sol... Beeeem, o velho dr. Scranton passa, bom garoto também, não há homem mais fino neste vale do que o dr. Scranton. Ele tem um cu prolapso, e quando quer ser fodido ele entrega o cu em um metro de in-tes-ti-nos... Se está disposto, pode deixar cair um pedaço de tripa do seu consultório direto até a Cervejaria Roy's, e vai Tateando em volta procurando um pinto, Tateando em volta, como um verme cego... Então, o velho dr. Scranton vê meu pinto e pára como um cão de caça apontando e diz para mim: “Luke, posso tomar seu pulso daqui”.

Browbeck e o Jovem Seward lutam com castradores de porco em celeiros e jaulas e canis barulhentos... cavalos relinham, grandes dentes amarelos, vacas mugem, cães uivam, gatos copulando gritam como bebês, um chiqueiro de leitões enormes, costas encrespadas, dá um brado de guerra do Bronx. Browbeck, o Instável, caiu sob a espada do Jovem Seward, agarra-se em intestinos azuis jorrando de um talho de vinte centímetros. O Jovem Seward corta o pau de Browbeck e segura-o, pulsando no nublado sol nascente...

Browbeck grita... freios de metrô cospem ozônio...

— Mantenham distância, gente... Distância.

— Dizem que alguém o empurrou.

— Ele estava zigzagueando, como se não pudesse ver direito.

— Muita fumaça nos olhos, eu acho.

Mary, a Governanta Lésbica, escorregou no chão da taberna num *modess* sangrento... Um veado de cento e cinquenta quilos pisoteia nela até matá-la com gritinhos páticos...

Canta em horrível falsete:

“Pisando a vindima onde as vinhas da ira estão guardadas, Errou o golpe fatal de sua rápida e terrível espada”.

Ele saca uma espada de madeira dourada e corta o ar.

Seu corpete se abre e assobia contra o alvo de dardos.

A velha espada de toureiro quica num osso e assobia no coração do Espontâneo, pregando sua bravura inconsumida nas arquibancadas.

— Então esse veado elegante vem a Nova York, de Cuntlick, Texas, e é o veado mijão mais elegante deles todos. É protegido por mulheres velhas, do tipo que se regalam com veados jovens, velhas predadoras desdentadas, fracas e lentas demais para outro tipo de caça. Tigres fêmeas comidas de mofo logo se transformam em comedoras de veado... Então, esse cidadão, sendo um imaginoso e jeitoso veado, começa a fazer jóia de fantasia e conjuntos de jóias. Todas as velhas xoxotas ricas da Grande Nova York querem que ele lhes faça conjuntos, e ele fazendo dinheiro, 21, El Morocco, Stork, mas sem tempo para sexo e unicamente preocupado com sua reputação... Começa a jogar nos cavalos, supõe-se que há algo másculo no jogo, Deus sabe por quê, e ele acha que vai lhe fazer bem ser visto em hipódromos. Poucos veados jogam em cavalos, e os que jogam

perdem mais que os outros, são péssimos jogadores, arriscam grandes quantias nos momentos de azar e se seguram quando ganham... aliás, este é um padrão de suas vidas... Agora, toda criança sabe que há uma lei no jogo, o azar e a sorte vêm em ondas, arrisca-se muito quando se ganha, e guarda-se quando se perde. (Conheci uma vez um veado que metia a mão na caixa — não os dois mil todos de uma vez no pescoço, ganha ou Sing Sing. Não, a nossa Gertie... Oh, não, um dado de cada vez...)

“Então ele perde, e perde, e perde mais. Um dia, ele está se preparando para colocar uma pedra num broche e ocorre o óbvio. ‘Lógico, depois eu reponho.’ Belas e últimas palavras. Então, o inverno inteiro, um atrás do outro, os diamantes, esmeraldas, pérolas, rubis e safiras do *haut monde* vão para o prego, e são substituídos por horríveis réplicas...

“Daí, na noite de estréia do Metropolitan, essa velha bruxa aparece, como ela pensa, resplandecente com sua tiara de diamantes. E essa outra puta velha chega e diz: ‘Miggles, você é tão esperta... deixar os verdadeiros em casa... Quero dizer, somos simplesmente malucas de andar por aí desafiando a sorte’.

“ ‘Você está enganada, minha querida. Estes são os verdadeiros.’

“ ‘Oh, mas, Miggles, meu anjo, *não* são... Pergunte ao seu joalheiro. Bem, pergunte a qualquer um. Haaaaa.’

“Então, um sabá é convocado às pressas. (Lucy Bradshinkel, olhe suas esmeraldas.) Todas aquelas bruxas velhas examinam suas pedras como um cidadão que descobre lepra em si mesmo.

“ ‘Meu rubi sangue de galinha!’

“ ‘Minhas opaaalas prretas!’ A cadela velha se casou tantas vezes

com tantos carcamanos e latinos porcos que não consegue mais distinguir sua pronúncia de seu cu...

“ ‘Minha safira estrelada!’, guincha uma *poule de luxe*. ‘Oh, é tudo tão horrível!’

“ ‘Então, elas são todas do Woolworth’s...’

“ ‘Só há uma coisa a fazer. Vou chamar a polícia’, diz uma velha extrovertida de vontade forte, e atravessa a sala como um elefante de sapatos baixos e chama os tiras.

“Bem, o veado vai em cana, e na prisão encontra esse gato que é uma espécie de prostituto barato, o amor se estabelece ou ao menos um fac-símile, que convence os partidos na primeira e na segunda partes. Como seria de se esperar, eles são soltos mais ou menos ao mesmo tempo, e fixam residência num apartamento do baixo East Side... E cozinham em casa, e ambos estão trabalhando em empregos modestos e decentes... Brad e Jim conhecem a felicidade pela primeira vez.

“Entram as forças do mal... Lucy Bradshinkel veio para dizer que tudo está perdoado. Ela tem fé em Brad, e quer montar um estúdio para ele. É claro, ele vai ter que se mudar para as ruas East Sixties... ‘Este bairro é impossível, querido; e o seu amigo...’ E uma gangue segura quer Jim de volta dirigindo um carro. É um passo para cima, você entende? Oferta de cidadãos que mal o conhecem.

“Voltará Jim ao crime? Sucumbirá Brad aos agrados de um vampiro envelhecido, uma Goela voraz?... Não é preciso dizer, as forças do mal são rechaçadas, e saem com rosnados sinistros e resmungos.

“ ‘O Chefe não vai gostar disso.’

“ ‘Não sei como pude perder meu tempo com você, seu pobre veadinho vulgar.’

“Os garotos na janela do edifício, com os braços em volta da cintura, olham para a Ponte de Brooklyn. Uma brisa quente de primavera revolve os cachos negros de Jim e o fino cabelo tingido de hena de Brad.

“ ‘Brad, o que há para jantar?’

“ ‘Vá até lá fora e espere.’ Brincalhão, ele enxota Jim para fora da cozinha e coloca um avental.

“O jantar é a boceta de Lucy Bradshinkel *saignant*, cozinhada em *papillon modess*. Os rapazes comem alegremente, olhando-se nos olhos. Sangue corre de seus queixos.”

Deixemos a aurora, azul como fogo, cruzar a cidade... Os quintais estão vazios de frutos, e poços cheios de cinzas devolvem seus mortos encapuçados...

— Poderia me dizer o caminho para Tipperary, senhora?

Sobre as colinas e bem longe, até Blue Grass... Pela refeição de ossos dos gramados até o lago congelado, onde os peixes dourados suspensos esperam pelo Homem Squaw^[21] da primavera.

O crânio gritante rola escada acima, para arrancar com os dentes o caralho do marido errante, que se aproveita da dor de ouvido da esposa para fazer o que é inconveniente. O jovem marinheiro de água doce põe um chapéu do sudoeste, e bate na mulher até matá-la no chuveiro...

Benway: — Não leve tão a sério, garoto... *Jedermann macht eine kleine Dummheit.* — (Qualquer um faz pequenas tolices.)

Schafer: — Vou lhe contar, não consigo fugir de um sentimento... de maldade, em relação a isso.

Benway: — Asneira, meu camarada... Somos cientistas... Cientistas puros. Pesquisa desinteressada, e danem-se os que gritarem “Chega, é *demais!*” Esse tipo de gente não é melhor que os cabos do partido.

Schafer: — Sim, sim, é claro... e ainda assim... não consigo tirar essa catinga de meus pulmões...

Benway (irritado): — Nenhum de nós consegue... Nunca cheirei nada remotamente parecido com isso... Onde estávamos? Ah, sim, qual seria o resultado se administrássemos curare e pulmão de aço em períodos de mania aguda? Possivelmente, a pessoa, incapaz de descarregar a tensão em atividade motora, sucumbiria na hora, como um rato das selvas. Interessante *causa mortis*, não?

Schafer não está ouvindo. — Você sabe — diz ele impulsivamente —, acho que vou voltar à velha e arcaica cirurgia. O corpo humano é escandalosamente ineficiente. Em vez de uma boca e um ânus para escangalharem, por que não ter um buraco faz-tudo para comer e eliminar? Poderíamos selar o nariz e a boca, encher o estômago, fazer um buraco de ar direto aos pulmões, onde devia estar desde o começo...

Benway: — Por que não uma bolha faz-tudo? Já lhe contei a respeito de um homem que ensinou o cu dele a falar? A barriga inteira mexia para cima e para baixo, entende, peidando as palavras. Era algo diferente de tudo o que já ouvi.

“Esse papo do cu tinha uma espécie de freqüência visceral. Batia direto lá embaixo, com uma espécie de soco. Sabe quando o velho cólon dá uma cutucada e você sente um friozinho por dentro, e sabe que tudo o que tem a fazer é se afrouxar? Bem, esse papo batia exato ali embaixo, um som embolhado grosso estagnante, um som que você podia cheirar.

“Esse cara trabalhava num circo, entende, e para começar era uma novidade como ventríloquo. Realmente engraçado, no começo. Ele fazia um número chamado ‘O melhor buraco’ que era uma doideira, juro mesmo. Eu me esqueço da maior parte, mas era muito inteligente. Algo como: ‘Oh, você ainda está aí embaixo, coisa velha?’

“ ‘Não! Tive que ir me aliviar.’

“Depois de algum tempo, o cu começou a falar por conta própria. Ele entrava em cena sem nada preparado, e o cu improvisava, respondia às piadas com outras o tempo todo.

“Aí, o cu desenvolveu uma espécie de ganchinhos curvados e ásperos, à maneira de dentes, e começou a comer. Ele achou isso engraçadinho no início, e bolou um número em função da coisa, mas o cu abria caminho pelas calças e começou a falar na rua, berrando que queria igualdade de direitos. Tomava porres e tinha crises de choro do tipo ninguém me ama, ele queria ser beijado como qualquer boca. No final, o negócio falava o tempo todo, dia e noite, você podia ouvi-lo por quarteirões berrando ao cu que se calasse e batendo nele com o punho, enfiando velas nele, mas coisa nenhuma adiantava, e o cu disse para ele: ‘É *você* que vai se calar no fim. Não eu. Por que nós não precisamos mais de você por aí. Posso falar e comer e cagar’.

“Depois disso, ele começou a acordar de manhã com uma geléia

transparente como um rabo de girino cobrindo toda a boca. Essa geléia era o que os cientistas chamam T. in-D, tecido indiferenciado, que pode crescer em qualquer tipo de carne do corpo humano. Ele a arrancava da boca, e os pedaços se prendiam em suas mãos como gasolina gelatinosa queimando e crescendo, crescendo em qualquer lugar em que um pedaço caía. Finalmente sua boca se fechou, e a cabeça inteira acabaria sendo amputada espontaneamente — sabe que em certas partes da África, e só entre negros, o dedo mínimo do pé às vezes se amputa espontaneamente? —, exceto pelos *olhos*, entende. Uma coisa que o cu *não podia* fazer era ver. Precisava dos olhos. Mas as ligações nervosas foram bloqueadas, infiltradas e atrofiadas, para que o cérebro não pudesse mais dar ordens. Ficou preso no crânio, exilado. Por um momento, você podia ver o sofrimento silencioso e indefeso do cérebro por trás dos olhos, até que finalmente ele deve ter morrido, porque os olhos *se apagaram*, e neles não havia mais sentimento que no olho de um caranguejo preso à ponta de uma haste.

“É o sexo que passa pelos censores, espreme-se entre secretárias, porque há sempre um espaço *entre* as canções populares e filmes classe B, traíndo a podridão americana básica, transbordando como furúnculos, arremessando bolhas daquele T. in-D, para que caiam em qualquer lugar e criem alguma forma de vida cancerosa e degenerada, reproduzindo uma hedionda imagem casual. Algumas seriam feitas inteiramente de tecido erétil como o de um pênis, outras de vísceras levemente cobertas de pele, cachos de três e quatro olhos, cruzamento de bocas e cus, partes humanas atiradas em volta e espalhando-se em qualquer lugar que caiam.

“O resultado final da completa representatividade celular é o

câncer. A democracia é cancerosa, e os departamentos são o seu câncer. Um departamento cria raízes em qualquer lugar no Estado, torna-se maligno, como o Departamento de Narcóticos, e cresce e cresce, sempre reproduzindo mais sua própria forma, até asfixiar o hospedeiro, se não for controlado ou sujeito a impostos. Os departamentos não podem viver sem um hospedeiro, sendo verdadeiros organismos parasitas. (Uma cooperativa, por outro lado, pode viver sem um Estado. Esse é o caminho a seguir. A criação de unidades independentes, de acordo com as necessidades daqueles que participam do funcionamento da unidade. Um departamento opera no sentido oposto, ao *inventar necessidade para justificar sua existência.*) A burocracia é tão errada quanto o câncer, um desvio na direção da evolução humana em direção a potenciais e diferenciação infinitos e ação espontânea independente, para o completo parasitismo do vírus.

“(Acredita-se que o vírus seja uma degeneração de uma forma de vida mais completa. Em algum momento, ele deve ter sido capaz de vida independente. Depois, decaiu até a fronteira entre a matéria viva e a morta. Pode exibir qualidades de vida somente em um hospedeiro, usando a vida de outro — a renúncia à própria vida, uma *queda* em direção ao inorgânico, máquina inflexível, em direção à matéria morta.)

“Os departamentos morrem quando a estrutura do Estado se desfaz. Eles são tão incapazes e inadequados para uma existência independente quanto uma solitária fora dos intestinos, ou um vírus que matou seu hospedeiro.

“Em Timbuctu, vi certa vez um garoto árabe que sabia tocar flauta com o cu, e as bichas me contaram que ele era realmente

extraordinário na cama. Conseguia tocar uma melodia para cima e para baixo do membro, atingindo os pontos mais erógenos, que são diferentes em cada um, é claro. Cada amante tinha sua canção-tema especial, perfeita para ele, que o levava ao clímax. O garoto era um grande artista, e criava novas combinações e clímax especiais, algumas notas no desconhecido, contraposição de discordâncias aparentes que se interpenetram súbito, e estouram juntos com um impacto quente e doce, atordoante.”

Fats Terminal organizou uma vara de babuínos de cu encarnado montados em motocicletas.

Os Caçadores se juntaram para o Café da Manhã da Caça no Swarm Bar, um lugar cheio de bichas elegantes. Os Caçadores passeavam seu narcisismo imbecil em casacos de couro preto e cintos de corrente, flexionando os músculos para que os veados os tocassem. Todos eles usam enormes sacos falsos, A todo momento, um deles atira um veado no chão e mija em cima dele.

Estão bebendo Ponche Vitória, composto de paregórico, Mosca Espanhola, rum escuro pesado, conhaque Napoléon e calor enlatado. O ponche é servido de dentro de um enorme e oco babuíno dourado, agachado numa postura de terror rosnante, segurando uma lança fincada em sua anca. Você torce as bolas do babuíno, e o ponche corre de seu pau. De vez em quando, *hors-d'œuvre* quentes pulam fora do seu cu com um ruído alto de peido. Quando isso acontece, os Caçadores rugem com risadas estúpidas e os veados guincham e se contorcem.

O Mestre da Caça é o capitão Everhard, que foi expulso da 69th

Street do Queen por empalmar um suporte escrotal num jogo de *strip poker*. Motocicletas derrapam, pulam e viram cambalhotas. Babuínos cospem, berram, cagam, lutam mão a mão com os Caçadores. Motos sem ciclistas rabiscam a poeira como insetos aleijados, atacando babuínos e Caçadores...

O Líder do Partido passa em triunfo pela multidão vibrante. Um velho cheio de dignidade caga só de vê-lo e tenta sacrificar-se sob as rodas do carro.

Líder do Partido: — Não sacrifique sua seca e velha pessoa sob as rodas de meu novíssimo Buick Roadmaster conversível, com pneus de banda branca, janelas hidráulicas e todos os acessórios. É um truque árabe barato — olhe sua pronúncia, Ivan —, guarde-a para fertilizante... Nós recomendamos você ao departamento de conservação para consumir seu alegre propósito...

As tábuas de lavar estão descidas, e os lençóis são mandados para a Laundromat para perder aquelas manchas culpadas — Emmanuel profetiza a Segunda Vinda...

Há um garoto do outro lado do rio com um cu que é um pêsego; que pena, não sou nadador e perdi minha Clementine.

O drogado se senta com a agulha à espera da mensagem do sangue, e o malandro apalpa a cicatriz com dedos de ectoplasma podre...

Hora da Saúde Mental do Dr. Berger... *Fade-out*.

Técnico: — Agora ouça, vou dizer de novo, vou dizer devagar. “Sim.” — Ele assente com um movimento de cabeça. — E diga isso

com um sorriso... O *sorriso*. — Ele mostra os dentes falsos numa horrível paródia de um anúncio de pasta de dentes. — “Nós gostamos de torta de maçã, e gostamos um do outro. É só isso”, e faça a coisa parecer *ingênua*, ruralmente ingênua... Assuma um ar bovino, certo? Você quer o quadro de chaves de novo? Ou o balde?

Paciente — Criminoso Psicopata Curado: — Não!... Não!... Que negócio é esse de bovino?

Técnico: — Finja que é uma vaca.

Paciente — com cabeça de vaca: — Muuuuuuu! Muuuuuuu!

Técnico (dando um passo para trás): — Demais!! Não! Basta ser quadrado, entende, como um caipira simpático...

Paciente: — Um malandro?

Técnico: — Bem, não exatamente. Nunca pegou cana por roubo, esse cara! Ele está fora de órbita... Você conhece o tipo. Cortaram-lhe o transmissor e o receptor telepático. Jeito de funcionário... Ação, câmera.

Paciente: — Sim, nós gostamos de torta de maçã. — Seu estômago ronca alto e longo. Flâmulas de saliva escorrem de seu queixo...

O dr. Berger levanta a cabeça de algumas notas. Parece uma coruja judia de óculos escuros, a luz fere seus olhos: — Acho que ele é um paciente inadequado... Que se apresente para a Eliminação.

Técnico: — Bem, nós podíamos cortar aqueles roncões da faixa sonora, enfiar um dreno em sua boca e...

Dr. Berger: — Não... Ele não serve. — Olha para o paciente com nojo, como se ele tivesse cometido algum terrível *faux-pas*, por

exemplo procurar caranguejos na sala de estar da sra. Worldly.

Técnico (resignado e exasperado): — Traga aquele fresco curado.

O homossexual curado é trazido... Atravessa invisíveis contornos de metal quente. Senta-se em frente à câmera e começa a arrumar o corpo numa desajeitada postura caipira. Os músculos voltam para o lugar como partes autônomas de um inseto desmembrado. Uma estupidez branca mancha e amacia seu rosto: “Sim”, ele concorda e sorri, “nós gostamos de torta de maçã e gostamos um do outro. É só isso”. Ele assente com um movimento de cabeça, e sorri e assente de novo, e sorri e...

— Corta!... — grita o Técnico. O homossexual curado é levado para fora, fazendo que sim e sorrindo.

— Coloque a fita no início.

O Assessor Artístico balança a cabeça: — Falta alguma coisa. Para ser mais específico, falta saúde.

Berger (põe-se de pé): — Absurdo! É a saúde encarnada!...

Assessor artístico (primoroso): — Bem, se o senhor pode esclarecer-me sobre este assunto, eu gostaria de ouvir, *dr.* Berger... Se, com sua mente brilhante, pôde desenvolver o projeto sozinho, não sei por que *precisa* de um Assessor Artístico. — Ele sai com a mão na cadeira, cantando macio: — “Estarei por aí quando você se for”.

Técnico: — Faça entrar o escritor curado... ele tem *o quê?* Budismo?... Ah, ele não sabe falar. Por que não diz logo? — Vira-se para Berger: — O escritor não fala... Superliberado, pode-se dizer. É lógico, nós podemos dublá-lo...

Berger (incisivo): — Não, não adianta... Mande entrar outro.

Técnico: — Esses dois são minhas meninas dos olhos. Trabalhei horas extras nesses garotos, pelas quais ainda não fui recompensado...

Berger: — Preencha uma triplicata... Código 6090.

Técnico: — Vai querer me dizer como se preenche? Olhe, doutor, uma vez o senhor disse uma coisa. “Falar num homossexual sadio é o mesmo que falar num cidadão perfeitamente sadio com cirrose terminal.” Lembra-se?

Berger: — Oh, claro. Muito bem lembrado — ele ruge, vicioso. — Eu não finjo ser *escritor*. — Ele cospe a palavra com um ódio tão horrível, que o Técnico retrocede, amedrontado...

Técnico (de lado): — Não consigo agüentar o cheiro dele. Como velhas culturas de réplica podres... Como peidos de uma planta antropófaga... Como o rabo de Schafer — (parodia uma postura acadêmica). — Estranha Serpente... Aonde quero chegar, doutor, é: como se pode esperar que um corpo seja sadio com o cérebro lavado?... Ou, em outras palavras: pode um camarada ser sadio *in abstentia*, por contigüidade?

Berger (salta): — Eu tenho saúde!... Muita saúde! Saúde bastante para o mundo inteiro, a porra do inundo inteiro!! Eu curo todo mundo!

O Técnico olha para ele amargamente. Mistura bicarbonato de sódio com água, bebe e arrota na mão. — Há vinte anos que sou um mártir da dispepsia.

Amável Lu, seu papai de cérebro lavado diz: — Sou

rigorosamente a favor de peixes, e adoooro... Confidencialmente, meninas, uso o Dan de Aço de Yokohama, você não? Danny Boy nunca o deixa na mão. Além disso, é mais higiênico assim, e evita todo tipo de contato horrível que deixa o homem paralisado da cintura para baixo. As mulheres têm sucos venenosos...

— Então eu disse a ele, eu disse: “Dr. Berger, não pense que pode impingir suas cansadas *belles* de cérebro lavado para cima de mim. Sou a bicha mais velha do Alto-Cu-do-Babuíno...”

Cenas obscuras em bordéis de terceira, onde meninas fraudulentas trabalham para a Casa 666, e não há saúde naqueles rabos podres até a medula do meu caralho intato. Quem matou o Caralho Robin?... O pardal tomba em meu fiel Webley, e uma gota de sangue cresce em seu bico...

Lorde Jim ficou amarelo-brilhante na desgraçada lua murcha da manhã, como fumaça branca contra a substância azul do céu, e camisas chicoteiam ao vento frio da primavera, em paredões de calcário ao longo do rio, Mary, e a aurora é quebrada em duas como Dillinger na trilha da fuga para o Biógrafo. Cheiro de neon e gângsteres atrofiados, e o criminoso *manquê* se enerva e arromba uma privada, fungando amónia num balde... — Um barato — diz ele. — Vou puxar esse peru, quer dizer, esse barato.

Líder do Partido (misturando outro *scotch*): — A próxima manifestação começa como uma jogada de futebol. Nós importaremos mil *latahs* fita azul, alimentados com ração, da Indochina... Tudo o que precisamos é de um líder para a unidade

inteira. — Seus olhos procuram entre os presentes.

Lugar-tenente: — Mas, chefe, basta-nos dar a partida e eles imitam uns aos outros numa reação em cadeia?

A Declamadora ondula pelo mercado: — O que faz um *latah* quando está sozinho?

L. P.: — Isso é um problema técnico. Teremos que consultar Benway. Pessoalmente, acho que alguém devia supervisionar toda a operação.

— Não sei — disse ele, por falta das coordenadas e valores corretos para se assegurar do resultado.

— Eles não têm sentimentos — disse o dr. Benway rasgando o paciente em pedaços —, só reflexos... Preciso muito de distração.

— Eles estão maduros quando aprendem a falar.

— Que todos os seus problemas sejam pequeninos, como disse um estuprador de crianças ao outro.

— É realmente horrendo, minha cara, quando eles começam a experimentar sua roupa e dão aquelas injeções duplas...

Uma bicha frenética tentando agarrar o casaco esporte do garoto que foge.

— Meu casaco de caxemira de duzentos dólares! — guincha ele.

— Então, ele tem um caso com esse *latah*, quer dominar alguém completamente, o velho tolo... O *latah* imita todas as suas expressões e maneirismos, e simplesmente suga toda a *persona* fora dele, como um sinistro boneco de ventríloquo... “Você me ensinou tudo o que você é... Preciso de um novo amigo.” E o pobre Bubu não pode responder por si mesmo, não tendo mais um si mesmo.

Viciado: — Então acabamos nessa vila sem cavalos^[22] e nos agüentamos com xarope contra tosse.

Professor: — Coprofilia... senhores... pode ser chamado cof cof... o vício redundante...

— Vinte anos como artista no cinema pornô, e nunca me rebaixei a ponto de fingir um orgasmo.

— Nenhuma boa boceta viciada enforca sua criança antes de nascer... As mulheres não servem, garoto.

Refiro-me a esse sexo consciente em ponto morto... Acho que seria melhor levar suas roupas velhas para o Laundromat...

— E no calor da paixão ele diz: “Você tem um porta-sapatos extra?”

— Ela me contou que quarenta árabes a arrastaram até uma mesquita e a estupraram presumivelmente um depois do outro... Embora fossem péssimos compradores — tudo certo, chegamos ao fim da linha, Ali. Realmente, meus queridinhos, a rotina mais desagradável que já passei. Eu mesma estava tentando ser violentada por um bando de chatos enlouquecidos.

Um grupo de amargos Nacionalistas se senta em frente ao Sargaço, zombando das bichas e murmurando em árabe... Clem e Jody chegam vestidos com O Capitalista num mural comunista.

Clem: — Viemos nos aproveitar de seu atraso.

Jody: — Nas palavras do Bardo Imortal, viemos nos engordar às custas dos mouros.

Nacionalista: — Porco! Sujo! Filho do cão! Você não compreende que meu povo está faminto?

Clem: — Mas assim é que eu gosto de vê-los.

O Nacionalista cai morto, envenenado pelo ódio... O dr. Benway chega correndo: — Para trás todo mundo, para trás! — Tira uma amostra de sangue... — Bem, é tudo o que posso fazer. Quando chega sua hora, acabou-se.

A estranha e viajante árvore de Natal arde sobre os montes de lixo da casa, onde os garotos se masturbam no banheiro da escola — quantos jovens espasmos naquele velho banco de carvalho, gasto pelo uso até ficar liso como ouro...

Sono prolongado no vale do rio Vermelho, onde teias de aranha se dependuram em janelas negras e ossos de garotos...

Dois veados negros berram um para o outro.

Veado 1: — Cale a boca, seu granuloma vaginal barato... Você é conhecido no meio como a Asquerosa Lu.

Declamadora: — A garota da virilha interessante.

Veado 2: Miau. Miau. — Ele veste uma pele de leopardo e garras de aço...

Veado 1: — Oh, oh. Uma Mulher da Sociedade. — Foge gritando pelo mercado, perseguido pelo travesti, que grunhe e ruge...

Clem atropela um aleijado espástico e toma suas muletas... Faz uma horrível paródia, retorcendo-se e babando...

Ruídos de manifestações de protesto à distância — mil pomeranianos histéricos.

As cortinas das lojas se fecham como guilhotinas. Bebidas e bandejas ficam suspensas no ar, enquanto a sucção do pânico arrasta os donos dos bares para dentro.

Coro de veados: — Seremos todos violentados. Eu sei disso, eu sei disso. — Invadem uma drogaria e compram um caixote de K. Y.

Líder do Partido (levantando a mão dramaticamente):

— A voz do Povo.

Pearson, o Canalha do Dinheiro, vem cortando a grama curta, agarrado pelo comandante extorsionário de carma, oculto num terreno baldio com as cobras-corais, até onde o rasteia o cão escrutador...

O mercado está vazio, exceto por um velho bêbado de nacionalidade indeterminada, desmaiado com a cabeça num mictório. Os manifestantes irrompem no mercado, uivando e berrando “Morte aos franceses”, e fazem o bêbado em pedaços.

Salvador Hassan (espremendo-se num buraco de fechadura): — Olhe só essas expressões, esses belos seres protoplásmicos, *todos exatamente iguais*. — Ele dança a Jiga do Liquefacionista.

Uma bichona gemendo cai ao chão em orgasmo. — Oh, Deus, é tão excitante! Como um milhão de caralhos quentes e pulsantes!

Benway: — Gostaria de fazer um exame de sangue naqueles rapazes.

Um homem extraordinariamente insignificante, com barba cinzenta, rosto cinzento e *jellaba* marrom amarrotada, canta com um acento indefinível, sem abrir os lábios:

— “Oh, bonecas, oh, grandes e lindas bonecas!”

Patrulhas de policiais de lábios finos, narizes grandes e olhos frios e cinzentos entram no mercado por todas as ruas. Batem e dão patadas nos manifestantes, com uma brutalidade fria e metódica.

Os manifestantes são levados nos caminhões. As portas se abrem, e os cidadãos de Interzona saem à praça cheia de dentes e sandálias e escorregadia de sangue.

A arca com o homem morto está na Embaixada, e o vice-cônsul comunica a notícia à mamãe.

Não há mais... Manhã... Aurora... *n'existe plus*... Se eu soubesse, ficaria feliz de lhe contar. De qualquer maneira, será ruim para a Ala Oriental... Desapareceu passando por uma porta invisível... Aqui, não. Pode procurar em qualquer lugar... Não serve... *No bueno*... Eu mesmo me vejo... Volte sexta-feira...

(Nota: Os viciados veteranos dos velhos tempos, com rostos manchados pela atmosfera cinzenta da droga, vão se lembrar... Na década de 1920, um grupo de traficantes chineses chegou à conclusão de que o Ocidente era tão pouco confiável, desonesto e errado, que eles se fecharam, e quando um viciado ocidental vinha comprar eles diziam:

“Num tlem... Volte sexta-feira...”)

Islã Sociedade Anônima e os partidos de Interzona

Eu estava trabalhando para uma entidade conhecida como Islã S.A., financiada por A. J., o notório Mercador do Sexo, que escandalizou a sociedade internacional quando apareceu no baile do duque de Ventre como um pênis andante, coberto por uma enorme camisa-de-vênus brazonada com o lema de A. J., “Elas não passarão”.

— Bastante mau gosto, meu velho — disse o duque.

Ao que A. J. respondeu: — No seu cu, com K. Y. de Interzona. — Referia-se ao escândalo do K. Y., que ainda estava em estado larvário naquela época. Os apartes de A. J. sempre se referem a eventos futuros. É um mestre em arrasar alguém por antecipação.

Salvador Hassan o’Leary, o Magnata do Pós-Parto, também está envolvido. Isto é, uma de suas companhias subsidiárias fez contribuições não-especificadas, e uma de suas personalidades subsidiárias é ligada à organização numa função de assessoramento, sem absolutamente comprometer-se ou associar-se com a política, ações e objetivos da Islã S.A. Faça-se menção também a Clem e Jody, os Irmãos Ergot, que dizimaram a República de Hassan com trigo

envenenado, e mais Autópsia Ahmed e Hepatite Hal, o negociante de frutas e verduras.

Uma população de mulás e *muftis e musseins e caids e glaouis* e xeques e sultões e homens santos e representantes de todo partido árabe que se possa conceber formam a base do movimento, e acorrem aos comícios, dos quais prudentemente se abstêm as altas figuras. Embora os delegados sejam cuidadosamente procurados de porta em porta, esses encontros invariavelmente culminam em pancadaria. Oradores são, com freqüência, ensopados em gasolina e assados vivos, ou algum desajeitado xeque do deserto abre uma rajada em seus adversários com uma metralhadora que trazia escondida na barriga de uma ovelha de estimação. Mártires nacionalistas, com granadas enfiadas no cu, misturam-se aos congressistas e explodem subitamente, ocasionando pesadas baixas... E em certa ocasião o presidente Ra jogou o primeiro-ministro britânico no chão e o sodomizou à força, espetáculo que foi televisionado para todo o mundo árabe. Uivos selvagens de alegria foram ouvidos em Estocolmo. Interzona tem um decreto que proíbe assembléias da Islã S.A. até oito quilômetros dos limites da cidade.

A. J. — que é na verdade de obscura descendência do Oriente Próximo — chegara disfarçado de *gentleman* britânico. Mas sua pronúncia britânica decaíra com o império, e depois da Segunda Guerra Mundial ele se tornou americano por ato do Congresso. A. J. é um agente como eu, mas para quem ou para quê, ninguém jamais descobriu. Há rumores de que ele representa um truste de insetos gigantes de outra galáxia... Acredito que ele esteja do lado Fatualista (que eu também represento); naturalmente, ele poderia ser um

Agente Liquefacionista (o programa dá Liquefação envolve a planejada fusão de todos no Homem Único por um processo de absorção protoplásmica). Você nunca pode estar seguro de ninguém na indústria.

A matéria de capa de A. J.? Um *playboy* internacional e um piadista prático inofensivo. Foi A. J. quem colocou piranhas na piscina de Lady Sutton-Smith, e batizou o ponche com uma mistura de *yage*, haxixe e *yohimbine* durante a recepção do 4 de Julho na Embaixada Americana, precipitando uma orgia. Dez cidadãos preeminentes — americanos, é claro — morreram em seguida, de vergonha. Morrer de vergonha é um gesto peculiar aos índios *kuwakiutl* e aos americanos — os outros dizem simplesmente “*Zut alors*”, ou “*Son cosas de la vida*”, ou “Alá me fodeu, o Todo-Poderoso...”

E quando a Sociedade Antifluoreto de Cincinatti se reuniu para brindar a vitória com pura água da fonte, todos os dentes caíram na hora.

— E eu lhes digo, irmãos e irmãs do movimento Antifluoreto, neste dia marcamos tantos pontos a favor da pureza, que nunca mais precisaremos recuar... Fora, digo eu, com os sujos fluoretos estrangeiros! Varreremos esta terra gentil, até torná-la doce e pura como o flanco tendido de um menino... Agora eu os regerei em nossa canção tema, *o velho balde de carvalho*.

Uma nascente é iluminada por luzes fluorescentes, que brincam sobre ela em horrendas cores de *juke-box*. Os Antifluoretos desfilam à sua frente, cada um bebendo um gole de água do balde de carvalho...

— “O velho balde de carvalho, o balde de carvalho dourado. O glublthulunnubbe...”

A. J. mexera na água, inserindo nela um arbusto sul-americano que transforma as gengivas em mingau.

(Ouvi falar nesse arbusto, de um velho mineiro alemão que está morrendo de uremia em Pasto, Colômbia. Diz-se que ele cresce na área do Putumayo. Nunca localizei um deles. Também, não tentei muito... O mesmo cidadão me fala de um inseto semelhante a um grande gafanhoto, conhecido como *xiucutil*: — Afrodisíaco tão poderoso que, se um voa em você e você não consegue encontrar uma mulher imediatamente, morre. Vi índios correndo e se esquivando do contato desse animal. — Infelizmente, nunca topei com um *xiucutil*...)

Na noite de estréia do New York Metropolitan, A. J., protegido por um repelente contra insetos, solta um enxame de *xiucutills*.

A sra. Vanderbligh dando tapas num *xiucutil*: — Oh!... Oh!... UUUUUUUUUUUUU!! — Grita, quebrando o copo, rasgando a roupa. Um crescendo de grunhidos e guinchos e lamentos e gemidos e suspiros... Mau cheiro de sêmen e bocetas e suor e odor bolorento de retos penetrados... Diamantes e peças de pele, vestidos de noite, orquídeas, ternos e roupas de baixo espalhados pelo chão, coberto por uma massa contorcida frenética e ondulante de corpos nus.

A. J. uma vez reservou uma mesa com um ano de antecedência no Chez Robert, onde um *gourmet* volumoso e frio medita sobre a maior *cuisine* do mundo. Tão cruel e depreciativo é seu olhar, que muitos clientes, ante essa rajada implacável, rolam no chão e se

mijam todos, em convulsivas tentativas de agradar.

Então, A. J. chega com seis índios Bolivianos que mascam folhas de coca no intervalo entre os pratos. E quando Robert, em toda a sua majestade de *gourmet*, se apóia na mesa, A. J. olha para ele e berra: — Ei, garoto! Traga o *ketchup*.

(Alternativa: A. J. saca uma garrafa de *ketchup* e ensopa a *haute cuisine*.)

Trinta *gourmets* param de mastigar imediatamente. Você teria ouvido um suflê cair. Quanto a Robert, solta um mugido de raiva como um elefante ferido, corre para a cozinha e se arma com um machado de carne... O *sommelier* rosna horripelantemente, seu rosto toma uma estranha coloração púrpura iridescente... Quebra uma garrafa de champanha *brut*... '26... Pierre, o Maître, agarra uma faca para ossos. Os três perseguem A. J. pelo restaurante, com deformados e desumanos gritos de ódio... Mesas se viram, vinhos de vindima e comidas inconciliáveis espatifam-se no chão... Gritos de “Lincha!” atravessam o ar. Um *gourmet* velho, com os olhos vermelhos, sangrentos e dementes de um mandril, prepara um nó de enforcar com a corda da cortina de veludo vermelho... Vendo-se tocado e em perigo iminente de desmembramento, no mínimo, A. J. joga sua última cartada... Inclina a cabeça para trás e solta um chamamento de porco; uma centena de porcos famintos que ele estacionara por perto invade o restaurante, emporcalhando a *haute cuisine*. Como uma grande árvore, Robert cai ao chão num colapso, e é devorado pelos porcos : — Pobres filhos da puta, não saberão apreciá-lo — diz A. J.

O irmão de Robert, Paul, emerge de um retiro num hospício

local, e toma a frente do restaurante para servir algo que ele chama de “*cuisine* Transcendental”... Imperceptivelmente, a qualidade da comida declina, até que ele serve literalmente lixo, e os clientes estão demasiado intimidados pela reputação do Chez Robert para protestar,

“Menu Típico!

Sopa Clara de Mijo de Camelo com Minhocas Fervidas

Filet de Marimbondo Seco, regado à *eau de Cologne* e enfeitado com urtigas

Pós-Parto Suprême de Bœuf, cozido em óleo lubrificante, servido com *sauce piquante* de gemas de ovos podres e percevejos esmigalhados

Queijo Limburger desaçucarado em urina diabética, imerso em Calor Enlatado e Flambado...”

E os clientes vão morrendo calmamente de botulismo... Aí, A. J. retorna com um séquito de refugiados árabes do Oriente Médio. Dá uma garfada só e berra:

— Que lixo, por Deus! Cozinhem esse esperto cidadão no seu próprio óleo!

E assim a lenda de A. J., o risível e amável excêntrico, cresceu e cresceu... *Fade-out* para Veneza... Gondoleiros cantam e gritos

libertinos sobem de San Marcos e do Harry's.

Adorável e antiga anedota veneziana sobre essa ponte. Ao que parece, alguns marinheiros venezianos fazem uma viagem em volta do mundo, e todos viram bichas e fodem o cabineiro, então, quando voltam para Veneza, é necessário que as mulheres caminhem sobre essa ponte com os pulmões pendurados para despertar os desejos desses cidadãos duvidosos. E chamem um batalhão de tropas de choque em dobro para San Marco.

— Garotas, esta é a O. T. F., Operação Tudo de Fora. Se seus seios não os detiverem, tragam suas bocetas e confundam esses veados.

— Oh, Gertie, é verdade. É tudo verdade. Eles têm um horrível talho no lugar da coisinha excitante.

— Não posso olhar.

— O bastante para transformar um cara em pedra.

Paul falou mais sabiamente do que devia, sendo um velho escroto quando fala sobre homens deitando com homens, fazendo o que é inconveniente. Inconveniente é a palavra. Pois quem quer tropeçar num caralho a caminho de uma vulva, e quando um cidadão está a fim de comer uma xoxota, algum forasteiro filho da puta entra correndo e faz o que é inconveniente no seu cu...

A. J. corre por San Marco, chicoteando os pombos com um cutelo:

— Canalhas! Filhos da puta! — berra ele... Cambaleia a bordo de sua barcaça, uma monstruosa construção em dourado, rosa e azul, com velas de veludo púrpura. Está vestido num ridículo uniforme

naval, coberto de cadarços e fitas e medalhas, sujo e rasgado, com o casaco abotoado nas casas erradas... A. J. caminha até uma enorme reprodução de urna grega, encimada por uma estátua de ouro de um garoto com uma ereção. Torce o saco do garoto, e um jato de champanha jorra em sua boca. Ele enxuga a boca e olha em volta.

— Onde estão meus núbios, porra? — berra.

Sua secretária levanta a cabeça de um gíbi: — Estão se molhando... Perseguindo bocetas.

— Chupadores de pau preguiçosos! O que é um homem sem seus núbios?

— Tome uma gôndola, porra!

— Uma gôndola? — A. J. grita. — Estou pagando por esse chupador de pau e ainda tenho que andar de gôndola? Desça a vela mestra e embarque os remos, sr. Hyslop... Vou fazer aquilo com o auxiliar. — O sr. Hyslop dá de ombros resignadamente. Com um dedo, começa a bater num quadro de botões. As velas descem e os remos se contraem para dentro do casco.

— E ligue o perfume, está bem? Uma brisa fedorenta está soprando no canal.

— Gardênia? Sândalo?

— Não. Ambrósia. — O sr. Hyslop aperta outro botão, e uma nuvem espessa de perfume envolve a barcaça. A. J. é tomado por um ataque de tosse...

— Ligue os ventiladores! — berra ele. — Estou sufocando! — O sr. Hyslop está tossindo num lenço. Pressiona um botão. Ventiladores zunem e desanuviam a ambrósia. A. J. instala-se no timão, num

tablado suspenso. — Contato! — A barcaça começa a vibrar. — *Avanti*, porra! — A. J. berra, e a barcaça levanta vôo através do canal em enorme velocidade, fazendo emborcar gôndolas cheias de turistas, tirando finas das lanchas pequenas, ziguezagueando de um lado para outro do canal (as ondas lavam a calçada, empapando os transeuntes), despedaçando uma frota de gôndolas ancoradas, e finalmente empilha-se contra um cais girando sobre si mesma no centro do canal... Uma coluna de água jorra três metros no ar por um buraco no casco.

— Ligue as bombas, sr. Hyslop. Ela está fazendo água.

— A barcaça dá uma súbita guinada, jogando A. J. para dentro do canal.

— Abandonar o barco, porra! Cada um por si! — *Fade-out* com música de mambo.

Inauguração da Escuela Amigo, para rapazes delinqüentes de origem latino-americana, patrocinada por A. J., corpo docente e imprensa presentes. A. J. cambaleia numa plataforma embandeirada com o pendão americano.

— Nas palavras imortais do padre Flanagan, não existem na verdade maus rapazes... Onde está a estatuária, porra?

Técnico: — Você a quer agora?

A. J.: — O que pensa que estou fazendo aqui, pelo amor de Cristo? Acha que eu devia desvelar o filho da puta *in abstentia*?

Técnico: — Está bem... Está bem... Está bem. Já está chegando.
— A estátua é rebocada por um trator Graham Hymie e colocada em

frente à plataforma. A. J. aperta um botão. Turbinas são ligadas sob a plataforma, provocando um gemido ensurdecido. O vento sopra a cobertura de veludo vermelho de cima da estátua, emaranhando-se em volta dos membros do corpo docente na primeira fila... Nuvens de poeira e escombros chicoteiam os espectadores. As sirenes silenciam-se lentamente. O corpo docente se desengasga das cortinas... Todos estão olhando para a estátua, em silêncio e sem respiração.

Padre Gonzales: — Mãe de Deus!

O homem do *Time*: — Não acredito.

Daily News: — Não passa de veedagem.

Coro de assobios dos rapazes.

Uma criação monumental, em pedra rósea brilhante, é revelada quando a poeira se assenta. Um jovem nu curva-se sobre um companheiro que dorme, com a intenção evidente de acordá-lo com uma flauta. Uma das mãos segura a flauta, a outra se estica para um pedaço de tecido que cobre o meio do corpo do que dorme. O pano se arqueia sugestivamente. Ambos os garotos usam uma flor atrás da orelha, expressões idênticas, sonhadoras e brutais, depravadas e inocentes. A escultura está em cima de uma pirâmide de calcário, na qual está escrito em letras de mosaico de porcelana — rosa, azul e dourado — o lema da escola: “*Com as coisas e pelas coisas*”.

A. J. cambaleia para diante e quebra uma garrafa de champanha nas nádegas tensas do garoto.

— E lembrem-se, rapazes, é daí que vem a champanha.

Manhattan serenade. A. J. e seu séquito entram num *night club* de Nova York. A. J. conduz um babuíno de cu encarnado numa corrente de ouro. A. J. veste calças abombachadas de linho xadrez, com uma jaqueta de caxemira.

Gerente: — Espere um momento. Espere um momento. O que é isso?

A, J.: — É um *poodle* iliríaco^[23]. A melhor escolha de besta que um homem pode fazer. Vai enfeitar sua espelunca.

Gerente: — Desconfio que seja um babuíno de cu encarnado, e vai ficar aqui fora.

Idiota: — Não sabe quem é este? É A. J., o último dos grandes gastadores.

Gerente: — Deixe-o levar seu canalha de cu encarnado e seus grandes gastos para outro lugar.

A. J. pára à frente de outro clube e olha para dentro:

— Veados elegantes e velhas bocetas, porra! Viemos ao lugar certo. *Avanti, ragazxi.*

Ele estende uma vara dourada para dentro do palco e espeta o babuíno. Começa a falar em tom elegante, e seu séquito de idiotas o imita:

— Fantástico!

— Monstruoso!

— Céus!

A. J. coloca uma comprida piteira na boca. Ela é feita de um material obscenamente flexível. Balança e ondula como um réptil

nojento.

A. J.: — Então, eu estava deitado de barriga, a dez mil metros de altura.

Vários veados em volta levantam a cabeça como animais cheirando o perigo, e A. J. põe-se de pé com um rugido inarticulado.

— Seu chupador de pau de cu encarnado! — grita ele.

— Vou ensiná-lo a cagar no chão! — Saca um chicote de seu guarda-chuva e corta o babuíno pela bunda. O babuíno berra e se livra da vara. Salta na mesa próxima e sobe numa velha, que morre de síncope cardíaca na hora.

A. J.: — Desculpe-me, senhora. É uma questão de disciplina, a senhora sabe.

Num frenesi, chicoteia o babuíno de um canto ao outro do bar. O babuíno, gritando e rugindo e cagando de terror, pula nos clientes e corre de um lado a outro do balcão, balançando-se nas cortinas e nos candelabros...

A. J.: — Você vai se educar e cagar direito, ou não vai ficar em condições de cagar nunca mais.

Idiota: — Você devia se envergonhar de ficar perturbando A. J., depois de tudo o que ele fez por você.

A. J.: — Ingratos! São todos uns ingratos! Aprenda isso de uma bicha velha.

Naturalmente, ninguém acredita nessa história bombástica, A. J. declara-se um “independente”, o que quer dizer: “Meta-se com sua vida”. Não existem mais independentes... A Zona está apinhada de

todas as variedades de imbecis, mas não há neutros lá. Um neutro no nível de A. J. é logicamente inconcebível...

Hassan é um Liquefacionista notório, e suspeita-se que seja um Transmissor em segredo. — Ora bolas, rapazes — ele diz com um sorriso que desarma —, sou só um velho câncer em flor, e tenho que proliferar. — Pega uma pronúncia texana trabalhando com Dry Hole Dutton, o especulador de Dallas, e usa botas de vaqueiro e chapéu de vaqueiro o tempo todo, dentro e fora de casa... Seus olhos são invisíveis por trás dos óculos escuros, seu rosto, liso e pálido como cera, sobre um terno de fino corte, feito inteiramente de notas bancárias de grande valor, imaturas. (Notas bancárias são na realidade a moeda em circulação, mas precisam amadurecer antes de poder ser negociadas... As notas bancárias chegam a valer um milhão de dólares cada uma.)

— Elas ficam se chocando continuamente em cima de mim — diz ele timidamente. — É como, bem, não sei como se diz. É como se eu fosse uma mãe escorpião carregando essas notinhas bebês em meu corpo quente, sentindo-as crescer... Ah, espero não chatear vocês com tudo isso.

Salvador, conhecido como Sally entre os amigos — sempre mantém alguns “amigos” em volta e paga-os por hora —, curou-se com o comércio de prematuros durante a Segunda Guerra Mundial. (“Curar-se” significa “enriquecer”. Expressão usada por donos do petróleo do Texas.) O Departamento de Alimentos e Drogas Puras tem sua fotografia em seus arquivos, um homem de rosto pesado com um ar embalsamado, como se tivesse injetado parafina sob a pele, que é lisa, brilhante e sem poros. Um dos olhos é de cor cinzenta morta, redondo como uma bola de gude, com falhas e

pontos opacos. O outro é preto e brilhante, velho olho de inseto insone.

Seus olhos são normalmente invisíveis sob os óculos escuros. Ele tem uma aparência sinistra e enigmática — seus gestos e maneirismos ainda não são compreensíveis — como a polícia secreta de um Estado larvário.

Em momentos de excitação, Salvador costuma tropeçar num inglês errado. Sua pronúncia, em tais momentos, sugere uma origem italiana. Ele lê e fala etrusco.

Um esquadrão de investigadores contábeis fez um trabalho de uma vida inteira sobre o dossiê internacional de Sal... Suas operações se estendem através do mundo, numa rede inextricável e surpreendente de subsidiárias, testas-de-ferro e apelidos. Ele teve vinte e três passaportes e foi deportado quarenta e nove vezes — processos de extradição pendentes em Cuba, Paquistão, Hong Kong e Yokohama.

Salvador Hassan O’Leary, vulgo Shoe Store Kid, vulgo Wrong Way Marv, vulgo After Birth Leary, vulgo Slunky Pete, vulgo Placenta Juan, vulgo K. Y. Ahmed, vulgo El Clinche, vulgo El Culito, etc., etc., ocupando quinze sólidas páginas de dossiê, primeira entrada na polícia em Nova York, onde viajava com um sujeito conhecido pela polícia do Brooklyn como Blubber Wilson, que faturava sua nota para as bolinhas extorquindo fetichistas em sapatarias. Hassan foi condenado por extorsão de terceiro grau e tentativa de passar por oficial de polícia. Ele tinha aprendido a regra número 1 do mão-leve: “Livre-se do Distintivo”, o que corresponde ao “M. V. V.” dos pilotos — “Mantenha a Velocidade de Vôo”... Nas palavras do Vigilante: —

Se você entrar num rolo, cara, livre-se de seu distintivo, mesmo que tenha que engoli-lo. — Assim, não o pegaram com um distintivo de veado. Hassan depôs contra Wilson, que pegou *pen indef* (a pena mais longa segundo a lei nova-yorkina por má conduta. Literalmente, uma sentença indefinida, o que significa três anos na ilha Riker). Esse caso foi arquivado: — Eu teria puxado a carteira — Hassan disse — se não tivesse encontrado um guarda decente. — Hassan encontrava um guarda decente toda vez que caía, seu dossiê continha três páginas de alcunhas indicando sua propensão para cooperar com a lei, “jogar bola”, como dizem os policiais. Outros chamam isso de maneira diferente: Ab, o Amante de Tira, o Imprestável Marv, Hebe, o Cantador, Ali, o Bosta, Wrongo Sal, o Latino Gritante, o Soprano Lustroso, o Ópera do Bronx, o Djinn de Cobre, o Serviço de Informações, o Sírio Gritante, o Chupador de Pau Murmurante, o Puto Musical, o Cu Errado, o Fresco Cruel, Leary, o Narco, o Duende Gracioso... Grassy Gert.

Ele abriu uma *porno-shop* em Yokohama, traficou drogas em Beirute, cafetinou no Panamá. Durante a Segunda Guerra Mundial, passou a jogar alto, comprou uma fazenda de leite na Holanda e falsificava manteiga com graxa usada de eixos de roda, fechou o mercado de K. Y. no norte da África e finalmente acertou na mosca com prematuros. Prosperou e proliferou, inundando o mundo com remédios falsificados e mercadorias baratas de imitação, de todos os tipos. Repelente de tubarão adulterado, antibióticos falsificados, pára-quadras condenados, antídotos azedos, soros e vacinas inativos, salva-vidas furados.

Clem e Jody, dois dançarinos de *vaudeville* dos velhos tempos, se

arrumaram como agentes russos, cuja única função é apresentar os EUA sob um ângulo impopular. Quando foi preso por sodomia na Indonésia, Clem disse ao auditor:

— Não é por ser veado. Depois, eles não passam de amarelos.

Eles apareceram na Libéria vestidos com chapéus negros e botas vermelhas:

— Então furei aquele negro velho, e ele desabou de lado com uma das pernas para cima, chutando o ar.

— Sim, mas você já queimou um negro?

Eles estão sempre passeando em favelas, fumando enormes charutos:

— Tem que trazer uns tratores para cá, Jody, e limpar toda esta porcaria.

Turmas mórbidas os seguem por todo lado, com a esperança de presenciar alguma superlativa atrocidade americana...

— Trinta anos no *show business*, e nunca tive que agüentar uma rotina como esta. Tenho que desapropriar a favela, aplicar uma dose de heroína, mijar na Pedra Negra^[24], entoar o Grito de Oração vestido no meu disfarce de porco, cancelar a Lei de Empréstimo e tomar no cu simultaneamente... O que pensam que sou, um polvo? — Clem reclama.

Eles estão conspirando para raptar a Pedra Negra com um helicóptero e substituí-la por um chiqueiro de porcos, os porcos treinados para dar o grito de guerra do Bronx quando os pioneiros aparecerem. — Tentamos treinar esses filhos da puta guinchantes a cantar: “Três vivas ao Vermelho, Branco e Azul”, mas é impossível...

— Fizemos contato com Ali Wong Chapultepec no Panamá, para comprar esse trigo. Ele nos disse que é uma merda de alto nível, esse comandante finlandês morreu numa porra de bordel local e deixou esse carregamento para a madame... “Ela era como uma mãe para mim”, disse ele, e essas foram suas últimas palavras... Então, a gente comprou o negócio de boa fé da velha vulva. Demos a ela dez papelotes de heroína.

— E boa heroína. Boa heroína de Alepo.

— Tinha lactose, mas só o necessário para lhe manter a força.

— A um cavalo dado devemos olhar o cu também?

— Não é verdade que, quando você chegou a Hassan, deu um banquete para o *caid* e serviu cuscuz feito daquele trigo?

— Demos, sim. E você sabe que aqueles cidadãos estavam tão empapuçados de maconha, que todos se grilaram no meio do banquete... Eu só comi pão e leite... úlcera, você sabe.

— Eu também.

— Então, eles correram em volta berrando que estavam em chamas, e uma pilha deles morreu na manhã seguinte.

— E o resto na outra manhã.

— O que eles esperam, quando já se apodreceram com esses vícios orientais?

— Gozado que esses cidadãos ficam todos pretos, e suas pernas caem.

— Horrível resultado do vício da maconha!

— Exatamente a mesma coisa me veio à cabeça.

— Então, tentamos diretamente com o velho sultão que é um conhecido *latah*. Depois disso, tudo corre a vento solto, pode-se dizer.

— Mas você não acreditaria, alguns elementos descontentes ficaram atrás da gente até a hora de nossa partida.

— Prejudicados pela falta de pernas.

— E por um estado da cabeça.

(*Ergot* é uma doença de fungos que dá em trigo podre. Durante a Idade Média, a Europa era periodicamente dizimada por epidemias de ergotismo, também conhecido como fogo-de-santo-antônio. A gangrena sobrevêm freqüentemente, as pernas ficam pretas e caem.)

Eles descarregam um lote de pára-quedas condenados para a Força Aérea Equatoriana. Manobras: rapazes mergulham em pára-quedas tremulantes como camisas-de-vênus furadas e espatifam sangue jovem sobre generais de ventres redondos... esteira estridente de som, enquanto Clem e Jody desaparecem sobre os Andes em seu jato de fuga...

Os objetivos exatos da Islã S. A. são obscuros. Não é preciso dizer que todos os envolvidos têm um ponto de vista diferente, e todos pretendem trair os outros na ocasião oportuna.

A. J. está agitando pela destruição de Israel: — Com todo esse sentimento contra o Ocidente, a gente tem que se aborrecer e torcer pelas jovens amenidades árabes... A situação está bem próxima do intolerável... Israel constitui-se numa autêntica inconveniência. — Típica matéria de capa de A. J.

Clem e Jody deixam transparecer que estão interessados na destruição dos campos de petróleo do Oriente Próximo, para aumentar o valor de suas ações venezuelanas.

Clem escreve uma letra para a melodia de *Crawdad* (o Big Bill Broonzy).

“O que você vai fazer quando o petróleo secar?

Vou sentar por aqui e ver os árabes morrerem.”

Salvador exhibe uma tela espessa de finanças internacionais para dissimular, ao menos em relação à massa, suas atividades liquefacionistas... Mas, depois de uns poucos *yages* seguros, ele se abre com os amigos.

— Islã já é um *consommê* de geléia — diz ele, dançando a Jiga do Liquefacionista... E aí, incapaz de se conter, estoura em hediondo falsete:

“Está tremendo na beirada

Um empurrão e ele mergulha

Hei, Maw, prepare meu véu”.

— Bem, esses cidadãos contrataram os serviços de um judeu do Brooklyn que se faz passar pela segunda vinda de Maomé... Na verdade, o dr. Benway fê-lo vir à luz praticando a cesariana em um Homem Santo em Meca..

— Se Ahmed não quiser sair... Nós entramos e o pegamos.

Esse truque sem-vergonha é aceito sem perguntas pelos crédulos árabes.

— Gente boa, esses árabes... Gente boa e ignorante. — Clem diz.

Então, esse impostor solta *surahs* diários pelo rádio:

— Agora, amigos ouvintes, aqui fala Ahmed, seu amável profeta... Hoje, gostaria de lhes falar sobre a importância de ser requintado e beijar fresquinho o tempo todo... Amigos, não se enganem, usem os tabletes de clorofila de Jody.

Agora, uma palavra sobre os partidos da Interzona.

Ficará claro imediatamente que o Partido da Liquefação, exceto por um homem, é inteiramente constituído de bobos, não havendo clareza até a última absorção sobre quem é o bobo de quem... Os Liquefacionistas são dados a todo tipo de perversão, especialmente a práticas sadomasoquistas...

Liquefacionistas em geral sabem em que consiste seu jogo. Os Transmissores, por outro lado, são notórios por sua ignorância da natureza e do estado terminal da transmissão, assim como por maneiras bárbaras e hipócritas e pelo medo furioso de qualquer *fato*. Só a intervenção dos Fatalistas impediu os Transmissores de internar Einstein num hospício e destruir sua teoria. Pode-se dizer que apenas alguns Transmissores sabem o que estão fazendo, e esses Transmissores da cúpula são os homens mais perigosos e nocivos do mundo... As Técnicas de Transmissão eram primitivas, no início. *Fade-out* para o Congresso Nacional de Eletrônica em Chicago.

Os congressistas estão vestindo seus sobretudos... O orador fala numa voz monótona de vendedora de loja:

— Para terminar, gostaria de dizer uma palavra de advertência... A extensão natural da pesquisa encefalográfica é o biocontrole do movimento físico, dos processos mentais, das reações emocionais e

das impressões sensoriais aparentes por meio de sinais bioelétricos injetados no sistema nervoso das cobaias.

— Mais alto e mais engraçado! — Os Congressistas saem em bandos em nuvens de poeira.

— Logo depois do nascimento, um cirurgião poderia instalar conexões no cérebro. Um radiorreceptor miniaturizado poderia ser ligado na tomada, e o sujeito seria controlado por Transmissores controlados pelo Estado.

A poeira se assenta no ar parado do enorme salão vazio — cheiro de ferro quente e vapor; um aquecedor canta à distância... O orador arrasta suas notas e sopra a poeira de cima delas...

— O aparato de biocontrole é o protótipo do controle telepático de uma só via. O paciente poderia se tornar suscetível ao transmissor por intermédio de drogas ou outros processos, sem a instalação de qualquer aparato. Na parte final, os transmissores usarão exclusivamente a transmissão telepática... Já sacou o código maia? Eu coloco a coisa assim: os sacerdotes — cerca de um por cento da população — faziam programas telepáticos de uma só via, instruindo os trabalhadores sobre o que sentir e quando... Um transmissor telepático tem que transmitir o tempo todo. Não pode nunca receber, porque, se receber, isso significa que outra pessoa tem sentimentos próprios — o que estragaria a continuidade. O Transmissor tem que transmitir o tempo todo, mas não pode se recarregar por contato. Mais cedo ou mais tarde, ele não tem mais sentimento para transmitir. Não se consegue ter sentimentos sozinho. Não sozinho como o Transmissor é sozinho — e você entende, só pode haver um Transmissor em cada tempo e lugar... E afinal, a tela se apaga... O

Transmissor se transformou numa enorme centopéia... Então, os trabalhadores vêm, seguindo o raio, e queimam a centopéia e elegem um novo Transmissor por consenso geral... Os maias eram limitados pelo isolamento... Hoje, um Transmissor poderia controlar todo o planeta... *Você vê, o controle nunca pode servir para qualquer fim prático... Nunca pode ser um meio para nada além de mais controle... Como a droga...*

Os Divisionistas ocupam uma posição intermediária, e poderiam de fato ser chamados moderados... São chamados Divisionistas porque literalmente dividem. Eles cortam ínfimos pedaços de sua carne, e criam réplicas perfeitas deles mesmos em geléia embrionária. Parece provável, a não ser que o processo da divisão seja interrompido, que acabe restando só uma réplica de um sexo em todo o planeta; isto é, uma pessoa no mundo com milhões de corpos separados... Serão esses corpos realmente independentes, e poderiam eles, com o tempo, desenvolver características variadas? Duvido. As réplicas precisam se recarregar periodicamente com a célula-mãe. Esse é um artigo de fé entre os Divisionistas, que vivem com medo de uma revolução das réplicas... Alguns Divisionistas crêem que o processo poderá ser interrompido antes do monopólio eventual de uma só réplica. Dizem eles: — Deixem-me plantar só umas réplicas a mais por aí, não me sentirei mais solitário quando viajar... E precisamos controlar rigorosamente a divisão de Indesejáveis... — Todas as réplicas, menos as suas, podem ocasionalmente ser “Indesejáveis”. É claro que, se alguém começa a inundar uma área com Réplicas Idênticas, todo mundo sabe o que está acontecendo. Os outros cidadãos podem chegar a declarar um *schlupit* (massacre

indiscriminado de todas as réplicas identificáveis). Para evitar o extermínio de suas réplicas, os cidadãos tingem-nas, distorcem-nas e alteram-nas com moldes do rosto e do corpo. Só os cidadãos mais abandonados e sem-vergonha se aventuram a manufaturar RIS — Réplicas Idênticas.

Um cretino *caid* albino, produto de longa linhagem de gens recessivos (ínfimas bocas desdentadas e cercadas de cabelos negros, corpo de um enorme caranguejo, garras em vez de braços, olhos projetados no fim de varetas) acumulou vinte mil RIS.

— Até onde podem ver os olhos, nada além de réplicas — diz ele, engatinhando em seu terraço e falando em estranhos chilros de inseto. — Não tenho que me esgueirar por aí como um cu sem nome, criando réplicas em minha fossa e soltando-as, sorrateiramente disfarçadas em bombeiros e carteiros... Minhas réplicas não terão sua beleza deslumbrante manchada por cirurgia plástica e processos bárbaros de tingir e corar. Elas se expõem nuas ao ar livre para todos verem, em sua incandescente delicadeza do corpo, da face e da alma. Eu as fiz à minha imagem, e dotei-as da capacidade de crescer e multiplicar-se geometricamente, pois elas herdarão a terra.

Um bruxo profissional foi chamado para tornar a cultura de réplicas do xeque Aracknid estéril para sempre... Quando o bruxo estava se preparando para soltar uma rajada de antiorgones, Benway disse a ele: — Não se esfalfe. A ataxia de Frederick vai limpar de vez este ninho de réplicas. Eu estudei neurologia com o professor Finger Bottom em Viena... E ele conhecia todos os nervos do seu corpo. Velho magnífico... Teve um fim espinhoso... Suas hemorróidas em queda voaram do Hispano-Suíza do duque de Ventre e se enrolaram na roda traseira. Ele foi completamente estripado, deixando uma

casca vazia sentada no banco de pele de girafa... Até os olhos e o cérebro saíram, com um horrível som de *chlup*. O duque de Ventre diz que vai carregar aquele monte de tripas para seu mausoléu.

Como não há um meio seguro para detectar uma réplica disfarçada (embora todo Divisionista tenha algum método que considera infalível), os Divisionistas são histericamente paranóicos. Se algum cidadão se aventura a expressar uma opinião liberal, outro cidadão ruge sempre: — Afinal, o que você é? Alguma fedorenta embranquecida réplica de negro?

As baixas em briga de bar são surpreendentes. De fato, o pavor das réplicas de negro — que podem ser louras e de olhos azuis — chegou a despovoar regiões inteiras. Os Divisionistas são todos homossexuais latentes ou confessos. Velhas bichonas cruéis dizem às crianças: — Se você for com uma mulher, suas réplicas não vão crescer. — E os cidadãos estão o tempo todo fazendo despachos contra as culturas de réplicas dos outros. Gritos de: “Vá fazer despachos na minha cultura, Biddy Blair!”, seguidos de efeitos sonoros de brigas de foice, soam continuamente no quarteirão... Os Divisionistas são muito dados à prática de magia negra em geral, e têm fórmulas inumeráveis e de eficácia variável para destruir a célula-mãe, conhecida como Papai Protoplasma, torturando ou matando uma réplica capturada... As autoridades desistiram de tentar controlar, entre os Divisionistas, os crimes de assassinato e produção de réplicas sem licença. Mas eles continuam a organizar reides pré-eleitorais, e destroem enormes culturas de réplicas nas regiões montanhosas da Zona onde os produtores clandestinos de réplicas se escondem.

O contato sexual com uma réplica é rigorosamente proibido e

quase universalmente praticado. Existem até bares de bichas, onde cidadãos sem-vergonha se relacionam abertamente com suas réplicas. Detetives da casa enfiam a cabeça em quartos de hotel, dizendo: — Tem alguma réplica aí dentro?

Bares que costumam ser inundados por amantes de réplicas de baixa classe colocam cartazes nas paredes com ditos: “Aqui não se serve a “ ” “s...” Pode-se dizer que o Divisionista médio vive numa crise permanente de medo e raiva, incapaz de alcançar a complacência hipócrita dos Transmissores ou a depravação tranqüila dos Liquefacionistas... Mas os partidos não são tão separados, na prática, misturando-se em múltiplas combinações.

Os Fatalistas são Antiliquefacionistas, Antidivisionistas e acima de tudo Antitransmissores.

Boletim da Coordenada Fatalista a respeito das réplicas: “Devemos rejeitar a solução simplista que seria o planeta de ‘réplicas desejáveis’. É altamente duvidoso que haja uma réplica desejável, pois tais criaturas não passam de uma tentativa de malograr o processo e a mudança. Até as réplicas mais inteligentes e geneticamente perfeitas constituiriam com toda a probabilidade uma ameaça incrível à vida deste planeta...”

BP — Boletim Provisório de Liquefação: “Não devemos rejeitar ou negar nosso núcleo protoplásmico, lutando mesmo, o tempo todo, para manter um máximo de flexibilidade, sem cair no pântano da Liquefação...” Boletim Provisório e Incompleto: “Enfaticamente, não nos opomos à pesquisa telepática. De fato, a telepatia, usada e compreendida com propriedade, poderia ser a última defesa contra

qualquer forma de coerção organizada ou tirania, por parte de grupos de pressão ou viciados do controle individual. Opomo-nos a ela como nos opomos à guerra atômica, ao uso de tais conhecimentos para controlar, coagir, degradar, explorar ou abolir a individualidade de outra criatura viva. A telepatia não é, por sua natureza, um processo de uma só via. A tentativa de estabelecer um sistema de transmissão telepática de uma só via deve ser considerada um mal inqualificável...”

BP — Boletim Definitivo: “O Transmissor será definido por negativos. Uma área de baixa pressão, um vazio que chupa. Ele é extraordinariamente anônimo, sem rosto, sem cor. Nasce — provavelmente — com discos lisos de pele no lugar dos olhos. Ele sempre sabe aonde vai, como um vírus sabe. Não precisa de olhos”.

— Não poderia haver mais de um Transmissor?

— Ah, sim, muitos deles no início. Mas não por muito tempo. Alguns cidadãos sentimentais pensarão que podem transmitir alguma coisa edificante, sem tomar consciência de que transmitir é um mal. Cientistas dirão: “A transmissão é como o poder atômico... Se for propriamente controlada”. Neste ponto, um técnico anal mistura bicarbonato de sódio e puxa a chave que reduz a Terra a pó cósmico. (“Arroto... Vão ouvir este peido em Júpiter.”)... Artistas confundirão o poder de transmitir com a criação. Acamparão em volta guinchando “Um novo *medium*”, até que sua cotação diminua... Filósofos entrarão em discussão sobre meios e fins, sem perceber que *as transmissões nunca podem ser um meio para qualquer fim, a não ser mais transmissões, como a droga*. Tente usar a droga como instrumento para outra coisa... Alguns cidadãos com hábitos de controle de Coca-Cola e aspirina falarão sobre o *glamour* maldito da

transmissão. Mas ninguém falará de qualquer coisa por muito tempo. O *Transmissor*, ele não gosta de falação.

O Transmissor não é um indivíduo humano... mas o Vírus Humano. (Todos os vírus são células deterioradas que levam uma existência parasitária... Elas têm afinidades específicas com a célula-mãe; assim, células deterioradas do fígado buscarão o lar da hepatite, etc. Todas as espécies têm um vírus-mãe, Imagem Deteriorada daquela espécie.)

A imagem fragmentada do Homem instala-se minuto a minuto, célula por célula... Pobreza, ódio, guerra, criminosos policiais, burocracia, loucura, todos sintomas do Vírus Humano.

O Vírus Humano pode agora ser isolado e tratado.

O Funcionário do Condado

O Funcionário do Condado tem seu escritório num enorme edifício de tijolos vermelhos, conhecido como o Velho Tribunal. Os casos civis são de fato julgados lá mesmo, e os processos se arrastam indefinidamente, até que os contestantes morrem ou abandonam o litígio. Isso se deve ao vasto número de registros referentes a absolutamente tudo, todos arquivados no lugar errado, de maneira que ninguém além do Funcionário do Condado e sua equipe de assistentes pode encontrá-los, e ele passa freqüentemente vários anos na busca. Ele ainda está procurando materiais relativos a uma ação de perdas e danos que foi julgada e arquivada em 1910. Enormes seções do Velho Tribunal ruíram, e outras são bastante perigosas devido a desmoronamentos constantes. O Funcionário do Condado delega as missões mais perigosas aos seus assistentes, muitos dos quais perderam a vida em serviço. Em 1912, duzentos e sete assistentes ficaram presos num colapso da Ala Norte-Nordeste.

Quando uma ação é trazida contra qualquer pessoa na Zona, seus advogados fazem um conluio para que o caso seja transferido para o Velho Tribunal. Uma vez feito isso, o apelante perde seu caso, e assim os únicos que realmente vão a julgamento no Velho Tribunal

são os instigados por excêntricos e paranóides que querem uma “audiência pública”, coisa que raramente conseguem, uma vez que só a mais desesperada fome de notícias trará um repórter ao Velho Tribunal.

O Velho Tribunal fica na cidade de Pigeon Hole, fora da zona urbana. Os habitantes dessa cidade, e das áreas circunvizinhas de pântanos e bosques fechados, são gente de tão grande estupidez e comportamento tão bárbaro que a Administração houve por bem pô-los de quarentena numa reserva, cercada por muros radiativos de tijolos de ferro. Em retaliação, os cidadãos de Pigeon Hole entupiram sua cidade com cartazes: “Citadino Não Deixe o Sol se Pôr sobre Você Aqui”, uma injunção desnecessária, já que unicamente negócios urgentes trariam um citadino a Pigeon Hole.

O caso de Lee é urgente. Ele tem que apresentar uma declaração imediata de que está sofrendo de peste bubônica, para evitar ser despejado da casa que vem ocupando há dez anos sem pagar aluguel. Ele vive em quarentena perpétua. Então, enche a mala de declarações e petições e injunções e certificados, e toma um ônibus até a Fronteira. O inspetor de costumes Citadino deixa-o passar com um aceno:

— Espero que você tenha uma bomba atômica na mala.

Lee engole um punhado de tranqüilizantes e pisa no galpão da aduana de Pigeon Hole, Os inspetores passam três horas folheando seus papéis e consultando livros empoeirados de regulamentos e tarifas, lendo trechos incompreensíveis e ameaçadores que terminam com: “E como tal, é sujeito a multa e pena pelo ato 666”. Olham para ele significativamente.

Examinam seus papéis com lentes de aumento.

— Às vezes, inserem piadinhas sujas nas entrelinhas.

— Talvez ele pretenda vendê-los para papel de privada. Esta sujeira aqui é para seu uso pessoal?

— Sim.

— Ele diz que sim.

— E como sabemos disso?

— Tenho uma declaração legal.

— Espertinho! Tire as roupas.

— É... Talvez ele tenha tatuagens indecentes.

Eles passam as patas por seu corpo, esquadrinhando o cu à procura de contrabando e procurando evidência de sodomia. Ensopam seu cabelo e enviam a água para ser analisada. — É capaz que ele tenha droga no cabelo.

Finalmente, apreendem sua mala, e ele cambaleia para fora do galpão com um monte de vinte e cinco quilos de documentos.

Uma dúzia ou mais de Registrantes se sentam nos degraus de madeira podre do Velho Tribunal. Olham-no aproximar-se com olhos azul-pálidos, girando a cabeça lentamente sobre pescoços enrugados (as rugas cheias de poeira), para segui-lo subindo a escada até passar da porta. Dentro, a poeira flutua no ar como *fog*, caindo em punhados do teto, subindo era nuvens do chão conforme ele anda. Ele sobe um lance de escadas perigoso — condenado em 1929. Seu pé atravessa um dos degraus, e as farpas de madeira penetram na carne da perna. A escada termina num andaime de pintor, preso com cordas puídas e roldanas a uma viga quase invisível na distância

empoeirada. Ele entra com cuidado numa cabine de Roda-Gigante. Seu peso põe em movimento a maquinaria hidráulica (som de água corrente). A roda move-se suave e silenciosa, até parar num balcão de ferro enferrujado, furado pelo uso, aqui e ali, como uma velha sola de sapato. Ele desce um comprido corredor com portas em seqüência, na maioria pregadas ou fechadas com ripas. Num dos escritórios com uma placa verde de bronze na porta — *Requintes do Oriente Próximo* —, o *mugwump* está apanhando cupins com sua longa língua preta. A porta do escritório do Funcionário do Condado está aberta. O Funcionário está sentado lá dentro entupindo-se de rapé, cercado por seis assistentes. Lee fica parado na porta. O Funcionário continua a falar sem olhar para ele.

— Dei de cara com Ted Spigot outro dia... garoto bom, também. Não existe homem mais fino na Zona que Ted Spigot... Era uma sexta-feira, e eu me lembro disso porque a velha estava de cama com dores menstruais e eu fui à drogaria do dr. Parker na Dalton Street, logo em frente ao Salão de Massagem Ética de Ma Green, onde ficava a velha cocheira de Jed... Jed, eu me lembrarei do sobrenome dele, tinha um cacoete, puxava do olho esquerdo e a mulher dele veio de um lugar lá no leste, acho que era a Argélia, depois que Jed morreu ela se casou de novo, e ela se casou com um dos rapazes do Hoot, Clem Hoot, se minha memória não falha, um bom rapaz também. Hoot tinha uns cinqüenta e quatro, cinqüenta e cinco anos, por essa época... Então eu disse ao dr. Parker: “A minha velha está mal mesmo, de cama, com dores menstruais. Venda-me duas onças de paregórico”.

“Então o doutor diz: ‘Bem, Archie, você tem que assinar o livro. Nome, endereço e data da compra. É a lei, sabe’.

“Então perguntei ao doutor que dia era e ele disse: ‘Sexta-feira, 13’.

“Então eu digo: ‘Ei acho que já tive a minha’.

“ ‘Bem’, diz o doutor, ‘veio um sujeito aqui esta manhã. Sujeito da cidade. Vestido com roupas meio brilhantes. Ele tinha uma receita para um vidro de morfina... Receita meio esquisita, sabe, escrita em papel de privada... E aí disse logo a ele: ‘Cara, suspeito que você seja um viciado em narcóticos’.

“ ‘Eu estou com a unha encravada, meu tio. É uma agonia’, diz ele.

“ ‘Bem’, digo eu, ‘tenho que ser cuidadoso. Mas, já que você está em condições legais, e com uma receita de um médico *bona fide* registrado, eu me sinto honrado em servi-lo.’

“ ‘Aquele branco é mesmo registrado’, diz ele... Bem, acho que uma mão não sabia o que a outra estava fazendo quando dei a ele um vidro de detergente por engano... Daí, reconheço que ele teve a dele também.

“‘A coisa certa pra limpar o sangue de um homem.’

“ ‘Você sabe, é isso mesmo o que eu pensei. Deve ser uma coisa melhor que enxofre e melão... Agora, Archie, não pense que sou metido, mas um homem não deve ter segredos com Deus e com seu farmacêutico, é o que eu sempre digo... Você ainda trepa com aquela Velha Égua Cinzenta?’

“ ‘Por quê, dr. Parker?... Quero que o senhor saiba que sou um homem de família e um Ancião na Primeira Igreja Confessional Não-Sextária, e não como aquele cu desde que éramos garotos.’

“Ah, velhos tempos, Arch! Lembra-se da vez em que misturei a gordura de ganso com a mostarda? Sempre nessa de pegar o vidro errado, né mesmo? Eles podiam ouvir você gritar lá no Condado de Cuntlick, gritando como um arminho de quem cortaram as pedras.’

“ ‘O senhor está no buraco errado, doutor. Foi o senhor que pegou da mostarda, e eu tive que esperar até que o senhor esfriasse.’”

“ ‘Coisa triste, Arch. Li sobre isso uma vez numa revista, naquela casinha atrás da estação verde... Agora, o que eu queria dizer uns momentos atrás, Arch, você não me entendeu direito... Estava me referindo à sua esposa como a Velha Égua Cinzenta... Isto é, ela não é mais o que era, com todos aqueles terríveis carbúnculos e cataratas e frieiras e hemorróidas e aftose.’

“ ‘É, doutor, Liz está doente mesmo. Nunca foi a mesma depois do décimo primeiro abortamento... Tinha alguma coisa muito estranha com ela. O dr. Ferris, ele me disse assim mesmo, ele disse: — Arch, não é direito você ficar vendo aquela criatura. — E ele me deu um olhar que me deu um aperto na barriga... Bem, o senhor disse certo, doutor. Ela não é mais o que era. E seus remédios não parecem melhorá-la em nada. Para falar a verdade, ela está incapaz de distinguir o dia da noite desde que começou a usar aquele colírio que o senhor vendeu para ela no mês passado... Mas, doutor, devia saber que eu não podia estar enrabando Liz, a vaca velha, sem querer desrespeitar a mãe de meus monstrinhos mortos. Não depois que arranjei aquela coisinha doce de quinze anos... Sabe, aquela menina costumava trabalhar no Salão de Alisamento de Cabelo e Quaração de Pele de Marylou, lá no bairro negro.’

“ ‘Comendo aquela carne escura de galinha, Arch? Aquela broa

de guaxinim?’

“ ‘Comendo direito, doutor. Comendo direito. Bem, como se diz, o dever me chama. Tenho que voltar àquele velho carburador.’

“ ‘Aposto que ela precisa de uma graxazinha das piores.’

“ ‘Doutor, é um buraco seco mesmo... Bem, obrigado pelo paregórico.’

“ ‘E obrigado pelo negócio, Arch... He, he, he... Diga, Archy, qualquer noite dessas, quando estiver difícil levantar o João, passe por aqui e tome um trago de *yohimbine* comigo.’

“ ‘Certo, doutor, passo mesmo. Vai ser como nos velhos tempos.’

“Então, voltei para meu lugar e esquentei um pouco de água e misturei um pouco de paregórico e cravo e canela e sassafrás e dei para Liz e fez bem a ela, sei que fez. Ao menos, ela parou de me agravar... Bem, mais tarde voltei lá com o dr. Parker de novo para me arranjar uma camisa-de-vênus... E assim que eu ia saindo dei com Roy Bane, bom rapaz também. Não há homem mais fino na Zona que Roy Bane... Então ele disse pra mim, ele disse: ‘Arch, está vendo aquele negro velho naquele terreno baldio? Bem, é seguro como a cagada e os impostos, ele aparece ali toda noite, tão regularmente que você pode acertar o relógio por ele. Vê atrás das urtigas? Toda noite, por volta das oito e meia, ele vai naquele terreno e se raspa todo com palha de aço... Ele é um *crente*, me parece.’

“Então, foi assim que soube que horas eram *mais ou* menos na sexta-feira, 13, e não podia ser mais de vinte minutos, meia hora depois disso, tomei uma Mosca Espanhola na loja do doutor, e estava começando a bater ali no Brejo Grennele a caminho do bairro negro... Bem, o brejo faz uma curva, costumava ter um barraco de

negro ali... Queimaram aquele negro em Cuntlick. O negro pegou aftosa e ficou cego como uma porta... Então, essa garota branca de Texarkana berra:

“ ‘Roy, aquele negro velho está me olhando de um jeito tão nojento! Por Deus, sinto-me toda suja.’

“ ‘Ora, docinho, não se afobe. Eu e os garotos vamos queimar ele.’

“ ‘Devagar, doce de coco, devagar. Ele me deu uma tremenda dor de cabeça.’

“Eles então queimaram o negro, e aquele rapaz pegou a mulher dele e voltou para Texarkana sem pagar a gasolina, e a velha Whispering Lou, que é gerente do posto, não podia falar de outra coisa o outono inteiro: ‘Esses caras da cidade vêm para cá, queimam um negro e nem pagam a gasolina’.

“Bem, Chester Hoot pôs abaixo aquele barraco de negro e o reconstruiu atrás de sua casa, lá no vale Bled. Cobriu as janelas com um pano preto, e o que se passa lá dentro não se deve falar... Ora, esse Chester tem umas maneiras estranhas... Bem, foi ali onde o barraco ficava, em frente à casa dos Brooks, que inundava a cada primavera, só que não era então a casa dos Brooks... Pertencia a um cara chamado Scranton. Ora, aquele pedaço de terra foi medido em 1919... Acho que você se lembra do cara que fez o serviço... Um sujeito chamado Hump Clarence, que também desenfeitiçava poços... Bom garoto, também, não havia homem mais fino na Zona que Hump Clarence... Bem, foi mais ou menos nesse lugar que dei com Ted Spigot metendo numa boneca de lama.”

Lee limpou a garganta. O Funcionário olhou por cima dos

óculos: — Agora, se você se comportar, meu jovem, até eu acabar o que estou dizendo, cuidarei do seu negócio.

E passou a contar uma anedota sobre um negro que pegou hidrofobia de uma vaca.

— Então, meu paizinho disse para mim: “Acabe seu trabalho, filho, e vamos olhar o negro danado”. Eles tinham aquele negro acorrentado no pé da cama, e ele ficava mugindo como uma vaca... Cansei logo daquele negro velho. Bem, se vocês me dão licença, tenho uns negócios para resolver no Conselho Privado, he, he, he.

Lee ouviu horrorizado. O Funcionário do Condado freqüentemente passava semanas na privada, vivendo de escorpiões e catálogos da Montgomery Ward. Em várias ocasiões, seus assistentes tinham forçado a porta e o haviam carregado para fora em avançado estado de subnutrição. Lee decidiu jogar sua última cartada.

— Sr. Anker — disse —, estou apelando ao senhor como um velho cobra ao outro — e ele puxou seu cartão de cobra, recordação de sua agitada e lasciva juventude.

O Funcionário olhou para o cartão com suspeita: “Você não me parece um cobra *bona fide*, nutrido a osso e ração... O que pensa dos judeeeus... ?

— Bem, sr. Anker, o senhor mesmo sabe que tudo o que os judeus querem é passar a mão numa cristã... Um dia desses, vamos cortar o resto deles fora.

— Bem, você, para um tipo da cidade, até que sabe o que diz... vejam o que ele quer e atendam-no... É um bom rapaz.

Interzona

O único nativo de Interzona que não é veado nem está disponível é o chofer de Andrew Keif; não se trata de afetação ou perversidade por parte de Keif, mas de um bom pretexto para cortar relações com qualquer pessoa que não queira ver: “Você deu uma cantada em Aracknid ontem à noite. Não quero mais você lá em casa”. As pessoas de Interzona estão sempre perdendo o controle de seus atos, quer bebam ou não, de maneira que ninguém pode dizer com segurança que não deu uma cantada no pouco apetitoso Aracknid.

Aracknid é um chofer sem valor, quase incapaz de dirigir. Em certa ocasião, passou por cima de uma mulher grávida que descia das montanhas com um saco de carvão nas costas, e ela abortou um bebê sangrento e morto que ficou na rua, e Keif saiu do carro e sentou-se no meio-fio mexendo no sangue com uma vareta, enquanto a polícia interrogava Aracknid e finalmente prendia a mulher por violação do Código Sanitário.

Aracknid é um jovem austero e sem atrativos, com um rosto comprido de estranha cor azul-ardósia. Tem um nariz grande e enormes dentes amarelos de cavalo. Qualquer pessoa pode descobrir um chofer simpático, mas só Andrew Keif poderia ter encontrado

Aracknid. Keif, o brilhante e decadente jovem romancista, que vive num mictório remodelado no bairro de prostituição do Native Quarter.

A Zona é uma só e enorme construção. Os quartos são feitos de cimento plástico, que se incha para acomodar mais gente, mas quando muitos se amontoam num quarto, há um suave *plop*, e alguém é expelido através da parede para a casa vizinha, quer dizer, para a cama vizinha, já que os quartos são ocupados, em geral, por camas onde se desenrolam todos os negócios da Zona. Um zumbido de sexo e comércio envolve a Zona como uma enorme colméia:

— Dois terços de um por cento. Não vou sair mais dessa cifra, nem por causa de meus lacaios.

— Mas onde estão os recibos dos carregamentos, querido?

— Não onde você está procurando, bichinho. Seria óbvio demais.

— Um fardo de Levis com sacos falsos embutidos *made in Hollywood*.

— Hollywood, Sião.

— Bem, *estilo* americano.

— Qual é a comissão?... A comissão... A Comissão.

— Sim, tesouro, um carregamento de K. Y. feito de genuíno dejetos de baleia no sul do Atlântico, atualmente em quarentena pela Comissão de Saúde na Terra do Fogo. A comissão, meu caro! Se nós conseguirmos arranjar esse negócio, será a glória. — (O dejetos de baleia é um material rejeitado, que se acumula no processo de corte e cozimento de uma baleia. Uma horrível sujeira de peixe cujo cheiro você pode sentir por quilômetros. Até agora, ninguém encontrou

utilidade para ele.)

A Interzona Importação Ilimitada, que consiste em Marvie e Leif, o Azarado, se meteu no negócio de K. Y. Na verdade, eles se especializaram em produtos farmacêuticos, e para ganhar mais algum, dirigem um posto de saúde aberto vinte e quatro horas por dia, seis métodos de segurança na frente e atrás (seis doenças venéreas diferentes foram identificadas até hoje).

Eles vão fundo no negócio. Prestam serviços inomináveis para um espasmódico agente naval grego, e um turno inteiro de inspetores da Alfândega. Os dois parceiros brigam, e finalmente denunciam-se um ao outro na Embaixada, de onde são levados para o Departamento Não Queremos Ouvir Falar Mais Nisso, e escorridos pela porta dos fundos num terreno baldio manchado de merda, onde urubus lutam por cabeças de peixe. Aí, eles se agriem histericamente.

— Você está tentando me foder na minha comissão!

— *Sua* comissão! Quem cheirou esse bom negócio em primeiro lugar?

— Mas eu tenho os recibos do carregamento.

— Monstro! Mas o cheque vai ser feito no meu nome.

— Filho da mãe! Você nunca vai ter os recibos até que a minha parte seja depositada em juízo.

— Bem, creio que é melhor a gente se beijar e fazer as pazes. No fundo, não sou tão mau e mesquinho.

Eles apertam as mãos sem entusiasmo e beliscam um ao outro na bochecha. O negócio se arrasta por meses. Eles contratam os

serviços de um despachante. Finalmente, Marvie aparece com um cheque de quarenta e dois curdos do Turquestão, passado por um banco anônimo da América do Sul, para ser descontado através de Amsterdam, num processo que demorará onze meses mais ou menos.

Agora, ele pode descansar nos cafés da Plaza. Ele mostra uma cópia fotostática do cheque. Nunca mostraria o original, é claro, deixando que algum cidadão invejoso cuspiisse apagador de tinta ou inutilizasse o cheque de qualquer outro modo.

Todo mundo pede que ele compre bebida e comemore, mas ele sorri jovialmente e diz: — O fato é que não tenho nem para comprar bebida para mim mesmo. Já gastei todos os curdos comprando Penstrep para a gonorréia de Ali. Ele está de cama outra vez com o troço na frente e atrás. Quase joga o filho da mãe voando pela parede em outra cama. Mas vocês sabem que sou um velho sentimental.

Marvie acaba comprando um copo de cerveja. Tira uma moeda escurecida de sua braguilha e a põe em cima da mesa. — Guarde o troco. — O garçom varre a moeda numa pá de lixo, ele cospe na mesa e vai embora.

— Cabeça ruim! Está com inveja do meu cheque.

Marvie está na Interzona desde “o ano anterior ao primeiro”, como ele diz. Foi aposentado de um posto qualquer, não especificado, no Departamento do Estado, “para bem do serviço público”. Obviamente, algum dia teve ótima aparência, do tipo universitário de cabelo rente, mas seu rosto cedeu, e formaram-se montinhos debaixo do queixo como parafina derretida. Engordara em volta da cintura.

Leif, o Azarado, era um norueguês alto e magro, com um tapa-olho, e a face congelada num permanente sorriso afetado e servil. Atrás dele estendia-se uma saga épica de empresas sem sucesso. Ele faliu ao criar rãs, chinchilas, peixes de briga siameses, ramis e pérolas cultivadas. Tentou, seguidamente e sem sucesso, promover um Cemitério Pássaro do Amor Dois-num-Caixão, monopolizar o mercado de camisas-de-vênus durante o racionamento de borracha, dirigir um prostíbulo com pedidos pelo correio, lançar a penicilina como remédio patenteado. Seguiu desastrosos sistemas de apostas nos cassinos da Europa e nos hipódromos dos EUA. Seus opositores nos negócios só competem com as incríveis desgraças em sua vida pessoal. Seus dentes da frente foram quebrados a socos por bestiais marinheiros americanos no Brooklyn. Urubus lhe comeram um olho quando ele bebeu meio litro de paregórico e desmaiou num parque da cidade do Panamá. Ficou preso entre dois andares num elevador por cinco dias, exatamente quando o vício estava no auge, e suportou um ataque de *delirium tremens* escondido num depósito de malas. E certa vez perdeu os sentidos com os intestinos estrangulados, úlcera perfurada e peritonite, no Cairo, e o hospital estava tão cheio que o acamaram numa latrina, e o cirurgião grego enlouqueceu e coseu um macaco vivo dentro dele, e ele foi fodido pela gangue de atendentes árabes, e um dos ordenanças roubou a penicilina, substituindo-a por detergente; de outra vez ele pegou gonorréia no cu, e um médico inglês hipócrita o curou com um enema de ácido sulfúrico quente, e o alemão praticante de Medicina Tecnológica que retirou seu apêndice com um abridor de latas enferrujado e um par de tesourinhas de estanho (ele considerava a teoria dos germes “um absurdo”). Entusiasmado com o sucesso, ele começou então a tesourar e cortar

fora tudo o que estivesse à vista: — O corpo humano estar cheio de partes desnecessárias. Você poderr viverr com um rim. Por que terr dois? É, isso ser um rim... As víscerras não devem ser tão apertadas umas contrra as outrras. Elas precisam de *Lebensraum* como a *Vaterland*.

O Despachante ainda não tinha sido pago, e Marvie encarava a perspectiva de ter que embromá-lo por onze meses até que o cheque fosse compensado. Dizia-se que o Despachante nascera no *ferry* entre a Zona e a Ilha. Sua profissão era a de despachar a entrega de mercadorias. Ninguém sabia exatamente se seus serviços eram de alguma utilidade, e mencionar seu nome sempre provocava discussão. Casos eram citados para provar sua miraculosa eficiência e sua total inutilidade.

A Ilha era uma base militar e naval inglesa, diretamente em frente à Zona. A Inglaterra mantém a Ilha em arrendamento gratuito, e todo ano o arrendamento e a permissão de residência são formalmente renovados. A população inteira aparece, a presença é obrigatória, e se reúne no depósito de lixo municipal. Ao presidente da Ilha é exigido, pelos costumes, arrastar-se sobre o estômago através do lixo e entregar a Permissão de Residência e Renovação do Arrendamento, assinada por todos os cidadãos da Ilha, ao governador residente, que está de pé, resplandecente era uniforme de gala. O governador pega a permissão e enfia-a no bolso do paletó:

— Bem — diz ele com um sorriso recatado —, então vocês decidiram nos deixar por mais um ano, hem? Muito bom para vocês. E todo mundo está feliz com isso?... Há alguém que não esteja feliz com isso?

Soldados em jipes assestam suas metralhadoras de tripés para um lado e para o outro da multidão, com um movimento lento e penetrante.

— Todo mundo feliz. Isso é bom. — Ele se vira jovialmente para o presidente prostrado. — Vou guardar seus papéis, para o caso de me faltarem. Hó. Hó. Hó. — Seu riso alto e metálico ressoa pelo depósito, e a multidão ri com ele sob a mira das metralhadoras.

As formas da democracia são escrupulosamente aplicadas na Ilha. Há nela um Senado e um Congresso, que passam sessões sem fim discutindo o problema do lixo e a inspeção das latrinas, as duas únicas questões sobre as quais eles têm jurisdição. Por um breve período, em meados do século XIX, foi-lhes permitido controlar o Departamento de Manutenção dos Babuínos, mas esse privilégio foi retirado devido ao absenteísmo no Senado.

Os babuínos de cu encarnado de Trípoli foram trazidos à Ilha pelos piratas do século XII. Havia uma lenda de que, quando os babuínos deixassem a Ilha, ela cairia. Para quem, ou de que maneira, não se sabe, mas é uma ofensa capital matar um babuíno, embora o comportamento nocivo desses animais atormente os cidadãos de forma quase intolerável. Ocasionalmente, alguém sai dos trilhos e mata vários babuínos e a si mesmo.

O posto de presidente é sempre impingido a algum cidadão particularmente nocivo e impopular. Ser eleito presidente é a maior desgraça e infortúnio que pode atingir um ilhéu. As humilhações e ignomínias são tais, que poucos presidentes conseguem sobreviver por todo o mandato, e comumente morrem de depressão no fim de um ou dois anos. O Despachante fora presidente uma vez, e servira

todos os cinco anos de seu mandato. Mais tarde, ele mudou de nome e submeteu-se a uma cirurgia plástica, para apagar o máximo possível a memória dessa desgraça.

— Mas é lógico... nós vamos pagar você — Marvie estava dizendo ao Despachante.

“Mas acalme-se. Ainda deve demorar um pouco até que...”

— Vá com calma, descanse um pouco!... Ouça.

— Sim, sei de tudo. A financeira vai tomar de volta o rim artificial de sua esposa... Estão despejando sua avó do pulmão de aço.

— Isso é de muito mau gosto, velhinho... Francamente, gostaria de nunca ter me envolvido nesse negócio. A porra daquela gordura tem muito carbólico. Estive na Alfândega na semana passada. Enfiei um cabo de vassoura num daqueles tambores, e a gordura comeu toda a ponta. Além disso, o fedor é bastante para derrubar um homem. Você devia dar um passeio lá pelo porto.

— Não farei nada disso — Marvie uivou. É um sinal de distinção na Zona nunca tocar ou chegar perto do que você está vendendo. Fazer isso levanta suspeitas de venda a varejo, isto é, de ser um vulgar camelô. Uma boa parte da mercadoria da Zona é vendida por camelôs de rua.

— Por que você me diz tudo isso? É muito sórdido. Deixe os varejistas se preocuparem com isso.

— Oh, é tudo muito fácil para vocês, vocês podem sair debaixo da chuva. Mas eu tenho uma reputação a manter... Esse negócio vai me dar problema.

— Você está sugerindo que há alguma coisa *ilegítima* nessa

operação?

— Não exatamente *ilegítima*. Mas ordinária. Definitivamente ordinária.

— Oh, volte para sua Ilha antes que ela caia! Nós o conhecemos desde que você vendia seu cu encarnado nos mictórios da Plaza por cinco pesetas.

— E sem muitos fregueses ainda — Leif continuou. Ele pronunciava *aenda*. Essa referência à sua origem insular era mais do que o Despachante podia suportar... Ele estava se empertigando, mobilizando sua mais fria imitação de aristocrata inglês, preparando-se para soltar uma frase gelada e cortante, mas em lugar disso um rugido lamuriento de cachorro chutado estourou de sua boca. Seu rosto pré-operação emergiu num arco-íris de ódio incandescente... Começou a cuspir maldições, nos guturais hediondos e estrangulados do dialeto ilhéu.

Todos os ilhéus professam ignorância do dialeto, ou negam abertamente sua existência: — Nós somos *bretânicos* — eles dizem—, a gente não tem nenhum maldito *dealeto*.

Uma espuma se acumulou nos cantos da boca do Despachante. Ele cuspiu bolinhas de saliva como pedaços de algodão. A catinga da vileza espiritual flutuava em torno dele, como uma nuvem verde. Marvie e Leif retrocederam em estado de alarme, tremendo.

— Ele ficou louco — disse Marvie, assombrado. — Vamos dar o fora daqui. — Mão na mão, eles se afastaram, fundindo-se na névoa que cobre a Zona nos meses de inverno, como num banho turco.

O exame

Carl Peterson encontrou um cartão na caixa do correio, requisitando-o a se apresentar para uma consulta às dez horas com o dr. Benway, no Ministério da Higiene Mental e Profilaxia...

“Que merda eles querem comigo?”, pensou, irritado. “Provavelmente, é algum engano.” Mas sabia que eles não erravam; pelo menos, nunca se enganavam quanto à identidade de uma pessoa...

Não passou pela cabeça de Carl esquecer a consulta marcada, mesmo sabendo que não seria punido caso não comparecesse... Liberterra é um Estado de Bem-Estar. Se um cidadão deseja qualquer coisa, de meio quilo de carne a um parceiro sexual, algum departamento está sempre pronto a fornecer ajuda eficiente. A ameaça implícita nessa benevolência envolvente abafa qualquer ato de rebeldia...

Carl atravessou a Praça da Prefeitura. Nus niquelados, de vinte metros de altura, com genitais de bronze, ensaboam-se sob fulgurantes chuveiros... A cúpula da Prefeitura, de tijolos de vidro e cobre, estilhaça-se contra o céu.

Carl encarou um turista americano homossexual, que deixou cair os olhos e brincou com os filtros de luz de sua Leica...

Carl entrou no Ministério, um labirinto forrado de aço, avançou até a mesa da recepção... e apresentou seu cartão.

— Quinto andar... Sala 26...

Na sala 26, uma enfermeira olhou para ele com olhos frios e submarinos.

— O dr. Benway está esperando — disse ela sorrindo.

— Pode entrar.

“Como se ele não tivesse nada para fazer a não ser me esperar!”, pensou Carl...

O consultório estava completamente silencioso e imerso em luz leitosa. O doutor apertou a mão de Carl, mantendo os olhos em seu peito jovem...

“Já vi esse homem antes”, Carl pensou. “Mas onde?”

Sentou-se e cruzou as pernas. Olhou para um cinzeiro sobre a secretária e acendeu um cigarro... Depois, virou-se para o doutor com um olhar seguro e inquiridor, em que havia mais que um simples toque de insolência.

O doutor pareceu embaraçado... Agitou-se e tossiu... e mexeu nuns papéis...

— Hã, hã — disse finalmente. — Seu nome é Carl Peterson, creio.
— Seus óculos escorregaram para o nariz, numa paródia de comportamento acadêmico... Carl concordou silenciosamente com a cabeça... O doutor não olhou, mas pareceu no entanto registrar a resposta... Empurrou com o dedo os óculos para o lugar e abriu um

arquivo na secretária esmaltada de branco.

— Mmmmmmm. Carl Peterson — repetiu o nome acariciantemente, franzindo os lábios e balançando a cabeça várias vezes. Retomou a palavra bruscamente: — Você sabe naturalmente que nós estamos tentando. Estamos todos tentando. Às vezes, é lógico, não temos sucesso. — Sua voz se perdeu, tênue e fina. Levou uma mão à testa. — Ajustar o Estado — um simples instrumento — às necessidades de cada cidadão individual. — Sua voz explodiu, tão inesperadamente profunda e alta que Carl se assustou. — Esta é a única função do Estado, como o encaramos. Nossos conhecimentos... incompletos, é lógico — fez um pequeno gesto de depreciação... — Por exemplo... *por exemplo...* tome o caso dos *ah desvios sexuais*. — O doutor se balançava para a frente e para trás em sua cadeira. Os óculos escorregaram de novo para a ponta do nariz. Carl sentiu-se repentinamente desconfortável.

— Nós os consideramos um infortúnio... uma doença... certamente, nada que possa ser censurado ou *ah proibido*, não mais que a tuberculose... Sim — repetiu, finalmente, como se Carl tivesse objetado... — Tuberculose. Por outro lado, você sabe que *qualquer doença* impõe certos *deveres*, certas *medidas* de natureza profilática para as autoridades que se responsabilizam pela saúde pública, e tais medidas devem ser impostas, não é preciso dizer, com um mínimo de inconveniência e perturbação à pessoa que, embora sem nenhuma culpa, tornou-se *ah infectada*... O que quer dizer, é claro, o mínimo de sofrimento compatível com a proteção adequada dos outros indivíduos não infectados... Não consideramos a vacinação obrigatória contra a varíola uma medida absurda... Nem o isolamento para certas doenças contagiosas... Estou certo de que

você concordará que os indivíduos afetados pelo que hã hã os franceses chamam de *les maladies galantes* he, he, he, he, deveriam ser obrigados a submeter-se a tratamento se não se apresentarem voluntariamente. — O doutor continuou a dar suas risadinhas e a se balançar na cadeira como um brinquedo mecânico... Carl compreendeu que deveria dizer alguma coisa.

— Parece-me razoável — disse ele.

O doutor parou de rir. Ficou subitamente imóvel. — Agora, voltando a este problema ah dos desvios sexuais. Francamente, não podemos compreender — ao menos completamente — por que alguns homens e mulheres preferem ah a companhia sexual de seu próprio sexo. Sabemos, no entanto, que ah o fenômeno é bastante comum, e sob determinadas circunstâncias um ah assunto de responsabilidade deste departamento.

Pela primeira vez, os olhos do doutor piscaram pelo rosto de Carl. Olhos sem sombra de calor ou ódio, ou qualquer emoção que Carl já tivesse experimentado pessoalmente ou visto em alguém, ao mesmo tempo frios e intensos, predadores e impessoais. Carl sentiu-se, de repente, tocado naquela silenciosa caverna subaquática que era a sala, cortado fora de toda fonte de calor e segurança. A imagem dele mesmo sentado ali, calmo, alerta, com um traço de desprezo bem-comportado, empalideceu, como se a vitalidade estivesse sendo drenada para fora de seu corpo, a fim de misturar-se com o meio cinzento e leitoso da sala.

— O tratamento dessas desordens é, no momento, hã, hã sintomático. — O doutor jogou-se subitamente para trás na cadeira e abriu-se em repiques de riso metálico. Carl olhou, aterrorizado...

“Este homem é um demente”, pensou. A face do doutor ficou sem expressão, como a de um jogador. Carl sentiu uma sensação estranha no estômago, como sob a parada súbita de um elevador.

O doutor estava estudando um arquivo à sua frente. E falou num tom divertido e levemente condescendente:

— Não fique amedrontado, meu jovem. É só uma piada profissional. Dizer que o tratamento é sintomático significa que não há nenhum, exceto para fazer o paciente sentir-se o mais à vontade possível. E isso é precisamente o que tentamos fazer nesses casos. — Mais uma vez, Carl sentiu o impacto daquele frio interesse em seu rosto. — Quer dizer, apoio quando o apoio é necessário... e, é claro, ligações adequadas com outros indivíduos de tendências semelhantes. Nenhum isolamento é indicado... esse quadro é não mais contagioso que o câncer. Câncer, meu primeiro amor — a voz do doutor recuou. Ele parecia, na verdade, ter ido embora por uma porta invisível, deixando seu corpo vazio sentado na secretária.

Subitamente, falou de novo com voz animada: — E então, você deve estar se perguntando por que chegamos a nos preocupar com o problema? — Faiscou um sorriso brilhante e frio como neve ao sol.

Carl deu de ombros: — Isso não é da minha conta... o que estou me perguntando é por que o senhor pediu que eu viesse aqui, e por que diz todo esse... esse...

— Absurdo?

Carl se irritou por se sentir ruborizado.

O doutor inclinou-se para trás e juntou as pontas dos dedos:

— Os jovens — disse indulgentemente — sempre estão com

pressa. Um dia, talvez você aprenda o significado da paciência. Não, Carl... Posso chamá-lo Carl? Não estou fugindo à sua pergunta. Em casos de suspeita de tuberculose, nós, isto é, o departamento apropriado pode pedir, ou mesmo *requisitar*, alguém a comparecer para um exame fluoroscópico. Isso é rotina, você entende. A maioria desses exames tem resultado negativo. Por isso, você foi chamado a apresentar-se aqui, para, digamos, um fluoroscópio da mente???? Posso acrescentar que, depois de falar com você, eu me sinto *relativamente* seguro de que o resultado será, em termos práticos, negativo...

— Mas essa coisa toda é ridícula. Sempre me interessei só por garotas. Tenho uma namorada séria, e pretendemos nos casar.

— Sim, Carl, eu sei. É por isso que você está aqui. Um exame de sangue pré-marital. É razoável, não?

— Por favor, doutor, fale claro.

O doutor não parecia ouvir. Escorregou para fora de sua cadeira e começou a andar em círculos atrás de Carl, com sua voz lânguida e intermitente como música em rua de vento.

— Posso lhe dizer, com absoluta confiança, que existe evidência definida do fator hereditário. Pressão social. Muitos homossexuais latentes ou confessos, infelizmente, chegam a se casar. Tais casamentos resultam com frequência em... fator de ambiente infantil. — A voz do doutor continuava indefinidamente. Falava sobre esquizofrenia, câncer, disfunção hereditária do hipotálamo.

Carl cochilou. Estava abrindo uma porta verde. Um cheiro horrível atacou seus pulmões, e ele acordou com um choque. A voz do doutor era estranhamente monótona e sem vida, voz sussurrante

de drogado:

— O teste Kleiberg-Stanislauski de floculação do sêmen... um instrumento de diagnóstico... indicativo ao menos no sentido negativo. Útil em certos casos — como parte de um quadro maior... Talvez sob determinadas *circunstâncias*. — A voz do doutor cresceu subitamente num grito lúbrico. — A enfermeira vai tomar o seu ah *specimen*.

— Por aqui, por favor... — A enfermeira abriu a porta de um cubículo de paredes brancas e nuas. Entregou-lhe um vidrinho.

— Use isto, por favor. É só chamar quando tiver acabado.

Havia um vidro de K. Y. na prateleira. Carl sentiu-se encabulado, como se sua mãe tivesse puxado um lenço para ele. Uma mensagenzinha tímida soava como: “Se eu fosse uma boceta, nós poderíamos abrir uma loja de secos e molhados”.

Ignorando o K. Y., ele ejaculou dentro do vidro, uma foda fria e brutal, com a enfermeira de pé contra uma parede de tijolos de vidro. — Velha Boceta de Vidro — ele sorriu zombando, e viu uma boceta cheia de cacos de vidro coloridos sob a Aurora Boreal.

Depois, lavou o pênis e abotoou as calças.

Alguma coisa estava observando cada gesto e pensamento seu com ódio frio e desdenhoso, os deslocamentos dos testículos, as contrações do reto. Estava num quarto cheio de luz esverdeada, havia uma cama de casal de madeira manchada, um armário preto com espelho de alto a baixo. Carl não podia ver o rosto. Alguém estava sentado numa cadeira preta de hotel. Usava uma camisa branca de peito duro e uma gravata de papel sujo. A face inchada, sem crânio, olhos como pus queimando.

— Alguma coisa errada? — disse a enfermeira, indiferente. Ela estava segurando um copo de água para ele. Observou-o beber com desprezo distante. Depois, virou-se e pegou o vidro com visível repugnância.

A enfermeira virou-se: — Você está esperando mais alguma coisa? — disse ela bruscamente. Nunca, em sua vida adulta, tinham falado com ele daquela maneira.

— Não, por quê?...

— Pode ir, então — ela voltou-se de novo para o vidrinho. Com uma pequena exclamação de nojo, limpou uma bolinha de sêmen de sua mão. Carl atravessou o quarto e ficou de pé na porta.

— Vou ter outra consulta?

Ela olhou para ele com uma surpresa de quem desaprova. — Você será notificado, é *claro*. — Ficou no portal do cubículo e observou-o atravessar o escritório exterior e abrir a porta. Ele se virou e tentou um aceno lépido. A enfermeira não se moveu nem mudou de expressão. Quando descia as escadas, o falso sorriso imperfeito queimou em seu rosto com vergonha. Um turista homossexual olhou para ele e levantou uma sobrancelha de quem sabe. “Alguma coisa *errada*?”

Carl correu para o parque e achou um banco vazio, ao lado de um fauno de bronze com címbalos.

— Acalme-se, meu anjo. Você vai se sentir melhor. — O turista inclinava-se sobre ele, e sua câmera balançava no rosto de Carl como um enorme seio palpitante.

— Vá se foder!

Carl viu que alguma coisa de ignóbil e hedionda se refletiu nos olhos castanhos de animal castrado da bicha.

— Oh! Eu não ficaria dizendo palavrões se fosse você, meu anjo. Você também foi pinçado. Vi você saindo do Instituto.

— O que quer dizer com isso? — Carl perguntou.

— Oh, nada. Absolutamente nada.

— Bem, Carl — o doutor começou a sorrir mantendo os olhos à altura de sua boca. — Tenho boas notícias para você. — Pegou uma folha de papel azul na secretária e prosseguiu numa elaborada pantomima, tentando focalizar os olhos nela. — Seu ah teste... o teste de floculação Robinson-Kleiberg...

— Pensei que fosse o Blomberg-Stanislouski.

O doutor deu uma risadinha. — Oh, querido, não... Está se adiantando, meu jovem. Você deve ter entendido mal. O Blomberg-Stanislouski, beeeeem, é um tipo totalmente diferente de teste. Eu *espero*... que não seja necessário... — Deu outro risinho: — Mas como eu estava dizendo, antes de ser tão simpaticamente interrompido... pelo meu hã, hã, jovem e culto colega. Seu KS parece ser... — segurou o papel distante dos olhos — completamente ah negativo. Então, provavelmente não o estaremos perturbando mais daqui por diante. E assim... — Dobrou o papel cuidadosamente dentro de um arquivo. Depois, folheou o arquivo. Finalmente, parou e franziu a testa e os lábios. Fechou o arquivo, pôs a mão aberta em cima dele e inclinou-se para a frente.

— Carl, quando você estava fazendo seu serviço militar, deve ter

havido... de fato, houve longos períodos em que você deve ter sido privado das consolações e ah *afabilidades* do sexo frágil. Durante esses períodos, sem dúvida penosos e difíceis, você tinha uma foto de mulher?? Ou, mais provavelmente, um harém de fotos??? He, he, he...

Carl olhou para o doutor com asco confesso. — Sim, é claro — disse. — Nós todos tínhamos.

— Agora, Carl, eu gostaria de mostrar-lhe algumas fotos de mulher. — Tirou um envelope de dentro de uma gaveta. — E pedir-lhe a fineza de escolher uma que você mais gostaria de ah comer, he, he, he... — Ele se inclinou subitamente, abanando as fotos no rosto de Carl. — Escolha uma garota, qualquer uma!

Carl estendeu os dedos dormentes e tocou uma das fotos. O doutor a colocou de volta no maço e embaralhou e cortou e colocou o maço dentro da pasta referente a Carl e deu um tapa nela rapidamente. Depois, espalhou as fotos com a face para cima em frente de Carl. — Ela está aqui?

Carl balançou a cabeça negativamente.

— É lógico que não. Ela está aqui dentro, onde deve ficar. Um lugar para mulher, não é??? — Abriu a pasta e trouxe a foto da garota juntamente com uma chapa de Rorschach.

— É ela?

Carl concordou silenciosamente.

— Você tem bom gosto, meu rapaz. Devo dizer-lhe, na mais estrita confiança, que algumas dessas garotas... — com dedos de jogador movimentou as fotos em leques de Três Cartas — são

realmente *rapazes*. Travestidos, creio que é essa a palavra??? — Suas sobrancelhas movem-se para cima e para baixo com incrível rapidez. Carl não podia ter certeza de ter visto nada incomum. A face do médico à sua frente estava absolutamente imóvel e sem expressão.

Novamente, Carl experimentou a sensação flutuante, no estômago e genitais, de uma parada rápida de elevador.

— Sim, Carl, você parece estar vencendo nossa pequena corrida de obstáculos com facilidade... Acho que você pensa que tudo isso é bastante tolo, não é mesmo...???

— Bem, para dizer a verdade... Sim...

— Você é franco, Carl... Isso é bom... E agora... Carl... — Ele arrastou o nome carinhosamente, como um gentil detetive vigarista prestes a oferecer um Old Gold (parece adequado para um policial fumar Old Gold) e começar sua *performance*...

O detetive corrupto faz um passinho de dança.

— Por que você não faz uma proposta ao Homem?

— Sacode a cabeça em direção ao seu brilhante superego, a quem sempre se refere na terceira pessoa, como “o homem” ou o “Lugar-Tenente”.

— Assim é o Tenente, se você joga limpo com ele, ele jogará limpo com você... Gostaríamos de tratar você bem... Claro, se puder nos ajudar de alguma forma. — Suas palavras se abrem num ermo deserto de lanchonetes e esquinas e bares. Viciados viram o rosto para o outro lado, com a boca cheia de bolo.

— Fag errou.

Fag despencou numa cadeira de hotel, arrasado de bolinhas, com

a língua do lado de fora.

Levantou-se num transe de bolinhas e enforcou-se, sem alterar a expressão e sem puxar a língua para dentro.

O “detetive” rabisca num bloco.

— Conhece Marty Steel? — rabisca.

— Sim.

— Pode arranjar algum com ele? — rabisca, rabisca.

— Ele é um cético.

— Mas você consegue? — Rabisca, rabisca. — Você fez uma transa com ele na semana passada, não foi? — Rabisca!!

— Sim.

— Então, dá para arranjar esta semana. — Rabisca... Rabisca... — Pode conseguir hoje mesmo. — Sem rabisco.

— Não! Não! Chega!!

— Agora você vai cooperar — três rabiscos habituais —, ou prefere falar com o Homem??? — Levantou uma sobrancelha de fada.

— Então, Carl, vai fazer o favor de me dizer quantas vezes e sob que circunstâncias você ah se abandonou a práticas homossexuais?? — Sua voz se perdeu no ar. — Se você nunca fez isso, estarei inclinado a considerá-lo um jovem incomum, de alguma forma. — O doutor levanta um tímido dedo admoestador. — Em todo caso... — Ele golpeou com os dedos a pasta e instilou um horrível olhar de esguelha. Carl reparou que a pasta tinha a espessura de oito centímetros. De fato, parecia ter engrossado enormemente desde que

ele entrara na sala.

— Bem, quando eu estava prestando o serviço militar... Esses veados costumavam me fazer propostas, e às vezes... quando eu estava duro...

— Sim, é claro, Carl — o doutor zurrou de coração. — Em seu lugar, eu teria feito o mesmo, não me importo de dizer, he, he, he... Bem, acho que podemos *dispensar como irrelevantes* esses ah meios compreensíveis de reabastecer as finanças. E agora, Carl, haveria talvez — um dedo bateu na pasta, que soltou um eflúvio leve de suportes bolorentos e cloro — ocasiões. Quando nenhum fator ah econômico estava em jogo.

Um clarão verde explodiu no cérebro de Carl. Viu o corpo magro e bronzeado de Hans — rebolando em sua direção, respiração rápida no seu ombro. O clarão se apagou. Uma espécie de inseto enorme estava se contorcendo em sua mão.

Todo o seu ser era sacudido, embora com um espasmo elétrico de revulsão.

Carl pôs-se em pé, tremendo de raiva.

— O que você está escrevendo aí? — perguntou.

— Você costuma cochilar assim freqüentemente? No meio de uma conversa...?

— Eu não estava dormindo, isto é...

— Não estava?

— É só que a *coisa toda* é irreal... Vou embora agora. Não me importo. O senhor não pode me forçar a ficar.

Ele foi atravessando o quarto em direção à porta. Estava

andando há muito tempo. Uma dormência paralisante arrastava suas pernas. A porta parecia distanciar-se.

— Aonde você pode ir, Carl? — A voz do doutor o alcançava de grande distância.

— Para fora... Embora... Pela porta...

— A porta verde, Carl?

A voz do doutor era quase inaudível. O quarto inteiro estava explodindo no espaço.

Você viu Rose Pantopon?

Não chegue perto da Queen's Plaza, filho... Lugar ruim, assombrado por caralhos que gritam por amantes toxicômanos... Muitos níveis... Policiais saltam do armário de limpeza num barato de amoníaco... como leões em chamas... caem sobre o pobre ladrão de bêbados, apavorando-o até a medula... Sua pele-*pop* semanal, ou pega o barato da cinco-vinte-e-nove fornecido de graça pela Cidade de Nova York aos drogados na gaiola...

Portanto, Fag, Beagle, Irish^[25], Marinheiro, cuidado... Olhem para baixo, olhem bem ao longo da linha antes de começar a trabalhar naquela praça...

O metrô passa rápido, como uma rajada preta de ferro.

— A Queen's Plaza é um lugar ruim para ladrões de bêbados... Muitos níveis... e lugares para os policiais do metrô se esconderem; é impossível disfarçar quando você estende a mão e...

Cinco meses e vinte e nove dias: sentença dada por “manusear”, isto é, por tocar num bêbado com óbvias intenções... Pode-se condenar pessoas inocentes por assassinato; mas não há possibilidade de erro quando se trata de “manuseio”.

Fag, Beagle, Irish, Marinheiro, velhos tempos, viciados e ladrões de bêbados de metrô que conheci... O velho papo da 103rd Street... Marinheiro e Irish se enforcaram na prisão. Beagle morreu de uma superdose, e Fag virou alcagüete...

— Você viu Rose Pantopon? — disse o velho viciado, e colocou o sobretudo preto e saiu pela praça... Desce pelos becos que vão dar nos *shows* da Market Street, todo tipo de masturbação e autoflagelação. Os rapazes, especialmente, gostam.

O gângster preso no concreto rola pelo canal, rio abaixo... Eles cowboyaram o cara na sala de máquinas... É Cherri Ass Gio, Towel Boy ou Mother Gillig, a Velha Tia da Westminster Place? Só dedos mortos conversam em braile...

O Mississipi empurra enormes blocos de calcário pela via silenciosa...

— Confusão a estibordo! — berrou o Capitão da Terra Móvel...

Ruídos distantes de estômagos... Pombos envenenados chovem da Aurora Boreal... Os reservatórios estão vazios... Estátuas de bronze se estilhaçam pelas praças e vielas famintas da cidade abismal...

Procurando uma veia na manhã doente de droga...

Estritamente de um xarope contra tosse...

Mil drogados tomam de assalto as clínicas de espinha de cristal e cozinham as Senhoras Cinzentas.

Na caverna de calcário, encontrei um homem com a cabeça de Medusa dentro de uma caixa de chapéu, e eu disse “Tome cuidado” ao inspetor da alfândega... Mão congelada para sempre, a uns dois

centímetros do fundo falso.

Vitrinistas gritam pela estação, levam os caixeiros no conto do *hype* veado... (*Hype* é um golpe para ganhar um troco pequeno... Também conhecido como *The Bill*...)

— Fratura múltipla — disse o grande médico. — Sou muito técnico... — O consumo conspícuo é crescente nos pórticos escorregadios com catarro de Koch...

A centopéia focinha na porta de ferro, oxidada até tornar-se um fino papel preto pela urina de um milhão de veados...

Não se trata de nenhuma carga maior, mas de poeira viciosa, algodão usado suja os ossos depois de um pico...

Os bichos da cocaína

O chapéu de feltro cinzento e o sobretudo preto do Marinheiro pendem retorcidos na espera atrofiada da droga. O sol da manhã recorta o Marinheiro na chama amarelo-alaranjada da droga. Sob a xícara de café, ele tinha um guardanapo de papel — sinal dos que ficam sentados muito tempo em frente de xícaras, nas praças, restaurantes, terminais de estações e salas de espera do mundo. Um drogado, mesmo do nível do Marinheiro, funciona em Tempo da droga, e quando irrompe inoportunamente no Tempo dos outros, como em qualquer burocracia, precisa esperar, (Quantos cafés numa hora?)

Um rapaz entrou e sentou-se em frente ao balcão, desenhando linhas quebradiças na longa espera doente da droga. O Marinheiro tremeu. Seu rosto se diluiu numa névoa parda e trêmula. Moveu as mãos sobre a mesa, lendo o braile do rapaz. Seus olhos traçavam pequenos mergulhos e círculos, seguindo os cachos de cabelo castanho do pescoço do garoto, num movimento lento e penetrante.

O rapaz agitou-se e coçou o pescoço: — Alguma coisa me mordeu, Joe. Que tipo de antro nojento você dirige?

— Bichos da coca, garoto — disse Joe, segurando ovos contra a

luz. — Eu estava viajando com Irene Kelly, e era uma mulher porreta. Em Butte, Estado de Montana, ela teve um ataque de cocaína, e correu pelo hotel berrando que policiais chineses estavam perseguindo-a com facões de cortar carne. Conheci um policial em Chicago que cheirava pó, costumava vir em forma de cristais, cristais azuis. Então, ele ficou doidão e começou a gritar que os federais estavam atrás dele e correu por uma viela e enfiou a cabeça numa lata de lixo. E eu disse então: “O que pensa que está fazendo?”, e ele respondeu: “Saia daí que eu lhe dou um tiro, seu! Não viu que eu arrumei um bom esconderijo?” Quando chegar o momento nós estaremos por lá, não é verdade?

Joe olhou para o Marinheiro, abriu a mão e contraiu os ombros, num gesto de desdém próprio do viciado.

O Marinheiro falou, com sua voz tateante que se recompõe na cabeça do ouvinte, soletrando as palavras com dedos frios: — Seu contato terminou, cara.

O garoto se retraiu. O rosto de moleque de rua, sugado por negras cicatrizes da droga, conservava uma áspera e perdida inocência; animais tímidos espiando por arabescos cinzentos de terror.

— Não tou sacando, cara.

O Marinheiro delineou-se no foco preciso da droga. Virou a lapela do casaco, mostrando uma agulha hipodérmica de bronze coberta de mofo e verde-gris. — Aposentado para o bem do serviço público... Sente-se e sirva-se de um pedaço de torta e ponha na conta. Seu garoto adora isso... Dá brilho no casaco dele.

O garoto sentiu um toque no braço, mesmo a três metros, no

restaurante matutino. De repente, foi sugado pela mesa, onde aterrou com um *chlup!* inaudível. Olhou dentro dos olhos do Marinheiro, um universo verde e agitado por correntes frias e obscuras.

— O senhor é policial?

— Prefiro a palavra... vetor. — O som do seu riso vibrou através da substância do garoto.

— Não se faça de difícil, cara. Tenho grana.

— Não quero seu dinheiro, coração, quero seu Tempo.

— Não estou sacando.

— Você quer um pico, um pico legal? Quer um, não não?

O Marinheiro mexeu em alguma coisa rosada e vibrou, ficando fora de foco.

— Sim.

— Vamos pegar o Independente. Tem sua polícia especial, não carregam revólver, só vigiam. Eu me lembro, eu e Fag caímos uma vez na Queen's Plaza. Não chegue perto da Queen's Plaza, filho... lugar ruim... assombrado pelos tiras... Níveis demais... Policiais saltam do armário de limpeza num barato de amoníaco... como leões em chamas... e caem sobre o ladrão de bêbados, apavorando-o até a medula. Sua pele-*pop* semanal, ou então aceita o barato da cinco-vinte-e-nove dado de graça pela Cidade de Nova York aos drogados na gaiola... Então Fag, Beagle, Irish, Marinheiro, cuidado! Olhem para baixo, olhem bem ao longo da linha antes de começar a trabalhar...

O metrô passa rápido, como uma rajada preta de ferro.

O dedetizador faz um bom trabalho

O Marinheiro tocou na porta suavemente, seguindo os padrões do carvalho pintado num movimento lento, soltando leves e iridescentes espirais. Seu braço entrou até o cotovelo — puxou para trás o ferrolho e deixou espaço para o garoto passar.

Cheiro de morte, incolor e pesado, enche o quarto vazio.

— Este quarto não foi arejado desde que o dedetizador dedetizou-o contra os piolhos da cocaína — disse o Marinheiro, desculpando-se.

Os nervos tensos do garoto dispararam em volta, numa frenética exploração. Apartamento de edifício, apartamento ao lado da estrada de ferro, vibrando num movimento silencioso. Na parede da cozinha, uma calha de metal — seria metal mesmo? — corria para dentro de uma espécie de aquário ou tanque, cheio pela metade com um fluido translúcido e verde. Objetos mofados, gastos por usos desconhecidos, sujavam o assoalho: um suporte feito para proteger algum órgão delicado era forma de abano achatado; fundas, suportes e bandagens; uma canga em forma de U, de pedra porosa cor-rosa; pequenos tubos de grafite cortados numa das pontas.

As correntes do movimento nos dois corpos levantaram odores estagnados; odor juvenil atrofiado de vestuários empoeirados, de cloro de piscina e sêmen seco. Outros cheiros circulavam em róseas circunvoluções, tocando portas desconhecidas.

O Marinheiro meteu o braço sob o lavatório e extraiu um pacote de papel de embrulho, que se desfez e caiu por entre seus dedos como pó amarelo. Dispôs o conta-gotas, a agulha e a colher em cima de uma mesa coberta de pratos sujos. Mas nenhuma antena de barata tateava pelos restos da escuridão.

— O dedetizador fez um bom trabalho — disse o Marinheiro. — Bom demais, às vezes.

Afundou a mão numa lata quadrada de pó de pireto amarelo, e puxou para fora um pacote achatado e coberto de papel de arroz vermelho e dourado.

“Como um pacote de fogos de artifício”, pensava o garoto. Aos catorze anos, perdera dois dedos... 4 de julho, acidentado com um foguete... Mais tarde, no hospital, o primeiro toque silencioso da droga.

— Cara, a coisa estoura aqui. — o Marinheiro tocou a própria nuca. Acomodou-se obscenamente enquanto abria o pacote, um arranjo complicado de fendas e coberturas.

— Heroína cem por cento pura. Hoje em dia, muito pouca gente... e ela é toda sua.

— E o que você quer de mim?

— Tempo.

— Não saquei.

— Tenho uma coisa que você quer. — Sua mão tocou o pacote. Ele caminhou indolente até o quarto da frente, a voz distante e difusa. — Você tem uma coisa que eu quero... cinco minutos aqui... uma hora em outro lugar... duas... quatro... oito... Talvez eu esteja me adiantando demais. Todo dia um pouco... Toma Tempo...

Voltou à cozinha, voz sonora e clara: — Cinco anos por cada pedaço. Ninguém vai lhe oferecer mais barato na rua. — E tocou o dedo na linha divisória do nariz do garoto.

— Bem no meio.

— Não sei de que o senhor está falando.

— Mas vai saber, neném... na hora certa.

— Tudo bem. Então o que faço?

— Topa?

— Sim, como — Olhou para o pacote. — Qualquer coisa, eu topo.

O garoto sentiu um baque silencioso e negro em sua carne. O Marinheiro pôs uma mão nos olhos dele e puxou para fora um ovo escrotal, como um olho fechado e pulsante. Pêlos pretos ferviam dentro da carne translúcida do ovo.

O Marinheiro acariciou o ovo com as mãos nuas e desumanas — longos tendões brancos, preto-róseos, grossos, fibrosos, germinando nas pontas abreviadas dos dedos. O medo da Morte e a fraqueza da Morte se apoderaram do garoto, cortando sua respiração, parando a circulação do sangue. Ele se apoiou contra uma parede, que pareceu ceder ligeiramente. Em um instante, ligou-se de volta no foco preciso da droga.

O Marinheiro estava preparando o pico. — Quando chegar o

momento, nós estaremos lá, certo? — disse, tateando a veia do garoto, raspando pontas de cravos secos com um dedo delicado de velha. Enfiou a agulha. Na base da seringa abriu-se uma orquídea vermelha. O Marinheiro apertou o bulbo, observando a solução correr para dentro da veia do garoto, absorvida pela sede silenciosa do sangue.

— Meu Deus! — disse o garoto. — Nunca bateu assim antes!

Acendeu um cigarro e examinou a cozinha, estremecido pela necessidade de açúcar. — Você não vai pegar? — perguntou.

— Com esta merda seca de lactose? A droga é uma rua de mão única. Não tem volta. Você não pode voltar nunca mais.

Chamam-me Dedetizador. Num período de desvio, tive realmente essa função, e presenciei a dança do ventre das baratas que se afogavam no pó de pireto amarelo. (“Difícil conseguir, madame... A guerra... Mas vou ver se consigo para a senhora... Dois dólares.”) Regava com o produto os percevejos gordos, colados no papel de parede cor-de-rosa de sórdidos hotéis de gente de teatro em North Clark, e envenenava o Rato obstinado, devorador ocasional de meninos. Você não o faria?

Minha tarefa atual: Encontrar os vivos e *exterminá-los*. Não os corpos, mas os “fungos^[26]” entende? — mas eu me esqueço que vocês não podem entender. Nós todos temos alguns. Mas bastaria um só para estragar nosso prato de comida. O perigo, como sempre, vem dos agentes desertores: A. J., Vigilante, Black Armadillo (portador de vetores da doença de Chagas; não toma banho desde a epidemia de 1935 na Argentina, lembra-se?) e Lee e Marinheiro e Benway. E sei

que algum policial está lá fora na escuridão procurando por mim.
Porque todos os agentes desertam, e os Resistentes se vendem...

A álgebra da necessidade

Fats Terminal, o Gordo, veio dos Tanques de Pressão da Cidade, onde jorros vitais lançam milhões de formas imediatamente devoradas, e os que os devoram são anulados pelos policiais do tempo negro...

Poucos chegam à Plaza, ponto em que os Tanques esvaziam um rio de correntes periódicas, carregando formas de sobrevivência armadas com defesas de lama venenosa, carnes escuras e decompostas, fungos e odores esverdeados que mancham os pulmões e retorcem dolorosamente o estômago...

Porque os nervos de Fats estavam nus e expostos, para sentir os espasmos da morte de um milhão de crises de abstinência... Fats aprendeu a Álgebra da Necessidade e sobreviveu...

Uma sexta-feira, Fats irrompeu na Plaza, um feto simiesco, cinzento e translúcido, com ventosas nas mãos pequenas e macias, cinzento-purpúreas, e uma boca redonda de lampreia, de cartilagem fria, forrada de dentes ocos, negros e erécteis, tateando pelos sulcos das cicatrizes da droga... E um homem rico passou e olhou para o monstro, e Fats rolou no chão mijando e cagando de terror e comeu a própria merda, e o homem sentiu-se comovido ante esse tributo à

potência do seu olhar, e jogou uma moeda de sua bengala de sexta (sexta-feira é o domingo muçulmano, quando os ricos devem distribuir esmolas).

Assim, Fats aprendeu a servir a Carne Negra, e desenvolveu um corpo gordo como um aquário...

E seus olhos apagados como periscópios varriam a superfície do mundo... E, na sua trilha de drogados, “macacos” cinzentos e translúcidos voavam como arpões em direção à marca da droga, e lá se penduravam chupando; e tudo fluía de volta para dentro de Fats, e sua substância cresceu e cresceu, enchendo praças, restaurantes e salas de espera do mundo com a infusão cinzenta da droga.

Hebefrênicos, *latahs* e macacos redigem em charadas obscenas os boletins do partido, *sollubis* peidam em código, negros abrem e fecham a boca e emitem mensagens nos dentes de ouro, desordeiros árabes enviam sinais de fumaça queimando grandes eunucos amanteigados — eles fazem a melhor fumaça, suspensa no ar, negra e sólida como merda — em fogueiras de gasolina sobre montes de lixo, mosaicos de melodias, tristes canções de mendigos corcundas, vento frio que sai de um cartão-postal de Chimborazzi, flautas de ramadã, música de piano que desce por uma rua varrida pelo vento, chamadas policiais fragmentadas, folhetos de publicidade sincronizados com uma briga de rua num pedido de socorro.

Dois agentes se identificam um ao outro pela escolha de práticas sexuais, driblando microfones estrangeiros, e destroem segredos atômicos um para o outro, em código tão complexo que só dois físicos em todo o mundo fingem entendê-los, e um contradiz o outro categoricamente. Mais tarde, o agente receptor será enforcado,

condenado por possuir um sistema nervoso, e repetirá a mensagem em espasmos orgásticos transmitidos por eletrodos presos ao pênis.

Ritmo respiratório de um velho cardíaco, umbigadas de uma dançarina de dança do ventre, *put, put, put* de um barco a motor sulcando a água oleosa. O garçom deixa cair uma gota do martini do Homem de Terno Cinzento que sai às 6h12m, sabendo que foi *localizado*. Os drogados saltam pela janela do banheiro do restaurante chinês, quando o metrô elevado passa barulhentemente. O *gimp*, cowboyado no Waldorf, dá à luz uma *ninhada de ratos* (cowboyar: linguagem de malandro de Nova York; significa mate-o-filho-da-puta-onde-o-encontrar... Um rato é um rato é um rato. É um alcagüete). Virgens tolas contemplam absortas o coronel inglês, que cavalga brandindo um porco selvagem em sua lança. A bicha elegante incita a turma do bar que frequenta a receber um boletim da Mãe Morta, que vive em sinapses e vai trazer de volta a excitante Nanny Beater. Garotos que se masturbam no banheiro da escola identificam-se uns aos outros como agentes da Galáxia X; marcam encontro num bar noturno de segunda classe, onde se sentam miseráveis e extravagantes, bebendo vinagre de vinho e comendo limões para atrapalhar o sax-tenor, um *hip* árabe de óculos azuis, suspeito de ser um Transmissor inimigo. A rede mundial de viciados se liga por um fio de esperma rançoso... amarrados em quartos mobiliados... tremendo na manhã doente... (Os homens de Old Pete chupam a Fumaça Preta nos fundos da tinturaria chinesa. Melancholy Baby morre de superdose de Tempo, ou abstinência de respiração na crise do peru congelado — na Arábia — Paris — Cidade do México — Nova York — Nova Orleans.) Os vivos e os mortos... na crise de abstinência ou empapuçados de droga... viciados ou livres da

droga, ou viciados de novo... vêm seguindo o raio luminoso da droga, enquanto o contato come *chop suey* na Dolores Street... mastiga torta no Bickfords... perseguido até a Exchange Place por uma manada de gente ladrando... Doentes de malária do mundo se juntam numa massa de protoplasma estremecido... O Medo sela a mensagem da merda com uma conta escrita em cuneiforme. Manifestantes de riso frouxo copulam aos gritos de um negro em chamas... Bibliotecários solitários unem-se num beijo apaixonado de halitose. Essa sensação de estar acuado, irmão? Dor de garganta persistente e inquietante, como o vento quente da tarde... Bem-vindo à Hospedaria Internacional da Sífilis — “Metodista Episcopal que se dane!” (frase usada para testar problemas de fonação típica da paresia), ou o primeiro toque silencioso do câncer nos converte em membros por direito. O zumbido vibrante e insonoro da floresta profunda e dos acumuladores de orgones, o silêncio súbito das cidades quando policiais viciados e até o Morador do Subúrbio zumbem linhas obstruídas por colesterol em busca de contato. Sinais luminosos do orgasmo explodem sobre o mundo. Um maconheiro salta gritando: “Estou com medo!”, e corre pela noite mexicana abatendo as cabeças do mundo. O Carrasco caga de terror à vista do condenado. O Torturador grita no ouvido de sua vítima implacável. Lutadores de faca se abraçam em adrenalina. O Câncer está na porta, com um Telegrama Cantado...

Hauser e O'Brien

Quando eles chegaram naquela manhã, às oito horas, compreendi que era minha última chance, a única chance. Mas eles não sabiam. Como poderiam sabê-lo? Era apenas uma prisão de rotina. Na verdade, não tinha nada de rotina.

Hauser estava tomando o café da manhã quando o Tenente telefonou: — Quero que você e seu parceiro peguem um sujeito chamado Lee, William Lee, a caminho da cidade. Ele está no Hotel Lamprey, 103, logo na saída da linha B.

— É, sei onde fica. E me lembro dele também.

— É isso aí. Quarto 606. Basta prendê-lo. Não perca tempo revistando o quarto. Traga só os livros, cartas e manuscritos. *Qualquer coisa* impressa, datilografada ou escrita. Está entendido?

— Entendido. Mas qual é a idéia?... Livros?...

— Faça o que estou dizendo. — O Tenente desligou.

Hauser e O'Brien. Eles eram do Departamento de Narcóticos da Cidade — há vinte anos. Veteranos, como eu. Eu vivia na droga há dezesseis anos. Não eram más pessoas, se se leva em conta o que é a polícia. Pelo menos O'Brien não era ruim. O'Brien era o bonzinho, e

Hauser, o durão. Uma dupla de *vaudeville*, Hauser tinha a mania de bater antes de dizer qualquer coisa; só para quebrar o gelo. Então, O'Brien vinha e oferecia um Old Gold — parece perfeito para um policial fumar Old Gold... e começava a soltar aquele papo de tira, que na verdade já vem pronto e embrulhado no contrato de trabalho. Não era um sujeito ruim, e eu até preferia não ter... Mas era minha única chance.

Eu estava me preparando para o pico matinal quando eles entraram com uma chave-mestra, de um tipo especial que pode ser usada mesmo quando a porta está fechada por dentro e com a chave na fechadura. Na mesa, à minha frente, um pacote de heroína, agulha, seringa — no México peguei o hábito de usar seringa comum, não voltei mais a usar o conta-gotas —, álcool, algodão e um copo d'água.

— Muito bem — disse O'Brien. — Há muito tempo que a gente não se vê, hem?

— Ponha o casaco, Lee — disse Hauser. Ele tinha um revólver na mão. Sempre tem um revólver na mão quando procura um efeito psicológico, e também para evitar uma corrida para jogar a droga na privada, na pia ou pela janela.

— Posso tomar um pico antes? — perguntei. — Vocês têm o suficiente aqui como prova...

Eu estava imaginando como chegar até minha mala, se eles dissessem que não. A mala não estava trancada, mas Hauser tinha o revólver na mão.

— Ele quer aplicar — disse Hauser.

— Ora, você sabe que não podemos permitir, Bill — disse

O'Brien, com sua voz doce de malandro, arrastando o nome com uma oleosa e insinuante familiaridade, dura e obscena.

Naturalmente, o que ele queria dizer era: "O que você pode nos dar em troca, Bill?" Olhou pra mim e sorriu. E o sorriso permaneceu tempo demais, horrível e nu, o sorriso de um velho pervertido pintado, acumulando toda a maldade da função ambígua de O'Brien.

— Eu poderia entregar Marty Steel — disse eu.

Sabia o quanto eles queriam Marty. Marty traficava havia cinco anos, e nunca conseguiram acusá-lo de nada. Era um veterano, e muito cuidadoso com quem vinha transar. Era preciso conhecer o cara e conhecê-lo muito bem, antes de vender. Ninguém podia dizer que tivesse pegado cadeia por minha causa. Minha reputação era perfeita, e mesmo assim Marty não me vendia, só porque não me conhecia o suficiente. Era desconfiado demais.

— Marty — disse O'Brien. — Você consegue nos aprontar um flagrante com ele?

— Claro que consigo.

Não acreditavam. Um cara não pode ser policial a vida toda sem desenvolver uma intuição especial.

— Tudo bem — disse Hauser, afinal. — Mas você vai ter de entregar o cara, Lee.

— Entrego ele direitinho. Pode crer. Isso me interessa.

Amarrei o braço para o pico, com as minhas mãos tremendo de desejo, o arquétipo do viciado.

— É só um velho viciado, rapazes, um velho viciado inofensivo, cheio de tremores, miserável. — Foi assim que eu comecei. Como

esperava, Hauser olhou para o outro lado quando comecei a procurar a veia. É um espetáculo terrivelmente feio.

O'Brien estava sentado no braço de uma cadeira, fumando Old Gold, olhando pela janela com aquele olhar tipo o-que-vou-fazer-quando-receber-minha-aposentadoria.

Achei logo uma veia. Uma coluna de sangue espirrou dentro da seringa, por um momento nítida e sólida como um fio vermelho. Apertei o êmbolo com o polegar, sentindo a droga bater dentro de minhas veias para alimentar um milhão de células famintas, trazer força e vida a cada um dos meus nervos e músculos. Eles não estavam me olhando. Enchi a seringa de álcool.

Hauser manuseava sua pistola de cano curto, uma Colt especial com o nariz arrebitado, e olhava em volta do quarto. Ele podia cheirar perigo como um animal. Com a mão esquerda, puxou a porta do armário embutido e deu uma olhada lá dentro. Meu estômago se contraiu. Pensei: “Se ele olhar dentro da mala, estou perdido”.

Hauser virou-se para mim de repente. — Já acabou? — rugiu ele. — É melhor não tentar nos tapear com Marty.

— As palavras saíram tão feias que ele mesmo se surpreendeu, chocando-se.

Peguei a seringa cheia de álcool, torcendo a agulha para ver se estava bem ajustada.

— Um momento — disse eu.

Esguichei um fino jato de álcool, que chicoteou entre seus olhos com um movimento lateral da seringa. Ele soltou um urro de dor. Pude vê-lo batendo nos olhos com a mão esquerda, como se tentasse

arrancar uma bandagem invisível, enquanto eu caía sobre um joelho, espichando-me até a mala. Abri a mala com um tapa, e minha mão esquerda se fechou no cabo do revólver — sou destro mas atiro com a mão esquerda. Senti o choque do tiro de Hauser antes mesmo de ouvi-lo. A bala estourou na parede atrás de mim. Atirando-me no chão, acertei dois tiros seguidos na barriga de Hauser, no lugar onde seu colete estava puxado, mostrando dois centímetros da camisa branca. Ele grunhiu de um jeito que me doeu, e dobrou-se para a frente. Dura de pânico, a mão de O'Brien tateava pelo revólver na cartucheira do ombro. Fechei minha outra mão em torno do punho do revólver para torná-lo seguro no coice — esse revólver tem o gatilho limado e arredondado, e só se pode usá-lo com carga dupla —, atingi-o no meio da testa vermelha, cerca de cinco centímetros abaixo da linha de cabelos grisalhos. Seu cabelo já estava grisalho na última vez em que o vi. Foi há quinze anos. Minha primeira prisão. Seus olhos se apagaram. Ele caiu da cadeira de cara no chão. Minhas mãos já estavam buscando o que eu precisava, atirando meus cadernos na mala, a droga e uma caixa de balas. Enfiei o revólver no cinto e saí pelo corredor, vestindo o casaco.

Eu podia ouvir os passos do porteiro e do criado do hotel escada acima. Desci pelo elevador automático e caminhei pelo *hall* até a rua.

Era um belo dia quente, em pleno inverno. Sabia que não tinha muita chance, mas o mínimo de chance é melhor do que nenhuma, melhor do que servir de cobaia para experiências com ST(6), ou quaisquer que sejam as iniciais.

Eu precisava rápido de um estoque de droga. Aeroportos, estações ferroviárias, terminais de ônibus, eles cobriam todas as áreas e transeiros de droga. Tomei um táxi para a Washington

Square, saltei e caminhei pela 4th Street até dar com Nick numa esquina. Sempre se consegue encontrar um traficante. A necessidade da gente pode conjurá-lo, como a um fantasma.

— Ouça, Nick — eu disse —, vou sair da cidade. Preciso pegar uns papéis de heroína. Pode me conseguir agora mesmo?

Caminhávamos pela 4th Street. A voz de Nick parecia escorrer para dentro de minha cabeça, vinda de lugar nenhum. Uma voz estranha e incorpórea.

— É, acho que sim. Preciso dar um pulo até a cidade.

— Vamos pegar um táxi.

— Tudo bem, mas não posso levar você até o cara, está entendendo?

— Está certo. Vamos indo.

No táxi em direção à Zona Norte, Nick falava com sua voz tediosa e morta.

— Ultimamente, estamos recebendo uma coisa estranha. Não é que seja fraca... Não sei... É diferente. Talvez estejam colocando alguma merda sintética nela... uma porra qualquer...

— O quêê!!! Já?

— Hã... Mas essa que nós vamos pegar é boa. Na verdade, é a melhor no mercado, que eu saiba. Pare aqui.

— Depressa, por favor — disse eu.

— É só dez minutos, a menos que ele esteja sem nada e precise pegar em outro lugar... É melhor sentar-se ali e tomar um café... Essa vizinhança é pesada.

Sentei-me no balcão, pedi café e apontei um pedaço de torta envolta em plástico. Engoli a torta velha feito borracha com o café, rezando para que dessa vez as coisas saíssem direito, pelo amor de Deus; que não voltasse dizendo que o homem estava sem nada e era preciso ir até East Orange ou Greenpoint.

Mas ali estava ele, de pé ao meu lado. Olhei-o, com medo de perguntar. Engraçado, pensei, eu sentado aqui com uma chance em cem de sobreviver nas próximas vinte e quatro horas — tinha decidido não me entregar; não queria passar os próximos três ou quatro meses na sala de espera da morte — e ainda me preocupando com o estoque de droga. Mas eu só tinha umas cinco doses, e sem droga ficaria imobilizado... Nick fez que sim com a cabeça.

— Não me dê aqui — disse eu. — Vamos pegar um táxi.

Tomamos um táxi de volta para o Village. Estendi a mão e segurei o pacote, depois escorri uma nota de cinqüenta dólares na palma dele. Ele olhou para ela e mostrou as gengivas num sorriso desdentado: — Muito obrigado... Essa nota vai me salvar...

Recostei-me no banco, deixando minha cabeça trabalhar, mas sem forçá-la. Força a cabeça demais, e ela fode você como um painel eletrônico sobrecarregado, ou se vira contra você com sabotagens... E eu não podia dar margem para erro. Os americanos têm um horror especial de perder o controle, deixar as coisas seguirem seu próprio caminho, sem interferência. Eles gostariam de mergulhar nos próprios estômagos, digerir a comida e jogar a merda fora com uma pá.

Sua cabeça responderá à maioria das perguntas, se você aprender a relaxar e esperar a resposta. Com uma daquelas

máquinas pensantes, você alimenta a pergunta, recosta-se e espera...

Eu procurava um nome. Minha cabeça estava selecionando nomes, descartando imediatamente A. T. — Amante dos Tiras — N. E. — Nascido Errado — C. L. P. C. — Cara Legal Porém Covarde; rejeitava possibilidades e continuava procurando, selecionando, buscando o nome e a resposta.

— As vezes, sabe, ele me deixa umas três horas esperando. Outras vezes, pinta rápido, feito agora. — Nick tinha um risinho depreciativo que usava como pontuação. Espécie de desculpa por ter de falar no mundo telepático dos viciados, onde só o fator quantidade — Quanto \$? Quanta droga? — requer expressão verbal. Ele sabia, e eu também, tudo o que se pode saber a respeito de esperar. Em todos os níveis, o comércio de droga opera sem horário. Ninguém entrega na hora, a não ser por acaso. O viciado gira no tempo da droga. Seu corpo é seu próprio relógio, e a droga corre nele como numa ampulheta. O tempo só tem significado para ele quando se trata de sua necessidade. E então ele faz uma incursão abrupta no tempo dos outros, e como todos os de fora, todos os Requerentes, ele precisa esperar, a não ser que esteja se misturando com o tempo que não é da droga.

— O que posso dizer? Ele sabe que vou esperar — Nick sorriu.

Passei a noite nas Termas Ever Hard (a homossexualidade é o melhor disfarce que um agente pode usar), onde um barulhento empregado italiano criava um clima enervante varrendo a sala de descanso com olhos infravermelhos nos óculos escuros.

(“Tudo bem pelo lado Nordeste! Estou vendo você!” — acendendo holofotes, enfiando a cabeça em aberturas secretas no

chão e nas paredes de quartos particulares, pois muita bicha já saiu de lá com camisa-de-força...)

Fiquei deitado em meu cubículo do alto, olhando para o teto... ouvindo grunhidos e uivos e rugidos naquele pesadelo obscuro de luxúria casual e fragmentada...

— Vá à merda!

— Ponha dois pares de óculos, talvez você consiga enxergar alguma coisa!

Saí na luz aguda da manhã e comprei um jornal... Nada... Liguei de uma cabine telefônica... e pedi para falar com o Departamento de Narcóticos:

— Tenente Gonzales... quem fala?

— Quero falar com O'Brien. — Momento de estática, fios soltos, ligações interrompidas...

— Ninguém com esse nome no Departamento... *Quem* está falando?

— Então quero falar com Hauser.

— Olhe, meu senhor, não tem nenhum O'Brien nem Hauser neste escritório. O senhor quer o quê?

— É importante... Tenho informações sobre um grande carregamento de heroína que está chegando... Quero falar com Hauser ou O'Brien... Não trato com mais ninguém...

— Espere. Vou por o Alcibiades na linha.

Comecei a me perguntar se ainda havia algum nome anglo-saxão no Departamento...

— Quero falar com Hauser ou O'Brien.

— Quantas vezes preciso dizer que não tem nenhum Hauser ou O'Brien neste Departamento... Quem está falando?

Desliguei e tomei um táxi para fora do bairro... Descobri no táxi o que tinha acontecido... Tinham me fechado fora do espaço-tempo, do mesmo modo que o cu de uma enguia se fecha quando ela pára de comer a caminho do mar dos Sargaços... Excluído... Nunca mais teria uma Chave, um Ponto de Interseção... Dali em diante estava de fora... relegado, junto com Hauser e O'Brien, a um enclausurado passado de droga, em que a heroína custa sempre vinte e oito dólares o pacote, e você pode arrumar ópio queimado na Lavanderia Chinesa de Sioux Falls... O extremo mais distante do espelho do mundo viajando para o passado, com Hauser e O'Brien... tentando tocar o ainda informe de Burocracias Telepáticas, Monopólios do Tempo, Drogas de Controle, Viciados em Fluidos Pesados:

— Eu pensei nisso há trezentos anos.

— Seu plano era impraticável na época, e agora é inútil... Como os planos da máquina voadora de Da Vinci...

Prefácio atrofiado

Você não?

Por que tanto papel usado para levar o Povo de um lado para outro? Talvez para poupar o Leitor da tensão de súbitas mudanças de espaço e mantê-lo Bonzinho? E então se compra um bilhete, chama-se um táxi, entra-se num avião. Permitem-nos uma rápida olhada dentro da caverna morna e cercada de pêssegos, enquanto Ela (a aeromoça, é claro) inclina sobre nós um murmúrio de goma de mascar, dramamine e até nembutal.

— Fale-me sobre paregórico, Coisinha Doce, que eu vou escutar.

Eu não sou a American Express... Se um dos meus é visto em Nova York andando com roupas urbanas, e na próxima frase em Tombuctu dando uma cantada num jovem de olhos de gazela, podemos ter certeza de que ele (a parte não residente em Tombuctu) transportou-se até lá pelos métodos normais de comunicação...

Lee, o Agente (um dois-quatro-oito-dezesseis) está se curando da droga... uma viagem espaço-temporal bastante familiar, enquanto a droga encontra esquinas para o viciado... curas passadas e futuras

emitem imagens através de sua substância espectral, vibrando com ventos silenciosos de Tempo acelerado... Escolha um pico. Qualquer pico.

Comendo as juntas dos dedos, drogado de rolar no chão, na cela do distrito... — Parece um pico de *heroína*, Bill? Ah, ah, ah!

Impressões confusas e provisórias dissolvem-se na luz... bolsas de ectoplasma podre varrida pelo velho drogado, que tosse e cospe na manha doente...

Fotos antigas, pardo-violáceas, que se retorcem e quebram como barro no sol: Cidade do Panamá... Bill Gains jogando a velha conversa para conseguir paregórico com o farmacêutico chinês.

— Tenho uns cães de corrida... galgos de raça... todos doentes, com disenteria... o clima tropical... cagam muito, sabe... está entendendo?... *Meus cachorrinhos estão morrendo...* — Ele berrou... Olhos se acendendo em fogo azul... A chama se apagou... cheiro de metal queimado... — Aplica-se com um conta-gotas... Você não? Dores menstruais... Minha esposa... *modess...* Minha velha mãe... hemorróidas... expostas... sangrando... — Esboçou um gesto em direção ao balcão... O farmacêutico retirou o palito da boca, olhou para a ponta dele e balançou a cabeça...

Gains e Lee puseram fogo na República do Panamá, de David a Darien, cheios de paregórico... Separaram-se um do outro com um som de *chlup...* Os drogados tendem a se misturar num só corpo... Você tem que ter cuidado, especialmente em lugares quentes... Gains de volta à Cidade do México... Desesperado sorriso de esqueleto devido à falta crônica da droga, esfriado com codeína e nembutal... queimaduras de cigarro no roupão de banho... manchas de café no

chão... fogão de querosene fumarento... chama laranja enferrujada...

A Embaixada não fornecerá outro detalhe além do lugar onde foi enterrado, no Cemitério Americano...

E Lee de volta ao sexo e à dor, ao tempo e ao *yage*, amarga Raiz Espiritual do Amazonas...

Lembro-me de uma ocasião, após uma superdose de *majoun* (que é a *Cannabis* seca e transformada em pó fino, até adquirir a consistência de um açúcar verde que se mistura com outros ingredientes num confeito, geralmente com o gosto de um pudim de ameixa arenoso; mas a escolha dos ingredientes é arbitrária). Estou voltando da casa de Lulu ou Johnny ou *Little Boy's Room* (fedor de infância atrofiada e ensino de hábitos de higiene), observo o *living* daquela *villa* nos arredores de Tânger, e de repente não sei onde estou. Talvez eu tenha aberto a porta errada, e a qualquer momento o Homem Instalado, o Dono Que Chegou Lá Primeiro, vai entrar correndo e gritar:

— O que está fazendo aqui? Quem é você?

E não sei o que estou fazendo ali, nem quem sou. Resolvo ficar frio, talvez assim consiga me orientar antes de o Dono aparecer... De modo que em vez de berrar: “Onde estou?”, acalme-se e olhe em volta e você vai descobrir mais ou menos... Você não estava lá no *Princípio*. Não estará lá no *Fim*... Sua consciência do que está acontecendo só pode ser superficial e relativa... Que sei eu sobre esse rosto amarelo e murcho de jovem viciado, que se alimenta de ópio cru? Tentei dizer a ele: “Um dia desses você vai acordar com seu fígado no colo”, e explicar-lhe como preparar o ópio cru para que não seja puro veneno. Mas seus olhos vidraram, e ele não quer saber.

Viciados são assim mesmo, a maioria não quer nem saber... e você não pode lhes dizer nada... Um fumante não quer saber de nada, além de fumaça... E um viciado em heroína, a mesma coisa. Só pensa na seringa, e qualquer outra estrada é bobeira...

Por isso, acho que ele ainda está lá sentado na sua casa espanhola de 1920, nos arredores de Tânger, comendo aquele ópio cru cheio de merda e pedras e palha... o bolo todo, com medo de perder um pedacinho...

O escritor só pode escrever sobre uma coisa: *o que está diante de seus sentidos no momento em que ele escreve...* Sou um aparelho de gravação... Não pretendo impor “história”, “enredo”, “continuidade” a ninguém... Na medida em que obtiver sucesso nesta gravação *direta* de certas áreas do processo psíquico, poderei ter uma função limitada... Não pretendo entreter ninguém.

“Possessão” é como isso é chamado... Algumas vezes, uma entidade salta dentro do corpo — os contornos estremecem numa geléia amarelo-alaranjada, e mãos se movem para estripar a prostituta que passa ou estrangular a criança do vizinho, na esperança de amenizar uma crise habitacional crônica. Como se eu estivesse normalmente aqui, mas sujeito a sumir de vez em quando... *Mentira! Eu nunca estou aqui!*... Nunca, isto é, completamente sob controle, mas de algum modo sempre capaz de evitar movimentos desaconselháveis... Na verdade, minha ocupação principal é a patrulhagem... Por mais rígidas que sejam as medidas de segurança, estou sempre em algum lugar *Fora*, dando as ordens, e *Dentro* desta camisa-de-força de geléia que cede e se alarga, mas sempre se refaz antes de cada movimento, pensamento, impulso, marcada com o selo da inspeção alienígena...

Escritores mencionam o doce-doente cheiro da morte, enquanto qualquer viciado poderá dizer que a morte não tem cheiro... ao mesmo tempo, um cheiro que corta a respiração e detém a circulação do sangue... incolor não-cheiro de morte... ninguém pode respirá-lo e cheirá-lo através de róseas circunvoluções e filtros de sangue negro... o cheiro da morte é definitivamente um cheiro, e a completa ausência de cheiro... a ausência de cheiro fere o olfato em primeiro lugar, porque toda a vida orgânica tem cheiro... sente-se a suspensão do cheiro como os olhos sentem a escuridão, os ouvidos, o silêncio, o sentido de equilíbrio e de orientação, o cansaço e a falta de peso...

Você sempre cheira e dá para os outros cheirarem, durante a abstinência da droga... Um viciado pode tornar *um* apartamento inabitável, com seu cheiro de morte... mas uma boa ventilação empestará o lugar de novo, em condições em que se possa respirar... Também se percebe esse cheiro durante um desses vícios furiosos, que de repente começam a crescer geometricamente, como um incêndio na copa da floresta.

A cura é sempre: *Vamos! Salte fora!*

Um amigo meu se encontrou num quarto do segundo andar de um hotel de Marrakech... (Ele foi condicionado por uma mãe texana, que o vestia com roupas femininas quando criança... Estúpida mas efetiva prática contra o protoplasma infantil...) Os outros ocupantes são árabes, três árabes... facas na mão... olham para ele... cintilação de metal e pontos de luz nos olhos escuros... fragmentos de assassinato caindo lentos, como lascas de opala em glicerina... Reações animais mais lentas lhe proporcionam um segundo inteiro para decidir: salta direto pela janela e cai na rua cheia de gente, como uma estrela cadente com sua cauda de vidro

reluzindo ao sol... agüenta uma bacia quebrada e um ombro lascado... envolto em diáfana cortina cor-de-rosa, com a armação da cortina pendurada, levado para o *Commissariat de Police*...

Mais cedo ou mais tarde, o Vigilante, Rube, Lee, o Agente, A. J., Clem e Jody, os Gêmeos Ergot, Hassan O'Leary, o magnata do pós-parto, o Marinheiro, o Dedetizador, Andrew Keif, Fats Terminal, o dr. Benway, Fingers Schafer tendem a dizer a mesma coisa com as mesmas palavras, para ocupar, neste ponto de interseção, a mesma posição no espaço-tempo. Usando um aparato vocal comum e completo, com todos os acessórios metabólicos para se tornar a mesma pessoa — um modo bastante inadequado de expressar *Reconhecimento*. O viciado nu ao sol...

O escritor vê a si mesmo lendo para o espelho, como sempre... Ele precisa averiguar sempre de novo para se assegurar de que o Crime da Ação Separada não aconteceu, não está acontecendo, não pode acontecer...

Qualquer pessoa que já tenha olhado um espelho sabe o que esse crime é, e o que significa em termos de controle perdido, quando os reflexos não obedecem mais... Muito tarde para discar para a *Polícia*...

Pessoalmente, desejo terminar meus serviços por agora, não posso continuar vendendo a matéria-prima da morte... O seu, senhor, é um caso sem esperança, e ainda por cima pouco saudável...

“A Defesa carece de sentido no presente estado do nosso conhecimento”, disse a Defesa, levantando os olhos de um microscópio eletrônico...

Leve seu problema para o Walgreen's

Nós não somos responsáveis

Roube o que estiver à vista

Não sei como devolvê-lo ao leitor branco

Pode escrever ou gritar ou cantar sobre isso... pintá-lo... representá-lo... cagá-lo sob a forma de móveis... *Desde que não vá e faça...*

Senadores ficam em pé e zurram pela Pena de Morte, com a inflexível autoridade do desejo do vírus... Morte para os toxicômanos, morte para as bichonas (falo das perversas), morte para o psicopata, que ofende a carne acovardada e sem graça com a áspera inocência animal de ágeis movimentos...

O vento sombrio e envolvente da morte ondula sobre a Terra, tateando e cheirando o crime da vida separada, transportadores da carne congelada pelo medo, estremecendo-se sob uma enorme curva de probabilidade...

Blocos de população desaparecem num jogo de damas de genocídio... Jogam quantos quiserem...

A Imprensa Liberal e a Imprensa Não Tão Liberal e a Imprensa Reacionária berram aprovando: “Acima de tudo, deve-se erradicar o mito da experiência em outro nível...” E falam obscuramente em certas duras realidades... vacas com aftosa... profilaxia...

Grupos poderosos do mundo cortam freneticamente as linhas de tráfico...

O Planeta deriva em direção a um apocalipse fortuito de inseto...

A Termodinâmica ganhou por pouco... O orgone resiste no posto... Cristo sangrando... O Tempo se esgota...

Você pode entrar no *Almoço nu* em qualquer ponto de interseção... Escrevi muitos prefácios. Eles atrofiam e se amputam espontaneamente, como se amputa o dedo menor do pé, numa doença da África ocidental restrita à raça negra, e a loura que passa mostra seu tornozelo de bronze, enquanto um dedo manicurado salta pelo terraço do clube, recuperado e colocado a seus pés por seu Cão Afegão.

Almoço nu é uma fotocópia, um Manual de Instruções... As lascívias de negros insetos se abrem em vastas paisagens de outro planeta... Conceitos abstratos, nus como a álgebra, se estreitam numa merda preta ou num par de *cajones* envelhecidos...

O Manual Técnico expande níveis de experiência, abrindo a porta do fundo de um salão... Portas que só se abrem em *Silêncio*... *Almoço nu* exige Silêncio do Leitor. De outra forma, ele estará tomando o próprio pulso...

Robert Christie conhecia o Serviço de Recados Telefônicos... Morte às velhas bocetas... guarda os pêlos púbicos em seu relicário... Você não?

Robert Christie, estrangulador de mulheres em massa — isso soa como um colar de margaridas —, enforcado em 1953.

Jack, o Estripador, Literal Espadachim da década de 1890, e nunca apanhado com as calças na mão... escreveu uma carta à Imprensa.

“Da próxima vez, enviarei anexa uma orelha só de farra. O que lhes parece?”

— Oh, tome cuidado! Começaram de novo! — disse a bicha velha, quando seu colar arreventou espalhando as bolinhas pelo chão... —

Pegue-as, por favor, James, seu merda! Não fique aí parado, deixando as bolas do mestre rolar para o ralo!

Vitrinistas berram pela estação, batem os caixeiros no conto do *Hyp*.

Delaudid é entregue, pobre de mim. (*Delaudid* é morfina desidratada e reensopada.)

O xerife de colete preto datilografa a pena de morte:

“Tem que torná-la legal e liberar o narcótico...”

Violação da Lei de Saúde Pública 334. Conseguir um orgasmo com uso de fraude...

Johnny de quatro, e Mary chupando-o e escorregando os dedos pela parte de trás das coxas, e luz sobre os *outfields*^[27]...

Por cima da cadeira quebrada e pela vitrine da loja de ferragens, água chicoteia no vento frio de primavera sobre um penhasco saltando o rio... pedaço de lua, fumaça flutua no céu azul-porcelana... para fora, sobre uma longa linha de sêmen no chão empoeirado...

Motel... Motel... Motel... irregular arabesco de neon... a solidão geme no continente como buzinas de nevoeiro sobre as quietas águas oleosas dos rios de correntes periódicas...

Bola espremida limão seco peste bovina rala o cu com uma faca corta um pedaço de haxixe para o cano d'água — *slub, slub* — indica o que costumava ser eu...

— O rio está servido, senhor.

Folhas mortas enchem a fonte, e os gerânios ficam loucos com menta, derramam um caminho de máquinas de vendas através do

gramado...

O *playboy* que envelhece veste seu impermeável autografado de 1920, e joga a esposa berrando lixeira abaixo... Cabelo, merda e sangue espirram na parede o número 1963... — Sim, rapazes, a merda realmente bateu no ventilador em 63 — disse o velho profeta cansativo, que consegue encher o saco em qualquer direção do espaço-tempo...

— Agora me lembro, porque foi dois anos antes disso que uma variedade de aftosa humana desenvolveu-se num lavatório da Bolívia, e se alastrou por meio de um casaco de chinchila que criou um caso de imposto de renda em Kansas City... E uma certa Liz, que dizia ter tido a Conceção Imaculada, deu à luz um bode-aranha de meio quilo pelo umbigo... Dizem que o médico-açougueiro que participou dessa travessura vivia com o maior bode na cabeça o tempo todo...

Eu, William Seward, capitão deste luxuriante metrô cabeça de haxixe, eliminarei o monstro de Loch Ness com rotenona, e cowboyarei a baleia branca. Reduzirei Satã à Obediência Automática e sublimarei os diabinhos subsidiários. Banirei o candiru de suas piscinas. Decretarei uma lei pelo Controle da Natalidade Imaculada...

— Quanto mais freqüentemente uma coisa acontece, mais original e maravilhosa ela se torna — disse o pretensioso e jovem nórdico, no trapézio, estudando seus deveres maçônicos.

— Os judeus não acreditam em Cristo, Clem... Tudo o que eles querem é passar a mão numa cristãzinha...

Anjos adolescentes cantam nas paredes das privadas do mundo.

“Vem e masturba-te...” 1929.

“Gimpy vende merda seca de lactose...” Johnny Enforcado, 1952.

(Tenor decadente de corpete canta *Danny Deever*, como travesti...)

Mulas não dão à luz neste condado decente, e mortos encapuçados balbuciam nos poços de cinzas... Violação da Lei de Saúde Pública 334.

Então, onde está a estatuária e a percentagem? Quem pode dizer? Eu não tenho a Palavra... Em casa, no meu saco de sauna... O Rei anda solto com um lança-chamas, e o matador de reis, torturado na efígie de mil vagabundos, sai pela Boca do Lixo para cagar na quadra de futebol de calcário.

O jovem Dillinger saiu de casa, e nunca mais olhou para trás.

Nunca olhe para trás, cara... Você se transformará na baba salgada de uma vaca.

Balas de polícia no beco... Asas quebradas de ícaro, berros de um garoto em chamas inalado pelo velho viciado... os olhos vazios como uma vasta planície... (asas de urubu se agitam no ar seco).

O Caranguejo, antigo Deão dos Ladrões de Bêbados, veste seu terno crustáceo para rondar o cemitério na troca de guarda... com garras de aço, arranca os dentes e as coroas de ouro de qualquer pé-de-chinelo apagado de boca aberta... Se o pé-de-chinelo se levanta e resiste, as garras traseiras do Caranguejo abrem-se e fecham-se em duvidosa batalha sobre as planícies do Queens.

O Jovem Arrombador, fodido na cadeia com uma longa pena, despejado do cemitério por falta de pagamento, entra balbuciando no bar de veados com um recibo de penhora bolorento, para pegar as

bolas traseiras do Acampamento onde vendedores castrados cantam o hino da IBM.

Caranguejos brincam em sua floresta... lutando com o pau duro do anjo toda noite, escorregando na homossexual perda de coragem, pegam um desvio para a caverna de calcário enferrujado.

Ópio Preto ejacula sobre os pântanos salgados, onde nada cresce, nem mesmo uma mandrágora...

Lei das médias... Algumas galinhas... Única maneira de viver...

— Alô, Cash.

— Tem certeza que é aqui?

— É claro que tenho... Eu vou com você.

Trem noturno para Chicago. Encontro uma garota no corredor, e noto que ela está com tudo em cima e pergunto onde é que conseguiu.

— Venha cá, filho.

Quero dizer, não é uma menininha, mas uma mulher feita... — Que tal uma dose antes?

— Nããã, você não agüentaria mais uma.

Transamos três vezes... acordo tremendo e doente, ao vento morno da primavera pela janela, a água me queima os olhos como ácido...

Ela se levanta da cama, nua... A droga no lampião... Cozinha...

— Vire-se... Vou aplicar na sua bunda.

Ela introduz a agulha profundamente, puxa-a e massageia o músculo...

Lambe uma gota de sangue na ponta do dedo.

Ele gira sobre si mesmo com uma ereção, dissolvendo-se na bruma cinzenta da droga.

Num vale de cocaína e de inocência, os jovens de olhos tristes cantam à tirolesa pelo Danny Boy perdido...

Cheiramos toda a noite e trepamos quatro vezes... dedos descendo pelo quadro-negro... raspam o osso branco. O lar é o lar da heroína vinda do mar, e o lar do marginal vindo do Bill...

O Camelô se agita irrequieto: — Cuide aqui para mim, está bem, cara? Preciso agitar um lance com um sujeito aí.

A Palavra é dividida em unidades que formarão uma só peça, e assim deve ser tomada, mas as peças podem ser consideradas em qualquer ordem, ligadas para trás e para a frente, para dentro e para fora, antes e depois, como num interessante arranjo sexual, Este livro solta as páginas em todas as direções, caleidoscópio de imagens, miscelânea de canções e ruídos de rua, peidos e gritos da multidão, e o fechar de portas de ferro do comércio, berros de dor e angústia e berros de mera lamentação, gatos copulando e grito lancinante e violento da cabeça do touro deslocada, murmúrios proféticos do *brujo* em transe drogado com noz-moscada, pescoços quebrados e mandrágoras gritando, suspiro de orgasmo, heroína silenciosa como a aurora nas células sedentas, Rádio Cairo uivando como um frenético leilão de tabaco, e flautas de ramadã abanando o viciado doente, como um gentil ladrão de bêbados na cinzenta aurora do metrô tateia com dedos delicados as tensas notas de dinheiro...

Esta é a Revelação e a Profecia do que posso pegar sem FM no meu equipamento de cristal de 1920, com antenas de sêmen... Gentil

leitor, vemos Deus através de nosso cu, na lâmpada *flash* do orgasmo... Através desse orifício se transmuta seu corpo... O caminho para fora é o caminho para dentro...

Agora eu, William Seward, vou liberar minha horda de palavras... Meu coração *viking* se transporta sobre o grande rio pardo, onde os motores *put, put, put, put* no crepúsculo da selva, e árvores inteiras flutuam com enormes serpentes nos galhos e lêmures de olhos tristes contemplam a margem, através dos campos do Missouri (o Garoto encontra uma rosada ponta de seta), ao longe soam apitos de trem, e volta para mira faminto como um moleque de rua que não sabe negociar o cu que Deus lhe deu... Gentil Leitor, a Palavra saltará sobre você com garras de ferro de homem-leopardo; ela arrancará dedos e artelhos como um oportunista caranguejo terrestre; ela o enforcará e engolirá seu esperma como um cão sondável, se enroscará em suas coxas como uma surucucu, e injetará uma picada de vidro de ectoplasma rançoso... E por que um cão *sondável*?

Outro dia, eu voltava do almoço — fio longo que une a boca ao cu, todos os dias de nossos anos — quando vejo um garoto árabe ensinando seu cachorrinho preto e branco a andar sobre as patas dianteiras... E um grande cão amarelo grunhe para o garoto, pedindo afeição, e o garoto chuta-o para longe, e o cão amarelo rosna e morde o cachorrinho equilibrista, um rugido como se ele tivesse o dom humano da fala: “Existe aqui um crime contra a natureza”.

Por isso, digo que o cão amarelo é sondável... E deixe-me dizer de passagem, e estou sempre passando, como um Crioulo Sincero, que o Oriente Insondável precisa de um monte de sal se quisermos tragá-lo... O Seu Repórter bate trinta grãos de morfina por dia, e

permanece sentado oito horas insondável como um saco de merda.

— O que você está *pensando*? — diz o sinuoso Turista Americano.

Ao que eu respondo: — A morfina deprimiu meu hipotálamo, centro da libido e das emoções, e como o cérebro atua somente quando bolinado pelo bulbo, sendo um tipo substitutivo de cidadão que só pode se emocionar por trás, devo informar virtual ausência de fatos cerebrais. Estou consciente de sua presença, mas desde que ela não terá para mim conotação afetiva, meu afeto tendo sido desconectado pelo traficante por falta de pagamento, não estou interessado no que você faz ou deixa de fazer... Apareça ou desapareça, cague ou se foda com uma lima ou uma víbora — está bem feito e adequado para uma bicha, mas os Mortos e os Drogados não ligam... — Eles são *Insondáveis*.

— Como é que se vai até o banheiro? — perguntei para a loura recepcionista.

— Por aqui, senhor... ainda tem lugar para mais um.

— Você viu Rose Pantopon? — disse o velho viciado de sobretudo preto.

O xerife do Texas matou seu cúmplice, Browbeck, o Instável, envolvido numa transa de heroína... Um cavalo de cama com aftosa precisa de um pouco de heroína para amenizar a dor, e talvez parte dessa heroína levante vôo da pradaria deserta e aterrisse na Washington Square... Os viciados correm gritando: — Raaaaaiioooooô, Silver!

— Mas onde está a *estatuária*? — Este patético episódio, arquetípico pedaço de arco, irrompeu ululante na sala de chá e

coquetel com decoração de bambu, Calle Juárez, México, DF... Perde-se lá atrás com uma almôndega violada... uma boceta arranca suas calças com força, e você está pronto para o estupro regulamentar, irmão...

Chicago chamando... entre, por favor... Chicago chamando... entre, por favor... Por que você pensa que eu vesti a capa para ir atrás dos *goulashes*^[28] em Puyo? Um lugar tremendamente úmido, leitor...

— Tire fora! Tire fora!

A velha bicha encontra-se a si mesma vindo do outro lado numa caricatura de adolescência, e tem o joelho do fantasma do Velho Velho Howard... descendo a boca-do-lixo em direção aos *shows* do Museum na Market Street, todos os tipos de masturbação e autodegradação... Os jovens gostam especialmente...

Estavam maduros para a colheita; esqueceram o caminho de volta... perdido em fragmentos de prazer e rolos de manuscritos ardentes...

Lêem a metástase com dedos cegos.

Mensagem fóssil de artrite...

“Vender vicia mais do que se aplicar.” — Lola la Chata, México, DF.

Sugando o terror de cicatrizes de agulha, grito submarino abocanhando avisos de nervos, dormentes do desejo que está para pintar, pulsante mordida lugar da hidrofobia...

“Se Deus fez alguma coisa melhor, guardou só para ele”, o

Marinheiro costumava dizer, sua transmissão desacelerada por vinte comprimidos de nembutal.

(Pedacos de assassinato caem lentos como lascas de opala em glicerina.)

Observando você e cantarolando vezes seguidas: “*Johnny’s so long at the fair*”.

Um pouco de tráfico para manter o vício...

— E use este álcool — digo, jogando sobre a mesa um lampião de álcool.

— Seus fodidos não podem — esperar — famintos viciados que ficam escurecendo o tempo todo minha colher com fósforos... É tudo o que eu preciso para pegar a *pen indef*... Os tiras encontrarem uma colher preta escondida...

— Pensei que você estivesse largando o vício... Não me parecia legal esculhambar sua cura.

— Para chutar o vício, cara, é preciso muito peito.

Procurando veias na carne que se derrete. Ampulheta de droga derrama seus últimos grãos negros nos rins...

— Área altamente infeccionada — sussurrou ele, colocando o garrote mais para cima.

— A Morte era seu Herói Cultural — disse minha Velha, levantando os olhos dos Códigos Maias... — Da morte eles obtiveram o fogo e a fala e a semente de milho... A morte se transformou numa semente de milho.

Os Dias Quab caem sobre nós

ventos crus e descascados de ódio e desgraça
estragaram o pico.

— Leve estas fotos fodidas daqui — eu disse a ela. O Viciado dos velhos tempos apoiou-se nas costas de uma cadeira, cheio de álcool e de bolinhas... uma desgraça para o seu sangue.

— Quem é você? Um desses artistas de bolinha?

Aromas amarelos de xerez e de fígado obstruído se desprenderam de suas roupas quando fez um gesto de viciado, jogando a mão com a palma para cima... cheiro de restaurantes mexicanos e de sobretudos úmidos e testículos atrofiados...

Ele olhou para mim através da carne provisória e ectoplásmica da cura... quinze quilos materializados em um mês, quando você larga o vício... plástico macio e róseo, que murcha com o primeiro toque silencioso da droga. Eu vi acontecer... Cinco quilos perdidos em cinco minutos... de pé, com a seringa numa das mãos... segurando a calça com a outra.

Exalação penetrante de metal doente.

Caminhando num monte de lixo para o céu... fogueiras de gasolina espalhadas... fumaça preta e sólida, suspensa como excremento no ar imóvel... manchando a branca película do calor do meio-dia... D. L. anda ao meu lado... um reflexo de minhas gengivas sem dentes e meu crânio sem cabelos... a carne engordura os ossos podres e fosforescentes, consumidos por fogos lentos e frios... Carrega uma lata aberta de gasolina, e o cheiro da gasolina o

envolve... Subindo uma colina de ferro enferrujado, encontramos um grupo de Nativos... rostos chatos e bidimensionais de peixes...

— Jogue a gasolina neles e toque fogo...

Rápido...

flash branco... o inseto mutilado grita...

Acordei com gosto de metal na boca, de volta dos mortos, rastreando o cheiro incolor da morte placenta de murcho macaco cinzento dores fantasma da amputação...

— *Taxiboy*s esperando um cliente — disse Eduardo, e morreu de superdose em Madri...

Trens de pó queimam através de circunvoluções róseas da carne intumescente... disparam lâmpadas *flash* do orgasmo... fotos casuais de movimento preso... o lado marrom liso raspa para acender um cigarro... Estava ali, de pé, com um chapéu de palha de 1920 que alguém lhe dera de presente... suaves e mendicantes palavras caem como pássaros mortos na rua escura...

— Não mais... Não mais... *No más*...

Um mar palpitante de britadeiras na penumbra púrpura, tingida com o cheiro podre de metal dos gases do esgoto... rostos de trabalhadores jovens vibram e saem fora de foco, em halos amarelados de lanternas de pilha... canos rompidos expõem suas entranhas...

— Estão reconstruindo a Cidade.

Lee concordou com um ar ausente... — Sim... Sempre...

Para qualquer lado que se mova, é ruim para o lado oriental...

Se eu soubesse, ficaria feliz por poder lhe contar...

— Nada bem... *no bueno*... estou me vendendo...

— Num tem... Volte sexta-feira.

Tânger, 1959.

Apêndice

The British Journal of Addiction

Vol. 53, n.º 2

Carta de um empedernido viciado em drogas perigosas

3 de agosto, 1956

Veneza

“Caro doutor,

Gostaria de agradecer sua carta. Anexo segue o artigo sobre os efeitos das várias drogas que usei. Não sei se é apropriado para seu jornal. Não faço objeção quanto a meu nome ser usado.

Nenhuma dificuldade com a bebida. Nem desejo de consumir qualquer droga. Saúde geral excelente. Por favor, transmita minhas saudações ao sr.... Utilizo seu sistema de exercícios diariamente, com excelentes resultados.

Estive pensando em escrever um livro sobre narcóticos, se

encontrar um colaborador que saiba lidar com a parte técnica.

Sinceramente,
William Burroughs.”

O uso do ópio e de seus derivados conduz a um estado definido e descrito como “vício”. (O termo é usado vagamente para indicar qualquer coisa a que uma pessoa está acostumada ou de que necessita. Fala-se de vício em doces, café, tabaco, clima quente, televisão, romances policiais e palavras cruzadas.) Utilizado erroneamente, o termo perde precisão e utilidade. O uso da morfina conduz a uma dependência metabólica. A morfina converte-se numa necessidade biológica, como a água, e quem a usa pode morrer se for subitamente privado dela. O diabético morrerá se não tomar insulina, mas ele não é viciado em insulina. Sua necessidade de insulina não foi provocada pelo uso do produto. Ele precisa de insulina para manter um metabolismo normal. O viciado necessita de morfina para manter um metabolismo de morfina, e assim evitar a volta terrivelmente dolorosa ao metabolismo normal.

Eu usei uma variedade de drogas “narcóticas” por um período de vinte anos. Algumas dessas drogas criam vício no sentido acima. A maioria, não:

Opiáceos. — Por um período de doze anos usei ópio, fumado ou tomado por via oral (injeção na pele causa abscesso. Injeção na veia é

desagradável e provavelmente perigosa); heroína injetada na pele, veia e músculo, cheirada (quando não havia agulha); morfina, *delaudid*, *pantopon*, *eukodol*, paracodina, dionina, codeína, demerol, metodona. Todas elas produzem vício em graus variados. Não faz muita diferença a maneira como a droga é administrada; se é fumada, cheirada, injetada, tomada oralmente ou inserida em supositórios retais — o resultado final é sempre o mesmo: o vício. E um vício de fumar é tão difícil de ser quebrado quanto um vício de injeções na veia. O conceito de que o vício de injeção seria mais nocivo deriva do medo irracional de agulhas (“As injeções envenenam a corrente sanguínea” — como se a corrente sanguínea fosse menos envenenada quando absorve substâncias pelo estômago, pelos pulmões ou pela membrana mucosa). O demerol provavelmente cria menos dependência do que a morfina. É também menos satisfatório para o viciado, e menos efetivo como anestésico. Se por um lado é mais fácil cortar o vício do demerol que o da morfina, o demerol é certamente mais nocivo à saúde, e especialmente ao sistema nervoso. Certa vez, usei demerol por três meses e desenvolvi uma série de sintomas constrangedores: tremor nas mãos (com a morfina minhas mãos estão sempre firmes), perda progressiva de coordenação, contrações musculares, obsessões paranóides, medo da loucura. Finalmente, desenvolvi uma oportuna intolerância ao demerol — sem dúvida, uma reação de autopreservação —, e mudei para a metodona. Imediatamente, todos os sintomas desapareceram. Posso acrescentar que o demerol é tão constipante quanto a morfina, exerce um efeito até mais depressor sobre o apetite e sobre as funções sexuais, e no entanto não provoca contração das pupilas. Ao longo dos anos, apliquei milhares de

injeções com agulhas não esterilizadas, e mesmo sujas, e nunca contraí uma infecção, até que comecei a usar demerol. Tive então uma série de abscessos, um dos quais teve de ser lancetado e drenado. Em síntese, o demerol me parece uma droga mais perigosa que a morfina. A metadona é completamente satisfatória para o viciado, um excelente anestésico, e praticamente vicia tanto quanto a morfina.

Tomei morfina para combater dores agudas. Qualquer opiáceo que efetivamente alivie a dor aliviará em proporção igual os sintomas de abstinência da droga. A conclusão é óbvia: qualquer opiáceo que funcione como anestésico leva ao vício, e quanto mais eficazmente alivia a dor, maior sua capacidade de criar o vício. A molécula formadora do vício e a molécula anestésica da morfina são provavelmente idênticas, e o processo pelo qual a morfina alivia a dor é o mesmo processo que leva à tolerância e ao vício. Morfina que não provoque vício parece ser a Pedra Filosofal dos últimos tempos. Por outro lado, variações de apomorfina podem se mostrar extremamente efetivas no controle da síndrome da abstinência. Mas não podemos esperar desta droga, ao mesmo tempo, o efeito anestésico.

Os fenômenos do vício em morfina são bastante conhecidos, e não há nenhuma razão para examiná-los aqui. Alguns aspectos, no entanto, me parece, não receberam atenção suficiente: já foi assinalada a incompatibilidade metabólica entre a morfina e o álcool, mas ninguém, que eu saiba, conseguiu explicá-la. Se um viciado em morfina ingere álcool, ele não experimenta nenhuma sensação agradável ou de euforia. Ao contrário, sente uma sensação gradualmente crescente de desconforto, e a necessidade de tomar

outra injeção. O álcool parece ter seu efeito cortado, provavelmente pelo fígado. Uma vez tentei beber, num estado de recuperação incompleta de um ataque de icterícia (não estava tomando morfina nessa época). A sensação metabólica foi idêntica. Num dos casos, o fígado estava parcialmente paralisado pela icterícia, e no outro estava concentrado, literalmente, no metabolismo da morfina. Em nenhum dos casos conseguiu metabolizar o álcool. Se um alcoólatra se torna viciado em morfina, esta substituirá o álcool invariável e completamente. Conheci vários alcoólatras que começaram a usar morfina. Podiam tolerar imediatamente fortes doses de morfina (60 miligramas por injeção) sem efeitos nocivos, e em poucos dias paravam de tomar álcool. O inverso nunca ocorre. O viciado em morfina não consegue tolerar álcool, nem quando está usando a droga nem quando sofre dos efeitos da abstinência. A capacidade de tolerar o álcool é um sinal seguro de desintoxicação. Em consequência, o álcool não pode nunca ser substituído pela morfina diretamente. É lógico que um viciado desintoxicado pode começar a beber e tornar-se um alcoólatra.

Durante a abstinência, o viciado tem aguda consciência do ambiente que o rodeia. As impressões sensoriais são aguçadas até chegar à alucinação. Os objetos familiares parecem mover-se com uma vida furtiva e estremecida. O viciado fica sujeito a uma barreira de sensações externas e viscerais. Pode sentir *flashes* de beleza e nostalgia, mas a impressão geral é extremamente dolorosa. (É possível que as sensações sejam dolorosas devido à sua intensidade. Uma sensação agradável pode tornar-se intolerável depois de atingir uma certa intensidade.)

Tenho notado duas reações especiais no início da abstinência: 1)

tudo parece ameaçador, 2) paranóia moderada. Médicos e enfermeiras parecem monstros do mal. Durante vários tratamentos, eu me senti cercado por lunáticos perigosos. Conversei com um dos pacientes do dr. Dent, que fora há pouco submetido à desintoxicação de um vício em *pethidine*. Ele me explicou que havia sentido a mesma coisa, que durante vinte e quatro horas as enfermeiras e o médico “pareciam brutais e repugnantes”. E tudo parecia sombrio. Conversei também com outros viciados que experimentaram as mesmas reações. Bem, a base psicológica para as idéias paranóides durante a abstinência parece óbvia. A semelhança específica dessas reações indica uma origem metabólica comum. É notável a semelhança entre os fenômenos de abstinência e certos estados de intoxicação provocados por drogas. O haxixe, a *Bannisteria caapi* (harmalina), o peiote (mescalina) provocam estados de aguda sensibilidade, com uma perspectiva alucinatória. Tudo parece vivo. As idéias paranóides são freqüentes. A intoxicação pela *Bannisteria caapi*, em especial, reproduz o estado de abstinência da droga. Tudo parece ameaçador. As idéias paranóides são acentuadas, principalmente com as doses excessivas. Depois de tomar *Bannisteria caapi*, fiquei convencido de que o curandeiro e seu ajudante conspiravam para me assassinar. Parece que os estados metabólicos do corpo podem reproduzir os efeitos de várias drogas.

Nos Estados Unidos, os viciados em heroína estão recebendo um tratamento por redução involuntária dos traficantes, que diluem suas mercadorias cada dia mais, com lactose e barbitúricos, Como conseqüência, muitos dos viciados que procuram tratamento estão levemente viciados, podendo ser completamente desintoxicados em pouco tempo (sete a oito dias). Eles se recuperam rapidamente sem

medicação. Nesse período, qualquer medicação tranqüilizante, antialérgica ou sedativa proporciona certo alívio, especialmente se injetada. O viciado sente-se melhor ao saber que uma substância estranha flui através de sua corrente sangüínea. Tolserol, *thorazine* e “tranqüilizantes” afins, qualquer tipo de barbitúrico, cloral, paraldeído, anti-histamínicos, cortisona, reserpina, até mesmo choque (a lobotomia estará longe disso?), tudo tem sido usado com resultados, em geral, qualificados como “animadores”. Minha própria experiência sugere que esses resultados devem ser aceitos com reserva. É claro que o tratamento sintomático é indicado, e todas essas drogas (com a possível exceção das que se utilizam mais comumente: os barbitúricos) têm seu lugar no tratamento da síndrome de abstinência. Mas nenhum desses medicamentos, por si só, é a resposta para a abstinência. Os sintomas da abstinência variam de acordo com o metabolismo individual e o tipo físico. Indivíduos com peito de pombo, propensos à febre de feno e à asma, sofrem muito de sintomas alérgicos durante a abstinência: nariz escorrendo, espirros, pontadas, olhos lacrimejantes, dificuldade para respirar. Em tais casos, a cortisona e os anti-histamínicos podem proporcionar alívio definitivo. Possivelmente, o vômito poderia ser controlado por remédios contra a náusea, como o *thorazine*.

Eu me submeti a dez “curas”, durante as quais todas essas drogas foram utilizadas. Fui tratado por reduções rápidas, reduções lentas, sono prolongado, apomorfina, anti-histamínicos, um sistema francês que utiliza um produto inútil conhecido como “amorfina”; tudo, menos o choque. (Gostaria de saber dos resultados de novas experiências com tratamento de choque em outras pessoas.) O sucesso de qualquer tratamento depende do grau e da duração do

vício, da fase da abstinência (medicamentos que são eficazes, durante o período final ou leve da abstinência, podem ser desastrosos na fase aguda), sintomas individuais, saúde, idade, etc. Um método de tratamento pode ser completamente ineficaz em determinado momento, e ter excelentes resultados em outro. Ou um tratamento que não me faz nenhum bem pode funcionar em outra pessoa. Não pretendo formular julgamentos definitivos; limito-me apenas a relatar minhas próprias reações às várias medicações e métodos de tratamento.

Curas por redução. — É a forma mais comum de tratamento, e nenhum método descoberto até agora pode substituí-lo inteiramente nos casos de vício grave. O paciente tem de receber alguma morfina. Se há uma regra que se aplique a todos os casos de vício, essa é uma delas. Mas a morfina tem de ser suspensa o mais rápido possível. Eu me tratei com terapias de redução lenta, e em todas as vezes o resultado foi o desânimo e a conseqüente recaída. Uma redução imperceptível tende a converter-se em uma redução sem fim. Na maioria dos casos, quando o viciado procura a cura, já sentiu muitas vezes os sintomas da abstinência. Ele espera uma provação desagradável, e está preparado para suportá-la. Mas se o sofrimento da abstinência se estende por dois meses, em vez de dez dias, é possível que não tenha forças para resistir. Não é a intensidade, mas sim a duração do sofrimento que abate a vontade de resistir. Se o viciado toma habitualmente uma quantidade qualquer, ainda que pequena, de qualquer opiáceo para aliviar a fraqueza, a insônia, o tédio e o nervosismo da etapa final da abstinência, os sintomas se prolongarão indefinidamente, e é quase certa a recaída completa.

Sono prolongado. — A teoria parece boa. Você vai dormir e

acorda curado. Doses industriais de hidrato de cloral, barbitúricos e *thorazine* somente produzem um estado de semiconsciência, como um pesadelo. A suspensão dos sedativos, depois de cinco dias, ocasionou um grave choque. Os sintomas da privação aguda da morfina sobrevieram. O resultado final foi uma síndrome de pavor incomparável. Nenhum tratamento entre aqueles a que me submeti foi mais doloroso que este método, pretensamente indolor. O ciclo de sono e vigília é sempre profundamente perturbado durante a abstinência. O mínimo que se pode dizer é que incomodá-lo ainda mais com sedação maciça parece contra-indicado. A abstinência da morfina é em si mesma suficientemente traumática, para se somar a ela a abstinência de barbitúricos. Depois de duas semanas no hospital (cinco dias de sedação, dez dias de “descanso”), eu ainda me sentia tão fraco que desmaiei quando tentei subir uma pequena rampa. Considero o sono prolongado o pior método possível de tratar a abstinência.

Anti-histamínicos. — O uso de anti-histamínicos baseia-se na teoria alérgica da abstinência. A abstinência súbita de morfina precipita uma superprodução de histamina, com os conseqüentes sintomas alérgicos. (No estado de choque, resultante de lesão traumática com dor aguda, são liberadas no sangue grandes quantidades de histamina. Tanto na dor aguda como nos casos de vício, doses tóxicas de morfina são facilmente toleradas. Os coelhos, que apresentam elevada proporção de histamina no sangue, são muito resistentes à morfina.) Minha própria experiência com os anti-histamínicos não tem sido muito conclusiva. Uma vez, submeti-me a um tratamento em que eram usados somente anti-histamínicos, e os resultados foram bons. Mas eu estava na época levemente viciado, e

não tomava morfina havia setenta e duas horas quando começou o tratamento. Desde então, tenho usado anti-histamínicos freqüentemente para combater os sintomas da abstinência, com resultados decepcionantes. Na verdade, parece que acentuam minha depressão e irritabilidade. (Não sofro dos sintomas alérgicos típicos.)

Apomorfina. — A apomorfina é seguramente o melhor método de tratamento que já experimentei. Ele não elimina completamente os sintomas da abstinência, mas os reduz a um nível suportável. Os sintomas agudos, como câibras nas pernas e no estômago, estados convulsivos ou maníacos, são completamente controlados. O tratamento por apomorfina é, de fato, bem menos desconfortável que a cura por redução. A recuperação é mais rápida e mais completa. Creio que nunca estive completamente curado do desejo da morfina, até passar pelo tratamento com apomorfina. É possível que a dependência “psicológica” à morfina, persistente após a cura, não seja de fato psicológica, mas metabólica. Variações mais potentes da fórmula da apomorfina poderiam revelar-se qualitativamente mais eficazes para tratar todas as formas de vício.

Cortisona. — A cortisona parece causar algum alívio, especialmente se injetada por via endovenosa.

Thorazine. — Proporciona algum alívio dos sintomas da abstinência, mas não muito. Efeitos colaterais de depressão, distúrbios da visão e indigestão contrabalançam os benefícios duvidosos.

Reserpina. — Nunca tive qualquer reação a esta droga, a não ser uma ligeira depressão.

Tolserol. — Resultados desprezíveis.

Barbitúricos. — É prática comum prescrever-se barbitúricos para a insônia da abstinência. Na verdade, o uso de barbitúricos retarda a volta ao sono normal, prolonga o período total da abstinência e pode levar à recaída. (O viciado se sente tentado a tomar um pouco de codeína ou elixir paregórico com nembutal. As quantidades muito pequenas de opiáceo, que seriam inteiramente inócuas para uma pessoa normal, restabelecem imediatamente o vício em um viciado curado.) Minha experiência confirma seguramente a declaração do dr. Dent, de que os barbitúricos são contra-indicados.

Cloral e paraldeído. — Provavelmente preferíveis aos barbitúricos, se é necessário usar um sedativo, mas a maioria dos viciados vomitará imediatamente o paraldeído. Também tentei, por iniciativa própria, as seguintes substâncias, durante a abstinência:

Álcool. — Absolutamente contra-indicado em qualquer fase da abstinência, O uso do álcool invariavelmente exacerba os sintomas da abstinência, leva à recaída. O álcool só pode ser tolerado depois que o metabolismo voltar ao normal. Isso comumente leva um mês, em casos de vício grave.

Benzedrina. — Pode aliviar temporariamente a depressão da abstinência avançada, é desastrosa durante a fase aguda, e contra-indicada em qualquer fase porque produz um estado de nervosismo para o qual a morfina constitui a resposta fisiológica.

Cocaína. — O que foi dito acima serve duplamente para a cocaína.

Cannabis indica (maconha). — Alivia a depressão e aumenta o apetite na fase final da abstinência, mas na fase aguda é um desastre irremediável. (Uma vez, fumei maconha durante o início da

abstinência, e os resultados foram um verdadeiro pesadelo.) A *Cannabis* é um potencializador. Se você já se sente mal, ela o fará sentir-se pior. Contra-indicada.

Peiote, *Bannisteria caapi*. — Ainda não me arrisquei a tentar. A idéia de uma intoxicação pela *Bannisteria* sobreposta à abstinência aguda é simplesmente alucinante. Sei de um sujeito que começou a tomar o peiote durante a fase final da abstinência; ele afirmou que perdeu todo o desejo de tomar morfina, e finalmente morreu por envenenamento com peiote.

Em casos de vício agudo, os sintomas definidos, físicos, da abstinência persistem pelo menos durante um mês.

Nunca vi ou ouvi falar de um viciado em morfina que fosse psicótico, isto é, alguém que tenha apresentado sintomas psicóticos quando era viciado em opiáceo. Na verdade, os viciados são monotonamente sadios. Talvez haja uma incompatibilidade metabólica entre a esquizofrenia e o vício em opiáceos. Por outro lado, a abstinência de morfina precipita freqüentemente reações psicóticas — geralmente uma paranóia moderada. É interessante o fato de que os remédios e os métodos de tratamento que dão resultado na esquizofrenia sejam também de alguma utilidade na abstinência: anti-histamínicos, tranqüilizantes, apomorfina, choque.

Sir Charles Sherrington define a dor como “o acompanhamento psíquico de um reflexo protetor imperativo”.

O sistema nervoso vegetativo se expande e se contrai em resposta aos ritmos viscerais e estímulos externos, expandindo-se quando recebe estímulos que resultam agradáveis — sexo, alimento, contatos sociais suaves, etc. — e contraindo-se na dor, ansiedade,

desconforto, tédio. A morfina altera todo o ciclo de expansão e contração, alívio e tensão. A função sexual é desativada, o peristaltismo, inibido, as pupilas deixam de reagir em resposta à luz e à escuridão. O organismo nem se contrai quando experimenta dor, nem se expande em presença das fontes normais de prazer. Adapta-se a um ciclo próprio da morfina. O viciado é imune ao tédio. Ele pode olhar para o próprio sapato durante horas, ou simplesmente ficar na cama. Não necessita de nenhuma descarga sexual, nem de contatos sociais, nem de trabalho, nem de diversão, nem de exercício... nada além de morfina. A morfina pode aliviar a dor, emprestando ao organismo algumas das qualidades de um vegetal. (A dor não teria qualquer função para as plantas, que são na maioria fixas, incapazes de desenvolver reflexos protetores.)

Os cientistas pesquisam uma morfina que não vicie, que elimine a dor sem dar prazer, e os viciados querem — ou pensam que querem — a euforia sem o vício. Não vejo como as funções da morfina possam ser separadas; creio que qualquer analgésico eficaz deprimirá a função sexual, induzirá à euforia e levará ao vício. Provavelmente, o analgésico perfeito seria imediatamente indutor de vício, já numa primeira aplicação. (Se alguém estiver interessado em desenvolver tal droga, a diidroxido-heroina pode ser um bom começo.)

O viciado existe em um estado indolor, assexual e atemporal. A transição de volta ao ritmo da vida animal impõe a síndrome da abstinência. Duvido que essa transição possa ocorrer confortavelmente. A abstinência indolor só pode ser aproximada.

Cocaína. — A cocaína é a mais estimulante de todas as drogas que já

utilizei. A euforia concentra-se na cabeça. Talvez a droga ative diretamente certos circuitos de prazer situados no cérebro. Suponho que a passagem de uma corrente elétrica no lugar certo produziria o mesmo efeito. O efeito pleno da cocaína só pode ser obtido com uma injeção endovenosa. Os efeitos agradáveis não duram mais que cinco ou dez minutos. Se a droga é injetada na pele, a rápida eliminação anula os efeitos. Isso vale duplamente quando ela é aspirada.

É prática comum entre os cocainômanos ficar acordado a noite inteira injetando cocaína a intervalos de um minuto, alternando com picadas de heroína ou cocaína e heroína misturadas na mesma injeção, para formar um “barato rápido”. (Jamais conheci um cocainômano que não fosse ao mesmo tempo morfinômano.)

O desejo de cocaína pode ser intenso. Já passei dias inteiros andando de uma farmácia a outra, para conseguir que me aceitassem uma receita de cocaína. Você pode querer cocaína intensamente, mas seu metabolismo não tem necessidade dela. Se não consegue cocaína, você come, vai dormir e esquece. Já conversei com sujeitos que tomaram cocaína durante anos, depois foram subitamente desligados de sua fonte de abastecimento. Nenhum deles sofreu qualquer sintoma de abstinência. De fato, é difícil compreender como um estimulante do cérebro pode criar vício. O vício parece ser um monopólio dos sedativos.

O uso prolongado de cocaína provoca nervosismo, depressão; algumas vezes, psicose tóxica com alucinações paranóides. O nervosismo e a depressão resultantes do uso de cocaína não se aliviam consumindo mais cocaína. Mas são efetivamente aliviados pela morfina. O uso de cocaína por um viciado em morfina sempre leva a injeções maiores e mais freqüentes de morfina.

Cannabis indica (haxixe, maconha). — Os efeitos desta droga têm sido freqüente e sensacionalmente descritos: alterações da percepção de tempo e espaço, aguçada sensibilidade às impressões, fuga de idéias, ataques de riso, bobeira. A maconha é um potencializador, e os resultados não são sempre agradáveis. Ela torna uma situação ruim ainda pior. A depressão torna-se desespero, a ansiedade, pânico. Já mencionei minha horrível experiência com maconha durante uma fase aguda de abstinência de morfina. Uma vez, dei maconha a um convidado que estava levemente ansioso por alguma coisa (“só de sarro”, como ele mesmo colocou). Depois de ter fumado meio cigarro, subitamente ele se levantou de um salto, berrando “Estou com medo!”, e saiu correndo da casa.

Uma característica especialmente desencorajadora da intoxicação pela maconha é a alteração da orientação afetiva. Você não sabe se gosta ou não de alguma coisa, se uma sensação é agradável ou desagradável.

O uso da maconha varia muito de indivíduo para indivíduo. Alguns fumam-na constantemente, outros ocasionalmente, não são poucos os que lhe têm intensa antipatia. Parece ser particularmente impopular entre os morfinômanos inveterados, muitos dos quais assumem uma atitude puritana contra a maconha.

Os efeitos nocivos da maconha têm sido grosseiramente exagerados nos Estados Unidos. Nossa droga nacional é o álcool. Tendemos a encarar o uso de qualquer outra droga com um pavor todo especial. Qualquer pessoa propensa a esses vícios estranhos merece a ruína completa de sua mente e corpo. As pessoas acreditara

no que querem acreditar, sem consideração pelos fatos. A maconha não produz vício. Nunca vi provas de qualquer efeito nocivo resultante do uso moderado da maconha. A psicose tóxica pode resultar do uso prolongado e excessivo.

Barbitúricos. — Os barbitúricos são seguramente indutores de vício, se tomados em grande quantidade durante um período qualquer de tempo (cerca de 1 grama por dia levará ao vício). A síndrome de abstinência é mais perigosa do que a abstinência de morfina, constando de alucinações com convulsões epileptiformes. Os viciados freqüentemente se machucam, atirando-se para todos os lados num chão de concreto (chãos de concreto são o corolário usual da abstinência repentina). Freqüentemente, os viciados em morfina tomam barbitúricos para potencializar doses insuficientes de morfina. Alguns deles tornam-se igualmente viciados em barbitúricos.

Uma vez, tomei duas cápsulas de nembutal (de 96 miligramas cada uma), toda noite por quatro meses, e não sofri sintomas de abstinência. O vício por barbitúricos é uma questão de quantidade. Provavelmente, não é um vício metabólico como o da morfina, mas uma reação mecânica em consequência da sedação excessiva do cérebro.

O viciado em barbitúricos oferece um espetáculo chocante. Ele não tem coordenação, cambaleia, cai de bancos de bar, adormece no meio de uma frase, deixa cair comida para fora da boca. Ele é confuso, brigão e estúpido. E quase sempre usa outras drogas, qualquer coisa que lhe caia nas mãos: álcool, benzedrina, opiáceos,

maconha. Os consumidores de barbitúricos são menosprezados pela comunidade dos viciados. “Vagabundos de bolinha. Gente sem classe.” O próximo passo na degradação é o gás de carvão e o leite, ou cheirar amoníaco num balde — “o barato da mulher da moita”.

A mim, parece que os barbitúricos provocam a pior forma possível de vício, invisível, deteriorante, difícil de tratar.

Benzedrina. — É um estimulante cerebral, como a cocaína. Grandes doses levam à insônia prolongada, com sensações de euforia. O período de euforia é seguido de uma horrível depressão. A droga tende a aumentar a ansiedade. Provoca indigestão e perda de apetite.

Conheço apenas um caso em que sintomas definidos se seguiram à abstinência de benzedrina. Foi uma mulher conhecida minha, que tomou quantidades incríveis de benzedrina durante seis meses. Nesse período, ela desenvolveu uma psicose e foi hospitalizada por dez dias. Continuou a usar benzedrina até ser cortada repentinamente. Então, sofreu um ataque como de asma, não conseguia recuperar o fôlego e ficou azul. Apliquei-lhe uma dose de anti-histamínico (*thepherene*) que proporcionou alívio imediato. Os sintomas não voltaram.

Peiote (mescalina). — É indubitavelmente um estimulante. Dilata as pupilas e mantém a pessoa acordada; é extremamente nauseante. Os que o experimentam têm dificuldade de manter-se no chão o suficiente para descrever os efeitos, que são similares, de alguma forma, aos da maconha. Há sensibilidade aumentada para as impressões, especialmente as cores. A intoxicação com o peiote

provoca uma peculiar consciência vegetal ou identificação com a planta. Tudo se torna parecido com a planta do peiote. É fácil entender por que os índios acreditam que haja um espírito residindo no cacto do peiote.

Uma superdose de peiote pode levar à paralisia respiratória e à morte. Conheço um caso. Não há razão para se acreditar que o peiote seja viciante.

Bannisteria caapi (harmalina, banisterina, telepatina). — A *Bannisteria caapi* é uma vinha de crescimento rápido. O princípio ativo está aparentemente presente em toda a madeira da vinha logo após o corte. O núcleo interno é considerado o mais ativo, as folhas nunca são usadas. É preciso uma quantidade considerável da vinha para se sentir os efeitos totais da droga. Cerca de cinco partes da vinha, de uns vinte centímetros cada uma, são necessárias por pessoa. A vinha é pilada, fervida por duas horas ou mais, junto com as folhas de um arbusto identificado como *Palicourea sp. rubiaceae*.

O *yage* ou *ayuhuasca* (os nomes mais comumente usados pelos índios para a *Bannisteria caapi*) é um narcótico alucinógeno que provoca uma profunda desorganização dos sentidos. Em superdose, é um veneno que dá convulsões. O antídoto é um barbitúrico, ou outro sedativo anticonvulsivo forte. A pessoa que toma *yage* pela primeira vez deve ter à mão, e pronto, um sedativo para o caso de superdose.

As propriedades alucinógenas do *yage* levaram a que fosse utilizado pelos curandeiros, para aumentar seus poderes. Também o usam como panacéia no tratamento de várias doenças, O *yage* baixa

a temperatura do corpo, e conseqüentemente é de alguma utilidade no tratamento da febre. É um poderoso anti-histamínico, indicado para o tratamento de vermes do estômago e intestinos. O *yage* induz um estado de anestesia consciente, e é utilizado nos ritos em que os iniciados devem passar por provas dolorosas, como chicotadas com vinhas trançadas, ou exposição às picadas de formigas.

Até onde pude descobrir, somente a vinha recém-cortada é ativa. Não encontrei maneiras de secar, preservar ou extrair o princípio ativo. Nenhuma tintura da planta mostrou-se ativa. A vinha seca é completamente inerte. A farmacologia do *yage* exige pesquisa de laboratório. Se o extrato cru é um narcótico alucinante tão poderoso, talvez resultados até mais espetaculares pudessem ser obtidos por variações sintéticas. Certamente, a matéria autoriza investigações mais profundas^[29].

Não observei nenhum efeito nocivo que pudesse ser atribuído ao uso do *yage*. Os curandeiros que o usam continuamente, como dever de ofício, parecem gozar de boa saúde. A tolerância é adquirida rapidamente, e assim pode-se beber o extrato sem náusea ou outros efeitos maléficis.

O *yage* é um narcótico muito peculiar. A intoxicação com o *yage* é, em muitos casos, similar à intoxicação com o haxixe. Em ambos os casos, há uma mudança de ponto de vista, e uma extensão da consciência além da experiência ordinária. Mas o *yage* produz uma desordem mais profunda dos sentidos, com alucinações verdadeiras. A visão de *flashes* azuis na frente dos olhos é peculiar à intoxicação com *yage*.

Há uma vasta gama de atitudes em relação ao *yage*. Muitos

índios e a maioria dos brancos que o usam parecem encará-lo simplesmente como mais um intoxicante, como o álcool. Em outros grupos, ele tem significado e uso ritual. Entre os jovens jívaros, toma-se *yage* para ter contato com os ancestrais e receber conselhos para a vida futura. Durante as iniciações, ele é usado para anestésiar os iniciados, sujeitos a provações dolorosas. Todos os curandeiros o usam em suas práticas para predizer o futuro, localizar objetos perdidos ou roubados, descobrir o autor de um crime, diagnosticar e tratar doenças.

O alcalóide da *Bannisteria caapi* foi isolado em 1923 por Fisher Cardenas. Ele o chamou alternadamente de banisterina e telepatina. Rumf mostrou que a telepatina era idêntica à harmina, o alcalóide da *Perganum barmala*.

É evidente que a *Bannisteria caapi* não cria vício.

Noz-moscada. — Prisioneiros e marinheiros às vezes recorrem à noz-moscada. Uma colher de sopa, em média, é engolida com água. Os resultados são vagamente similares aos da maconha, com efeitos colaterais de dor de cabeça e náusea. A morte provavelmente sobreviria antes do vício, se tal vício é possível. Eu só tomei noz-moscada uma vez.

Há numerosos narcóticos da família da noz-moscada em uso entre os índios da América do Sul. São comumente administrados cheirando-se o pó seco da planta. Os curandeiros tomam essas substâncias nocivas e entram em estados convulsivos. Acredita-se que suas contorções e sussurros tenham significados proféticos. Um amigo meu ficou terrivelmente doente por três dias, depois de

experimentar uma droga da família da noz-moscada na América do Sul.

Datura-escopolamina. — Viciados em morfina são envenenados com frequência tomando morfina em combinação com a escopolamina.

Certa vez, comprei algumas ampolas contendo cada uma 10 miligramas de morfina e seis décimos de um micrograma de escopolamina. Pensando que essa quantidade fosse insignificante, tomei as seis ampolas numa só injeção. O resultado foi um estado psicótico que durou várias horas, sendo tratado em tempo pelo meu sofredor senhorio. Não me lembrei de nada no dia seguinte.

As drogas do grupo datura são usadas pelos índios da América do Sul e do México. Há freqüentes casos de morte.

A escopolamina foi usada pelos russos para induzir a confissão, com resultados duvidosos. O preso pode estar propenso a revelar seus segredos, mas será incapaz de lembrá-los. Frequentemente, sua história falsa e as informações secretas ficam inextricavelmente misturadas. Sei que o uso de mescalina tem obtido bastante sucesso para se extrair informações de suspeitos.

O vício em morfina é uma doença metabólica criada pelo uso da morfina. Na minha opinião, o tratamento psicológico é não só inútil como contra-indicado. Estatisticamente, as pessoas que se viciam em morfina são as que têm acesso a ela: médicos, enfermeiras, ou qualquer um em contato com as fontes do mercado negro. Na Pérsia, onde o ópio é vendido sem controle, nas casas de ópio, setenta por cento da população adulta é viciada. Deveríamos então psicanalisar

vários milhões de pessoas para saber que conflitos profundos e ansiedades os levaram ao uso do ópio? Creio que não. De acordo com minha experiência, a maioria dos viciados não são neuróticos, e não necessitam de psicoterapia. O tratamento por apomorfina e o acesso à apomorfina no caso de recaída dariam certamente uma percentagem maior de curas permanentes que qualquer programa de “reabilitação psicológica”.

O autor e sua obra



Ensaísta, romancista, contista e poeta norte-americano, William Seward Burroughs nasceu a 2 de fevereiro de 1914, em St. Louis, no Estado de Montana, no seio de uma família muito rica: a do inventor da conhecida máquina de calcular Burroughs. Posteriormente, o escritor diria a respeito do avô e de sua fortuna: “Ele não inventou exatamente a máquina de somar, mas a coisa que a faz trabalhar, isto é, um cilindro cheio de óleo e um pistão perfurado, que sempre se move para cima e para baixo na mesma velocidade. Um princípio muito simples, como muitas invenções. E deu-me um pouco de dinheiro, não muito, mas um pouco”.

Depois de formar-se na aristocrática Universidade de Harvard, em 1936, Burroughs passou um tempo na Europa, sobretudo em Veneza, onde estudou medicina durante um ano. Logo depois — não se sabe bem por que razões —, começou a levar uma vida totalmente desregrada, tornando-se viciado em drogas e ligando-se ao submundo do crime. Segundo o próprio autor, a droga entrou em sua vida por acaso: “Eu estava apenas entediado. Não tinha muito interesse em tornar-me um bem-sucedido executivo de publicidade, ou qualquer outra coisa, ou ter o tipo de vida que a Harvard planeja”. O clímax desse processo de negação da respeitabilidade deu-se em 1951, quando matou acidentalmente a própria esposa, numa brincadeira de Guilherme Tell. Vieram então os longos anos de exílio, em Tânger (norte da África), onde viveu num bordel masculino, na América do Sul, onde esteve à procura da droga *yage*, em Paris, onde concluiu, em 1959, o romance “*Almoço nu*”, e em Londres, onde abandonou as drogas e se estabeleceu definitivamente.

A atividade literária do autor começou sem uma motivação mais profunda, segundo suas próprias palavras: “Eu não me sentia compelido. Não tinha nada para fazer. Escrever dava-me algo para fazer cada dia”. Sua primeira obra (publicada em 1953, sob o pseudônimo de William Lee) intitulava-se “*Junkie: confessions of an unredeemed drug addict*”, e narrava suas primeiras experiências com as drogas. Nos anos seguintes, um número significativo de volumes foi surgindo, e o consagrou como um dos mais expressivos representantes da “*beat generation*”, ao lado de Jack Kerouac e Allen Ginsberg. Entre seus textos mais importantes, incluem-se, além de “*Almoço nu*”, “*The soft machine*” (1961), “*The ticket that exploded*”

(1962), “*Nova Express*” (1962), “*The wild boys*” (1971), “*Exterminator!*” (1973), “*The last words of Dutch Schultz*” (1975) e “*Blade runner*” (1979).

Crítico feroz do *american way of life*, Burroughs escreveu romances e contos nos quais o realismo exasperado se mescla a experiências estilísticas que o aproximam de James Joyce. Seus temas mais constantes são a burocracia estatal, a guerra, o homossexualismo, as drogas, os vícios, a tirania psiquiátrica, tudo visto sob uma ótica sombria. Ele mesmo sintetizou sua obra, declarando que ela é “dirigida contra aqueles que estão determinados, por estupidez ou por desígnio, a fazer explodir o planeta ou torná-lo inabitável. Como o pessoal da publicidade (...) estou interessado na precisa manipulação da palavra e da imagem para criar uma ação, não a de sair para comprar uma Coca-Cola, mas a de criar uma mudança na consciência do leitor”.

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413
01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original:
“*The naked lunch*”

Copyright © William S. Burroughs

Tradução:
Mauro Sá Rêgo Costa e
Flávio Moreira da Costa

Capa: Retina 78

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Editora Brasiliense S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

[1] *Junk*, literalmente, significa lixo, coisa jogada fora. Na gíria de droga americana indica apenas as drogas opiáceas, como explica o autor. Não há expressão correspondente em português: traduziremos a palavra por “droga”, a não ser quando se tornar indispensável a distinção, como é o caso acima. *Junky*, o viciado em *junk*, será traduzido por viciado ou drogado. (N. dos TT.)

[2] Em inglês, um duplo sentido, monte de lixo e monte de droga, opiáceos. (N. dos TT.)

[3] Trocadilho intraduzível: *Fro-Zen*, gelado e zen. (N. dos TT.)

[4] *The Bill*, no original, intraduzível em seu duplo sentido, “lei” (*Bill of Rights*) e “Bill”, apelido de William (Burroughs). (N. os TT.)

[5] Referência aos viciados em heroína (opiáceos) que, quando sem a droga, extraem-na dos xaropes contra tosse (paregóricos). (N. dos TT.)

[6] *Pigeons*, no original (pombos), gíria pata alcaguete. Optamos por um dos correspondentes cariocas: “cachorrinho-dos-homens”. (N. dos TT.)

[7] *K.Y.*, produto que corresponde à nossa vaselina, usada nas relações homossexuais. (N. dos TT.)

[8] *Automat*, restaurante, ou parte de restaurante, com máquinas automáticas que vendem alimentos prontos. (N. dos TT.)

[9] *Cold turkey*, termo que alude à pele arrepiada durante a crise de abstinência, como a pele de um “peru congelado”. (N. dos TT.)

[10] Com o pseudônimo de William Lee, Burroughs assinou seu primeiro livro, *Junky*. (N. dos TT.)

[11] *PG*, paregórico (xarope contra tosse). *Nembies*, pílulas de nembutal, barbitúricos. (N. dos TT.)

[12] *Cover story*, identidade e história pessoal falsa de um policial ou agente

secreto. (N. dos TT.)

[13] Em alemão, no original, besteiras, bobagens. (N. dos TT.)

[14] Referência a “*Ancient mariner*”, poema de Coleridge (ver nota 15) em que a personagem mata um albatroz e depois tem o maior “bode” de sua vida, carregando o pássaro pesado no pescoço por dias seguidos. (N. dos TT.)

[15] “*The rime of the ancient mariner*”, poema épico do poeta romântico inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), publicado em *Lyrical balads*, em 1789. (N. dos TT.)

[16] Hino nacional dos Estados Unidos. (N. dos TT.)

[17] *O crepúsculo dos deuses*, uma das óperas de Richard Wagner (1813-1883) que integra a tetralogia *O anel dos nibelungos*. (N. do E.)

[18] Referência ao blues famoso que tem esse título. (N. dos TT.)

[19] *Marks*, “marcas”, gíria que traduzimos freqüentemente por otários; trata-se dos viciados em estado terminal, presas fáceis de qualquer esperto. (N. dos TT.)

[20] “Lambe-Boceta”, literalmente. (N. dos TT.)

[21] Termo genérico para mulher ou esposa de índio norte-americano. (N. dos TT.)

[22] *No-horse-town*, vila sem cavalos, ou sem heroína, sendo *horse* (cavalo) gíria para heroína. (N. dos TT.)

[23] *Illyrian*, no original, palavra inventada. Referência ao mesmo tempo a *Ilion*, outro nome de Tróia, e *ill*, “doente”. (N. dos TT.)

[24] A Pedra Negra, no centro de Meca, monumento que deve ser tocado por todos os peregrinos muçulmanos, ao menos uma vez na vida. (N. dos TT.)

[25] Apelidos: *Fag* (veado), *Beagle* (cão lebreiro), *Irish* (irlandês). (N. dos TT.)

[26] *Mold*, no original, possui duplo sentido que se perde em português: “molde” e “fungo”. (N. dos TT.)

[27] *Outfields*, termo de beisebol: espaço fora e aquém das linhas da base no campo de beisebol. (N. dos TT.)

[28] *Goulash*, prato húngaro de carne e legumes, muito temperado. (N. dos TT.)

[29] Desde que este artigo foi publicado, descobri que o alcalóide da *Bannisteria* é muito próximo do LSD 6, que tem sido utilizado para provocar psicose experimental. Acho que já chegaram até o LSD 25.